

RAQUEL PAGNO



LEGADO DE SANGUE

# Legado de Sangue

Raquel Pagno

Raquel Pagno

Copyright © by **Raquel Pagno**

Direitos Autorais reservados de acordo com a Lei 9.610/98

**Capa** – Eddy Khaos

# Prólogo

— Em tempos de guerra tudo fica escuro, sombrio. O pavor esconde as almas, tranca-as para sempre em baús apertados. E os sorrisos somem dos rostos aflitos que anseiam por notícias de quem partiu para a batalha. E nós, as mulheres, apenas choramos e tentamos levar a vida de um jeito qualquer.

— Mas vovó — eu perguntava aflita — a guerra virá para me buscar?

— Não, querida, a guerra não virá — respondia-me sempre, com aquela ternura estampada no rosto tomado pelas rugas, que já naquela época, evidenciavam o sofrimento que vivera e a vida dura que levava, enquanto emaranhava seus dedos nos cachos dos meus cabelos.

Eu não me lembrava da história toda, tinha pouco mais de oito anos de idade e seria difícil lembrar, então fazia sempre as

mesmas perguntas. E ouvia sempre as mesmas respostas. Apesar de eu não entender muito bem o que ela queria dizer com todas aquelas explicações chorosas, guardei no coração a sensação de que algo de ruim acontecera em um passado remoto, muito antes de eu nascer. O que eu sabia era que estava relacionado ao velho casarão que eu sempre parava para olhar, desde que começara a frequentar a escola. Aquele lugar me fascinava, atraía-me de uma forma que eu não podia me negar a encará-lo, com suas janelas tortas que me olhavam convidando-me a entrar, a conhecer o que um dia já fora imponência e que agora não passavam de ruínas. Eu imaginava-me vivendo naquele lugar e esses pensamentos eram como lembranças e me traziam saudades de coisas que eu jamais havia vivido.

A sensação de intimidade com aquela casa aumentava com o passar dos anos, e eu sonhava acordada em como ela seria por dentro. Eu via exatamente em minha cabeça a localização de cada cômodo e como fora decorada em seus tempos de glória. Eu a imaginava como a casa que eu via nas fotos do velho álbum de família, amarelado pelo tempo, que minha avó guardava dentro do seu armário, debaixo das roupas mal dobradas, como se fossem um valioso tesouro as fotos de sua família. Nelas eu reconhecia o rosto de minha mãe, do meu tio e da vovó e via também duas meninas gêmeas e um elegante homem, de olhar misterioso, que eu julgava

ser meu avô, e então eu perguntava-lhe sobre ele.

— Não bastasse a fome e a miséria, tinha ainda que vir a guerra — lamentava-se ela, fechando os olhos como que para puxar as lembranças mais antigas — A guerra levou o seu avô embora. E ela nunca devolve aqueles que leva, e se devolver, eles já não serão mais do que trapos, farrapos humanos que não servem para nada, além de dar mais trabalho e mais despesas.

Eu podia sentir na amargura da sua voz a tristeza que ela levava consigo. Ela sempre fora assim e eu aprendi a conhecê-la, escondendo a dor que sentia naquelas palavras de ódio e crueldade. Minha mãe dizia que ela era seca, não tinha mais sentimentos bons, apenas amargura e rancor, que era má e que só via defeitos nos poucos que a rodeavam. Mas eu sabia que não era assim. Ela era doce, cheia de deliciosos segredos, que vez ou outra deixava escapar quando encontrávamos algo escondido em meio as suas coisas no minúsculo quarto em que habitava.

Mas o segredo maior, e o pior de todos, esse ela guardava só para si, enquanto o tempo passava e nós — eu e minha irmã, dois anos mais nova que eu — crescíamos depressa, e minha mãe ficava velha e acabada. Muito tempo depois, ainda na adolescência, eu comecei a entender o que tudo aquilo significava. Deixei de perguntar sobre o meu avô e sobre a guerra. Passei a sentir náuseas quando via a dor estampada no rosto de minha avó sempre que

ouvia minhas incessantes indagações. O meu interesse agora era outro, bem diferente.

Mas, comecemos do início.

# O Intrigante Passado

Era inverno de 1934. Depois de muitos anos de sofrimento com o fascismo e a Itália recém-unificada, o povo italiano abarrotava os portos tentando fugir do horror que se instalara no país, das batalhas e dos conflitos internos, dos quais já estavam saturados e agora do pavor que a nova guerra lhes causava. Francesca, minha avó, espremia-se em meio à multidão, protegendo com as mãos a barriga, grávida de Marco e carregando pela mão Teresa, minha mãe, de três anos de idade. Tinha apenas dezenove anos, na época, e sua mãe partira pouco depois do seu casamento. Morrera tísica.

Francesca lembra-se de como a mãe ficara fraca nos seus últimos dias. Faltou-lhe comida e remédios. Faltou-lhe tudo. O marido, mandado aos campos de batalha, não fora poupado ao menos para ajudar a cuidar da pobre mulher doente, de quem Francesca precisava tomar conta como se fosse um bebê.

O pai de Francesca quis casar logo a filha e por isso arranhou-lhe um marido bem jovem. Jovem o suficiente para não ter sido ainda chamado para a batalha. Ela chorava, afirmava não querer se casar, era ainda jovem demais para cuidar de um marido, não aprendera nada como deveria e não desejava seguir o destino da mãe, que adoecera por deixar de comer para que sobrasse comida aos filhos. Não houve festa. Apenas um padre assustado, um noivo apavorado e uma mãe tísica, que faleceu apenas dois meses após o casamento.

— Ou ao menos, é assim que me lembro. Perde-se a noção do tempo depois de alguns anos de guerra — conta Francesca.

Após a morte da mãe de Francesca, os recém-casados passaram a viver sozinhos na casa que fora dos pais dela. Um casarão antigo, em frangalhos, no meio de uma propriedade rural, onde antes da guerra havia um vinhedo. A casa tinha agradáveis lareiras em três cômodos, entre eles, o quarto do casal onde quase um ano depois do casamento houve a noite de núpcias, com Francesca beirando os dezesseis anos e o pobre noivo com dezesseis completos. Assim, Teresa foi concebida.

O marido franzino de Francesca foi chamado para a guerra depois de completar dezenove anos, quando julgavam que já estivesse livre de uma vez dos campos de batalha. O primeiro pensamento que lhes ocorreu quando a carta chegou, foi fugir. Para

bem longe, para a América, onde a guerra ainda não havia chegado. Francesca enfiara em uma mala as poucas roupas da filha e pedaços de pão e queijo bolorento e costurara nas barras das suas saias objetos que ela julgava que podiam ter algum valor na América, como o rosário de contas, uma pequena bíblia que pertencera a sua avó e um terço especialmente benzido pelo Papa, que lhe era de estima e que sua mãe tísica dizia ter poderes de proteger quem o carregasse consigo. Também levaria as poucas fotografias que tinha da família, porque tinha esperança de voltar um dia, reencontrar os que ficaram.

Francesca lembra-se especialmente das mãos congeladas de Teresa, na noite que passaram ao relento no porto, esperando algum navio com destino à América, ou alguma boa alma que se dispusesse a levá-los embora clandestinamente. Seu jovem marido abraçava a ela e à pequena Teresa, tentando aquecê-las e chorando baixinho, rezando e pedindo perdão a Deus por não poder poupar sua família de tamanha injustiça. Francesca ainda se lembra exatamente das suas palavras.

No dia seguinte, ao meio-dia, apontara no horizonte um enorme navio, imponente e veloz, cortando a espuma branca do mar. Francesca nada disse, mas teve a certeza de que a salvação estava próxima. Logo, homens mal-encarados começaram a caminhar entre os aflitos que esperavam e se empurravam em

direção ao navio. Falavam uma língua estranha que Francesca não definiu qual era. Escolhiam algumas pessoas e as carregavam para o grandioso navio. Outros eram mandados embora, escorraçados como cachorros, e alguns eram agredidos a socos e pontapés. Francesca temeu aproximar-se, mas o marido insistiu. Tomaram-lhe as bagagens e empurraram-na para dentro. O marido, no entanto, não teve a mesma sorte. Os homens o agrediram e entregaram-no aos soldados. Francesca nunca soube que fim levou. A única coisa que tinha certeza é de que ele seria levado para os campos de batalha. Nunca mais teve notícias, e nem poderia. Ele partiu sem saber para onde ela fora.

A viagem é sempre a pior parte da qual ela se lembra, ou talvez seja eu quem pense ter sido a pior, porque é essa que me causa mais pavor quando a ouço. Ela fala do navio como se fosse uma prisão fedorenta e gelada, onde homens sem piedade frequentemente carregavam mulheres e crianças para o convés, onde as faziam trabalhar até a exaustão na limpeza das cabines e do convés, onde o frio assolava os corpos maltrapilhos de quem foram tomadas todas as bagagens, restando apenas os farrapos do corpo. A fome assolava mais que os corpos magros, assolava as almas desnutridas e carregava muitos deles para a morte. Francesca conta, com o rosto franzido, que os cadáveres permaneciam dias, até mesmo semanas em meio aos vivos, apodrecendo lentamente,

espalhando fedores insuportáveis que excediam os odores dos excrementos misturados com o cheiro de sujeira que se desprendia dos corpos imundos.

— A viagem parecia não ter mais fim. Achávamos que não chegaríamos a lugar algum, que nos tinham levado para aquele maldito navio para morrer enfiados naqueles porões fedorentos, — diz Francesca, o rosto angulado de feições fortes, como se sua força brotasse justamente destas lembranças quase insuportáveis, como se pudesse enfrentar o mundo, já que tinha sobrevivido àquela viagem — depois disso, quase não senti mais medo de nada. Nem das doenças, nem da dor, nem da fome, nada disso me assusta. Apenas o dinheiro e o poder, estes eu temo.

— Mas vovó, o dinheiro? Por que justamente o dinheiro, que pode realizar todos os sonhos, é que lhe causa medo? — perguntávamos curiosas.

— Porque o dinheiro é uma maldição. Traz um falso poder, faz com que algumas pessoas se julguem melhores do que as outras. Faz com que muitos cometam crimes, que matem por dinheiro, que morram por ele. O dinheiro atrai maldições e coisas piores que maldições.

— Que coisas?

— Já chega! Crianças, vão para a cama! — interrompia minha mãe, Teresa, nervosa cada vez que minha avó falava no dinheiro e

nas suas maldições. Nós tentávamos contestar, mas ela era implacável quando queria nos tirar de cena. Então íamos para o quarto e encostávamos o ouvido na parede para tentar escutar sobre o que elas conversavam na nossa ausência.

— Mamãe, eu já lhe pedi para não atormentar as meninas com essas histórias! — dizia minha mãe, exaltada.

— Elas precisam saber... — respondia apenas.

Então a vovó ia para o seu quarto, mas no dia seguinte, quando a mamãe saía para trabalhar, lá estávamos nós de novo ouvindo e interrogando a avó Francesca. Ela tinha algo escondido, um segredo precioso que queria nos contar, do qual mamãe sempre tentava nos proteger. Ouvíamos toda a história outra vez, tentando ir cada vez mais longe, mas ela sempre terminava com a chegada dos imigrantes ao Brasil, depois de meses de sofrimento, tempestades em alto mar e o nascimento do titio Marco, ainda no navio. Depois do desembarque, a memória da vovó parecia fraquejar e ela nunca ia além. Por mais que insistíssemos, sempre havia uma desculpa e ela parava de contar.

— Está ficando tarde. Vocês ainda não fizeram seus deveres de casa. Estou com sono, acho que vou tirar um cochilo. — Eram as desculpas mais usadas. Mas nós, curiosas, não pensávamos em desistir.

Certa noite, enquanto assistíamos a um filme no pequeno

televisor preto e branco, sentadas em almofadas aos pés da vovó, uma parte do tal segredo foi revelada, meio sem querer, com um tanto de remorso, ou apenas em um devaneio fantasioso da uma mente cansada.

— Eu já fui assim, como essas pessoas que vocês veem na TV. Já fui linda como elas, tive muito dinheiro e uma mansão enorme, com muitos empregados e serviçais. — Parou por um momento e suspirou longamente — Essa foi a pior época de minha vida, o tempo em que fui mais infeliz...

Eu e minha irmã apenas nos olhamos, sem ter coragem de perguntar qualquer coisa, receando encará-la e ver que ali, naquelas lembranças, estariam armazenadas informações terríveis, talvez monstros do passado dos quais deveríamos fugir sempre. Então eu me levantei e sentei-me ao lado da vovó. Segurei a sua mão gentilmente e beijei-lhe os dedos calejados. Respirei fundo e comecei a perguntar. E ela, sem mais forças para mentir ou ocultar qualquer coisa, respondeu.



# Parte 1

## O Bem Feitor



# A Viagem

— Os rumores eram muitos entre os desertores como eu. Várias daquelas pessoas afirmavam que estávamos sendo levados para a América e que seríamos sacrificados pelos índios americanos em algum tipo de ritual; outros diziam que estávamos sendo levados para trabalhar nas grandes minas de extração de ouro e pedras preciosas na África. Eu nunca acreditei em nenhuma das duas versões. Estava apavorada, mas não o suficiente para me deixar levar pelos rumores. Era ainda muito jovem e sonhava com um amor verdadeiro, alguém que viria para me salvar junto com as minhas crianças, de toda a desgraça e sofrimento que se anunciavam.

Quando chegamos a esta terra estranha, o Brasil, eu ainda não entendia por que estava entre os escolhidos e por que o meu marido havia sido entregue aos soldados no porto para ir à luta ou talvez apenas para ser assassinado como tantos outros. Eu chegara

sem falar ou entender qualquer palavra em português, sem ter nenhum amigo ou alguém para conversar, e com dois bebês raquíticos quase mortos no colo. Eu estava muito doente, fraca por falta de alimento e intoxicada com os odores da viagem, impregnados em minhas narinas, e já não me importava saber onde estávamos ou o que viemos fazer. O sofrimento já curtira a todos, e parecia que nada mais seria capaz de nos machucar, mais do que já estávamos machucados.

Fomos descarregados como porcos, socados em caminhões superlotados que rumaram pelas estradas secas de terra por horas a fio. Os doentes e os feridos foram imediatamente separados dos demais. As mulheres e os homens foram analisados, como se fossem escravos a serem comprados por homens soberbos que se enfileiravam em volta dos caminhões. Algumas mulheres choravam e soluçavam, pedindo, desesperadas algo de comer e beber aos seus filhos. Eu abraçava minhas frágeis crianças, mas não chorava ou esboçava expressão alguma. Eu não tinha noção do que estava acontecendo. O medo era tanto e já se apoderara de minha alma de tal forma que eu sentia que ele era parte de mim e segurava as minhas crianças apenas por instinto, sem me importar se estavam sofrendo ou não, sem temer que morressem.

Foi quando um homem subiu no caminhão e, falando em italiano perfeito, anunciou que havíamos sido trazidos para

trabalhar em troca de casa e comida de graça. Os barões deveriam escolher quem eles levariam e para isso, era preciso que passássemos por alguns exames antes de partirmos. Olharam-nos os dentes e o que restava dos músculos dos homens. Analisaram as mãos das mulheres e até mesmo as cinturas afinadas pelos meses de fome. Alguns eram escolhidos, outros não. Parentes se abraçavam e se recusavam a deixar uns aos outros, mas quando se davam conta de que era a única maneira de sobreviver, acabavam por aceitar e despediam-se, entre juras de reencontros futuros.

Mais e mais pessoas eram escolhidas a cada minuto e eu e meus filhos éramos deixados para trás. Alguns se aproximavam, demonstrando algum interesse, mas logo resmungavam alguma coisa e se distraíam com outros mais fortes e vigorosos. Teresa se agarrava na barra da minha saia, fazendo seu peso curvar o meu corpo, que mal aguentava o pequeno Marco nos braços. Lembro-me de ter tirado a sua mão da minha saia por mais de uma vez, mas ela choramingava de medo e tornava a agarrar-me. Minha cabeça doía demais para que eu pudesse pensar ou me concentrar no que estava acontecendo. Lembro-me de ter visto o mundo rodopiar e depois disso, não me recordo de mais nada daquele dia.

Quando acordei, estava em um aposento enorme, rodeada de pajens que me colocavam panos brancos banhados em água fria na testa. Levantei-me de supetão, procurando com os olhos pelas

minhas crianças. Vi Teresa sentada em um canto sobre um amontoado de almofadas de seda, com as bochechas coradas e uma babá que lhe sorria enquanto brincava com lindas bonecas de porcelana, as quais eu só tinha visto em meus sonhos. Do outro lado, um tanto mais perto de meu leito, estava um berço branco com adornos dourados e mosqueteiro de renda, onde eu imaginei Marco adormecido. Ouvi uma voz chamando em uma língua estranha, virei-me e me deparei com uma jovem negra que carregava Marco junto ao peito, amamentando-o em seu próprio seio. Horrorizada, tentei arrancar Marco dela à força, mas ela me olhou e sorriu, estendendo-o para mim sem resistência.

Eu me belisquei mais de uma vez, procurando acordar daquele estranho sonho, no qual eu não podia compreender nenhuma palavra de qualquer pessoa que tentasse se comunicar comigo e via os meus filhos envoltos em luxos, que eu não poderia de forma alguma manter. Todas aquelas pessoas pareciam ter a única missão de realizar nossos desejos, eram todos lindos como anjos e sempre sorridentes, pareciam satisfeitos em servir-nos. Então passei a achar que havíamos morrido e que estávamos no céu, ou que apenas eu é que havia morrido e que estava no céu, apenas imaginando que meus filhos estivessem ali, mas que eles não passavam de espectros.

Os dias eram longos, recheados de mesas fartas das mais

diversas variedades de frutas, leite de cabra e guloseimas doces e salgadas. Duas vezes por dia, uma mulher nos trazia roupas limpas e ajudava-nos a trocá-las. Os lençóis, sempre brancos como quase tudo ali, também eram trocados diariamente por outros, limpos, macios e cheirosos. Os banhos eram de água quente e espuma de cheiro, que formava um manto aveludado sobre a água e divertia Teresa com pequenas bolhas que estouravam em seu pequeno nariz. Era como se a guerra ainda não tivesse alcançado aquele paraíso, e para mim, era como se ela jamais tivesse existido.

Passados alguns dias, quando já estávamos recuperados e a fome saciada, percebi certa agitação entre os que nos serviam. Era uma tarde de sol, quando a temperatura era demasiado elevada, castigando seus corpos morenos. Eu ouvia cochichos entre um sorriso e outro, como se eu pudesse compreendê-los. A ansiedade estava no ar, o medo também, eles sabiam que algo extraordinário estava para acontecer. Olhavam a campina distante, pelas janelas, como se esperassem por alguém. Eu apenas fingi não notar, mas confesso que me preocupei.

A noite chegou, e como sempre, fomos levados aos luxuosos leitos, enquanto os pajens nos abanavam com enormes folhas de bananeiras para espantar o calor sufocante e os insetos que zumbizavam em nossos ouvidos. Éramos como príncipes, como reis em um castelo de sonhos. Mas quando o sono chegava e

os sonhos de verdade vinham, era a guerra que eu via e as pessoas mortas caindo ao chão com furos de balas pelos corpos ensanguentados, e por isso, desejava não ter que dormir nunca mais. Quando meus olhos não aguentavam mais se manterem abertos, eu despencava de qualquer jeito na cama, vencida, derrotada.

# A Proposta

Naquela manhã, quando acordei, não havia mais pajens, nenhum dos anjos que nos haviam tratado com tanto esmero. Atravessei a varanda e saí a caminhar pela campina verde que se perdia no horizonte, cercada pelos galhos da mata fechada que dali eu enxergava como minúsculos pontos verdes. Marco e Teresa repousavam nos seus berços adornados, um sono tranquilo e sem preocupações, talvez embalados por doces sonhos. Estranhei a inexistência das pessoas antes abundantes por ali, a selar potros ou a cortar lenha, ou até mesmo os fortes negros que montavam em pelo e cavalgavam pela campina. Quando percebi já estava muito longe do casarão. Então voltei. Pensei que alguma das crianças já poderia ter acordado e estar chorando ao notar minha ausência, uma preocupação boba, de mãe, um despertador que avisava do perigo.

Ouvi ainda de longe os risos de Teresa. Apressei-me a imaginar que uma das babás fazia-lhe graça. Subi até a varanda, mas me deparei com a porta fechada. Bati. Teresa e a pessoa que a fazia rir pareciam não ouvir. Corri ao redor da casa, procurando outra entrada, mas não encontrei nenhuma porta destrancada, apenas muros de pedras, altos demais para que eu os pudesse escalar. Tornei à varanda e sacudi a fechadura, chacoalhando os vitrais presos na madeira nobre e antiga. Ouvi os passos de alguém que se aproximava, passos firmes, de pessoa decidida. Meu coração disparou tão logo o vi abrindo a porta com Teresa nos braços. Temi ter-lhe feito mal no pouco tempo que a tinha deixado sozinha, sendo o tempo tão imprevisível, e ali naquele lugar, tão incontável, já não tive certeza se fora tão pouco assim. Mas ambos sorriam, principalmente Teresa, o que afastou de mim os maus pensamentos.

O medo foi-se embora devagar, assim que eu segurei Teresa em meus braços. Recoloquei-a no berço e dei-lhe algumas bonecas, só então foi que me dei conta do homem que estava ali. Seus passos não haviam me enganado, ele era forte, talvez violento, embora seus olhos verdes espelhassem algo profundamente doce, uma ternura quase inacreditável, uma espécie de encanto. Não era um pajem, como os tantos que haviam nos servido, era evidente pela forma com que se vestia. Trajava um elegante terno branco,

sapatos de couro e, ao lado da cama, havia um chapéu e uma bengala de cor marfim com adornos dourados, que pareciam combinar perfeitamente com a decoração do ambiente. Suas feições eram simétricas, um tanto duras, de homem decidido, dono de si.

Ele deu alguns passos na direção do berço, onde eu observava Marco ainda dormindo. Recuei imediatamente, impondo-me entre o homem e o berço. Ele pareceu sentir o meu medo e parou, sentando-se na beira da cama vagarosamente, ainda com o sorriso estampado nos lábios, achando graça de mim. Baixei os olhos, instintivamente, desviando-os do olhar de punhal que me perseguia, que analisava cada parte do meu corpo.

— Não tenha medo — disse.

— Por que eu estou aqui? — perguntei agressivamente, apavorada. Não tinha certeza se queria mesmo saber a resposta. Tantas hipóteses me haviam passado pela cabeça e agora eu temia que qualquer uma delas fosse verdadeira.

— Você saberá. Hoje à noite.

— Eu... Eu... tenho um marido... Ele... está na guerra, mas voltará em breve e... — gaguejei, imaginando o pior. Pensei de imediato que eu havia sido trazida para tornar-me uma prostituta. Como não havia pensado nisso antes? Era sabido que mulheres eram traficadas para várias partes do mundo para servir à prostituição. Temi que a América fosse um dos lugares onde as

estrangeiras de nada serviam, senão para deitar-se com homens da terra.

— Tenha calma, eu só a estou convidando para um jantar — respondeu ele suavemente, olhando-me com uma doçura e uma ternura que eu jamais tinha visto no olhar de meu marido. Ele era sedutor demais para que eu pudesse recusar o seu convite. Afinal, se me salvara do terror das lavouras para as quais seria enviada, por que me faria algum mal agora?

— Jantar... Mas... Eu...

— Aqui mesmo, na sala de jantar que você já deve ter visto, não é mesmo?

— Eu? Não, eu não saí do quarto. Não me pediram para visitar o resto da casa e seria um falta de educação de minha parte se...

— Tudo bem, não precisa se desculpar — interrompeu-me — está tudo bem. Mandarei que lhe tragam trajes adequados. Tenho uma proposta para lhe fazer.

— Proposta? Que proposta?

— Você saberá. — Ele levantou-se e pôs o chapéu. Acenou para Teresa com sua charmosa bengala e saiu. Ela soltou uma gargalhada para ele, antes que saísse. Eu quis segui-lo, ver para onde ia, perguntar se poderíamos conversar mais um pouco. Havia tantas perguntas a fazer... Mas a porta fora trancada por fora.

Voltei-me para Teresa e para Marco que despertava com fome. Tomamos o desjejum a sós, pela primeira vez desde que chegamos.

A privacidade fez com que a manhã parecesse não passar, e só na hora do almoço é que surgiu uma das mucamas que se revezavam para amamentar Marco, trazendo uma enorme bandeja com uma variada refeição. Quis puxar assunto com ela, mas era visto que não entendia meu idioma. Tentei perguntar seu nome, fazendo gestos e sinais e dizendo-lhe o meu próprio nome, que ela repetia com dificuldade. Esse foi o máximo que pude me comunicar com qualquer um deles, além de captar o medo estampado em seu olhar naquele dia.

À tarde, caminhei mais algumas vezes até a porta, tentando passar ao resto da casa, que eu percebera ser enorme, mas sempre fui impedida por algum dos criados, que me distraíam com desculpas, chamados, brincadeiras. Quando a porta se abriu e finalmente uma mulher entrou trazendo o vestido que eu deveria usar naquela noite, foi que consegui espiar pela fresta. Apenas um espaço vazio foi o que vi. Uma sala sem móveis, sem nada. Só o vazio.

A roupa era vermelha, o vestido mais lindo que eu havia visto. Muito diferente dos trapos remendados que eu tinha. Sentei-me em uma poltrona, geralmente usada para amamentação do pequeno Marco, fui penteada e tive os cabelos adornados com

pentes crivados de pedras brilhantes como o sol. Apenas os sapatos não serviram. Eram maiores do que os meus pés, e como eu nunca havia usados saltos, mesmo baixos, preferi manter-me descalça. Alguém se aproximou e corou as minhas bochechas de ruge, enquanto os lábios eram pintados de um vermelho tão intenso quanto o meu vestido. Desejei ter um espelho.

A noite caía e os vassalos outra vez sumiam aos poucos. Apenas três babás permaneceram no quarto, uma para cada criança e outra que me conduziria até a misteriosa sala de jantar, mas não sem antes ter o cuidado de vendar-me os olhos com um lenço branco, da mais pura seda. Senti-me levada através do cômodo vazio que eu havia espiado pela fresta da porta. Ouvi outra porta sendo aberta, e as mãos da babá foram substituídas por uma mão forte e grande, provavelmente de um dos pajens. Fui conduzida por infundáveis corredores, de muitas portas trancadas e curvas para muitos lados. Um labirinto dentro de uma casa. Quanto mais caminhávamos, mais a temperatura caía, fazendo-me estremecer. Era como se eu estivesse sendo levada para outro mundo, um mundo onde o inverno predominava, um mundo inteiro escondido dentro de uma casa. Seria impossível refazer o trajeto, por mais que eu prestasse atenção ao caminho.

Finalmente abriu-se a última porta. Senti a mão quente desamarrando a venda de meus olhos. O que vi foi uma sala

enorme, com uma lareira em um canto e uma mesa elegantemente arrumada, como eu jamais poderia sequer sonhar. Um lustre de cristal se desprendia do teto, como gotas de chuva que ameaçavam pingar sobre a mesa a qualquer momento. Não pude saber a quantidade de velas que iluminavam o ambiente, apenas vi que eram muitas. A toalha de renda branca que se estendia sob os inúmeros talheres, parecia ter sido tecida por mãos angelicais, uma renda finíssima. As cadeiras de encostos altos eram forradas de veludo cor-de-vinho e confortavelmente estofadas.

Quem me conduziu já se havia retirado e trancado a porta, de forma que quando eu me virei para olhar, a única coisa evidente era a própria porta, entalhada em uma madeira escura. Ele segurou a minha mão, delicadamente e me conduziu até a cadeira posta ao seu lado direito, de frente para a lareira. Seu rosto branco parecia espectral diante das sombras bruxuleantes das velas e das labaredas que se desprendiam da grande boca aberta da lareira. Os olhos verdes brilhavam agora mais do que antes, talvez pela luminosidade do ambiente. Os cabelos eram castanhos, só agora eu reparava. Nos dedos, vários anéis de majestosas gemas preciosas que refletiam os focos de luz.

Não disse palavra. Serviu-se de um pouco de vinho em uma fina taça de cristal, bebeu tudo em um só gole. Serviu-se de mais uma taça e serviu-me também. Eu não ousei me mexer, até que

alguma ordem me fosse dada. Não conseguia desviar o olhar daquele rosto, esculpido pelos deuses e marcado pelo pecado. Exalava sensualidade e me deixava embriagada sem precisar sequer provar daquele vinho. Ora e outra ele sorria. Isso aumentava ainda mais minha curiosidade.

— Pode me contar agora — pedi com a voz fraca, quase em um sussurro — por que me trouxe aqui?

— Você está aqui porque é especial. Porque mulheres como você são raras — disse ele, escolhendo muito bem as palavras.

— Todo mundo é especial — respondi, sem argumentos e sem entender o que ele queria dizer-me com aquilo tudo.

— Não é, não. Ao menos, não como você.

— Por quê?

— Porque você tem uma coisa de que eu preciso. Algo que a torna especial para mim. Estou disposto a lhe propor um acordo. Se aceitar, tudo isto será seu, a casa, os pajens, a terra. Tudo.

— Tudo o que eu tenho são os meus filhos, e eles não estão à venda.

— Mas você pode me dar outro filho... — Minhas pernas estremeckeram ao ouvir tais palavras, ainda que eu não tivesse compreendido exatamente o que ele queria.

— Um filho?

— É, um filho. É o que lhe peço. Dê-me um filho e tudo o

que você vê, será seu.

— Mas... por que eu? Qualquer mulher poderia lhe dar um filho. Uma das suas empregadas, por exemplo. Por que me escolheu?

— É uma longa história. Se me permite, responderei à sua pergunta com outra pergunta: quem é o seu pai?

— Meu pai está morto. Morreu na guerra. Um camponês que nunca fez nada na vida.

— Aí é que você se engana. Tem muitas coisas sobre a sua família que você não sabe. Aquele homem não era seu pai, Francesca.

— Mas, o que você está dizendo? Como pode inventar uma história dessas?

— Você descende de uma antiga linhagem, uma família suíça, de raízes nobres, eterna rival da minha família na Espanha. Sua mãe fugiu com seu pai para a Itália, carregando você no ventre. Escondeu sua verdadeira história, protegeu-a do seu destino, de suas origens. Trocaram de nome e de sobrenome.

— Como assim? Isso tudo é loucura... — contive-me. Era melhor não contrariá-lo.

— Mandaram vasculhar o mundo inteiro à sua procura, mas ninguém imaginou que estava ali, debaixo dos seus narizes. Foi muito difícil encontrá-la. Mandei que trouxessem milhares de

mulheres, da Europa...

— Muitas morreram nos navios. Você poderia ter-me perdido.

— Não. Eu sabia que você resistiria. Você é especial. Reconheci-a imediatamente quando a vi. Seu sangue tem uma qualidade que me agrada. Deixar-me-ia honrado se me concedesse esse desejo de miscigenar as nossas famílias. Em troca, devolvo-lhe o que já foi seu por direito. Esta casa, estas terras.

— O que aconteceu com os outros da família?

— Todos mortos. E a minha família também. Porém meu pai me contou sobre estas terras aqui na América e eu não tardei a embarcar em um navio, tornando este lugar o meu refúgio. Esta casa, por exemplo, que foi da sua família e que, então, passou a ser minha.

Eu não conseguia digerir aquelas palavras. Agarrei a taça de vinho a minha frente e bebi de um gole só. Logo, a tontura causada pelo álcool se misturou com a sensação nauseante que eu sentia enquanto ouvia tais palavras. Parecia-me tudo uma grande loucura, parte de um sonho ou de um pesadelo. Mas se fosse mesmo verdade, se eu fosse herdeira de toda aquela riqueza, minha vida e a vida dos meus filhos, estariam salvas. Imediatamente ocorreu-me que aquele homem estava enganado, que tudo aquilo não passava

de uma ilusão. Como minha mãe poderia ter sido capaz de me privar de uma vida de luxos e riquezas? Não, ela não seria, eu a via lamentar-se todos os dias por não poder dar melhor futuro aos filhos. Jamais teria renunciado ao destino promissor que aquele homem anunciava para mim agora.

— Você não precisa responder agora. Terá exatamente uma semana para pensar na minha proposta. Devo lembrá-la de que tem dois filhos para criar e nenhuma perspectiva de vida. Ao menos não sem a minha ajuda. As coisas são difíceis para estrangeiros recém-chegados e sem posses como vocês. A maioria acaba trabalhando nas lavouras em troca apenas de comida e teto. É esse o futuro a que você almeja, Francesca? — Seus olhos agora pareciam inflamados de fúria, um fogo que eu não percebi ali antes, e que para mim, deixava-o ainda mais desejável do que já era. Uma masculinidade súbita aflorava nele, exalava de seus poros, como que para me enfeitiçar, para derrubar todas as minhas defesas e me fazer aceitar naquele instante. Mas a sensatez ainda falou mais alto.

— Eu pensarei — respondi.

Depois disso o jantar foi servido. Não me recordo exatamente do que foi servido como entrada, mas o prato principal foi um esplêndido pato recheado, adornado com frutas e saladas de variedades que eu desconhecia, mas que adorei. Tudo estava perfeito, não fosse pela minha falta de educação, que não me

permitiu usar os talheres conforme deveria. Ele pareceu não ter notado, e se percebeu, não se incomodou ou foi gentil o suficiente para não fazer qualquer comentário. Comeu o tempo todo concentrado e em silêncio, mas eu percebia seus olhos de fogo sobre mim e o calor que me alcançava. Lembro-me de ter pensado como o gelo daqueles olhos podiam emanar tal calor.

Quando me levantei para sair, terminada a refeição e o nosso assunto parecendo ter-se esgotado, eu caminhei lentamente em direção à lareira, querendo aquecer as minhas mãos antes de tornar ao meu quarto. Só então ele reparou nos meus pés descalços e frios arrastando-se silenciosamente pelo assoalho. Seguiu-me até a lareira e deteve-se em minha frente. Olhos fixos nos meus, segurou as minhas mãos e beijou-as longamente. Um gelo súbito percorria meu estômago, tinha vontade de correr, de fugir e não voltar a vê-lo nunca mais. A sensação de culpa nascia do desejo que eu sentia por aquele homem, o que era um grande desrespeito pelo meu marido, que ainda poderia estar vivo em algum lugar, quem sabe procurando por mim.

Eu sabia que ele podia sentir o meu medo e por isso não ousava se aproximar mais. Era possível que não sentisse o desejo que me causava, eu via apenas o meu medo refletido naqueles olhos de esmeralda. E uma faísca que cintilava lá no fundo e que eu jamais decifraria. O rangido da porta interrompeu o percorrer de

seus lábios em meus dedos gelados. Um dos serviçais viera buscar-me, trazendo consigo a venda de seda, que me privaria de conhecer o que seria minha honorável herança. Ele sinalizou para que o homem negro se aproximasse, reparei em seus enormes braços dos quais os músculos avantajados e as veias pareciam querer saltar para fora a qualquer momento, e também percebi que tinha a cabeça completamente raspada, sem um único fio de cabelo. Em uma tentativa quase desesperada de passar mais um segundo ao lado daquele semideus, perguntei:

— Qual é o seu nome?

— Miguel — respondeu sem cerimônia — Miguel.

Miguel. Aquele nome marcou-me de uma forma que eu cheguei mesmo a pensar que ele fosse um anjo. Passei a semana seguinte a suspirar e repetir o nome em silêncio. Estava encantada com aquele misterioso homem e com as promessas de riqueza e fartura. Depois do horror que tinha vivido na Itália, aquilo me parecia o paraíso. Sentia-me privilegiada quando olhava para meus filhos, antes desnutridos e agora corados e cheios de vida. Poucos dos que partiram no mesmo navio teriam uma oportunidade, poderiam mesmo ser escravizados ou maltratados até a morte. Eu era diferente. “*Porque você é especial*”, ele dissera, e aquelas palavras soaram como uma esperança antes esquecida, como se a própria realeza me tivesse perdido, uma princesa abandonada,

reencontrada; um conto de fadas que eu estava prestes a viver, e tudo isso por um preço que eu desejava muito pagar: ter um filho com aquele homem maravilhoso!

Esperiei por ele a cada dia, a cada noite, sentada na varanda, às vezes só, às vezes brincando com as crianças e tentando em vão me comunicar com algum dos serviçais. Olhava a campina ao longe, esperando que o meu príncipe e salvador surgisse por entre a mata verde, montado em seu cavalo branco e me tomasse em seus braços, onde eu ficaria protegida, por toda a eternidade, naquele mundo que seria só nosso. Esperiei sete dias, a semana que me foi concedida para pensar na proposta. Finalmente, em uma manhã, um novo vestido foi trazido até o meu quarto, desta vez, azul como o céu. Outro jantar foi anunciado através de um pequeno bilhete, escrito com tinta preta, trazido em uma bandeja de prata, “*Esperote para jantar.*” Ruge e batom, sapatos enormes e presilhas douradas para os cabelos, combinando perfeitamente com os bordados do vestido azul-celeste.

Ao entardecer, o negro forte trouxe minha venda de seda, e outra vez parti descalça para o meu encontro quase secreto. Senti o calor da lareira como uma brisa morna a atingir minha pele quando a porta se abriu. O assoalho estava mais quente naquela sala do que da última vez. Percebi que Miguel ainda não havia chegado, então aproximei-me mais da mesa e observei os talheres corretamente

enfileirados sobre os guardanapos de cetim. As taças, de um cristal ainda mais fino do que os da primeira vez, tinham enfeites dourados e um trabalhado lateral que imitava pequenos diamantes contornando todo o copo. Os pratos da mais nobre porcelana pareciam ter sido pintados pelas mãos dos melhores artistas da Europa, traziam pequenos lírios azuis em suas bordas, iguais aos do grandioso buquê exposto no centro da mesa.

Uma garrafa de vinho aguardava sobre a mesa, e eu me permiti servir-me daquele delicioso néctar. Enchi a minha taça e depois, como um presente, a de Miguel. Bebi apenas um pequeno gole. Coloquei-a de volta no lugar, sem muita certeza de que ele não se zangaria comigo. Pus-me outra vez em frente à lareira, de costas para a porta e, sem que eu ouvisse o ranger da fechadura sendo aberta, senti a mão de Miguel percorrendo o meu ombro desnudo pelo decote do vestido. Um arrepio percorreu meu corpo pela suavidade daquele toque. Os dedos longos desciam até o meu braço, empurrando cada vez mais o vestido e depois voltavam ao ombro. Senti sua respiração quente muito perto do meu pescoço e ouvi seu gemido antes que se afastasse bruscamente. Virei-me a tempo de vê-lo agarrando a taça cheia de vinho e bebendo tudo de uma vez.

Respirei fundo, contendo o sentimento que me invadira, o calor que percorria o meu corpo inteiro. Andei devagar até o meu

lugar, ao lado direito de Miguel, onde eu pretendia ficar pelo resto dos meus dias e esperei que ele me perguntasse qual era a minha decisão. Para minha decepção, ele ordenou que o jantar fosse servido, sem dizer uma única palavra. Fartei-me, ansiosa, intercalando as garfadas do delicioso espaguete e pequenos goles de vinho. Ele nada comia, apenas bebia e me observava enquanto eu devorava vorazmente tudo o que me era servido, até o fim. Ele permanecia quieto, olhando-me, bebendo o vinho e sorvendo minha alma, cada vez mais, tomando-a para si.

— Eu aceito — disse, temendo que ele tivesse mudado de ideia, ou percebido o engano que cometera ao me escolher.

— Eu sei — respondeu.

— E então? Quando será?

— Daqui a uma semana.

— Uma semana? Por que não hoje mesmo? — insisti, tomada pelo desejo de possuí-lo, de tocar nele ao menos uma vez.

— Por que hoje você não poderá conceber um filho. Só daqui a uma semana.

— Como pode saber? E se eu lhe disser que hoje eu poderei realizar o seu desejo? — disse eu, levantando-me de minha cadeira. E rodeando-o, sussurrei em seu ouvido e acariciei seu pescoço, apertando meus seios nas suas costas para que sentisse a volúpia que se apoderava de meu corpo. Ele segurou a minha mão e puxou-

me para sua frente, para poder me encarar. Repousou os seus olhos nos meus.

— Não. Hoje você não pode. Só poderá daqui a uma semana — respondeu, seguro. Em seguida levantou-se e partiu. Fiquei ali, sozinha, por um tempo incontável, esperando que meu carcereiro voltasse com seu lenço de seda e me levasse novamente para minha bela prisão, onde eu esperaria outra longa semana.

Na manhã seguinte fui despertada, antes do horário habitual, pelo choro de Marco. Duas amas se apressaram em dar-lhe de mamar, mas ele recusava qualquer colo que não fosse o meu. Seu corpinho ardia em febre e amornava rapidamente os lenços embebidos em água gelada que eu colocava. Chás medicinais foram trazidos, receitas desconhecidas que eu me recusava a oferecer a um bebê ainda tão novo. Eu insisti em banhar-lhe o corpo em água quase fria, mas este esforço também não resultou em melhora. Senti-me relapsa quanto aos cuidados com meus filhos, pois desde que havíamos sido levados para aquele lugar eu praticamente não precisara mais tomar conta deles. Prometi para os meus santos de devoção e para mim mesma, que se Marco ficasse bom eu não o deixaria mais sozinho nas mãos das amas e babás. Eu começava a suspeitar que alguma delas pudesse ter envenenado o meu filho, uma suspeita ridícula, mas eu estava desesperada.

A febre durou dias, não havia mais o que fazer, minhas

tentativas de cura estavam esgotadas. Marco já havia perdido muito peso e estava fraco. Quase não se ouvia mais o seu choro. Eu apenas rezava e o embalava cantando velhas canções de ninar que eu nem lembrava que sabia. Não havia mais o que fazer. Finalmente uma das mucamas me convenceu a deixá-la dar o chá preparado com especiarias da terra, como um último apelo desesperado e com lágrimas nos olhos. Eu, que já o via sem vida, não tive escolha. Segurei o pequeno com cuidado, e quase sem forças para resistir, bebeu todo o líquido escuro que era pingado em sua boca pela ponta de um pano embebido na substância. Em alguns minutos, a febre sumiu e Marco procurou pelo seio farto de leite quente de uma das suas amas.

A febre de Marco não me deixou perceber que a semana passara. Quando me dei por conta, as vestes escolhidas para as núpcias já estavam sendo trazidas ao meu quarto. Desta vez não mais um vestido, mas sim, uma camisola branca de seda e de renda, ornamentada com brilhantes transparentes cujo brilho intenso refletia a luz do sol como prismas e deixavam escapar vários arco-íris pelas suas bordas multifacetadas. Em meus cabelos foram feitas pequenas tranças, entremeadas as longas mechas soltas e ornamentadas com pequenas lágrimas de cristal que se agarravam em finíssimos fios dourados, formando minúsculas margaridas de luz. Desta vez não houve sapatos enormes, mas sim, lençóis de

cetim também brancos, e uma colcha de renda que parecia quase pétalas de rosas de tão suave.

Como sempre, ao cair da noite os vassallos iam sumindo, retirando-se lentamente, restando apenas as duas babás, uma para cada criança. Eu sabia que muito em breve meu carcereiro chegaria com sua venda e me levaria, quem sabe, para o quarto de Miguel. Mas para minha surpresa, quando a porta se abriu, foi o próprio Miguel quem se aproximou e sussurrou algo para as duas mucamas, que eu não pude compreender. Elas apenas assentiram e saíram, levando consigo as minhas crianças. Tentei protestar, mas Miguel segurou-me o braço e garantiu que elas estariam de volta ao amanhecer, depois que eu cumprisse a minha parte do acordo.

— Pensei que hoje seria eu quem visitaria seus aposentos — reclamei.

— É melhor que seja aqui mesmo. Você já está familiarizada com este ambiente. Não quero que fique nervosa — dizia ele, sem demonstrar se sabia o quanto eu havia esperado por aquela noite, como eu estava sozinha e ansiava pela companhia de um homem. Certamente o nervosismo não faria parte daquela noite.

— Se é assim que deseja... — respondi dobrando os joelhos e fazendo uma reverência digna da realeza. Ele virou-se depressa, agarrou-me pela cintura e me conduziu até a cama.

— É assim que eu desejo — sussurrou em meu ouvido,

enquanto baixava um dos ombros de minha camisola com os olhos fixos em minha pele extremamente branca. Apoiei-me com as mãos para trás e deixei que percorresse meu pescoço e expusesse meus seios rígidos, que ele contemplou por um momento, enquanto abria os botões da camisa, apressado. Percorreu o meu rosto com seus dedos longos, depois meu pescoço e seios, baixando a camisola até o ventre, e segurando minha barriga com a mão espalmada. Deteve-se ali, sem nenhuma outra reação. Esperei. Então ele me olhou nos olhos e disse:

— Não é hoje.

— O quê? — perguntei meio apavorada, meio decepcionada.

— Não será hoje que o meu filho será concebido.

— Mas... por que não? O que houve?

— Você não pode ser fertilizada hoje. Eu sinto aqui no seu ventre. Hoje não haverá filho. Quem sabe amanhã?

— Mas... eu... Não pode ser... eu... — gaguejei, sem ter argumentos e sem entender como ele podia ter tanta certeza. De fato, eu não estava em meus dias férteis e não estaria nos próximos dois dias. Mas como ele sabia?

Levantou-se, fazendo um gesto para que eu me recompusesse. Ergui a camisola contra minha vontade. Ansiara por aquela noite, para tê-lo em meus braços, e agora que estava ali,

tudo acabava daquela maneira desastrosa. Sentia-me muito mal por não ter sido capaz de despertar o desejo em Miguel, que agora eu tinha certeza, não sentia nada por mim, estava obcecado com a ideia de ter um filho e nada mais o interessava. Tentei me aproximar enquanto ele vestia a camisa, queria beijá-lo, mas ele simplesmente virou-se e se foi. Sem despedidas, sem avisar quando voltaria. Não pude conter o choro, estava apaixonada por aquele homem sedutor, que eu mal conhecia.

Em alguns minutos, as crianças foram trazidas de volta e a criadagem também. Os lençóis foram novamente trocados, embora eu tentasse explicar que nada acontecera. Corri para a varanda, sentei-me em frente à campina, tentando imaginar onde estaria meu marido, pensando que o desprezo de Miguel não poderia ser mais do que castigo por ter traído o homem que estava unido a mim pelas leis de Deus. Arrependi-me por ter aceitado o pacto. Imaginara que ele estivesse também apaixonado por mim. Revivi cada momento desde que chegara àquele lugar, onde os dias pareciam ser todos iguais e o tempo não existia, e percebi que não passava de uma prisão, uma cadeia confortável que me abrigaria enquanto eu fosse útil a Miguel. E depois somente Deus saberia o que seria de mim e dos meus filhos, porque eu não acreditava mais que ele fosse cumprir sua parte no acordo.



# A Decepção

Vi o sol nascer da varanda. Uma clareira dourada que saia preguiçosa de trás das árvores e tingia a campina ao longe. Esfriara durante as últimas horas da madrugada e um vento gelado apossou-se do espaço, remexendo e balançando os galhos, derrubando as folhas que agora formavam um imenso tapete de tom sobre tom no campo imenso. Eu começava a ouvir o canto distante dos pássaros que despertavam para um novo dia, uma melodia lírica que me trazia novamente as lágrimas aos olhos, o vazio de estar tão longe de tudo. A solidão.

Voltei para o quarto. Recusei o café da manhã, as frutas e os doces, os queijos e os pães. Tentei explicar que não me sentia bem, mas minhas tentativas de comunicação eram todas falhas. Apenas as vontades das crianças eram compreendidas através de gestos.

Desisti. Não tinha disposição para ensinar ou aprender idiomas, não tinha disposição para nada. Pensei ter contraído a moléstia de Marco, a febre que o assolara todos aqueles dias. Se fosse assim, Miguel teria que esperar mais um mês para plantar sua semente em mim. E eu não aguentaria mais um mês sem que ele me possuísse. Deitei-me sobre a cama, soltando meu corpo cansado pela noite em claro sobre o algodão macio. Deixei-me levar pela exaustão.

Fui despertada pelo ranger da porta que se abria para a entrada de Miguel. Eu dormi a tarde toda, nem notei que a escuridão chegara e com ela, meu desejo mais profundo. Virei-me, e quando percebi, ele já estava levantando a minha camisola e pondo a mão quente sobre o meu ventre outra vez. Temi outra desaprovação, mas ele levantou-se e começou a se despir, desta vez com o cuidado de não amarrotar suas vestes elegantes, pendurando-as nos cabides. Fechei os olhos para não ver o seu corpo nu e esperei que se deitasse ao meu lado ternamente. Minha respiração começava a ficar ofegante pela demora. Senti suas mãos fortes agarrando-me a cintura, arrancando minha camisola sem o menor cuidado como se fosse um animal no cio. Quando consegui desvencilhar-se de todos os panos que envolviam meu corpo, parou por um longo tempo, o que me fez pensar em uma nova desistência, observando meu corpo todo, fazendo-me corar envergonhada.

Contrariando minha suspeita, ele afastou as minhas pernas, percorrendo as coxas com as mãos fortes, apertando minha carne branca entre seus dedos, agarrando-me os seios com os lábios famintos de fera, prestes a devorar sua presa. Gemi alto quando senti seu corpo se fundindo ao meu. Fui dominada por um calor intenso que eu não sabia ser possível existir em um homem. Os movimentos que aumentavam o ritmo frenético a cada segundo, ora pareciam cessar, para então recomeçar bem devagar, fazendo enlouquecer. Eu agarrava suas costas com as mãos, arranhando-as, tentando puxá-lo para mim, mantê-lo em mim o máximo possível. Quando ele gritou de prazer, senti o néctar quente da vida se derramando dentro de mim. Nunca havia sentido algo parecido e numa fração de paraíso, também gritei de prazer.

Miguel permaneceu ao meu lado, deitado e exausto. Seu corpo coberto por pequenas gotas de suor, um orvalho que reluzia com o brilho da lua que adentrava pela abertura da varanda e que depois se aglomeravam e escorriam para a cama. Deitei-me de lado, contemplando-o. Queria abraçá-lo, deitar-me sobre seu peito largo, agora que eu o via mais perfeito ainda, a personificação de todos os meus sonhos, mas ele se mantinha em silêncio, com os olhos abertos, mirando o espaço vazio ao longe, ofegante. Apenas observei-o por muito tempo, não pretendia perder nenhum daqueles preciosos minutos em que ele estava tão próximo assim, mas meu

corpo relaxou, o cansaço me venceu e eu adormeci. Quando tornei a abrir os olhos, apenas a cama vazia e a mancha de suor ao meu lado me faziam companhia. Vesti o que restara da minha camisola, enrolei-me no lençol, sorvendo o cheiro de Miguel impregnado no algodão e esperei o sol nascer, com a certeza de que em breve eu o faria o homem mais feliz. Eu lhe daria o tão desejado filho.

Os dias que se seguiram não trouxeram grandes surpresas. Tudo era sempre tão igual por ali que eu chegava a me perguntar se estava vivendo o mesmo dia, todos os dias. Aproximei-me da babá de Marco e perguntei por Miguel. Como sempre, ela fez sinal de que não compreendia o que eu dizia, mas quando ouviu o nome de Miguel, alguma coisa despertou dentro dela. Uma sombra apareceu em seu olhar, uma sombra negra e misteriosa que escondia algum segredo terrível. Ela tentou desviar o olhar, mas eu a impedi segurando-lhe o queixo. Precisava decifrar que sentimento era aquele que nascera enquanto o nome de Miguel fora proferido. Vi o medo dentro dos olhos dela, vi o terror esboçado em sua face. Ela se desvencilhou de minha mão e correu para junto da cama, tirou o lençol, como fazia todas as manhãs desde a noite em que Miguel me amou e entregou-o ao meu antigo carcereiro, que tinha agora a missão de entregar a Miguel os meus lençóis, a cada dia.

Era quase inacreditável que depois de tanto tempo de convivência aquelas mulheres ainda não conseguissem dizer

nenhuma palavra compreensível. E nem eu a elas. O aprendizado e a comunicação deveriam ter surgido de maneira espontânea entre nós, porque convivíamos diariamente, passávamos o tempo todo juntas. Mas não aconteceu, e eu me sentia cada vez mais sozinha, conversando apenas com Teresa e com o pequeno Marco, ainda incapaz de responder-me qualquer coisa. Isso fazia com que eu ansiasse ainda mais por Miguel, porque ele era o único que me compreendia, que falava meu idioma, era a única pessoa adulta com quem eu poderia conversar. Resolvi dedicar-me ainda mais a ensinar algumas palavras para as mucamas de Miguel. Ou aprender algumas com elas. Eu repetia o meu nome, incansavelmente, pedindo-lhes que o fizessem comigo, mas por mais que se esforçassem, não conseguiam. Uma chegou até a chorar, suplicando-me que parasse. Eu parei e outra vez, desisti.

Algumas semanas se passaram, a lua mudara de forma no céu. Agora aparecia uma imensa bola branca, iluminando a noite a ponto de torná-la dia. As copas das árvores ao longe, brilhavam prateadas, esticando-se em direção ao céu, erguendo seus braços verdes para alcançá-lo. Eu gostava de manter as cortinas da varanda abertas naquelas noites de lua cheia, gostava de ver o quarto todo iluminado e de sonhar sob a luz daquela enorme lua. Passei incontáveis noites naquela varanda a observá-la. Ela me trazia luz, e a sua luz me trazia esperança. E também lembranças da

minha tenra infância, quando minha mãe aparecia saudável e a guerra ainda não existia, quando eu ainda conseguia dormir em paz, sem os pesadelos de gente morta caindo por todos os cantos. Quando a lua cheia aparecia, forte e imponente no céu, era que a saudade de casa voltava para me ferir ainda mais o coração. Então eu fechava os olhos e imaginava-me de volta, nos parreirais de meu pai, correndo pelas campinas, bebendo água das nascentes. Nessas horas eu podia ouvir as vozes dos meus antepassados, especialmente a voz da minha mãe que me chamava, gritando que não demorasse porque o almoço estava servido. Isso me feria, mas era uma dor boa, uma saudade doída.

Depois de todas as noites que passei na varanda a observar a lua cheia, ela finalmente foi-se embora, dando espaço a uma nova forma, não tão bela e nem tão luminosa. Voltei para a cama, tendo o cuidado de fechar as cortinas. Não me sentia bem naquela tarde e o mal-estar piorava conforme a noite caía. Minha cabeça doía e fortes cólicas assolavam o meu ventre. Queria pedir ajuda, mas não podia. O desespero começava a tomar conta de mim, porque eu sabia o que estava acontecendo. Eu não estava esperando um filho de Miguel e estas dores nada mais eram do que as minhas regras que se anunciavam. Temi decepcioná-lo. Mas não pude evitar. Ele saberia assim que amanhecesse, quando o meu carcereiro viesse em busca do meu lençol branco. Corri até o berço de Marco e

arranquei um pequeno pedaço de algodão branco que forrava o colchão. Queria proteger Miguel da decepção prematura, eu poderia seduzi-lo e, então, engravidar. Forrei-me como pude e me deitei. Não demorei a pegar no sono.

Meu despertar não foi tão tranquilo quanto eu planejava. A mancha de sangue se espalhou pelo lençol e não havia sinal do tecido que eu usara para conter o sangramento. Olhei em volta, pensando se eu teria me remexido tanto durante a noite, a ponto de fazê-lo cair ao chão. Não havia nada em torno da cama. Só me restava uma alternativa: as babás o haviam tirado de mim durante a noite. Corri até elas, acordando a que cochilava na poltrona ao lado do berço de Marco. Esbravejei e gritei, estive quase a ponto de agredi-la, mas a mulher apenas se defendia e resmungava naquela língua estranha, com as mãos sobre o rosto como se esperasse uma bofetada minha. O carcereiro agarrou o lençol manchado e saiu batendo a porta com força, sem se importar com meus apelos de que não o entregasse a Miguel. Cheguei a cair de joelhos aos seus pés, em uma tentativa falha de comovê-lo.

Não demorou mais do que alguns segundos para que Miguel rompesse à porta. Caminhou em minha direção com passos rápidos e agarrou-me pela garganta, pressionando-me contra a parede e gritando comigo algo ininteligível. Recordo-me de ter visto de relance as babás saindo apressadas com as minhas crianças, Teresa

chorando e estendendo sua mão para mim, como se quisesse salvar-me da ira de Miguel. Nem bem a porta se fechara e eu senti a dor atingindo minha face esquerda. Uma bofetada de Miguel, que parecia não ouvir as minhas súplicas nem as minhas desculpas. Caí no chão, atordoada pela bofetada. Miguel abaixou-se e, segurando-me pelo braço, carregou-me até a cama. Outra bofetada me arremessou sobre o colchão. Ele já não dizia mais nada, apenas olhava para mim com ódio, fúria e desprezo, e aquele olhar doeu em mim, muito mais do que as duas bofetadas.

— Isso desfaz o acordo entre nós dois! — gritou ele segurando o lençol ensanguentado em uma das mãos, para que eu olhasse — Você me prometeu um filho, e agora me paga com sangue?

— Não... quer dizer... Sim... eu...

— Poupe-me das suas desculpas! Eu revirei o mundo todo em busca de alguém como você e agora que a encontro me aparece isto?

— Por quê? Por que você me quis? Há tantas mulheres a sua volta, mulheres lindas. Por que precisa de alguém como eu?

— Por causa da sua linhagem, do seu sangue, eu já expliquei! — gritou, irritado — Você vem de uma família nobre, de uma família importante! Será que isto não basta?

— Existem muitas mulheres de família nobre no mundo,

senhor. Não precisaria correr o mundo em busca de uma especialmente. O que tem de diferente em mim?

— O seu sangue, será que não entende? Eu preciso de alguém forte o suficiente, alguém que possa me dar um filho! Você acha que eu já não tentei fecundar outras mulheres? Eu tentei inúmeras vezes, e sabe o que aconteceu com elas? Estão todas mortas! Cada uma delas! Mortas! Mas você é diferente! Eu sinto o cheiro do seu sangue, o sangue das bruxas! Você é filha de poderosos bruxos!

— O quê? Você é louco! Minha mãe não foi uma bruxa! Morreu inválida e doente, presa a uma cama sem poder andar, sem enxergar. Como poderia ser tal coisa?

— Você não precisa acreditar, se não quiser, mas esta é a verdade! Você descende de uma linhagem de bruxos, muito poderosos. Eu viajei o mundo durante quase um século procurando uma bruxa. Estão todas mortas! Foram queimadas, assassinadas e outras, como a sua mãe, abdicaram do dom que lhes foi concedido, fugiram e preferiram levar uma vida breve e normal. Mas todas as escolhas que fazemos trazem consigo graves consequências. Alguns perdem o dom, mas nos casos em que não conseguem se livrar dele, como foi com sua mãe, adoecem e morrem.

— Você é maluco! Deixe-me sair daqui! Eu quero ir embora!

— Não! Nós fizemos um pacto! Você não vai a lugar algum, sem antes me dar o que me prometeu!

— Eu não sou a sua bruxa! Veja, — insisti, segurando uma ponta do lençol que ele ainda mantinha nas mãos — não estou esperando um filho seu! Eu não pude, não consegui!

— Não desta vez, mas haverá outra! — ele gritou, esbanjando a sua raiva, que me atingia como uma lança sobre o peito.

— Eu não sou a sua bruxa! Deixe-me ir embora!

— Está bem, você pode ir, se quiser! Mas sem as crianças! E eu lhe garanto que elas não sobreviverão muito tempo sem você!

— O quê?

— Isso mesmo! As crianças ficarão comigo! E você está livre, se é assim que deseja! — Ele jogou o lençol sobre mim e saiu, deixando-me aos prantos, ainda sem acreditar naquela assombrosa história.

Naquele dia, as crianças não retornaram para o quarto. Temi que ele as tivesse matado, mas se fosse verdade, teria gasto seu único trunfo, a única chantagem realmente capaz de me convencer. Comecei a revirar a minha mente, buscando lembranças de minha mãe, que me levassem a crer que tudo o que eu ouvia de Miguel fosse verdade. Minha mãe sempre havia ajudado as pessoas. Fazia remédios caseiros e, muitas vezes, doava-os a quem não tinha nada

a oferecer por eles. Foi uma mulher caridosa, nenhuma maldade habitou seu coração. Nenhum indício de que fizesse feitiços ou praticasse rituais satânicos. Ele frequentava as igrejas, juntamente com meu pai, que vinha de uma educação católica rígida. Minha mãe passava horas no confessionário, em companhia dos padres, enquanto meu pai e eu a aguardávamos na última fileira de bancos. Estaria confessando que era uma bruxa?

A noite caíra e nenhuma serviçal veio trazer-me comida ou lençóis limpos. Nenhuma notícia das crianças, nem roupas limpas. Minha cabeça doía de fome e de preocupação com meus filhos. Deitei-me, esperando que o sono viesse me agraciar com sua presença, mas invés disso, quem veio foi Miguel. Outra vez, parecia ser um anjo. Não havia mais sinal do demônio que o habitara naquela manhã. A doce expressão dos seus olhos estava de novo presente nele, a luminosidade cintilante que me encantara. Outra vez, não pude deixar de desejá-lo, apesar de tudo o que me fizera naquela manhã, e que agora me parecia ter acontecido muito tempo atrás. Aquilo já não importava, só havia aquele anjo ali, agora.

— E então? — perguntou-me — Você não vai embora?

— Eu não vou — respondi, ainda sem saber o que fazer.

— Que bom. Eu voltarei daqui a quinze dias. Espero que até lá esteja preparada para mim.

— Como sabe que eu vou conseguir lhe dar um filho?

— Porque se eu não soubesse, já estaria morta — disse ele ao sair carregando a sua elegante bengala. Em seguida, as amas retornaram, porém não trouxeram os meus filhos consigo. Mesmo assim eu sentia que tudo voltaria ao normal, a não ser pela ideia inevitável de que eu teria de arranjar uma maneira de encontrá-los e fugir daquela casa.

Nos dias que se seguiram, eu senti muita falta dos meus filhos e quando anoitecia, eu pensava ouvi-los chorando baixinho do outro lado da porta. Então eu me recostava ao lado da abertura e cantava as canções de ninar, com as quais eu costumava fazê-los dormir em meus braços. Então só me restava o silêncio. No fundo, acho que eles nunca estiveram lá, acho que era o meu próprio coração que chorava, dentro de mim. Eu sentia que jamais voltaria a vê-los e que não podia ficar ali, parada, esperando que Miguel os matasse. Era preciso sair, fugir daquele lugar. Mas como despistar tantas amas e pajens? Eu precisava de uma desculpa para sair, precisava enganá-los, uma vez que pedir já não adiantaria.

Comecei a planejar minha fuga. Esperei até o amanhecer e saí pela campina a fim de analisar o terreno, a mata, as possibilidades de me embrenhar por lá, sem deixar pistas para que Miguel me seguisse. Caminhei por muito tempo, até exaurir todas as minhas forças, mas a cada passo adiante, mais eu alimentava a

sensação de que não me distanciava da casa. Corri até a exaustão completa, deitei-me no campo verde, abismada com a possibilidade de jamais alcançar a mata, que como por encanto, a cada passo meu, parecia se tornar mais distante. Os empregados apressaram-se em vir ao meu socorro. Creio que eu não conseguiria retornar sem ajuda. Temi desmaiar se tentasse o mínimo esforço. Por incrível que parecesse, em poucos minutos já estávamos na casa.

Convenci-me de que não poderia escapar por ali. Havia algum tipo de encanto envolvendo aquele lugar. Jamais chegaria até a mata fechada e, se chegasse, jamais poderia atravessá-la. Teria que tentar algo mais ousado: atravessar a casa sob os olhos de Miguel. Logicamente, haveria outra saída, outra porta que me conduziria à liberdade, mas antes, eu precisava encontrar os meus filhos. Esperei disfarçadamente ao lado da porta e, quando o carcereiro a abriu, deixando que o almoço fosse trazido, empurrei-o com todas as minhas forças para dentro da sala vazia, e corri o mais rápido que pude pela longa circulação, da qual eu não conseguia enxergar o fim. Não alcancei a única porta no final do interminável labirinto que se estendia diante de mim como uma serpente. Imaginei se fora ali que Miguel e eu nos encontramos por duas vezes.

O carcereiro me carregou de volta para o quarto enquanto eu protestava e esperneava sobre seus ombros. Jogou-me sobre a

cama sem piedade e quando eu tentei acertar-lhe um chute, agarrou a minha perna com força e torceu meu tornozelo, fazendo-me gritar de dor. Ele virou-se e caminhou em direção à porta, levando o meu almoço. Eu havia entendido a mensagem. Parei de espernear e fiquei ali, jogada sobre a cama, derrotada. Levei as mãos ao rosto, secando as lágrimas que corriam torrencialmente, como a chuva dos dias que se seguiram. Eu pensei ter perdido todas as minhas forças, e o dia em que Miguel voltaria estava chegando. Não comia. Não dormia. Minha vontade era de morrer.

# Uma Segunda Chance

No final de uma daquelas tardes chuvosas, quando as minhas esperanças já estavam perdidas, uma das amas negras que cuidara de Teresa, enquanto ela estava ainda ao meu lado, aproximou-se de meu leito, silenciosamente. Assustei-me ao ver a criatura alta e forte, sentada aos meus pés, observando-me com um olhar enigmático que eu não pude decifrar. Imaginei que fora mandada por Miguel, para acabar comigo definitivamente. Mas não demorou que ela se revelasse. Podia falar meu idioma, ainda que com tropeços, e parecia querer ajudar-me.

— *Moça brranca sofre — dizia ela — eu ajudarr. Saberr saída de casa. Moça brranca me seguirr manhã cedo no campo.*

— Fugir... mas eu não posso fugir sem os meus filhos...

— *Moça brranca sairr manhã cedo. Eu levarr seus fío pra moça brranca no mato.*

— E Miguel? Como vou me esconder dele? Eu nem sei onde estou, como poderia me esconder?

— *Moça brranca esconde no mato. Eu levarr comida e ropa. Moça brranca ficarr no mato até patrão esquecerê.*

— Você promete que vai levar os meus filhos para mim?

— *Eu prromete.*

— Então está bem — respondi, sem ter noção do que significaria desafiar a ira de Miguel — eu estarei lá!

A ama afastou-se sorratamente pela escuridão do quarto de velas apagadas, como uma sombra que se afasta de um altar. Aquela visão e aquele pensamento me causaram arrepios. Não consegui conciliar o sono pelo resto da noite, mesmo porque, quando conseguia, inúmeros pesadelos vinham para assolar-me a alma ferida pela ausência dos meus bebês. Mas os dias que viriam, seriam ainda piores, de um horror inimaginável. De qualquer maneira, eu estava disposta a correr o risco, qualquer que fosse o perigo, seria pouco para tê-los de volta.

Esperei o calor do sol, que viria em breve para iluminar as vidraças e a varanda, por onde eu pretendia sair. Esperei só um pouco para que não estivesse ainda muito claro, e fugi como um morcego fugiria da luz para a caverna escura. Corri com cuidado e descalça, para abafar os ruídos que os meus sapatos deixariam escapar ao tocar na vegetação. Vi ao longe a figura escura, que

agora se vestia de marrom e não do costumeiro branco, e acenava para mim, chamando-me, quebrando o encanto da mata inalcançável.

Vi quando o carcereiro abriu a porta de vidro que dava acesso à varanda, conforme fazia todas as manhãs e soltou um urro medonho que parecia ter vindo de um urso selvagem ou animal equivalente. Procurei apressar-me, mas não pude, já estava correndo o mais depressa possível. Sentia o tornozelo ferido doer a cada pisada, parecendo que ia esfacelar-se em breve. A figura de marrom já não aparecia na entrada da mata, havia se embrenhado no meio das árvores para não ser vista. O homem veio em disparada, outra vez, alcançando-me sem muito esforço, e outra vez eu fui carregada com violência para dentro do quarto que se tornara meu cárcere de luxo.

Desta vez fora ao chão que me atirara, fazendo me cair com força na madeira dura do assoalho, esfolando e quase me trincando os ossos. Eu já não reagia enquanto ele me esbofeteava, eu apenas gritava e implorava que parasse e via nos seus olhos o ódio que vira nos olhos de Miguel dias antes. Ele segurou meu pescoço com uma das mãos e começou a apertá-lo. Os gritos foram sumindo de minha garganta, dando lugar a um gemido espremido e depois, apenas ao silêncio. Meus olhos escureceram vagarosamente enquanto o ar faltava em meus pulmões e meus músculos tesos se

debatiam na tentativa de sobreviver à morte que se anunciava.

Perdi os sentidos naquele exato momento em que Miguel irrompeu porta adentro. Penso que meu desmaio tenha durado apenas uns poucos segundos, pois quando tornei a abrir os olhos, vi que Miguel repreendia o homem que me espancara, insistia que eu era demasiadamente preciosa para ele, e que se algo me acontecesse, ele jamais o perdoaria. Virei-me e me deparei com Miguel segurando-lhe o pescoço, como ele fizera comigo no instante anterior. Ele, no entanto, jazia recostado à parede do quarto, sem sequer encarar Miguel nos olhos, como um bom cão faria.

— Agora vá! E não faça isso outra vez, ou então... — Ele viu-me observando a discussão e interrompeu a frase na metade. Eu não fiz mesmo questão de ouvir o que ele pretendia dizer. Já tinha presenciado e vivido horrores demais.

Conclui que agora era o momento de virar o jogo e, se eu era tão preciosa assim como Miguel dissera momentos antes, podia sim, usar isso contra o próprio Miguel para trazer os meus filhos de volta para mim. Levantei-me com dificuldade e manquei até ele, ainda com muita dor no tornozelo machucado. Parei em sua frente e encarei-o. O que eu não esperava, era receber dele naquele momento outra bofetada na face, que me jogou novamente ao chão. Agarrei-me no criado-mudo ao lado da cama e tornei a levantar.

Caminhei com mais dificuldade ainda até Miguel e encarei-o de novo, ainda ofegante.

— Eu vou matar-me!

— O quê? — perguntou ele, surpreso.

— Isso mesmo! Vou tirar minha vida e, se você pretende ter o filho que tanto deseja, aconselho-o a procurar outra bruxa para isso!

— Ficou maluca? Se fizer isso, seus dois filhos morrerão também. É isso que você quer?

— Você já matou os meus filhos e está me matando também! Olhe para mim... pode ver algum traço de felicidade em minhas feições, Miguel? Eu estou morrendo, se é que ainda estou viva! Isso que você está vendo é só um corpo maltratado, só uma casca quase inválida. Não há mais alma dentro de mim... Estou fraca, Miguel, mais fraca do que estive durante a guerra. Não poderei gerar um filho nestas condições. É por isso que decidi tirar minha vida. Se não posso ser feliz, se vivo como sua prisioneira, é como se já estivesse morta, então quero matar o que ainda resta de mim.

Ele nada disse. Observou-me por um longo momento. Então estendeu o braço, encostando a ponta dos dedos em meu queixo. Eu gemi quando ele tocou a parte arroxeadada pelas bofetadas do carcereiro. Passeou pelo meu rosto com as costas da mão, em uma

carícia deliciosa, durante a qual eu não consegui odiá-lo como gostaria. Centrei meus pensamentos em meus filhos, tentando espantar de dentro do peito o desejo que recomeçava arder por Miguel. Ele era o próprio demônio encarnado, era o pai das tentações. E eu? Eu era apenas uma Eva sem o seu Adão, presa no paraíso com a serpente. Concentrei-me e continuei.

— Solte-me, Miguel! — disse com toda a raiva que consegui reunir, raiva de mim mesma, da paixão que eu sentia por ele, que era maior do que tudo, menos do amor que eu sentia pelos meus filhos. Afastei a mão dele com força e esbofetei-lhe a face. Arrependi-me no mesmo instante, fechando os olhos e esperando a agressão que viria. Encolhi-me de medo, mas nada aconteceu. Reabri as pálpebras vagarosamente, espiando, esperando que ainda viesse alguma agressão. Nada aconteceu.

Apenas uma lágrima solitária escorria pela face de Miguel, avermelhada pelo meu tapa. Meu coração doeu ao vê-lo entristecido, mas eu precisava ser forte, porque a coragem seria decisiva naquele momento, decidiria entre viver ou morrer, ganhar ou perder para sempre. Ele nada disse, mas andou vagarosamente ao meu redor, observando cada ângulo, cada pelo do meu corpo que se arrepiava só por sentir sua respiração tão perto, roçando a minha pele, incitando ainda mais o meu desejo. Terminada uma volta em torno de meu corpo, parou em minha frente, muito mais

próximo do que estivera até então. Estendeu sua mão e acariciou suavemente a minha pele ferida, e curou as dores que eu sentia no queixo.

Embora eu não soubesse se tudo aquilo era real, senti prazer naquela mão que me tocava, descendo pelos meus braços esfolados, levando a dor para longe. De repente, segurou-me forte pela cintura e caminhou em direção à cama, guiando-me com a convicção de um gladiador que não mata a fera, mas que a amansa, para depois lançar o golpe fatal. Deitei-me de costas, escorregando pelo lençol macio, recém-trocado, até encontrar a montanha de almofadas brancas, onde me recostei confortavelmente. Ele debruçou-se sobre mim, sem tocar nenhum centímetro do meu corpo com o seu, apenas a mão continuava a percorrer-me, desde os ombros, depois o meu ventre aquecido pelo seu contato, escorregando pela minha coxa, onde se deteve por um momento, sem tirar seus olhos dos meus. Depois em meu tornozelo inchado, que ele apertou com os dedos e eu pude sentir o inchaço reduzindo, até não sobrar mais nada. Eu sabia que, desde então, poderia voltar a correr sem mancar.

— Mandarei trazê-los até você. E prometo que enquanto você for obediente, nada de ruim lhes acontecerá, eles ficarão bem. A escolha é sua — disse ele, levantando-se, deixando-me outra vez amedrontada pelas ameaças.

— Se acontecer algo com eles, você não terá o filho que deseja! — esbravejei.

— Acho que seria uma troca justa — respondeu sério — mas lhe asseguro que se você for boazinha comigo, eles ficarão muito bem. Eles têm algo de você neles, herdaram o sangue poderoso da mãe, ainda que o pai os tenha infectado. Principalmente o mais novo. Ele pode ser muito valioso para mim.

— Não encoste as mãos no meu filho ou eu...

— Ou você o quê? — Interrompeu Miguel, sem alterar a voz — Acho que não está em condição de exigir coisa alguma. Você pode ter uma vida boa aqui, Francesca. Mas esta é a minha casa e enquanto for assim, eu dito as regras. Depois que o meu filho nascer, se for do seu agrado, eu partirei com ele para longe. Então você terá a casa toda só para você e fará como bem entender. Mas enquanto isso, deverá me obedecer.

— O que você está dizendo? Essa criança, se nascer, será tão minha quanto sua, Miguel. Eu jamais o deixaria partir levando-a consigo!

— Isso invalidaria nosso acordo. Mas quem sabe nós podemos ficar aqui, juntos? De qualquer forma, prefiro que você mesma amamente meu filho. Não quero que as amas tomem conta dele. Será mais forte se for criado por você. Mas isto é um assunto que discutiremos mais tarde. Agora descanse. Quero que esteja

recuperada até amanhã à noite. Creio que virei visitá-la.

Eu não respondi, mas já me sentia totalmente recuperada. Queria muito que Miguel ficasse comigo, mas como sempre, ele saiu e trancou a porta atrás de si. Eu fiquei sozinha por um tempo, mas logo as avós retornaram, trazendo meus filhos com elas. Teresa correu para meus braços, e o pequeno Marco, agora já tão crescido que eu tive dúvidas se me reconheceria. Certamente o tempo passou mais depressa do que eu imaginara. Eles estavam lindos e alegres, a aparência era saudável e as roupas pareciam ter saído de contos de fadas. Teresa contou-me que Miguel se encarregara pessoalmente de tomar conta deles na maior parte do tempo. Ele os teria levado para conhecer lugares lindos, com cachoeiras e infinitas campinas, onde fizeram piqueniques. Mostrou-lhes um estábulo enorme, onde cavalos de raça eram tratados quase como gente, banhados e escovados, e Miguel deixara Teresa montar em um deles. No meio da conversa, Marco me surpreendeu dizendo a palavra “papai”. Teresa me disse que Miguel insistia para que ele o chamasse assim.

Dei-me por satisfeita com o relato de Teresa. Eu que já podia vê-los dentro de minúsculos caixões, agora ouvia dos lábios de Teresa o quanto Miguel os tratara bem. Ele dizia a verdade. A vontade de Miguel de ter o seu filho teria criado nele um instinto paternal, e enquanto esta nova vida não nascia, ele o dedicava às

minhas crianças. Esse pensamento acalmou meu coração, livrou-me da angústia. Mas a sensação de segurança durou muito pouco tempo, logo a escuridão da noite veio para roubar a luz do sol. Era chegada a hora de partir. Miguel prometera visitar-me. As crianças seriam outra vez levadas para longe. Não protestei. Agora sabia que ficariam bem.

Sentei-me aos pés da cama e o esperei com a alegria de uma recém-casada na noite de núpcias. Uma ama diferente foi quem trouxe meus trajes desta vez. Não havia mais sinal da mulher que havia tentado me ajudar na fuga. Estaria perdida na mata? Eu pensava que sim. Mas era provável que estivesse bem. Ela parecia conhecer aquela mata melhor do que qualquer outro ali e era também a mais esperta. Nenhuma das outras teve sucesso ao tentar comunicar-se comigo. Apenas aquela mulher foi capaz de trocar comigo algumas poucas palavras. Sim, ela estaria bem.

Vesti a camisola azul-celeste com o apreço de uma noiva. Atei meus cabelos com um cordão dourado de onde pendiam pequenos cristais azuis, em uma longa trança que descia até a minha cintura e acariciava as costas desnudas pelos botões abertos. Olhei-me no pequeno espelho oval que pendia atrás do lavabo. Fiquei satisfeita ao ver que a pele dos ombros estava branca como mármore e não mais roxa como antes. Miguel havia me curado os ferimentos, mas eu ainda me via muito pálida e magra. Estava

fraca, talvez fraca demais para conceber o filho de Miguel.

Sentia-me aflita. As palavras de Miguel não saíram da minha cabeça desde aquela manhã. Ele pretendia mesmo levar o filho que nasceria para longe de mim? Ou fora apenas mais uma de suas chantagens? De qualquer modo, a alternativa de não engravidar estava descartada, visto que a vida de Teresa e de Marco e a minha própria, estavam ameaçadas. Como ele mesmo dissera, a minha permanência e a dele, naquela casa, seriam discutidas mais tarde. Eu descartara temporariamente a possibilidade de fugir.

Estranhamente, quando Miguel estava longe, eu conseguia pensar coerentemente. Mas quando ele se aproximava, eu só conseguia sentir o seu cheiro, olhar para ele. Eu tentava resistir ao desejo que se apossava do meu corpo toda vez que eu o via ou que mencionava seu nome, e mais ainda, quando sentia o toque das suas mãos. Ele me desconcertava. Mesmo quando, em fúria, alvejava-me com as suas chantagens e ameaças, eu não deixava de querê-lo. Mesmo quando me agredia com palavras ou bofetadas, eu não perdia o meu desejo por ele.

Senti suas mãos. Tocou suavemente a minha cintura pela fresta que a camisola aberta deixara aparecer. Não me lembro de ter visto sua imagem no espelho, nem de ter ouvido o ranger da porta se abrindo. Mas do toque eu me recordo perfeitamente. Então

eu fechei os olhos esperando que ele me virasse para si. Ele percorreu o meu ventre com ambas as mãos e depois acariciou o meu pescoço. Eu não via seu rosto, mas sabia que ele estava observando-me pelo espelho em minha frente. Deixei que o decote da camisola caísse propositalmente, deixando à mostra o ombro por inteiro. Senti o seu hálito quente e úmido percorrendo a minha nuca, arrepiando meus pelos, enlouquecendo-me. Deixei que a camisola caísse completamente, expondo meu corpo pálido e esguio. Ele apertou-me junto ao seu corpo. Estava ainda vestido por completo. Levantei a cabeça e quando pensei em abrir os olhos, ele virou-me bruscamente, de frente para si. Imaginei ter visto seus olhos vermelhos, mas em um segundo, o verde nítido com um rio de águas claras, estava ali novamente.

Miguel não havia sido gentil comigo nas outras vezes. Agora, preocupava-se excessivamente em agradar-me. Perguntava repetidas vezes se eu me sentia bem, beijava-me os lábios e o corpo, evitando o meu pescoço, talvez porque isso me causava arrepios e fazia com que me encolhesse. Prolongava ao máximo as preliminares, querendo dar-me o mesmo prazer que ele sentia. Quando atingiu o seu limite, arrancou as próprias roupas, atirando-as ao chão de qualquer forma, e penetrou-me firme, mas cuidadosamente. Vez ou outra, parava para retomar o fôlego e olhar-me mais um instante para então recomeçar, ainda mais

másculo e viril.

Quis que aquele instante nunca mais passasse. Queria Miguel ao meu lado, daquela forma, para sempre. Mas logo após o clímax, depois de relaxar alguns minutos, derrotado sobre o meu peito, vi-o levantar-se, juntar as suas roupas, vestir-se. Não pude conter as lágrimas que me brotavam nos olhos. Como uma mesma pessoa era capaz de ter tanta doçura e tamanha frieza? Como podia amar-me daquela maneira e em seguida, abandonar-me? Encolhi-me em um canto, tentando esconder a tristeza que se apossava de mim porque ele partiria. O choro tornara-se soluço, e por mais que eu disfarçasse, era impossível contê-lo. Afundei o rosto no travesseiro para abafar os ruídos do meu choro infantil.

Esperei tempo suficiente para que ele saísse. Ergui os olhos, ainda empapados de pranto. Precisava me recompor, ou passar o resto da noite na varanda. Pus-me de pé, desanimada, suspirando ainda, com a minha alma partida. Virei-me em direção à varanda e lá estava ele, uma sombra, um contorno escuro contra a luz da lua cheia. Minhas pernas fraquejaram, pela surpresa, ou pelo esforço anterior. Perdi o fôlego por um momento. Ele caminhou vagorosamente em minha direção. Estivera ali o tempo todo? Senti-me envergonhada pelo despejo de emoções. Não gostaria que ele tivesse ouvido as minhas súplicas para que não me deixasse. Segurou minha mão, ternamente.

— Eu não posso ficar — disse como se adivinhasse meus pensamentos.

— M... ma... Mas... por quê? — gaguejei.

— Eu lhe faria muito mal, se ficasse. Você não imagina como eu a desejo...

Ele tocou o meu rosto outra vez, mais suavemente ainda. Eu podia quase sentir a dor expressa nos seus olhos e a veracidade do que ele dizia. Se me desejava e se já me possuía de fato, por que precisava fugir de mim? Quis perguntar o que o impedia de ficar, mas contive-me, desmanchando-me em soluços outra vez. Sabia que não poderia travar um diálogo agora, tomada pela emoção do adeus que se aproximava mais uma vez. Olhei-o de relance por entre as lágrimas que desciam impiedosamente, Miguel virara o rosto e parecia chorar também.

— Eu lhe faria mal... — repetiu, encarando-me e esticando a mão em direção ao meu pescoço, acariciando outra vez a minha pele, fazendo-me fechar os olhos, imaginar que ele tornaria a possuir-me. — Eu preciso ir embora!

O grito assustou-me. Ele se levantou rapidamente, correndo até a porta, saiu em disparada pelo longo corredor. Deixou-me ali, nua, desprotegida e só. Cogitei novamente a possibilidade da fuga. Vesti-me e saí correndo varanda a fora. Desta vez, não fui em direção à mata, convencida de que jamais poderia alcançá-la, mas

contornei a casa, como, ignorante, jamais havia pensado em fazer. Deparei-me com o muro alto, de enormes pedras escuras, recobertas de musgo. Uma parede alta e intrasponível, que me fez pensar no que haveria escondido do outro lado. Circulei em torno da casa, buscando uma passagem aberta na lateral oposta, mas, para minha surpresa, outra parede de igual extensão fechava um cerco em torno da campina verde, isolando-me completamente de qualquer acesso ao outro lado, ou à frente da casa.

Como eu não havia percebido o cerco que se fechava em volta da minha prisão? Definitivamente era-me proibida a passagem para qualquer lugar e a única perspectiva do horizonte que eu tinha era da floresta fechada e hostil, que agora perdia seu encanto e o romantismo com o qual eu a encarara inicialmente. Voltei para o meu quarto. Olhei em volta, procurando algo que eu pudesse usar como escada. Arranquei as gavetas de um dos criados-mudos e carreguei-as para fora. Quando já tinha empilhado mobília suficiente, escalei cada uma delas, até conseguir espiar por cima da muralha.

Num súbito e estonteante momento, pensei ter flutuado sobre a muralha, pensei ter morrido, ou então estar em um sono tão profundo, num pesadelo do qual eu não poderia acordar. Senti uma pontada aguda no peito, como se o meu coração tivesse parado de bater. O ar fugiu-me dos pulmões, dando espaço a um gelo

insuportável, fazendo meu corpo tremer como um espasmo generalizado. Tirei as mãos da muralha, esperando cair e, com sorte, perder a consciência. Queria ter a chance de acordar e imaginar que aquilo que eu vi não passasse de um sonho ruim, que fora um devaneio da minha mente perturbada, desconfiando das artimanhas de Miguel, ou que, simplesmente, eu enlouquecera.

Eu vi a mulher que tentara me ajudar. Ela estava sendo segurada pelo meu carcereiro e por dois outros homens igualmente fortes. Ela se debatia como um animal, suas roupas rasgadas deixavam aparecer a pele morena, arranhada pelos espinhos da mata fechada, de onde escorria o sangue vermelho, que parecia ainda mais vívido contraposto à palidez de Miguel, que segurava uma das mãos da mulher.

— Você não precisava ter feito isso — dizia ele — Sabia que era uma das minhas preferidas?

Ela cuspiu no rosto de Miguel, ele nada disse, retirou um lenço do bolso da sua elegante casaca e limpou-se, enquanto caminhava bem devagar, riscando círculos com sua bengala na terra seca, em torno da mulher presa. Quando se voltou para o muro, abaixei-me para não ser vista, embora Miguel parecesse concentrado demais para notar minha presença. Quanto tornei a olhar, ele estava segurando novamente a mão da ama e encarava-a com olhos vermelhos de lobo faminto. Aproximou o pulso dela de

sua boca e mordeu com a voracidade de um cão faminto. A mulher gritou, mas Miguel segurava-a firme, impedindo que puxasse o braço, enquanto ele a feria.

— Se você ficar quieta não vai doer tanto. Eu acabarei com isso depressa, embora pense que você deveria sofrer um pouco mais por ter sido tão desobediente comigo, mas não sou tão ruim assim. Então não vou matá-la. Vou parar antes que seu coração morra, assim você poderá se recuperar — ele parou por um momento — e esperar a minha volta. Que isto sirva de lição a todos!

Outra vez ele investiu contra o pulso da mulher com seus caninos infernais e sugou seu sangue até que ela desfalecesse nos braços dos escravos que a prendiam. Sua pele negra e reluzente como cetim, parecia-me agora de um tom arroxeadado, como as minhas feridas que Miguel curara. Vi quando ele ordenou que a levassem embora. Depois ele olhou diretamente para mim, estava atônita demais para tentar esconder-me, as náuseas tomavam conta de mim com uma tontura anormal. Tentei sair dali, correr para longe, queria atravessar aquele muro espesso e nunca mais ter que voltar para aquela casa, para Miguel. Mas agora já era muito tarde. Eu estava grávida do filho que ele tanto queria, e estava claro que ele jamais me deixaria ir.



# O Verdadeiro Monstro

Muito tempo se passou depois daquele dia e Miguel não voltou a visitar-me. Meus filhos também não foram mais trazidos para mim, apenas os escravos, trazendo comida, roupas limpas, água quente para o banho, tinham permissão para entrar em meus aposentos. Todos os móveis pequenos, os que eu usara para escalar a muralha, foram substituídos ou pregados às paredes, e eu não tornei a ficar sozinha no quarto. Sempre havia um dos carcereiros vigiando-me e à noite, uma das amas dormia no chão ao lado do meu leito e despertava ao menor movimento meu. Não havia mais nada que eu pudesse fazer para sair dali, e não havia possibilidades de resgatar meus filhos, que agora estavam sendo educados por um vampiro.

A palavra me causava arrepio, náusea, e fazia com que a imagem de Miguel sugando o pulso da mulher ficasse impregnada em minha mente. Vampiro. Era isso que ele era. Eu já ouvira muitas histórias de vampiros, de como eram criaturas malignas, de como seduziam suas vítimas e depois as matavam. Isso explicava minha paixão por ele, e o desejo que me causava. Seduzira-me. A imagem daqueles olhos vermelhos voltava todas as vezes em que fechava os meus olhos, quando me via no espelho, quando recordava a última noite que passamos juntos, quando eu achei que minha imaginação fosse fértil demais para imaginá-los assim.

Passsei a ter pesadelos quase todas as noites e eu acordava e via Miguel flutuando sobre mim, olhando-me com seus olhos vermelhos, tocando minha pele clara como um animal faminto que anseia pelo alimento. Eu ficava imóvel, presa na cama, sem forças para fugir, enquanto Miguel descia cada vez mais, aproximando-se do meu pescoço, cravando lentamente os caninos em minha pele, perfurando minha artéria, sugando-me a vida, sugando minha alma. Então eu despertava em meio aos meus gritos, meu coração disparado era incapaz de perceber de imediato a realidade que voltava como uma antecipação do pesadelo. Então o meu carcereiro era trazido pela ama desesperada e prendia-me de volta na cama, até que me acalmasse e voltasse a dormir. E então o pesadelo se repetia.

Os enjoos se tornavam cada vez mais frequentes e demoravam mais a passar. Eu saía pela campina, na pretensão de que o ar fresco pudesse me curar. Caminhava, não para muito longe, mas vez ou outra, quando o enjoo era forte demais para que eu pudesse suportar, sentia minhas forças me deixando e deitava no campo verde até perder os sentidos. Meu ventre já se elevava alguns centímetros, tanto que já se podia notar nitidamente a gravidez. O bebê também já começara a dar seus primeiros chutes, e eu tinha certeza de que ele podia ouvir o que eu dizia para ele, o que eu pensava sobre ele. Eu pretendia me afeiçoar o mínimo possível, porque sabia que cedo ou tarde, Miguel nos separaria. Perguntava-me se aquela criança nasceria como ele. Um pequeno vampiro.

Eu contava-lhe o que acontecera, contava sobre a minha vida e sobre seus irmãos. Ele se agitava, parecia se alegrar com minhas histórias, mas todas as vezes que Miguel invadia meus pensamentos, quando voltava com seus olhos vermelhos e seus dentes afiados, era apenas um tremor que balançava meu ventre, como se o bebê sentisse o meu próprio medo, minha repulsa por seu pai. Ou me odiasse por isso. De qualquer forma, aquela criança passou a ser minha única companhia enquanto Miguel se fartava com Teresa e Marco. Ele jamais ousaria tocá-los. Ou ousaria? Tentei afastar os pensamentos que percorriam minha mente, virei-

me para o quarto e deparei-me com Miguel, à porta da varanda, à minha espera. Parei no meio do caminho, cogitando voltar correndo, sair de perto de Miguel.

Uma fisgada fez com que eu me curvasse para frente, como se uma lâmina acabasse de atravessar-me o ventre. Segurei-me a um arbusto antes de cair de joelhos. Miguel correrá para me socorrer. Quanto mais próximo de mim, maior era a minha dor. Caí sobre uma pequena ilha de pedras, que aflorava em meio ao capim alto. Senti quando ele me ergueu em seus braços, ouvi seus gritos e me lembro de ter visto os seus escravos correndo até nós. Depois o mundo fez-se em trevas.

Então eu me via de cima do mundo, como se estivesse sobrevoando meu próprio corpo, rodeado por Miguel e os seus escravos. Todos estavam muito agitados, as amas traziam infusões e líquidos que derramavam em minha boca às colheradas. Os homens esperavam a postos, pelas ordens de Miguel. As amas chacoalhavam-me o corpo, colocavam pequenos panos embebidos em poções em minhas narinas, como se isso fosse fazer-me recobrar os sentidos. Miguel gritava o meu nome. Pedia-me para ficar.

— Francesca! Não morra! Francesca! Francesca!

Uma das amas ergueu minhas saias e Miguel deparou-se com o sangue que jorrava, manchando as minhas vestes,

escorrendo pelas pernas. Imediatamente, seus olhos ficaram vermelhos. Ele afastou-se, como que por instinto, olhando fixamente para o líquido vermelho e quente que saía do meu corpo. Senti seu coração acelerar, o pavor e o desejo em seus olhos, a sede que se apossava dele, a respiração ofegante. A boca salivando como um animal faminto que se depara com o manjar dos deuses. Aproximou-se vagarosamente, em passos vazios e silenciosos, sem tirar os olhos do meu sangue. Um dos escravos tentou impedi-lo, mas foi arremessado para longe por Miguel, que adquirira força descomunal. O sangue refletia naqueles olhos, tornando-os ainda mais vermelhos. Outros dois tentaram impedi-lo, mas outra vez Miguel lançou-os para longe. Estava cego, fora cegado pelo meu sangue e o desejo que ele lhe provocara.

Chegou mais perto de onde eu jazia deitada, semiacordada e cheirou-me demoradamente. As amas se afastaram, amedrontadas, algumas viraram o rosto, evitando ver o desastre que se seguiria. Tocou meu pescoço com os dedos longos e ágeis, virando minha cabeça para o lado. Abaixou-se, tocando a minha pele com seus lábios gelados e carmins, como em meu pesadelo. Eu queria gritar para que parasse, queria impedi-lo, mas estava congelada e impotente perante tudo o que acontecia. Eu tentava gritar para que Miguel parasse, para que se afastasse de meu corpo indefeso, mas meus esforços eram em vão. Mais uma tentativa desesperada, e eu

reuni a energia que vinha do fundo da minha alma, uma energia que estava guardada em algum lugar, mas que eu desconhecia até então. Nesse momento eu despenquei das alturas, tornando completamente ao meu corpo indefeso.

— Miguel... — sussurrei. A minha voz pareceu despertá-lo do transe. Virei-me para encará-lo, mas ele levantou-se rapidamente, afastando-se de mim. Imediatamente as amas correram em meu socorro, apressando-se em estancar e limpar o sangue.

Miguel olhava-me nos olhos, não mais tentando esconder seus olhos de sangue ou seus afiados caninos. A expressão em seu rosto era dura, preocupada, e ao mesmo tempo, parecia estar envergonhado por ter-me atacado, por não ter sido capaz de controlar o seu desejo, os seus instintos. Percebi o líquido que escorria do canto de sua boca, um animal salivando diante da sua presa. Ele virou-se rapidamente, mais do que meus olhos pudessem acompanhar e agarrou uma das negras pelo braço, puxando-a para junto de si. A mulher debateu-se, esperneou, mas já era muito tarde. Miguel cravara seus longos dentes em seu braço e sugava-o com vontade, saciando a sede que assolava seu corpo, tremendo de prazer. Ouí gritos que eu não pude distinguir de onde vinham, até me dar conta de que alguns saíam da minha garganta e outros, da amedrontada mulher de quem Miguel se alimentava.

As amas e escravos olhavam paralisados, as mulheres derramando lágrimas e os homens pareciam estar enfeitiçados, porque nenhum deles tomou partido em defesa da mulher. Levantei-me com dificuldade, pronta para impedi-lo de continuar. Sentia-me fraca, mas não o suficiente para assistir àquela execução sem fazer nada. Miguel sugava com voracidade, apertando os olhos e esboçando uma sensação de prazer, enquanto engolia o sangue em grandiosos goles, deixando escorrer por entre os lábios.

— Pare! — gritei. Ele não parou. Sequer parecia ter-me ouvido. Dei dois passos para trás e atirei-me sobre Miguel, derrubando-o de surpresa. Sabia que se o empurrasse, não haveria força suficiente para fazê-lo soltar o braço da ama. Ela correu e ele cambaleou antes de cair, enlaçando minha cintura e puxando meu corpo sobre si. Abriu seus olhos, mostrando-me tamanha fúria que meu coração tornou a congelar meu sangue dentro das veias. Apenas um giro e seu corpo estava sobre o meu, e a mão segurando-me a cabeça, de forma que o pescoço ficasse totalmente exposto. Gritei seu nome, na tentativa de acordá-lo mais uma vez. Ele se aproximou determinado a cravar suas presas em meu pescoço. Consegui arrancar meu braço de baixo da perna de Miguel, onde me encontrava imobilizada, levantei a mão e atingi-lhe os olhos com meus dedos, como fazíamos com os cães selvagens ferozes nas fazendas e plantações. Ele afastou-se,

atordoado, cambaleando para fora do quarto, caindo de costas sobre a campina verde que se estendia próxima à varanda.

Miguel virou-se, esfregando os olhos feridos e quando tornou a vir em minha direção, eles já eram novamente verdes como a mata ao longe, que lançava sobre ele um contorno fantasmagórico contra a luminosidade do sol nascente. Afastei-me, mas não tinha para onde fugir. Imaginei a sucessão de agressões que viriam, caminhei para trás até chegar à cama, então me sentei e ergui os pés, tentando afastar-me ao máximo da beirada. As amas e os escravos apenas observavam surpresos e apavorados, como se não acreditassem no que acabaram de ver e temessem o que ainda veriam. Ele parou aos pés da cama, ainda com o olhar fixo em mim.

— Por favor, limpem todo esse sangue — disse apenas. Uma ordem que fora para seus servos, mas também para mim, uma ordem para todos. Depois se retirou, estava um pouco mais corado, talvez pelo esforço, talvez apenas por ter-se alimentado do sangue fresco.

Levei as mãos imediatamente ao ventre, preocupada com a criança que eu carregava. Sim, o filho de Miguel ainda estava ali, e saltitava agora, como para dizer-me que estava bem. Apressei-me em trocar as roupas ensanguentadas e para livrar-me de qualquer resíduo de sangue. Corri a mão pelos joelhos, de onde saíra todo

aquele sangue. Certamente o sangue em minhas pernas e saias, viera das mãos das amas e escravos que me carregaram, e não de uma ameaça de aborto, como eu pensei. Felizmente, o bebê estava bem.



# A História do Vampiro

Permaneci deitada durante alguns dias, o que não era do meu agrado, pois me fazia sentir doente e fui impedida de andar pela campina. Cada vez que tentava levantar-me da cama, um dos meus gentis carcereiros me impedia. Aquelas eram as ordens de Miguel, que seguramente pensara naquele sangue como a possível perda de seu tão querido filho, como eu mesma pensei. Então eu apenas deitava-me de frente para a porta da varanda, esperava o tempo passar e observava o sol e a lua revezando-se pelo céu e caindo no horizonte prateado. Quando a escuridão chegava para assolar meu sono intranquilo, quando as cortinas eram fechadas e o brilho de prata da lua era impedido de fazer-me companhia, era que chegavam os pesadelos. A mesma cena se repetia milhares de

vezes, Miguel sugando-me o sangue, seus dentes cravados em minha pele, e o sangue derramando pelo chão, como um presságio. Esporadicamente, um novo personagem aparecia, uma menina que chegava para salvar-me das garras vampirescas de Miguel. Eu não conseguia ver o seu rosto, mas sabia exatamente quem era ela. Era a filha que estava dentro de mim.

Num daqueles dias quando me ergui da cama e caminhei até o lavabo para lavar o rosto sonolento, assustei-me com minha própria imagem no espelho. Minha barriga já estava tão grande e meus seios tão fartos que eu me assemelhava a uma vaca leiteira. Ainda era cedo demais e, embora eu perdesse a noção do tempo enquanto estava naquela casa, sabia exatamente que aquela criança em meu ventre estava crescendo além do normal. Seria precipitada a gestação de um filho vampiro? Mas só o que eu sabia era que se continuasse crescendo com tal velocidade, eu não a suportaria por muito tempo, e era presumível que viesse ao mundo prematuramente. Se ocorresse dessa forma qual seria a reação de Miguel? Eu não sabia, mas temia que sua ira se voltasse contra mim. E eu e meus filhos estaríamos perdidos.

Eu ainda não tinha certeza de que aquilo tudo era mesmo verdade ou se apenas um devaneio meu. Eu só tinha certeza de que jamais tornaria a ter uma noite de paz, de sono tranquilo, sem que Miguel aparecesse para saciar-se com meu sangue. Tinha dúvidas

quanto aos meus filhos, se Miguel bebera do seu sangue. Como ele poderia resistir se Teresa me garantira que passava a maior parte do tempo me sua companhia? Era notável que continha seu desejo pelo meu sangue, apenas porque eu era útil a ele ainda, mas quanto às minhas crianças, que ele garantira terem herdado o meu sangue? Logicamente seriam tão sedutoras a ele quanto eu mesma fui, e eu que agora o considerava não mais que um animal, temia que seguisse seus instintos e os ferisse.

Miguel não viera ver-me desde o incidente. Parecia estar fugindo, talvez com medo de atacar-me outra vez e pôr em risco a vida de seu herdeiro. Na minha cabeça habitava a certeza de que ele não viria até a chegada daquela criança. Sentia-se também atraído pelo sangue inocente do bebê? Eu não sabia nada sobre vampiros, apenas ouvi lendas enquanto ainda era criança sobre as sinistras criaturas das trevas. Mas havia muitas mentiras naquelas lendas. Miguel expunha-se ao sol quase que diariamente sem que nenhum mal lhe acontecesse. Ele também se alimentava como qualquer humano, seu corpo era quente e não gelado como seria um corpo morto.

Segundo as histórias que eu ouvia quando criança, cada pessoa que fosse mordida por um vampiro carregaria consigo a maldição, tornando-se um deles. Mas a criada a quem ele atacara em meu quarto, estava de volta a pajear-me e parecia não ter

mudado nada desde aquele dia. Estivera um tanto pálida nos dias seguintes, mas logo recuperara a cor extremamente escura da sua pele de cetim e o brilho dos olhos negros. Miguel jamais colocaria outro vampiro para tomar conta de mim. Eu poderia dar a luz ao seu filho a qualquer momento e, sendo ele o vampiro que era, sabia o desejo que o meu sangue causaria em outro vampiro. Ele nunca arriscaria a vida do filho que crescia aceleradamente dentro de mim.

Finalmente as portas da varanda foram abertas e eu pude retornar às campinas, fazendo caminhadas curtas diariamente, exercitando-me para um parto tranquilo. Sempre duas amas e dois pajens acompanhavam-me, impedindo-me de ir muito longe, cercando-me de cuidados, frutas e água fresca. Eu não voltei a ficar sozinha, não tive mais nenhuma chance de tentar escapar e no estado em que me encontrava, seria impossível, já era difícil aguentar meu próprio corpo sobre as pernas. Só me restava esperar, adiar meus planos para depois do nascimento do bebê e eu estava decidida: se tivesse que deixá-lo para ter Teresa e Marco de volta, assim seria. Eu não me importava mais em receber a casa, a herança perdida da qual Miguel me falou, só queria ter os meus filhos de volta, ainda que fôssemos enviados a uma das lavouras para trabalhar em troca de teto e comida, como nos fora anunciado quando desembarcamos na América. Sofreria por ter que

abandonar esta criança que nasceria, mas Miguel saberia como tomar conta dela, nada haveria de faltar-lhe.

Eu não queria passar o resto dos meus dias na companhia de uma criatura como Miguel. Por mais que eu o desejasse, que estivesse apaixonada por ele, sabia que cedo ou tarde eu não escaparia da sua vontade de beber o meu sangue. E provavelmente, o das minhas crianças, se é que já não o tinha feito. Se eu era mesmo uma bruxa, conforme ele dissera, deveria ter meus poderes e os usaria quando fosse necessário para sair daquele lugar. Iria para longe dos olhos e das presas de Miguel. Iria com o coração partido, deixando para trás a menina que nasceria de mim, deixando o homem por quem eu pensava ter-me apaixonado ou estar enfeitiçada por ele.

Enquanto eu me torturava tentando constantemente articular minha partida, o bebê se agitava em minhas entranhas, implorandome que não o deixasse. Quanto mais crescia dentro de mim, mais eu me apegava a ele, independentemente da promessa que fizera a mim mesma de que não deixaria nenhum sentimento de afeto por aquele ser brotar em meu coração. Eu tentava inutilmente matar o meu instinto materno a cada dia que passava, preparava-me para a hora da partida, que seria o mais breve possível, de preferência, logo após o parto, assim que eu conseguisse pôr-me de pé outra vez. Queria contar minha decisão a Miguel, deixar tudo acertado

antes do nascimento da criança, enquanto ela ainda me protegia da sua ira, enquanto ela estivesse dentro de mim.

Tentei pedir aos criados que o chamassem, que o trouxessem até mim. Ninguém me entendia. Tentei chamá-lo através do muro que eu escalara, mas ele não me ouvia. Estaria longe demais? Observei que só teria uma maneira de atraí-lo, tentar outra fuga. Aproximei-me sorrateiramente da muralha que cercava minha prisão, esperei que as amas se distraíssem e comecei a escalá-lo. Fui imediatamente impedida pelos dois pajens que me seguiam. Definitivamente não chamariam Miguel por isso. Eu precisava de um plano eficaz, visto que atormentar os escravos não seria o suficiente para atraí-lo. Perdi vários dias chamando por Miguel mentalmente, tentando enviar-lhe mensagens, na esperança de que as bruxas pudessem se comunicar daquela maneira. Ele não veio.

— Que droga, Miguel! Eu preciso de você! — sussurrei em frente ao espelho. Como num passe de mágica, virei-me e lá estava ele. Meu coração pulou descompassado pelo susto, e por vê-lo novamente depois de tanto tempo.

— Ouvi seu chamado. Diga-me, o que quer?

— Quero os meus filhos, Miguel. E quero conversar sobre o nosso acordo.

— Seus filhos não serão trazidos aqui, não até que a minha

criança nasce. Não seria bom para você. Não pode esforçar-se, precisa de repouso para que tenha forças para trazer meu filho ao mundo.

— Mas eu preciso vê-los, saber se estão bem.

— Eles estão muito bem, eu lhe asseguro – interrompeu — Marco já fala algumas palavras e adora correr pelo campo. Teresa é sempre quieta, gosta de brincar de bonecas com suas amas. Eles estão felizes.

— Como posso acreditar em você, Miguel, depois de tudo o que eu vi? Como posso ter certeza de que você não lhes fez nenhum mal, de que não os transformou em pequenos vampiros como você?

— Vejo que há muitas coisas que você não sabe, Francesca. Muitas coisas. Você não pensa como uma bruxa e sequer age como tal. Perdeu completamente suas origens e seus instintos. Perdeu a noção do seu mundo, de como as coisas funcionam nele.

— Meu mundo? E qual seria o meu mundo? Um mundo cheio de monstros e vampiros? De bruxas, como eu?

— Não lhe ensinaram nada mesmo. Sua mãe foi negligente com você, arriscou a sua vida por criá-la na mais pura ignorância. Você tem razão, temos muito que conversar, e você tem muito a aprender.

— Eu não quero aprender nada sobre vampiros ou bruxas,

eu só quero ir embora depois que seu filho nascer. Eu o entreguei a você em troca da minha liberdade e dos meus filhos. Não quero ficar aqui, presa para sempre. Quero que me mande para o trabalho, em qualquer lugar. Não quero esta casa, ou as terras. Não quero as riquezas que me ofereceu. Só quero partir para bem longe.

— A escolha é sua, mas creio que mudará de ideia quando a criança nascer. Venha, sente-se aqui — ele caminhou até a cama, sentando-se na beira e me chamando para sentar-me ao seu lado. Cogitei recuar, tal proximidade poderia aguçar-lhe novamente o desejo pelo meu sangue. Se me atacasse agora, eu não teria a menor chance de escapar. Mas seus olhos estavam extremamente verdes, como as copas das árvores ao longe, e isso tirou de mim todo o medo.

— Você mordeu meus filhos, Miguel? — perguntei dura e decidida.

— Não, Francesca, eu não poderia tocá-los, ainda que quisesse. Há dois motivos que me impedem. Primeiro porque eu não posso beber sangue de crianças e segundo, porque não posso beber sangue de bruxos. E como eles herdaram o seu sangue... — ele parou por um instante, esperando que eu digerisse tal informação.

— Mas... Mas você me atacou... mais de uma vez. Como pôde? Eu não compreendo.

— O que há de mais sedutor para um vampiro é o sangue de uma bruxa. Você não faz ideia do esforço que eu preciso fazer para não agarrar seu pescoço e sugar até a última gota. No entanto, seria letal para mim. Você não pode matar-me com um tiro, ou ferir-me com uma espada, mas se eu beber do seu sangue terei uma morte lenta e dolorosa.

— Se sabia disso, por que me escolheu para ser a mãe de seu filho? Por que não uma vampira, como você?

— Eu não poderia. Só as bruxas são fortes o bastante para gerar nossos filhos. E além do mais, creio que não exista mais nenhuma vampira ou vampiro. Acho que eu sou o último.

— Como pode, se acaba de me dizer que são quase imortais? E as pessoas que você mordeu? Não são vampiros como você?

— Mais uma mentira. As pessoas que nos dão sangue nunca se tornam vampiros. Apenas as bruxas têm essa capacidade, se dermos a elas nosso próprio sangue. Mas é claro que isso não foi feito por muito tempo. Apenas na antiguidade, quando éramos numerosos e as bruxas também. Mas isso não foi bem sucedido. Acabaram por tornarem-se monstros, verdadeiros monstros. Foi então que a guerra entre nossos povos começou. Bruxas atacando vampiros, seduzindo-os para depois matá-los sem piedade. Vampiros sequestrando bruxas para serem mães dos seus filhos, na

falha tentativa de perpetuar a espécie.

— Como você está fazendo comigo agora — disse sem pensar, baixando os meus olhos tristemente.

— Eu não a sequestrei, dei-lhe uma escolha e se tivesse contado a verdade desde o início, teria aceitado a minha proposta? É claro que não. Você foi criada como uma pessoa comum e logo entenderia que eu não passava de um louco. — Miguel tocou de leve a minha barriga enorme. O bebê pareceu alegrar-se, dando pulos sob sua mão. — Mas eu a libertarei, se ainda for isso que deseje depois do nascimento desta criança. Só preciso de mais alguns meses. Depois você escolherá entre ficar aqui, com ou sem mim, ou partir para longe, como disse.

— Sim, eu partirei. — Senti meu coração estilhaçado ao ver uma fagulha de amor nos olhos do vampiro, como se ele já estivesse muito apegado àquela criança em meu ventre. Ele suspirou, então continuou com sua história.

— Eu me lembro do desespero do meu pai, enquanto morria nos meus braços, depois de beber o sangue da minha mãe. Ele me pediu para nunca confiar em nenhuma bruxa. Eles tiveram três filhos, eu, o mais novo de todos. Mas como era impossível terem uma vida juntos, e como estavam apaixonados, encontravam-se com frequência, às escondidas do resto do clã. Nessa época, o meu povo já lutava contra o seu, saqueando, matando seus homens, para

que assim restassem apenas as mulheres. Logo nos infiltramos na alta cúpula da Igreja e veio a determinação de que as bruxas que não quisessem dar-nos filhos fossem queimadas vivas nas fogueiras em praças públicas, para que servissem de lição a todas as outras. Nesse tempo, os humanos já eram a maioria e encontrar um menino bruxo era praticamente impossível. Usávamos Deus como desculpa, matávamos bruxas em Seu nome para não atrair a atenção dos humanos. Eles acreditavam sempre, como uns tolos, em tudo o que nós queríamos que acreditassem. Mas o nosso plano não saiu como gostaríamos. Na verdade, esperávamos que as bruxas se curvassem aos nossos pés, pensamos que passariam a nos servir incondicionalmente, com medo da fogueira. Mas vocês não se intimidaram. Valentes, corajosas, preferiram a fogueira aos vampiros. Assim, não restaram muitas, e, diferente de nós vampiros, as bruxas podem ser mortas com facilidade, embora sejam habilidosas em escapar de seus inimigos.

— Ou seja, o seu povo massacrou o meu povo.

— Isso não é verdade, foi um massacre mútuo. As bruxas que restaram foram obrigadas a viver escondidas, fugindo da perseguição da Igreja e isso dificultou que os vampiros jovens as encontrassem, e quando encontravam, não sabiam que eram bruxas e eram facilmente seduzidos e sacrificados. As bruxas ofereciam então seu sangue, e a maioria de nós não conseguia resistir,

tornava-se presa fácil. Você viu a minha reação quando senti o cheiro do seu sangue? É incontrolável! O desejo falou mais alto do que a razão diante do seu sangue, para mim que sou experiente. Imagine o que fez com aqueles jovens? Foi muito fácil para vocês exterminar a nossa raça. O que de fato, acabou por acontecer. Creio que meu pai tenha sido o último a ser sacrificado por uma bruxa. Ele manteve minha mãe escondida por muito tempo, protegendo-a das perseguições e da fogueira. Eles se amavam, mas quando ela saiu da sua “toca” e viu o horror que meu povo estava fazendo com o seu, obrigando-as a viverem no exílio, a levarem uma vida somente digna aos ratos, ela voltou sua ira contra o meu pai, como se ele fosse o principal responsável por todo aquele horror. Ela se doou para ele e depois veio atrás de mim, o único filho vivo. Um pouco antes de morrer, meu pai me contou sobre a existência destas propriedades aqui na América, terras de minha mãe, e que então, seriam minhas, meu abrigo e meu refúgio.

— E onde eu me encaixo nisso tudo? Você disse que estas terras e esta casa eram da minha família, e então, seriam minhas por direito.

— E ela é sua por direito. Minha mãe era uma bruxa, como você e a sua mãe, logo, esta casa e estas terras pertenceram ao seu povo, a sua família. Um pouco antes da morte de meu pai, quando os vampiros ainda eram numerosos o suficiente para correr o

mundo à procura de uma bruxa para procriar, ouviu-se o rumor de que algumas abdicaram dos seus poderes ao se casarem com humanos, para fugir da ira do meu povo e confundir ainda mais os jovens alvos de suas caçadas. Encontramos todas elas, uma a uma e as exterminamos juntamente com seus filhos que eram também herdeiros do sangue bruxo. Porém uma destas bruxas apaixonou-se perdidamente por um vampiro e foi correspondida, concebendo-lhe um filho. Para acobertá-la, este suposto vampiro lhe teria arranjado um casamento com um humano e os levado para muito longe, onde nenhum de nós jamais poderia encontrá-la, ou a seu filho. Mas antes de deixá-la para sempre, ele teria colhido seu sangue, com o qual exterminou seu próprio povo, servindo-lhes o sangue bruxo misturado a outras bebidas. No final, ele voltou para buscar seu filho, mas por um acaso da natureza, a criança não herdara seu sangue, mas sim, o sangue das bruxas. Ele foi seduzido pela própria cria e, para não deixar que a sua semente se proliferasse, sacrificou a própria vida e a do filho, sugando-o até o coração parar de bater. Ninguém jamais encontrou essa mulher, a última bruxa.

— Ela era a minha mãe?

— Acredito que não. Deveria ser sua bisavó. Mas o sangue foi passado adiante, de geração em geração, enquanto eu corria o mundo em busca da minha bruxa. E, ao contrário do que eu imaginava, foi se fortalecendo. Quando eu encontrei a sua avó, ela

era ainda muito jovem, uma criança, um pouco mais velha que Teresa. Eu a reconheci imediatamente. Uma bruxa, forte e poderosa, mas que fora criada na ignorância, sem noção do seu poder. Não sabia nada, especialmente sobre mim. Vigiei-a durante os anos que se passaram, esperei que amadurecesse e então me aproximei dela. Quando toquei-lhe o ventre, não pude esconder minha decepção. Ela não poderia gerar o filho que eu precisava. Era uma mestiça, filha de um humano, seu sangue era impuro. O desespero tomou conta de mim, eu saí pelo mundo à procura de outra bruxa, revirei cada pedaço de chão, cada cidade ou lugarejo, mas não havia nenhuma outra. Ela era a última, porque não tivera irmãs, era minha esperança perdida. Arrebatei muitas mulheres para cá, na vã tentativa de que alguma pudesse gerar a criança que eu desejava, mas elas morriam tão logo eu as fertilizava. Eram todas muito fracas. Lindas francesas, índias americanas, graciosas espanholas até tímidas japonesas. Nenhuma foi forte o bastante. Passei então a comercializar escravos, na expectativa de que as negras africanas fossem mais fortes e que seu doce sangue pudesse me dar um filho. Perdi as contas de quantas morreram. Eu já me via perdido, eternamente sozinho. Pretendia acabar com a minha própria vida, e para isso, só havia uma maneira: beber sangue de bruxa. Morreríamos juntos, estava decidido, nada restaria da minha linhagem ou da sua. Eu faria seu coração parar e depois me esvairia

lenta e dolorosamente, até a morte.

— Mas você não fez isso.

— Não. Perdi a noção de quanto tempo se passara desde a minha última visita. Os anos para mim são muito longos e, providencialmente, muito breves. Perdi-me em minha tentativa de arranjar uma companheira humana e acabei por me cansar de tantas mortes. Voltei à Europa, pensando que seria simples acabar com nossas vidas. Deparei-me com tamanho horror, que eu nunca vira nem durante os conflitos e perseguições de meu povo e do seu. Eles chamavam aquilo de guerra, mas a guerra que eu conhecia era outra, era travada pelas partes que disputavam algo, algum interesse ou luta pelo poder. Aquilo era algo surreal para mim. Inocentes sendo mortos sem motivo nenhum, crianças sendo brutalmente assassinadas nas ruas das cidades. Nem nos tempos mais remotos eu vira tamanha crueldade, mesmo para alguém como eu, aquilo era insuportável. Foi então que eu deixei de me sentir um monstro e conheci quem são os verdadeiros monstros. Pela primeira vez, senti arrependimento por querer acabar com minha vida. Vi o meu egoísmo, enquanto tantos ansiavam por uma vida, eu pretendia tirar mais duas. No fundo eu era igual aos monstros humanos, queria matar para satisfazer meus anseios pessoais, sem nenhum motivo concreto.

— Eu compreendo. Também vivi a miséria da guerra, e

ainda tenho terríveis pesadelos por isso.

— Eu não retornei. Fui covarde. Mandeí que humanos donos de grandes navios a trouxessem para mim. Ninguém a encontrou, mesmo depois de muita busca. Fui forçado a voltar, pretendia salvá-la agora, a qualquer custo. Cheguei tarde, ela já estava morta. Mas deixara uma filha.

— Minha mãe.

— Sim. Procurei-a imediatamente. Conteí toda a verdade de uma vez. Ela riu de mim. Era ainda muito jovem para entender, muito ingênua, não queria separar-se do pai, que então era um homem doente e fraco e fora poupado das intermináveis batalhas. Os dois viviam sós, na mesma casa em que você morou. Eu procurei o homem e me ofereci para ser o marido de sua filha. Ele aceitou, visto que eu parecia jovem e forte e prometi trazê-la para América, onde a paz reinava soberana. Mas ela era teimosa demais para deixar-se forçar a um casamento que não escolhera. Rodeei-a por mais alguns anos, insistindo em minha história maluca. Ela apenas ria. Certa manhã, enquanto realizava seus afazeres nas lavouras, e eu a seguia descaradamente, ainda com anseio de que me concedesse sua mão, ela feriu-se em uma lâmina a qual afiava. Você pode imaginar o que aconteceu? Eu enlouqueci de desejo, senti o perfume do seu sangue, o sangue capaz de me saciar por completo. Senti como se não pudesse viver sem provar daquele

sangue. Afastei-me rapidamente, mas não o suficiente para me esconder. Ela viu meus olhos, meus dentes, minha boca sedenta. Eu corri o máximo que pude pelas lavouras, atravessando os campos verdes e por vezes, matas densas. Não parei até a exaustão. Já não me recordava do fascínio que o sangue de uma bruxa me causava. Senti-me envergonhado e incapaz de tornar a encará-la, de ver a decepção em seus olhos e o possível ódio que sentiria por mim. Mais alguns anos se passaram, eu finalmente criei coragem e voltei, desta vez, decidido a não retornar sem ela em meus braços. Sabia que, se a deixasse era provável que não sobrevivesse àquela guerra que avançava rumo à Itália, cada vez mais perto de minha adorável bruxa. Não suportei imaginá-la ferida, impotente de me dar um filho.

— Então vocês se conheceram. Por que ela não lhe deu o tão esperado filho, então? Por que não acabou logo com tudo isso?

— Pelo mesmo motivo que você teria recusado, se eu tivesse lhe contado a verdade, antes de engravidar. Medo. De mim, do que eu sou. Quando voltei, encontrei-a casada com um camponês, e grávida de um filho que não era meu. Lancei minha ira sobre ela e seu marido. Não pude controlar a raiva que senti por ela ter-me traído, por não me esperar, por não me aceitar ao seu lado. Embriaguei-me de ódio e a amaldiçoei. Ela murcharia como uma flor no inverno, minguardia como a lua míngua nos céus sem

brilho, e findaria tísica em cima de uma cama. — Eu chorei ao ouvi-lo proferir sua maldição e ao recordar-me de que fora exatamente o que acontecera a minha mãe. — Eu estava cego de ódio, mas mesmo assim, ela procurou-me, certa de que eu não seria capaz de fazer-lhe mal e que se fizesse, o mal que causaria a mim seria imensamente maior. Tive vontade de matá-la, tive vontade de acabar com a vida dela, mesmo que perdesse a minha própria vida para isso. Mas o meu amor falou mais alto e eu apenas ouvi o que ela tinha a dizer-me. Eu chorei tanto naquele dia! Como um covarde, fui fraco demais perante àquela mulher.

— O que ela lhe disse?

— Ela me falou de outro homem. O pai de seu filho. Eu imaginei que ela me falaria da sua felicidade conjugal, de como o pobre marido a fazia feliz, só para me machucar. Quase não a deixei terminar, meu soluço compulsivo era incontrolável para mim e eu sentia-me envergonhado por chorar como um bebê, mas acabei convencido a ouvi-la. Ela disse que encontrara um bruxo, como ela, um homem poderoso, que sobrevivera aos anos de perseguição. Escondera-se no seio da Igreja, na clausura, por muito tempo e quando a ameaça aos vampiros tinha se acabado, ele deixara seu esconderijo para encontrá-la, a bruxa fugida da qual ouvira falar. Assim como eu, ele a teria reconhecido quando a viu, porém seus argumentos teriam sido infinitamente mais convincentes, tanto que

ela esperava um filho dele. Ah! Eu a odiei tanto! Quanto mais ela falava maior era a minha vontade de agarrar-lhe o pescoço e sugar até a última gota do sangue infiel que lhe corria nas veias. Ser trocado por um humano eu até poderia aceitar, visto que ela fora criada como uma mulher comum, mas por um bruxo... era inaceitável para mim! Ela disse-me que ele lhe afirmara ser aquela a sua missão perante Deus, como havia de se tornar padre em breve, precisava se apressar em encontrá-la e pôr aquele filho no mundo, antes de prestar seus votos. Ela pensara que ele era um santo, enviado por Deus para salvar a sua alma impura e, como fora criada dentro da igreja católica e se casara com um homem muito religioso, não foi difícil para o bruxo convencê-la disso. Ela contou-lhe sobre mim. Como eu a perseguira, como eu insistia em que se casasse comigo, e é claro, contou-lhe o que eu era. Ele não hesitou em chamar-me de demônio, disse que eu era um enviado das trevas para resgatar sua alma, e que a única maneira que ela tinha de redimir-se era gerando um filho dele, um filho bruxo que a livraria do inferno. Por último, ele pediu que ela me levasse até ele. E foi isso o que ela veio pedir-me naquele dia, que a acompanhasse até a igreja, que me batizasse segundo as leis de Deus, e que renunciasse a ela, ainda que com isso, sacrificasse a perpetuação da minha espécie.

— E você sendo um demônio, queimaria ao entrar em uma

das casas de Deus...

— Bobagem! O meu povo controlou a Igreja por muitos anos, sempre ocupando altas posições no clero, por que eu haveria de queimar ao entrar em uma igreja? De fato, não seria tão fácil assim para aquele bruxo traidor acabar comigo. Aceitei o convite. No dia seguinte, eu e sua mãe nos dirigimos à igreja, onde ele vivia. Eu estava possuído pelo ódio, que agora se voltara inteiramente para aquele homem que a enganara, que se aproveitara da posição que ocupava e da ingenuidade de sua jovem mãe, para plantar-lhe sua semente impura, macular o que era meu, o que eu mais desejava. Caminhei pela estrada alimentando meu ódio a cada pedaço de chão percorrido, nutrindo e fortificando minha ira contra aquele que seria o último bruxo, aquele a quem eu mataria tão logo lhe pusesse os olhos. Depois, eu acabaria com sua mãe e com a criança que ela carregava, isto sim seria extremamente fácil, no estado em que se encontrava, não teria a mínima chance de defesa. Depois da longa caminhada, chegamos à várzea que, rodeada por montanhas, escondia de mim a armadilha que me esperava. Penso que ela sabia exatamente o que estava fazendo, e não me surpreenderia nem um pouco se descobrisse que ela mesma tivesse tramado a minha captura. Quando me dei conta, estávamos cercados. Ela correu para um daqueles montes altos, onde eu vi ao longe a figura imponente que a esperava. Era ele, o bruxo. Vestia

uma batina branca com adornos vermelhos como se fosse um cardeal. Mesmo estando muito longe, eu ouvi perfeitamente o riso satânico que saía de seus lábios, a arrogância que ele exalava, e tive a certeza de como ele a manipulara, usara-a para conseguir o que queria. Vi quando ela atirou-se em seus braços, e ele a segurou, forçando-a a olhar-me. Ela queria fugir, já tinha feito o que ele pedira, mas negava-se a participar da minha morte, mas ele a impedia, dizendo que ela precisava ajudá-lo a matar a besta e que teria de sacrificar seu bebê, ou o seu sangue, para que me dessem a beber. Era a única forma de acabar comigo.

— O bebê sou eu, não é mesmo? Por isso você disse que eu não sou filha do meu pai, do camponês que me criou. Eu sou a filha do bruxo.

— Eu sentia as flechas atingindo-me vindas de todos os lados. Queimavam-me como chamas todo o corpo. Só havia uma explicação: teriam sido banhadas no sangue do bruxo. Nada diferente disso poderia ter-me ferido de uma maneira tão brutal. Senti minha carne queimar enquanto eu perdia minhas forças. Tentei correr na direção do bruxo, que ainda ria alto a cada flecha que me acertava. No meu último momento de lucidez, antes que desmaiasse tamanha era a dor que sentia, lembro-me de ter encarado o rosto de sua mãe. Ela chorava arrependida e tentava sair em meu socorro.

— Certamente ele a impediu... — disse comovida, quase sentindo a dor que Miguel deixava transparecer no olhar enquanto buscava no fundo da alma aquelas tristes lembranças.

— Quando retomei a consciência, confuso e enfraquecido, sentindo ainda muitas dores, deparei-me com a escuridão total. Encontrava-me acorrentado de tal forma que era impossível mover-me. Em meu pescoço havia uma espécie de coleira, que eu imaginei ter sido forjada em ferro e embebida em sangue bruxo, porque ela me impedia de qualquer tentativa de fuga. Meus pulsos e tornozelos estavam igualmente presos em peças não menos reforçadas e delas se desprendiam correntes exageradamente espessas, as quais queimaram minhas mãos quando tentei arrebutá-las. O bruxo sabia muito bem o que estava fazendo e o fazia com perfeição. Não havia para mim a menor possibilidade de escapar. Estava perdido. Amaldiçoei novamente a bruxa que me entregara e jurei que, se conseguisse fugir, buscá-la-ia nem que fosse no inferno e lhe faria um filho com ou sem seu consentimento. Se era o fim da minha raça o que queriam, teriam que acabar comigo agora que tinham a chance. Debati-me, fazendo as correntes ruírem. Ouvi uma porta sendo aberta e fechei meus olhos, protegendo-me da luz que entrava pela abertura e ameaçava cegar-me. Ouvi os passos, seguros e orgulhosos, descendo para minha prisão que ficava em um porão muito úmido e frio. Era ele.

O maldito bruxo, com seu sorriso de vencedor nos lábios. Trazia consigo um verdadeiro exército de homens tementes a Deus, a quem ele manipulava, fazendo-os obedientes. Todos estavam muito amedrontados, eu sentia o cheiro do medo que emanava de seus corpos. E eu nem precisei mostrar minhas presas para isso! — Miguel sorriu como se achasse graça no medo que causava — Puxavam-me pela coleira como um cão, vez ou outra, faziam com que me ajoelhasse aos pés do bruxo, demonstrando minha insignificância perante ele. Fui levado para fora, amarrado sobre uma pilha de madeira em frente à igreja. Muita gente se aglomerava em volta, esperando o início do espetáculo. Todos me xingavam, chamando-me de demônio, os mais corajosos se aproximavam e cuspiam em mim, outros atiravam pedras ou pedaços de madeira, tentando ferir-me. Só quando o sol caiu, escondendo seus raios crepusculares no horizonte, foi que o bruxo apareceu, trazendo seu pequeno exército, armado com adagas, punhais e outros objetos banhados em seu sangue, que eu imaginei para que serviriam. “*Este é o vampiro!*” gritou, “*O último maldito vampiro que existe! Há muito tempo, nós da Igreja, filhos de Deus, vimos tentando acabar com esta praga, acabar com os demônios que habitam esta terra, e que arrebatam almas inocentes para o próprio diabo!*”. O povo aplaudia e vibrava com o discurso acalorado do bruxo, que usava suas mais lindas vestes de padre. Eu

apenas ouvia em silêncio. Quanto mais eu reagisse, maior seria a ira do povo que assistia, e mais torturado eu seria antes de ser finalmente morto. Já que aquele era o meu fim, que fosse breve. *“Mas eu, padre Gabriel, vim de Roma para acabar com esse demônio! E que isso sirva de lição para todos os outros que vierem! Que pensem duas vezes antes de brincar com os servos de Deus!”* Quando ele acabou, seus soldados se aproximaram de mim, cortando minha carne, extraíndo pedaços do meu corpo com suas lâminas afiadas, embebidas com sangue, e lançando ao povo, que disputava os meus pedaços como se fossem relíquias a serem guardadas para sempre. Resisti o quanto pude, mas finalmente, respirei fundo, sentindo o cheiro que exalava de todo aquele sangue, e não mais evitei meus olhos vermelhos e meus dentes afiados. Mostrei-me como o demônio que eles queriam ver, mostrei a minha ira e a minha sede de sangue. Mostrei a minha força quando rompi uma das correntes que me prendiam. Vi as pessoas fugindo desesperadas, temendo que a besta se lançasse sobre eles. Vi mulheres chorando, protegendo seus filhos, e vi Gabriel, o bruxo, sendo levado às pressas, enquanto seus soldados tentavam conter-me, segurando e puxando a coleira em meu pescoço. Um balde de sangue foi trazido até mim, uma oferenda na tentativa de acalmar-me. Mas não era fome que eu tinha, era só o ódio que eu sentia. Imaginei se sua mãe já teria dado a luz ao filho de Gabriel,

se aquele era o sangue da criança, ou o sangue dela, se eu morreria se o bebesse. Eu estava tão atordoado pela dor que não tinha certeza se ainda desejava viver, ou se era pela morte que ansiava. Segurei o balde com a mão que havia se soltado e cheirei o líquido vermelho e vibrante dentro dele. Não era sangue bruxo, e quando eu o aproximei dos lábios para bebê-lo, fui brutalmente puxado pela coleira, e minha mão foi novamente atada. Vi-me outra vez escravo de Gabriel.

— Eu sinto muito... — quis mostrar como eu me sentia culpada por tudo o que ele passara. Fora por minha causa, a filha do bruxo, que ele sofrera.

— Não sinta. Não deve se entristecer pelas coisas que já passaram. Na verdade, penso que eu deveria agradecer por Gabriel ter feito você para mim — disse decidido. — Permaneci ali ao relento toda a noite. Aos poucos as pessoas foram se reunindo novamente ao meu redor e agora eram infinitamente mais numerosas. Eu estava coberto de sangue, o sangue que escorria das minhas feridas e o sangue que fora jogado sobre mim. Não deve ter sido uma coisa bonita de se ver. Atearam fogo à pilha de madeira seca e eu fui quase consumido pelas chamas, até o fogo se extinguir completamente. Fiquei oculto pela fumaça que se desprendia dali. O sangue sobre mim ficou enegrecido, dando a impressão de que eu queimara junto com ele. O povo acreditava em minha morte e

clamava por Gabriel, seu salvador. Os soldados apressaram-se em levar-me para dentro, antes que eu despertasse e sua mentira fosse descoberta. Gabriel permaneceu ali mais alguns instantes, discursando para aquele povo sedento de suas mentiras. Eu fui acorrentado outra vez no porão imundo e frio, escondido das vistas dos humanos. Somente Gabriel e os seus soldados desciam todos os dias. Ele crivava-me de ameaças e garantia que eu só viveria até o seu filho nascer, então seria morto e o meu povo extinto para sempre. Um dos seus erros foi não ter me matado antes, quando ele teve a oportunidade. Gabriel tinha outras pretensões, e essas pretensões foram o seu maior erro. Queria proliferar outra vez os bruxos, torná-los mais poderosos do que os humanos. Ele pretendia chegar ao papado e tinha chance disso agora que sua fama se espalharia por varrer os vampiros do mundo. Uma vez estando no poder, daria um jeito de incitar uma guerra, fazendo com que os humanos matassem uns aos outros, até a extinção. Então os bruxos teriam o mundo inteiro só para eles. Se conseguiram acabar com os vampiros, por que não o conseguiriam com os humanos?

— Não posso crer que minha mãe compactuaria com tais planos de Gabriel. Ela seria incapaz. Minha mãe era uma mulher bondosa e honrada, jamais o ajudaria nisso.

— Ela não sabia de nada. Nem mesmo das intenções de Gabriel de dar-me seu filho em sacrifício, fato que ele só revelou-

lhe depois da minha captura. Todos os dias, eu recebia a visita de Gabriel com suas ameaças e quanto mais tempo eu ficava preso naquele lugar, mais eu alimentava o meu ódio por ele. Planejei como eu iria matá-lo quando escapasse. Comecei a alimentar-me de ratos e demais animais peçonhentos que habitavam aquele porão. Tinha que estar forte quando o momento chegasse. Certo dia, quando a porta se abriu, não foi Gabriel quem desceu as escadas. Era sua mãe. Estava pálida e abatida, sua alma torturada pela culpa de ter-me entregado a Gabriel. Agradei por ter encontrado aqueles ratos para me alimentar, pois se estivesse faminto, não teria suportado o cheiro que se desprendia do corpo dela e a sede que me causava sua presença tão próxima. “*Perdoe-me, Miguel. Eu não sabia...*” disse apenas, e rompeu em prantos. Meu coração, se é que eu ainda o tinha, partiu-se naquele exato momento, e o amor que eu sentia por aquela bruxa, aflorou com uma violência que mesmo eu duvidara existir. Estendi os braços em sua direção, arrancando as presilhas que travavam as correntes nas paredes e puxei-a para mim, envolvendo-a em meus braços imundos. Ela não resistiu, talvez tivesse perdido o medo de mim ou apenas quisesse como eu, matar-se de uma vez. Desci minha mão até o seu ventre e ao tocá-lo, fui tomado por uma onda de calor que percorreu o meu corpo, fazendo-o formigar. Essa era a prova do poder daquela criatura. Uma bruxa de sangue puro, forte o

suficiente para gerar um filho meu. E nasceria em breve, estava quase pronta. Tornei a viver naquele instante em que a esperança brotou em mim outra vez. Eu que já não tinha outra intenção senão deixar que Gabriel acabasse comigo, a partir daquele momento, tudo mudou. Assim que ela partiu, eu terminei de arrebentar as correntes que me prendiam, por mais que aquilo fosse doloroso. Quando terminei, minhas mãos estavam tão queimadas que eu temi perdê-las para sempre. Coloquei-me na posição de prisioneiro novamente e esperei. Esperei até que Gabriel viesse ao meu encontro, o que não tardou. Fingi estar fraco quando a porta se abriu, estiquei as mãos queimadas de tal forma que quando a luz fosse lançada sobre mim, ele as enxergasse antes de qualquer coisa. Gemi, tentando passar a impressão de que sofria. Como sempre, ele não chegou muito perto. Tirou de dentro de suas vestes um pequeno punhal e cortou o próprio braço, embebendo a arma com seu sangue. Então o entregou a um dos seus fieis soldados e mandou que me furasse o peito. Ele se aproximou, trazendo a arma ensanguentada. Eu esperei que chegasse bem perto. Quando senti o gelo do punhal encostar em meu peito, lancei-me sobre o homem que me feria, abrindo o seu pescoço como um lobo, fazendo o sangue jorrar no rosto de Gabriel, que apavorado tentava atrapalhadamente subir a escadaria estreita, interrompida pelos seus próprios homens que se amontoavam nos degraus, alguns atônitos,

outros horrorizados. Joguei ao lado o corpo do soldado e pulei em direção a Gabriel como uma fera, a fera na qual ele me transformara, sem me importar mais com a dor, sem sentir qualquer remorso, sem piedade. Segurei-o pelo pescoço, erguendo-o do chão. Carreguei-o até o ponto em que me aprisionara por todos aqueles dias e o envolvi com as mesmas correntes que me prenderam. Encarei seus olhos, sentindo o fedor do seu medo. Sorri para ele e depois soltei a corrente envolta em seu pescoço e observei-o sendo estrangulado vagarosamente. Seu desespero pelo ar que era impedido de entrar-lhe nos pulmões era semelhante ao meu desejo pelo seu sangue. Então seus músculos foram se soltando, até estarem completamente relaxados. Sua pele aparentava um tom de roxo cintilante, vista à meia-luz e seus olhos permaneciam abertos, ainda que sem vida. Os poucos soldados que restaram, ainda tentaram impedir-me de sair daquele lugar, mas abri passagem entre eles, arremessando para longe os que se interpunham em meu caminho. Eu precisava encontrá-la, precisava levá-la embora, salvá-la antes do nascimento de seu filho. Tinha que resguardar aquela criança, que era minha única esperança e que certamente com a morte de Gabriel, seria a última.

— E por que você não nos trouxe para cá com você? Por que não nos livrou de tanto sofrimento, de tanta dor?

— Esta não era uma escolha minha, e só porque a sua mãe

me pediu perdão, não significa que ela quis passar a sua vida ao meu lado. Eu ainda era um monstro para ela, assim como sou para você. E ela ainda se julgava humana, não bruxa. Estava apaixonada pelo seu jovem e bem apessoado marido e não queria deixá-lo e nem deixar a sua família, o seu pai doente.

— Por que você não mandou buscá-la, como fez comigo? Por que não a livrou de todo aquele sofrimento, da miséria que a consumiu durante todos aqueles anos? — as lágrimas brotavam torrencialmente dos meus olhos, enquanto eu questionava os motivos de Miguel. Por mais que eu estivesse comovida com a sua história, com a maneira que ele também sofrera, eu não conseguia deixar de acusá-lo por ter abandonado a minha mãe e por ter-me abandonado também.

— Eu bem que tentei. Quando saí da prisão, fui diretamente ao encontro e em busca de sua mãe. Mas àquela altura, os homens já haviam aprendido como ferir-me, como matar-me. Tiraram todo o sangue do corpo de Gabriel, banharam com ele todas as suas armas e partiram para caçar-me. O povo dos lugarejos juntava-se aos caçadores com as armas que conseguiam arranjar. Eu estava tão ansioso por encontrar a sua mãe que não me preocupei em despistá-los. Segui o meu caminho, determinado a encontrá-la e a levá-la comigo. Eu faria isso mesmo contra a sua vontade, porque era a única forma que eu tinha de protegê-la. Eu estava ainda fraco e

machucado, meu corpo sofria com dores incessantes, que faziam com que eu tivesse que parar para retomar o fôlego. Por isso não pude chegar a ela tão rápido quanto pretendia. Ingenuamente, dei a eles o que eles precisavam, a minha exata localização e pistas de onde eu estava indo. Quando finalmente cheguei às terras do seu avô, um dia e meio após a minha partida, deparei-me com campos queimados, plantações devastadas e um celeiro totalmente destruído pelo fogo. Temi que ela já não estivesse viva, temi pelo bebê que estava em seu ventre, a minha bruxa, a minha única salvação. Aproximei-me da casa, sorrateiramente. Espreitei à porta de entrada, mas não pude ouvir ruído algum. Mil devaneios passaram pela minha mente num segundo. Teriam fugido de mim? Teriam sido capturados pelos soldados de Gabriel? Estariam vivos ou mortos? Mas principalmente, preocupava-me saber se ela já dera a luz à filha do bruxo. Por um instante, pensei ter ouvido vozes. Meus sentidos se aguçaram, meus instintos de animal voltaram à tona, como um instrumento de autodefesa. Mais vozes, um cochicho muito baixo que passava pelas frestas da madeira maltratada pelo tempo. Reuni forças e derrubei a porta com um chute.

— Ela estava escondendo-se de você dentro da própria casa, Miguel?

— O que vi lá dentro não tinha nada a ver com ela. Um

bando de homens armados com foices e outras ferramentas saltou sobre mim como um enxame de abelhas. Agricultores das redondezas que haviam se unido aos soldados de Gabriel e usavam uma cruz branca pintada nas suas vestes, o símbolo da Igreja na luta contra as aberrações, como eu, a luta de Gabriel, o símbolo que ele usava sempre bordado em suas roupas. Eu me defendi como pude, mas eles eram muitos e eram fortes enquanto eu não passava de um farrapo quase morto, uma sombra do que eu havia sido no passado e uma sombra do que sou agora. Saí da casa, tentando esgueirar-me pelo campo queimado que se estendia diante de meus olhos. Havia um círculo formado por soldados e homens armados em volta de toda a propriedade. O cerco se fechara, eu não tinha mais saída. Agarrei um dos que me atacaram, com o que restava ainda de minhas forças, e atirei-o sobre a multidão a minha frente a fim de abrir uma brecha grande o suficiente para que eu me esgueirasse por ela. Eu sentia as pontas das armas e ferramentas me atingindo. O sangue que brotava do meu corpo, misturava-se ao sangue de Gabriel, fazendo com que as feridas queimassem causando uma dor quase insuportável. O círculo diminuía de tamanho enquanto os homens caminhavam em minha direção. Cada vez mais eu sentia-me perdido. Foi então que vi ao pé da montanha um dos soldados de Gabriel segurando a sua mãe, forçando-a a assistir a minha morte lenta e dolorosa. Ela resistia,

tentava se libertar das garras daquele homem, mas ele a segurava com força. Percebi que ainda não tinha dado a luz à minha bruxa, então, num surto de loucura, eu lutei. Lutei com tudo o que restava de mim, lutei com minha alma, com o coração partido por ela. Lutei como jamais fizera antes, livrando-me de cada um deles, arrancando-os do meu caminho, do caminho que me levaria para ela. Consegui chegar à montanha com muita dificuldade, o cansaço e o frio quase não permitiam que eu respirasse. Cheguei perto o bastante para livrá-la do homem que a segurava. Ela fugiu para longe, eu a vi sumindo no horizonte, um ponto apenas contra os raios do sol que caía preguiçoso atrás das nuvens ralas. Essa é a lembrança mais viva que guardo dela, a que ficou gravada em minha memória. Depois disso eu nunca mais tornei a vê-la. Parti precipitadamente, voltei para esta casa. Eu tinha que recuperar-me para poder ir buscá-la.

— E você nunca mais voltou. Ela deve tê-lo esperado por todos aqueles anos. Eu a via sentada na varanda de casa com o olhar perdido no horizonte como se esperasse por alguém ou alguma coisa. Quando perguntávamos do que ela sentia tanta saudade, sempre mudava de assunto, ou simplesmente ignorava as nossas perguntas, fazendo de conta que não as ouvia. Mesmo quando adoeceu e o anjo da morte aproximava-se para levá-la, ela me pedia que a pusesse ao lado da janela, de onde ela podia

enxergar as curvas da estrada ao longe que sempre anunciavam alguma chegada, ou lhe traziam a lembrança de alguma partida.

— Oh! céus! Como pode ser tão covarde?— disse ele com amargura na voz, secando as lágrimas que desciam pela face pálida — Ah! se eu soubesse que ela ainda esperava por mim... Como eu poderia adivinhar, se quando eu a olhava sempre via a repulsa em seu olhar? Mesmo quando ela procurou-me com seu pedido de perdão, o que eu vi em sua face foi a expressão do medo e nenhum sinal de amor.

— Talvez ela sentisse medo de Gabriel. Quem sabe as ameaças que ele lhe fez para que se sujeitasse a ter um filho dele? Ele pode ter sido tão terrível que ela preferiu aceitar. Quem sabe ela fez isso para protegê-lo. Vocês se conheciam, era possível que ela nutrisse por você o mesmo sentimento que você nutria por ela, mas como você lhe propôs fugirem juntos, e para isso ela teria que deixar sua família, decidiu que era melhor recusar.

— Ela não teria se casado com outro homem, se fosse dessa forma.

— Teria sim. Com o pai à beira da morte, em breve ela ficaria indefesa e sozinha no mundo. Uma mulher não poderia sobreviver dessa forma. Além do mais, você é um vampiro, jamais poderia viver uma vida inteira ao lado de uma bruxa. Cedo ou tarde, a desgraça recairia sobre vocês. Talvez ela soubesse disso.

— Pode ser que você esteja certa, mas não creio que ela sentisse qualquer coisa boa por mim, nem ao menos compaixão. É claro que ela me desejava, assim como eu a desejava, porque isso é próprio de nossas raças. Somos igualmente amaldiçoados, fadados a querer quem de fato, jamais poderíamos ter. Mas esse desejo, se é que não o devo chamá-lo apenas de instinto, nada tem a ver com amor. Eu também estive confuso, mas aprendi isso mais tarde. Não sou um demônio como você pensa, Francesca, eu tenho sentimentos. Eu já amei, amei o suficiente para compreender que o amor também é passageiro, e que o único amor eterno e incondicional, que não pode ser abalado, que não se acaba com o passar do tempo, é o amor que sentimos pelos nossos filhos.

— E é por isso que deseja tanto este filho, Miguel?

— Sim. Eu tenho vivido sozinho há muitos anos. Pensei que já tivesse me acostumado à solidão, mas descobri que ela dói. Dói muito. Depois que voltei para casa, fugindo dos seguidores de Gabriel, passei a viver algo semelhante a um delírio contínuo. Contratei navios, uma frota deles, e muitos navegadores que enviei para a Europa em busca de sua mãe e da filha do bruxo. É claro que eu não podia dizer-lhes o verdadeiro motivo de minha busca, então minha principal desculpa foi que precisava de trabalhadores, porque com a partida de muitos escravos, que agora eram livres, os campos e as lavouras ficavam à mercê das pragas. A princípio esse

motivo convenceu, mas depois de algum tempo, começaram a surgir suspeitas contra mim, pois era inexplicável que eu precisasse de tantos empregados, principalmente, tantas mulheres. Assim que os rumores começaram a circular pela vizinhança, fui procurado por alguns fazendeiros das redondezas que exigiram explicações sobre o paradeiro dos europeus que eu havia trazido. Não soube como responder e fui denunciado às autoridades e acusado de tráfico ilegal para escravidão. Depois disso, fui obrigado a dividir entre todos os donos de fazendas e plantações, os trabalhadores que vinham a cada viagem, e era obrigado a deixar que eles escolhessem antes de mim quem seria levado para o trabalho. Outra exigência foi que metade dos trabalhadores fossem homens, cota que logo foi aumentada para dois terços e depois, quatro quintos. Minhas possibilidades de encontrá-la tornaram-se escassas desde então e as minhas esperanças se extinguíam a cada dia, a cada navio que aportava.

— Mas agora eu estou aqui — disse eu, estendendo a mão até a face de Miguel, que ainda estava fria e úmida pelas lágrimas — carregando um filho seu. Não terá que ficar sozinho outra vez.

— Você tem razão. Quando meu filho nascer não estarei mais sozinho. Será um serzinho muito poderoso, a julgar pela sua linhagem. E você terá esta casa, nunca mais passará necessidade na vida, nem seus filhos. Terão uma vida de fartura.

— E se você resolver ficar, Miguel? Você disse que conversaríamos mais tarde sobre permanecermos juntos aqui — insisti, comovida com a história do vampiro.

— Sim, mas ainda que resolvamos permanecer aqui por algum tempo, será breve. Acho que você ainda não compreendeu o mal que eu causaria se não resistisse aos seus encantos. Não posso conviver muito tempo ao seu lado, cedo ou tarde, você se machucaria, eu sentiria o cheiro do seu sangue, ainda que estivesse longe, e não sei se conseguiria me controlar.

— E quanto ao seu filho? Ele terá também o meu sangue. Não aguçará também o seu apetite?

— Um filho é diferente. Terá o meu sangue predominantemente. É assim que acontece, o sangue dos vampiros tem que prevalecer. Houve apenas um caso em que isso não sucedeu. Assim, nunca se ouviu que o sangue vampiro não prevalecesse sobre o de uma bruxa.

— E o meu filho nascerá vampiro, como você?

— É claro que não! Que ideia maluca! Mas também não será um bruxo, como você. Será uma criança muito especial, um misto poderoso das nossas raças. Herdará a audácia, a esperteza da mãe e a força do pai. Será praticamente invencível!

— Mas como então, os vampiros se apoderavam das bruxas para procriar, se os que nasciam não pertenciam a uma ou a outra

espécie?

— O que eu disse, foi que ao nascer, a criança não será como eu. Alguns anos mais tarde, ela poderá escolher em tornar-se um de nós. Seu sangue de bruxa garantirá a possibilidade de se tornar um vampiro, como eu. Para isso, ele beberá meu próprio sangue, quando a hora chegar.

— Ah! Isso é horrível! E se ele se recusar? E se não quiser ser como você? O que acontecerá então?

— Isso é impossível. Eu irei criá-lo para ser como eu, para perpetuar a minha espécie. Ele não pensará em recusar. Você mesma poderia se tornar uma vampira, como eu, se assim desejasse. E seus filhos talvez pudessem também, pois o seu sangue predomina em suas veias.

— Nem pense em tocar nos meus filhos! Eles não são bruxos, eu lhe garanto! São apenas crianças comuns, filhas de um humano comum. Meu marido não foi um bruxo, o sangue deles está impuro, como o do pai. Não poderiam ser como você!

— Calma, eu não tocarei neles. A menos que estas sejam suas escolhas, quando estiverem na idade certa.

— Quando a idade certa chegar, eu já não estarei aqui para correr o risco! — gritei, apavorada em imaginar os meus pequenos bebês com olhos vermelhos e sedentos por sangue, como Miguel. Eu jamais permitiria que isso acontecesse, daria o meu sangue para

Miguel se fosse preciso, para impedir que ele acabasse com suas vidas.

— Talvez eles não queiram ir embora. Talvez preferiram ficar aqui comigo e com o irmão que vai nascer. Já pensou nisso? Eles aprenderam a chamar-me de pai, até mesmo o pequeno Marco quando proferiu sua primeira palavrinha. Foi a mim que ele chamou, não a você. Eu cuido deles como se fossem meus, acho que Teresa lhe contou isso, não é verdade? Eu sou o pai que está presente em cada aprendizado, em cada nova descoberta. Ensinei Marco a andar, ensinei Teresa a cavalgar e a montar lindas cestas com flores do campo. Sou eu quem os alimenta, quem banha seus corpos cansados a cada noite, sou eu quem os coloca na cama e conta histórias até que peguem no sono. Sou eu quem está com eles, e não você.

— Seu maldito! Você os arrancou de mim! A culpa de tudo isso é sua! Deveria ter-me deixado na guerra para morrer! Teria sido melhor morrer do que perder os meus filhos!

— Ora, que mãe mais egoísta. Não lhe importa o fato de que eles estão muito bem? Nada lhes falta. Saúde, alimento, educação. Sabia que contratei professores particulares para a pequena Teresa? Ela contou? Está sendo alfabetizada e aprendendo o idioma nativo do povo africano que trabalha aqui. — Senti um gelo percorrendo meu estômago. Teresa sabia falar a língua dos

negros, que de maneira alguma podiam comunicar-se comigo. Isso poderia ser útil quando fugíssemos daquele lugar. — O pequeno Marco, apesar de ainda tropeçar um pouco nas palavras, também já está recebendo suas primeiras lições. Você tem ideia de quanto estou pagando por tudo isso? Asseguro-lhe que é muito dinheiro. Deveria me agradecer, ao invés de esbravejar comigo. Seus filhos irão receber educação, como você jamais poderia dar a eles. Irão ter a educação que você não teve.

— Você poderia fazer tudo isso e mantê-los ao meu lado. Por que privá-los da companhia da mãe? Eu certamente teria alguma coisa também a ensinar-lhes. — Eu não chorava de tristeza, mas de raiva de Miguel. Eu o odiava por tê-los levado para longe e por estar criando-os como pequenos vampiros. Não me interessava que estivessem sendo finamente educados, eles precisavam era de amor, do meu amor de mãe. E precisavam aprender um ofício, qualquer que fosse, porque isso sim faria diferença quando saíssemos dali, porque quando conseguíssemos fugir, teríamos que arranjar um trabalho.

— Sim, eu poderia, mas preferi não arriscar, porque eles a distraem e você precisa concentrar-se nesta criança que vai nascer. Como poderia engravidar com a cabeça cheia de preocupações com as crianças? Dessa forma, sabe que estão bem e pode dar atenção incondicional a sua gravidez e ao meu filho quando nascer.

— Você não sabe nada mesmo sobre filhos, não é Miguel? Não sabe nada sobre família, nem parece que teve outros irmãos. Sua mãe não lhe ensinou que um filho jamais toma o lugar de outro? Cada filho é especial a sua maneira, e as mães amam a todos por igual. Teresa e Marco jamais atrapalhariam na geração ou na criação do seu filho, pelo contrário, se eles estivessem aqui, acompanhando minha gravidez, certamente se apegariam ao irmão que nascerá em breve, e a sua cria seria mais amada ainda.

— Amor não é suficiente. Você não pode erguê-los no colo no estado em que se encontra. Marco ainda é pequeno e requer esse tipo de cuidado. Teresa se sente enciumada e também exige atenção e cuidados que você não poderia dar. Eu não arriscaria o sucesso desta gravidez por um capricho das suas crianças. Nem por um capricho seu. Você está indo muito bem, gerar um filho vampiro por vezes pode ser complicado. Estou admirado com a força do seu sangue, a facilidade com que você tem levado esta gestação adiante. A maioria das bruxas que eu vi gerando filhos de vampiros, passavam a maior parte do tempo acamadas, quase sem forças. Algumas morriam antes do nascimento dos filhos, outras abortavam constantemente. E você ainda consegue caminhar, conversar, até a vi correndo no campo e soube que tentou escalar a muralha! Você é incrível! Jamais conheci uma bruxa tão poderosa, nem mesmo a sua mãe.

— Você está enganado, Miguel. Eu não sou tão forte quanto você julga. Estou morrendo por dentro. Eu morrerei se você não me devolver os meus filhos. Morrerei e não poderei mais dar a luz ao seu filho. Por favor, Miguel.

— Eu mandarei trazê-los para você. Mas só por uma tarde. Depois os levarei comigo de volta, para que continuem com as suas aulas, e para que você possa descansar até o dia do parto. Não faça esforços excessivos, não os erga ao colo. Não arrisque a vida do meu filho ou então eu terei de tomar medidas drásticas.

— Que medidas?

— Você saberá, se perder esta criança. Então, aconselho-a que se cuide e cuide bem deste filho que carrega. — Ele levantou, virando-se em direção à porta.

— Oh! Eu o odeio tanto, Miguel! — disse antes que saísse. Ele apenas me olhou com seus olhos de punhal:

— Eu nunca pedi que me amasse.

Outra vez senti uma flecha cravada em meu peito. Aquelas palavras foram muito duras para que eu as pudesse suportar, tanto quanto as minhas foram duras para Miguel. Como pude ser tão cruel com ele, se na verdade eu jamais o odiara, mesmo quando o vi com seus olhos vermelhos e prestes a cravar seus dentes em meu pescoço? Eu não o odiei por um só segundo, e ainda que ele não tivesse me pedido, eu o desejava desesperadamente. Se tinha

pensamentos de fuga ou de partir para longe, eles serviam apenas ao medo ou nasciam para proteger os meus filhos das presas de Miguel, ao mesmo tempo em que causavam em mim uma nostalgia antecipada, a dúvida de saber se suportaria a ausência de Miguel, a distância.

A única coisa em que eu acreditava convictamente, de tudo o que ouvira dos lábios de Miguel, é que realmente eu deveria ser muito forte, por ter suportado tudo o que eu descobri, e ainda não ter enlouquecido. Por alimentar a esperança, ainda que pequena, de poder retomar a minha vida ao lado de meus dois filhos, mesmo que isso me custasse o filho que estava em meu ventre, mesmo que eu tivesse que entregá-lo a Miguel para nunca mais tornar a vê-lo. Se esse era o preço que eu teria que pagar para ter a minha liberdade e a dos meus filhos, eu o pagaria, por mais que a minha alma fosse despedaçada pela separação.

O medo ainda falava mais alto, eu temia que a qualquer momento o vampiro perdesse a noção do perigo e atacasse uma das minhas crianças. Na idade prematura em que estavam, principalmente Marco, era óbvio que se machucasse e que sangrasse de vez em quando. O sangue de um bruxo homem causaria em Miguel a mesma fúria, ou apenas as bruxas é que tinham capacidade de aguçar-lhe o voraz apetite? De qualquer forma, um dos dois estaria sempre em perigo, nesse caso,

Teresa. E eu nada podia fazer para ajudá-la, a minha menina, tão doce e que em tão pouco tempo estaria vulnerável, como eu, aos encantos de Miguel.

# O Nascimento

Deitei-me na cama, de frente para a varanda com suas enormes portas abertas e observei o sol que caía no horizonte por trás das copas verdes ao longe. O amarelo dourado sobre as altas montanhas remetia-me ao passado remoto, quando eu escalava os montes que cercavam as terras que foram de meu pai. Eu podia ouvir o sol claro quando alcançava as corredeiras nos pés das montanhas, podia ver a fumaça turva, o vapor que brotava dos riachos tocados pelos raios crepusculares que contornavam os morros altos, onde eu sentia o vento gélido soprando em minha face corada nos dias de outono.

Sentia muita saudade daqueles velhos tempos, em que eu era realmente livre, podia correr pelas coxilhas até o entardecer, podia perder-me na mata rala nos fundos da fazenda, esconder-me

do mundo até curar as dores da minha alma. Eu queria poder voltar no tempo, voltar para o tempo antes de a guerra chegar para devastar a minha vida. Queria nunca ter embarcado naquele maldito navio, nem ter chegado à América. Se eu pudesse, teria apagado naquele exato momento os últimos anos que havia vivido ao lado do meu pobre marido, teria dedicado parte do meu tempo em encontrar um marido mais forte e mais abastado, que tivesse tido a chance de me livrar de todo o horror que eu tenho vivido desde então.

Enquanto os pensamentos vagavam por minha mente enfraquecida pelas chantagens de Miguel, eu sentia as lágrimas geladas que escorriam pela minha face e embebiavam o travesseiro macio no qual me deitara. Meus olhos estavam abertos, atentos, ainda que não houvesse nada que esperar além da noite que descia seu véu escuro vagorosamente sobre a colina que eu via. Mantive as portas abertas durante o pouco tempo que estive sozinha, mas logo, os serviçais chegaram para fechá-las, escondendo das minhas vistas a lua que eu tanto amava e que era a única companhia que eu tinha naquela prisão.

O tempo arrastava-se dia após dia, e Miguel não cumprira sua promessa de trazer-me Teresa e Marco. Meu coração latejava conforme as semanas passavam e eu não tinha notícias deles. Segui conversando com o bebê dentro de mim. Ele consolava-me de tal

forma que eu quase podia ouvir sua voz sussurrando em meus ouvidos. Eu passei a rezar todos os dias, se Deus realmente existisse, havia de protegê-los.

Toda vez que eu fazia minhas orações silenciosas, as palavras de Miguel retornavam à minha mente. Vampiros dentro da igreja ocupando altos postos no clero. E eu que havia sido batizada e crismada pela Igreja Católica, mais uma vítima de uma mentira. Como sempre, Deus fora usado para a destruição. Mortes de inocentes foram forjadas em Seu nome, assim como a guerra também teve seus motivos religiosos. Justamente a Igreja, que deveria estar lá para acolher as almas de todos os homens, para livrá-las de todo o mal, e é usada justamente para um objetivo contrário: a morte e a destruição, e até mesmo pelo próprio demônio.

Eu já não tinha certeza se as minhas orações, as orações que aprendi com minha mãe e com os padres durante as missas, trariam alguma ajuda ou se eram, na verdade, nada mais do que frases bonitas criadas pelos demônios para corromper as almas devotas e depois carregá-las para o inferno. De qualquer forma eu já me sentia no inferno, seduzida e aprisionada por Miguel que para mim era como o demônio em pessoa. Eu ouvira certa vez, que Lúcifer fora o anjo mais lindo e sedutor de todo o céu antes de ter sido expulso por sua arrogância, soberba e inveja. Era assim que eu via

Miguel. Um anjo demoníaco, um anjo belo e irresistível, mas que acabaria por carregar-me para a destruição.

Mais uma semana se passara e outra vez a minha amada lua cheia chegava para clarear a varanda, trazendo luz, iluminando meus caminhos. Mesmos as nuvens que se apresentavam cinzentas em um céu nebuloso de outono não eram capazes de esconder a lua e o brilho prateado que emanava do astro e que parecia tocar a minha pele, tornando-a ainda mais branca. Pensei em fazer uma prece para a lua, mas logo desisti da ideia. Sentei-me no piso gelado da varanda e a observei por um longo tempo. Finalmente a escuridão acabou por vencer a luz do dia, e o mundo fez-se em trevas. Não demorou até que um dos pajens viesse levar-me para dentro e selar as portas da varanda, seguindo as ordens de Miguel.

Não resisti a voltar para minha carceragem. Sentia-me anormalmente cansada naquela noite, depois de um dia de muita disposição. Arrastei-me até a cama, quase implorando por ajuda, mal conseguindo carregar meu próprio peso e a minha barriga enorme. Não tive forças sequer para arrumar as almofadas ou retirar a linda colcha de renda. Joguei-me sobre a cama de qualquer forma e dormi um sono profundo e sem sonhos, o sono de paz e tranquilidade que eu não tive desde que chegara ali.

Quando abri meus olhos, vagorosamente, tentando imaginar por quanto tempo havia dormido, deparei-me com a escuridão total.

A noite ainda não acabara e parecia não ter fim. Revirei-me na cama, tentando conciliar o sono outra vez. O bebê estava quieto. Quietos demais. Levei a minha mão ao ventre, apalpando certos pontos onde eu imaginei ter encontrado pequenas partes do meu filho. Não se moveu. Um arrepio percorreu minha espinha, algo estava muito errado. Meu coração saltitou descompassado, se algo desse errado, eu não podia imaginar do que Miguel seria capaz. Respirei fundo, tentando me acalmar. Certamente o bebê estaria dormindo àquela hora da madrugada. Virei-me mais uma vez, e outra, e mais uma, na esperança de que meus movimentos o acordassem. Nada. Falei com ele, tentando ouvir a sua voz, ou a voz que eu imaginei ter vindo dele. Silêncio.

— Deus do céu! Por favor, me ajude! — disse baixinho, para não acordar a ama que dormia ao lado da minha cama. Sentei-me devagar, quase não conseguindo dobrar meu corpo sobre a enorme barriga. Tentei levantar-me, mas fui surpreendida por uma dor aguda sob meu ventre, algo como se uma lâmina muito afiada estivesse sendo cravada em meu corpo. Era ainda cedo demais para trazer o filho de Miguel ao mundo, o bebê ainda não amadurecera o suficiente. Minha respiração começava a ofegar, eu tentava respirar mais fundo, conforme as batidas do meu coração tornavam-se mais fortes.

— Oh! meu Deus! Ajude-me! — eu continuava a rogar.

Tentei esgueirar-me para a beira da cama, mas fui interrompida por mais uma punhalada brusca, mais violenta ainda que a primeira. Não pude conter o grito que acordou a mucama ao meu lado. Recostei-me às almofadas mal arrumadas, tentando endireitar-me o máximo possível, para que a dor passasse, tentando ficar quieta para que a dor se extinguisse de uma vez, mas a cada momento, outra contração vinha para torturar-me, para expulsar o feto ainda prematuro de dentro do meu corpo.

Eu gritava cada vez mais alto, enquanto a mucama apavorada examinava minha barriga com as mãos embebidas em uma espécie de óleo. Logo o quarto estava cheio de serviçais, mulheres carregadas com bacias de água e incontáveis toalhas brancas. O suor começara a brotar de minha testa, pequenas gotas iluminadas pela luz da lua, que agora eu podia ver perfeitamente. As cortinas tinham sido abertas, tornando o quarto mais claro e diminuindo o aspecto spectral das velas bruxuleantes. As dores aumentavam a cada contração, fazendo-me chorar quão insuportáveis eram. Eu jamais sentira coisa igual. Nem mesmo no parto de Teresa que fora a primeira filha, as dores não haviam sido tão intensas. No parto de Marco, eu me recordava de não ter sentido dor alguma, tão rápido ocorrera. E agora, quando eu já era uma parideira eficiente, as contrações que vinham rasgavam-me o ventre, fazendo-me pensar que morreria.

Seria terrível para Miguel. O que ele faria se perdesse o seu filho e a sua bruxa de uma só vez? Eu não queria nem pensar nessa possibilidade. Reuni minhas forças e empurrei a criança para fora de mim. Mais suor, agora saído do meu corpo inteiro, encharcava a colcha branca na qual eu me agarrava desesperadamente, e que eu não havia tido o cuidado de retirar antes de deitar-me. O óleo com que a mucama massageava minha barriga também escorria amarelo e denso para a cama, alcançando os lençóis de algodão macio. A bolsa ainda não se rompera. A criança ainda não poderia nascer, por mais que eu me esforçasse em expulsá-la de meu ventre. Uma velha negra, de cabelos completamente grisalhos que contrastavam com sua pele escura e extremamente enrugada, fora trazida até mim. Eu nunca a tinha visto antes. Ela carregava consigo ervas que foram entregues às mucamas, juntamente com as instruções do que deveriam fazer com elas e um pequeno galho de arruda atrás de uma das orelhas, o que me fez pensar que ela seria uma curandeira ou coisa parecida.

A mulher aproximou-se da cama, pondo-se aos meus pés. Levantou o lençol que me cobria e afastou as minhas pernas. A dor era tão grande que eu desejei que a morte viesse para levar-me naquele instante. A velha introduziu uma das mãos em meu corpo, examinando a criança. Gritei alto mais uma vez, senti que minhas entranhas estavam sendo arrancadas de dentro de mim. Sabia que

Miguel me mataria se fosse preciso, para ter aquele filho e tive a certeza de que fora isso mesmo que a velha viera fazer: sacrificar-me para salvar o tão esperado bebê de Miguel.

A velha finalmente tirou a mão de dentro de mim. Vi quando ergueu as mãos sujas de sangue, que uma das mucamas correu para limpar imediatamente com água e uma toalha branca. Eu ainda estava viva e com muita dor. Já não conseguia mais ver a lua pela abertura da varanda, mas enquanto a escuridão ainda reinava, fiz-lhe um pedido silencioso, entreguei-lhe a vida da criança que nasceria e a minha vida, deixei que o destino fosse resolvido por aquela enorme e brilhante lua cheia. Fui novamente coberta com lençóis brancos, e as mucamas se afastaram de mim. Eu continuava gritando, embora sentisse que as minhas forças estavam se esgotando e ameaçavam deixar-me a qualquer momento.

Vi o dia nascer, a luz surgir para espantar completamente a escuridão. As velas foram apagadas, assim como meus gritos que agora se reduziam apenas a poucos gemidos vindos bem do fundo de minha garganta seca. De tempo em tempo, a velha tornava a se aproximar, apertando meu ventre, fazendo com que lágrimas e sangue brotassem de mim. Miguel entrou no quarto trazendo um lenço branco sobre o nariz e a boca, não arriscaria a vida do filho ao atacar-me antes de dar-lhe a luz. Dirigiu-se à velha curandeira e

cochichou-lhe algumas palavras incompreensíveis. Ela chacoalhou a cabeça negativamente. Miguel baixou os olhos, depois aproximou-se de mim. Temi outro ataque, que agora resultaria na minha morte, na morte de Miguel e do filho. Ele apenas colocou a mão sobre meu ventre. Senti calor emanando de seu corpo, embora eu estivesse quente o bastante para fazer encharcada de suor.

Miguel posicionou a mão logo abaixo de meus seios, aumentando a pressão gradativamente, observando minha reação. Eu sentia as lágrimas escorrerem mais volumosas a cada pressionada de Miguel em meu ventre machucado. Fez um sinal para que a velha se aproximasse, e outra vez, ela afastou minhas pernas, inserindo sua mão dentro do meu corpo. Senti quando a bolsa finalmente estourou, senti o líquido quente escorrendo, enquanto uma dor mais insuportável ainda se apossava de mim e vi minha barriga murchar quase pela metade. Miguel retirou a mão quente, elevando-a até o lenço em sua face. A quantidade de sangue agora era muito grande e as mucamas apressavam-se em limpá-lo, mas o mínimo de tempo que levassem para conseguir seria tempo demais para Miguel, o cheiro era irresistível. Vi uma faísca de luz vermelha em seus olhos, e ele saiu correndo.

As cólicas eram ainda maiores depois que o líquido que envolvia a criança escorreu para fora do meu corpo. Agora eu a sentia debatendo-se dentro da barriga, agoniadamente, como se não

fosse capaz de encontrar a luz que lhe traria à vida. O bebê parecia não ter desenvolvido o instinto necessário para nascer, parecia lutar para ficar no meu ventre e revirava-se como se estivesse sendo sufocado. Acalmei-o com as minhas mãos, empurrando-o para baixo a cada contração, tentando fazer força, embora pensasse que já não tinha força alguma.

Miguel retornou assim que o sangue foi limpo. Sentou-se na cabeceira da cama, apoiando-me em seu colo com uma das mãos e segurando seu lenço sobre o rosto com a outra. Vi quando ele olhou para a porta e sinalizou para que dois homens entrassem. Um deles era o meu carcereiro, e o outro eu ainda não tinha visto, mas era igualmente grande e forte. A velha curandeira também se aproximou, enquanto Miguel segurava-me fortemente pelos ombros, mantendo-me em uma posição quase sentada. Os dois homens seguraram minhas pernas com força, enquanto eu lançava para Miguel um olhar de súplica.

— Miguel... — sussurrei quase sem forças — Eu não consigo... não sou forte o bastante...

— Fique calma, Francesca. Nós vamos ajudá-la. Você conseguirá. Eu prometo.

As palavras de Miguel me acalmaram, ainda que eu pensasse que eles abririam minha barriga a punhaladas para tirar o bebê, ainda que me matassem. Apoiei-me firme no braço Miguel,

respirei fundo esperando a contração que viria e empurrei o máximo que eu pude, enquanto a velha parecia revirar a criança dentro de mim e puxá-la para fora. Outra vez eu gritei, mas senti que o bebê começara a nascer. Só mais uma contração e tudo ficaria bem. Respirei fundo outra vez, mas a dor não veio. Um fio de desesperança pousou em minha mente, mas eu reergui minha cabeça, mirando a velha parteira nos olhos e em um grito mais que desesperado, expulsei o filho do vampiro de dentro de mim.

Ouvi o choro incessante da criatura ensanguentada que saíra de meu ventre e deixei-me cair de volta nas almofadas. Miguel já não estava ali para amparar-me, ou para sugar o meu sangue. Deixara o lenço cair ao meu lado e agora, sem se importar com o desejo insuportável que o meu sangue lhe causara, segurava a pequena menina, encarando seus olhinhos ainda sujos de sangue, acalmando o triste choro, o choro da vida. Ele caminhou em minha direção, seus olhos nunca haviam sido tão verdes e brilhantes como eu os via agora. Trouxe a criança para perto de mim, recostando-a em meu seio, para que sentisse o meu calor. Ela parou de chorar imediatamente, olhando-me como se me reconhecesse. Eu não soube exatamente o que fazer, não queria tê-la visto ao nascer, não queria olhar para ela, mas meu instinto materno falava sempre mais alto e eu levei minha mão até ela, acariciando sua cabeça ainda desprovida de cabelos. Depois examinei cada parte do seu pequeno

corpo, cada dedinho das mãos e dos pés, cada unhinha, cada cílio. Ela era perfeita, em todos os sentidos que esta palavra tinha.

Tentei sentar-me sobre as almofadas, mas uma forte dor no abdômen me impediu. As mucamas que ajudavam a velha parteira a limpar as sujeiras do parto correram em meu auxílio. Miguel levou nossa filha para longe, ela voltara a chorar quando gemi alto. Meu ventre estava outra vez sendo assolado por terríveis cólicas, contrações como as que acabaram de trazer a filha de Miguel ao mundo. Fechei meus olhos por um momento, tentando entender o que sucedia, então ouvi a voz que vinha de dentro de mim, a voz com a qual eu conversara nos dias anteriores, a filha que ainda não tinha nascido.

Eu pensei que jamais voltaria a ver o sol. A dor me consumia, e eu não tinha mais força para abrir os olhos. A velha parteira apalpava minha barriga, fazendo movimentos circulares, tentando levar para baixo o pequeno caroço que se movia lá dentro. Os homens tornaram a segurar-me as pernas, e eu tentei encontrar Miguel na cabeceira, mas ele não voltara, nem a filha que levava em seus braços. Senti uma punhalada atingindo-me e por um instante, pensei estar flutuando sobre o quarto, ouvindo ao longe as vozes que chamavam, sentindo muito suavemente as mãos que sacudiam o meu corpo morto, esticado sobre a cama finamente arrumada. Depois disso, só o que houve foi escuridão e silêncio.

# A Partida de Marco

Movi os lábios sem pressa. Estavam úmidos, embebidos em um líquido gelado que era depositado ali por uma das mucamas de Miguel. Tinha um gosto forte e amargo e cheirava a mato e terra molhada. Entreabri os lábios para que o chá descesse pela minha garganta. Sentia sede, ansiava pela bebida fria que me era servida daquela forma tão amarga, mas que saciava-me e parecia encher-me de vida novamente. Abri os olhos, apenas uma fresta, impedindo a luz forte do sol que brilhava lá fora de cegar-me totalmente. Aos poucos, minha visão foi se acostumando com a claridade, e eu pude finalmente abri-los completamente.

Vi dois pequenos berços brancos, adornados de prata e ouro, criteriosamente arrumados ao lado de minha cama, que fora embelezada com mosqueteiros de renda e almofadas brancas como a neve, bordadas em fios de ouro. Tive dúvida se havia bebês ali,

imaginei-os adormecidos como pequenos anjos. Apoiei-me com os cotovelos na cama, tentando sentar-me. Imediatamente, Miguel surgiu não sei de onde e ajudou-me, ajeitando as almofadas para que me recostasse.

— Você sabe o que fez?— perguntou-me. Eu pensei tê-lo desagradado, decepcionado. Ergui os olhos na direção dos berços, mas não pude ver nada além dos enfeites e das rendas muito brancas.

— Perdoe-me, Miguel. Eu não sei o que fiz, mas seja o que for não fiz por mal.

— Acalme-se, Francesca — interrompeu acariciando meu rosto com sua mão antes gelada, que agora emanava um calor morno, quase primaveril — Você deu à luz duas meninas. Duas lindas filhas, e eu vou recompensá-la por isso. Mas antes, preciso que você se recupere, fortaleça-se pois precisa tomar conta delas para mim, porque nasceram um pouco antes do tempo e ainda não estão completamente formadas. Vão precisar de você, vão precisar que as amamente em seu seio até que elas estejam fortes o bastante para que possamos partir.

— Partir? Para onde? — agitei-me na cama. Miguel arrependeu-se imediatamente do que dissera, não percebera que eu não me lembrava de nada, nem do parto, nem das meninas, nem dele próprio. Correu seus dedos pelos meus cabelos sedosos, que

eram lavados e escovados pelas amas a cada dia, assim como meu corpo havia sido banhado, livre de qualquer vestígio de sangue.

— Calma, querida. Eu estou aqui com você — disse ele evocando aquela voz tão doce que era capaz de derreter-me por inteiro. — Venha, vou ajudá-la a se levantar. Vamos até ali, ver as lindas filhas que você me deu.

Miguel apoiou-me em seus braços e me carregou para perto dos berços. No primeiro, vi uma criatura branca, com bochechas rosadas e sem nenhum cabelo. Ela não parecia um bebê prematuro, estava forte, eu via as curvinhas de sua mão que ela esticara para fora da manta que a enrolava, havia covinhas em sua bochecha, sinal de que ganhara peso desde o nascimento.

— Esta é Ágata. Nossa filha mais velha. Nasceu mais de quinze minutos antes de Alice, a mais novinha — contou-me. Virei-me na direção do outro berço. Chorei ao me deparar com a criança frágil que jazia pálida como morta naquele lindo berço, que me pareceu semelhante a um caixão. Era miúda, estava quase completamente escondida pelas mantas de algodão, sem força para se desenvolver, como sua irmã. Era muito branca, como se não houvesse uma só gota de sangue em seu corpo magro. Havia ralos fios de cabelo negro em sua cabeça, pequena demais para ser de um bebê maduro. Instintivamente eu a desenrolei, revistando cada parte do seu corpo, observando se não lhe faltava algum membro,

porque eu não a tinha visto ao nascer. Quando ouvi o seu choro, fraco, quase um sussurro, um gemido agonizante, não pude deixar de erguê-la em meus braços, ainda que Miguel protestasse, dizendo que eu não deveria esforçar-me além do necessário. Apertei Alice em meus braços e levei-a para minha cama. Deitei-me ao lado dela, abrindo minha camisola e oferecendo-lhe o peito, despidoradamente, sem me importar com a presença de Miguel, que me observava satisfeito. Ela o sugou, com alguma resistência. O leite não tardou a aflorar do meu seio, enchendo-lhe a pequena boca faminta, escorrendo pelos cantos. Tive fé de que ela conseguiria sobreviver e que em pouco tempo estaria do tamanho da irmã, ou ainda maior.

— Isso mesmo, Francesca, cuide das nossas meninas. Elas precisam de você — repetia Miguel, manipulando-me para que não o deixasse sozinho, não ainda, enquanto as meninas eram pequenas demais para acompanhá-lo com suas próprias pernas, não enquanto ainda fossem bebês e enquanto ele não soubesse como cuidar delas. Lembrei-me de todas as minhas juras, das promessas que havia feito de não alimentar sentimentos pela criança que nasceria. Promessas que agora me pareciam tão tolas... Pedi a Miguel que Teresa e Marco fossem trazidos, lembrei-o de que não cumprira sua promessa e lhe disse que seria bom que eles conhecessem as meninas e se acostumassem com elas. Ele chamou um dos pajens

que esperava do outro lado da porta e ordenou que os meus filhos fossem trazidos imediatamente.

Alguns minutos se passaram, tempo suficiente para que Alice saciasse sua fome, e eu ouvi o ranger da porta se abrindo. Não pude me conter. A saudade que eu sentira durante aqueles longos meses sem as minhas crianças pareciam ter-se acumulado e agora um turbilhão de emoções tomava conta de mim. Entreguei o bebê a uma das amas e levantei-me com dificuldade, caminhando para Teresa e Marco, que eu mal reconheci tão crescido estava. Teresa abraçou-me de imediato, mas Marco afastou-se, correndo para os braços de Miguel, chamando-o de papai e perguntando-lhe quem eu era. Ele não se recordava de mim, esquecera sua mãe, rendendo-se aos encantos e à vida boa que Miguel lhe dava. Os dois estavam vestidos como príncipes, corados e fortes, felizes como eu jamais havia visto antes.

— Eu sempre lhe disse que eles estavam bem ao meu lado. Eu cuidei deles como se fossem meus, tanto que o pequeno Marco aprendeu a chamar-me de pai antes de Teresa, que ainda se recorda do pai que teve antes de vir para esta casa. Ele herdou muitas qualidades suas, Francesca, às vezes eu vejo você refletida nele, nas atitudes, no jeito de falar. É um bruxo tão poderoso quanto você, ou ainda mais. Terá um futuro brilhante!

— Marco, venha com a mamãe... — chamei, sofrendo pela

rejeição. Ele não se moveu, até que Miguel permitiu que se aproximasse. Veio em minha direção devagar, recostou-se ao lado da cama, onde permaneceu parado, apenas olhando para mim que segurava Teresa em meus braços. Estiquei meu braço, segurando sua mão, puxando-o para junto de mim, mas ele resistiu e correu de volta para Miguel, novamente chamando-o de papai.

As lágrimas correram-me dos olhos, a rejeição de Marco doeu mais em mim do que as dores do parto. Ele não me reconhecia, não sabia que eu era sua mãe, e não nutria nenhum sentimento por mim. Senti raiva de Miguel por ter roubado meu único filho, por ter roubado para si o amor que ele um dia sentira por mim, por ter roubado as lembranças de quando eu o segurava em meus braços e alimentava em meu seio. Senti raiva de Miguel e não sabia se poderia conviver com tamanha raiva, que fez desaparecer toda a sedução e a paixão que eu havia sentido por ele um dia. Eu estava ferida, não só no corpo, mas ferida na alma, e esta era uma dor que jamais me deixaria, que eu não poderia esquecer e para a qual não havia remédio.

Teresa quis ver os bebês. Eu segurei-a pela mão e a levei à beira do berço de Ágata. A pequena havia despertado de seu sono angelical e encarou Teresa com um sorriso discreto. Miguel se aproximou e ergueu-a em seus braços para que Teresa pudesse vê-la melhor. Depois a carregou até Marco e contou que aquela era sua

irmã. Ele sorriu, segurando a pequena mão fugitiva que escapara da manta. Sentei-me na cama, com Teresa ao meu lado e Miguel entregou-me Ágata. Chamou meus filhos, anunciando que era hora de partir. Tentei protestar, levantei-me bruscamente, mas não pude impedi-lo, ainda estava muito fraca e vi o mundo rodopiar diante de meus olhos, ao mesmo tempo em que a pequena Ágata rompeu um choro assustado. Talvez eu a tenha apertado demais na tentativa de impedir Miguel de levar os meus filhos embora...

Miguel nada disse, apenas olhou-me com um ar de condenação e saiu, levando consigo a minha razão de viver. Agora eu sabia que estavam bem, mas isso não bastava. Eu precisava do seu amor, do amor de ambos, e o de Marco eu sentia que jamais retornaria a mim. Fora de certa forma transferido para Miguel, que acabara por tornar-se o pai cuidadoso e responsável, e eu a mãe relapsa que os abandonara. Ao menos eu ainda podia contar com Teresa e assim que possível, tentaria convencer Miguel a trazê-los para mim outra vez e que nos deixasse sozinhos por algum tempo, então eu poderia pedir para Teresa que tentasse ajudar Marco a lembrar-se de mim. Pediria que ela lhe dissesse como eu o amava e como eu estava sofrendo com sua indiferença e seu desprezo. Ele entenderia, era um menino esperto e estava recebendo toda a educação que o dinheiro de Miguel podia comprar.

Ouvi a porta bater com a saída de Miguel, ouvi o lamento

do meu próprio choro desesperado, inconsolável. Ajoelhei-me à beira da porta, escorregando meu corpo ainda machucado pelo parto, até o chão frio. Fiquei ali até escurecer novamente, até que a pouca luz daquele dia nublado partisse, levando consigo o calor que emanava e que aquecia brandamente meu corpo dolorido. Aquela porta era minha esperança de escapar, minha chance de recuperar as minhas crianças. Quando eu estava perto daquela porta, eu sentia que, cedo ou tarde, ela se abriria e eu estaria livre para sempre. Eu desejei mais de uma vez ser um espectro, tornar-me uma sombra e transpô-la definitivamente. Passei a considerar a possibilidade de tirar minha vida e acabar com meu sofrimento. Tracei listas em minha mente, maneiras das quais eu poderia me utilizar para isso. A que mais me agradou, foi a de provocar a sede de Miguel e partir levando-o comigo. Logo desisti. Se o levasse comigo, as minhas crianças, que agora eram quatro, porque eu também me preocupava com as meninas de Miguel, ficariam desamparadas.

Eu sentia que Miguel já não precisava mais de mim, afinal, deixara claro desde o início seu interesse, apenas gerar um filho. Eu lhe dera mais do que me pediu, e agora era apenas questão de tempo para que ele mesmo se encarregasse de livrar-se de mim. Enquanto as meninas estivessem sendo amamentadas, eu ficaria viva ou numa espécie de sobrevida que duraria apenas o tempo em

que fosse útil a essa finalidade. O que viria depois era para mim uma incógnita. Miguel era um demônio, um demônio que roubara meu filho para si, não mais o anjo sedutor que fora antes, aquele que eu amei. Meu coração já não podia sustentar outro sentimento por ele agora, que não o ódio.

Eu sabia que aquele ódio seria mais forte do que o desejo ou a paixão que eu poderia ter sentido por Miguel. Eu conhecia o tamanho do seu poder, a sua força infinita e voraz que seria capaz de derrubar todo o império do vampiro. Eu só não sabia ainda como usá-lo a meu favor, canalizar a energia daquele ódio para sair dali, retomar minha vida, ou quem sabe, começar uma nova vida. Era preciso pensar, planejar muito bem meu próximo passo, porque ele seria o primeiro de um caminho difícil e talvez doloroso, mas que era necessário para a conquista da minha tão desejada liberdade.

Deixei que o tempo passasse lento e indomável. A sucessão dos dias compassava-se como as batidas do meu coração, ritmado, constante e invariável. Eu restringi-me a apenas observar Miguel a cada visita, o detalhe de cada passo, de cada gesto, gravando cada palavra sua. Tudo poderia ser útil contra ele se eu soubesse usar adequadamente quando chegasse a hora certa. Ele parecia mais jovem a cada dia que passava, como se o tempo para ele voltasse ao invés de seguir adiante. Seus olhos emanavam um verde

cintilante, como se o vermelho do sangue jamais os tivesse habitado. E ele passava a maior parte do tempo sorrindo, especialmente quando segurava as filhas em seu colo.

Seu ponto fraco estava se tornando cada vez mais claro para mim: as duas meninas. Eu sentia o quanto elas faziam-lhe bem, como ele parecia satisfeito ao estar com ambas. Não passava um só dia em que Miguel não viesse vê-las e passasse a maior parte do tempo olhando para as duas. Por um breve instante, cheguei a pensar se algo de realmente bom brotara dentro dele e neste momento de ilusão, aproximei-me pedindo que trouxesse meus filhos para mim, permanentemente. Então outra vez Miguel revelou sua fúria, reprimiu-me com palavras duras, despedaçando de novo meu pobre coração.

— Você sabe que eu não farei isso, mesmo porque eles preferem ficar comigo, como você bem viu — dizia ele com seu ar soberbo, cheio de orgulho por ter-me roubado o que eu tinha de mais precioso. — Eles mal a reconheceram, sequer perguntam por você. É melhor se concentrar em Ágata e Alice, porque creio que em breve, estas serão as suas únicas filhas.

— Seu maldito! — explodi — O que você vai fazer com os meus filhos?

— O que deve ser feito. Enviarei os dois para a Europa para estudarem nos melhores colégios. Já estão sendo preparados para a

partida, estão muito empolgados. Marco mais ainda, está ansioso e não vê a hora de começar suas aulas no colégio interno.

— Não, você não pode decidir a vida dos meus filhos por mim! Eles não vão a lugar algum com você! Você prometeu que me libertaria quando seu filho nascesse! Agora elas estão aí, fortes e saudáveis e eu quero sair daqui!

— Não pode partir ainda. Pense na oportunidade que estou dando aos seus filhos, terão a mesma educação dos filhos dos nobres, senhores e barões desta terra. Além do mais, as meninas precisam de você. São ainda muito jovens para serem entregues às mãos das amas. Prefiro que você mesma tome conta delas.

— Miguel, cumpra sua promessa!

— A minha promessa foi que eu partiria com meu filho assim que ele pudesse me acompanhar. Mas você não me deu um filho, conforme lhe pedi, ao contrário, deu-me filhas mulheres. Eu sinto que não posso cuidar delas sozinho, então terei que adiar minha partida. — Miguel caminhou para o berço de Ágata, carregando Alice nos braços, pedindo-me com um gesto que o acompanhasse — Olhe para elas, são ainda tão pequenas, tão frágeis. Olhe para Ágata, seu sono tranquilo cheio de lindos sonhos que certamente não incluem ser abandonada pela mãe. Veja como Alice é frágil, certamente ela precisa dos seus cuidados e precisará ainda por um bom tempo.

— Eu quero ir embora, Miguel, — meu tom de ameaça transformou-se em tom de súplica. Não pude guerrear com as chantagens emocionais de Miguel, que outra vez, amolecia-me o coração usando o motivo mais óbvio.

— Não poderia, ainda que quisesse. As meninas precisam de você

— Marco e Teresa também precisam de mim. Eu também sou a mãe deles.

— Então façamos um trato: trago-os aqui e, perante você, pedirei que eles mesmos escolham se querem partir para estudar, ou ficar nesta casa, esperando por você.

— Miguel, por favor.

— É isto, ou eu os envio imediatamente!— gritou Miguel interrompendo-me.

Não pude recusar a oferta. Aquela poderia ser a minha última chance de estar com Marco e Teresa, e de toda forma, seria menos doloroso ouvir de seus próprios lábios se realmente desejavam partir. Olhei mais uma vez para as meninas, Ágata sorria em seu berço, como se zombasse de mim e do meu sofrimento enquanto Miguel diabolicamente devolvia-lhe o sorriso maldoso. Eu me culpava por ter acreditado que Miguel pudesse ter algo de bom dentro de si. Entendi que o ódio que eu sentia não se voltava totalmente para ele, mas também era um ódio que eu sentia

por mim mesma, por não ter recusado a proposta de dar-lhe um filho quando tive a oportunidade de livrar-me de toda a desgraça que parecia-me iminente.

Naquela mesma tarde, minhas crianças foram trazidas até mim. Como sempre, Miguel em pessoa as acompanhou, evidenciando sua postura de pai amoroso, de cujo posto havia se apossado. Marco agarrou-se às pernas de Miguel assim que me viu. Não sei o que lhe fora contado sobre mim, mas ele expressava medo ao invés de saudade. Teresa correu para os meus braços, onde permaneceu tempo o bastante para que eu pudesse sussurrar-lhe aos ouvidos um pedido quase silencioso para que ficasse ao meu lado. Ela entendeu, já estava crescida o bastante para compreender o que se passava naquele lugar e sabia perfeitamente da minha vontade de ir embora, de levá-los comigo.

— Então, meninos, contem para a mamãe para onde vocês vão! — pediu ele, com uma das suas expressões mais doces.

— Eu vou para o colégio interno — disse Marco, entusiasmado, certamente pelas promessas de prosperidade que Miguel teria plantado em sua cabeça.

— E você, Teresa? Conte para sua mãe para onde vai.

— Eu vou ficar aqui.

— O quê? — perguntou Miguel, incrédulo.

— Vou ficar com minha mãe — respondeu amedrontada,

voltando o olhar para o chão, com medo de encará-lo.

Miguel pareceu desconcertado com a resposta de Teresa. Estava seguro de tê-la convencido a partir, de que ela estaria convicta assim como Marco e que não haveria retorno em sua decisão. Encarei-o com ar de vitória, eu vencera a primeira das muitas batalhas que pretendia travar contra ele. Observei-o encabulado, sem saber o que fazer, pela primeira vez desde que eu o conhecera. Teresa quebrara nele a certeza de que poderia manipulá-la sempre, mostrara que era mesmo uma bruxa, que herdara o meu sangue poderoso e que não concordaria com ele em todas as suas decisões, ainda que precisasse enfrentar sua desaprovação. Meus olhos se acenderam de esperança por um instante, quando Marco mostrou-se admirado com a atitude da irmã. Cheguei a pensar que também desistiria da viagem, que finalmente tivesse se lembrado de quem eu era ou que resolvesse ficar apenas para não ter que separar-se de Teresa. Mas sua expressão de surpresa e indecisão transformou-se em raiva, e ele tornou a afirmar que partiria, assemelhando-se muito a Miguel em seus momentos de ira, como se ele realmente fosse seu filho.

Miguel nada falou. Lançou para Teresa um olhar que vagava entre desaprovação e decepção. Senti seu peito doendo, mas ele disfarçou seus sentimentos e o fato de que tinha se apegado àquelas crianças mais do que gostaria. Seu desapontamento era

semelhante ao de um pai verdadeiro, que traçara um futuro para seu filho e então fora surpreendido pela vida que lhe mostrava que cada um escolhe seu próprio caminho e que ele não poderia escrever o destino das outras pessoas por elas. Perguntei-me se aquilo era mesmo real ou se era mais uma forma que Miguel encontrara para manipular-me, chantagear-me como fazia sempre. Temi que a emoção que ele sentia, ou fingia sentir, fosse apenas mais uma extensão da sua teia de mentiras e chantagens, outra forma eficiente de conseguir o que quisesse de mim. De qualquer maneira, levou os dois com ele quando saiu. Temi que castigasse Teresa por tê-lo afrontado, principalmente diante de mim e de seus vassalos. Se algo de ruim acontecesse com ela, eu jamais me perdoaria.

Eu não voltei a ver Marco depois daquele dia. Miguel avisara-me que ele partira e que passaria muitos anos no internato para o qual ele o mandara. Teresa também não fora trazida ao meu encontro, mas Miguel me trazia notícias suas e pequenos bilhetes que ela escrevia para mim, sempre pedindo que eu não me preocupasse com ela, pois estava bem e afirmando que Miguel a tratava com carinho e apesar de não ter aprovado sua atitude, continuava pagando professores para que ela não parasse de estudar. Meu coração acalmava-se a cada bilhete recebido, embora eu imaginasse sempre se eles eram mesmo de Teresa, se ela os escrevera espontaneamente ou se

Miguel a obrigara. Eu precisava acreditar na sinceridade daqueles bilhetes. Ou então não suportaria.

# Um Anjo, Um Pequeno Demônio e o Nascimento de um Amor

As gêmeas cresceram depressa. Conforme Miguel pedira, eu cuidava delas durante a maior parte do tempo, trocando-lhes as fraldas, dando banho, amamentando-as. Não percebia que os dias, antes monótonos e inacabáveis, agora passavam apressados. Ágata tinha uma saúde de ferro, nunca ficava doente ou resfriada. Alice era bem diferente e quase todos os meses precisava dos remédios da curandeira e dos chás amargos que eram servidos pelas amas. Com o passar dos meses, a diferença de tamanho entre elas se

acentuava, chegando a parecer que não eram irmãs gêmeas.

As personalidades que começavam a desenvolver também eram totalmente distintas. Ágata era bastante agitada, não parava quieta um só minuto. Sempre que era posta perto de Alice, fazia de tudo para alcançá-la, batia em seu rosto com as mãos e quando conseguia, arranhava ou mordia. Ágata era esperta além do comum para um bebê da sua idade. Quando estávamos a sós, ela frequentemente puxava-me os cabelos ou beliscava-me, como se não gostasse de mim, mas quando Miguel estava por perto, ela acariciava meu rosto, dava beijocas em mim, em Alice e no próprio Miguel, mostrando-se como o anjo que deveria ser. Ela tinha os olhos verdes como os de Miguel, às vezes, eu os imaginava rubros, uma pequena vampira como o pai e, se um pai poderia amar um filho mais do que o outro, eu diria que Miguel amou mais a Ágata.

Alice era diferente, sempre carinhosa, esbanjava afeto para todos os que se aproximavam dela. Lembro-me especialmente dela sentada em meu colo na varanda, durante longas tardes, apenas observando o horizonte e acariciando meu rosto, até pegar no sono. Alice tinha um sorriso gentil e afetuoso, era calma e apesar da fragilidade da sua saúde, não era dada a manhas e caprichos. Era uma criança miúda, o que me fazia pensar que se quebraria à menor queda, e por isso, meu cuidado com ela era redobrado. Talvez Ágata sentisse ciúmes disso, talvez isso explicasse o seu

comportamento agressivo comigo e com a irmã.

Depois da partida de Marco para o colégio interno, eu cheguei a pensar em não ir embora até que ele fosse trazido de volta. Eu já havia perdido a noção do tempo e nem tinha certeza se conseguiria sobreviver em um país totalmente desconhecido e sem a proteção de Miguel. Eu não tinha ideia do que me esperava além daquelas muralhas que cercavam a casa e isolavam a campina do resto do mundo. Se tudo corresse conforme o combinado, em breve Miguel partiria, levando com ele as duas meninas que ele tanto desejara. Mas algo me dizia que isso nunca aconteceria. Eu conhecia aquele vampiro e sabia que em sua alma negra não havia qualquer centelha de sinceridade.

Senti uma dor profunda quando me deparei com a ideia de perder as gêmeas. Desde a minha última discussão com Miguel, eu jamais voltei a pensar em deixá-las. Minha alma ruiu ao imaginar a pequena Alice sumindo no horizonte, agarrada à mão de Miguel, olhando-me ao longe com seus olhos marejados de lágrimas, e Ágata sorrindo maliciosamente no colo de Miguel. Tentei espantar esses pensamentos, mas quando me voltei para a cama, onde as duas irmãs brincavam, Miguel estava sentado diante delas, e ambas sorriam para ele, estendendo-lhe os braços, exigindo o colo tão esperado e chamando-o de pai.

Outra vez duvidei se realmente chegaria o momento em que

Miguel as levaria consigo para sempre. Ou será que eu é que partiria com Teresa? Miguel tornou a trazê-la para mim mais uma vez depois que Marco fora embora. Naquele dia eu quase não a reconheci tão crescida estava, quase uma moça. Suas feições se alteraram com sua entrada na adolescência e na tão temida puberdade. Perguntei-me mais de uma vez se ela estaria sofrendo sem mim para ensiná-la sobre as mudanças que seu corpo e sua mente sofreriam, ou se alguma das mucamas de Miguel a teria guiado nessa difícil fase. De qualquer maneira, eu sentia que minha ausência nesses momentos havia sido uma perda irreparável, talvez mais para mim mesma do que para ela.

— Arrume as meninas. Vou levá-las para um passeio, hoje — surpreendeu-me Miguel, na tarde em que permitiu a Teresa visitar-me.

— Eu irei com vocês? —indaguei.

— Desculpe, querida, mas só levarei as meninas comigo — respondeu gentilmente, segurando meu queixo com uma das mãos. — Mas quem sabe da próxima vez.

— Mas... Miguel... — protestei — Eu estou cansada de ficar presa aqui neste quarto, sozinha. Só Deus sabe quantos anos se passaram desde que me trouxe para cá. Eu estou chegando ao meu limite.

— E se eu deixasse que Teresa viesse fazer-lhe companhia?

Isso ajudaria? — outra vez, Miguel surpreendeu-me. Ele sabia que eu não recusaria a companhia de Teresa, porque a saudade me corrompia a cada minuto que eu passava longe dela. A ausência de Marco já me causava agonia suficiente, tanto que eu não poderia recusar uma tarde inteira ao lado de Teresa, porque tínhamos muito que conversar, eu tinha muito a perguntar a ela.

Arrumei as meninas como Miguel me pediu, vesti-as com lindos vestidos cor-de-rosa, bordados com fios de seda brancos que surgiam por entre a renda como as nuvens surgem em um céu de fim de tarde. As pequenas pérolas que brotavam por entre as margaridas viçosas que se assemelhavam a um campo de primavera nas saias rodadas, contornadas por fios prateados pareciam ter saído de dentro dos meus sonhos. Os cabelos castanhos, tão sedosos que refletiam a luz do sol nos olhos de quem os visse, foram enfeitados com laços de fitas do mesmo cetim que rodeava suas cinturas, nascendo na abertura frontal dos vestidos e acabando em um grandioso laço na parte de trás. Os sapatinhos de verniz branco, não menos lindos que o resto da indumentária, eram tão macios que pareciam pedaços arrancados das nuvens, e faziam com que as meninas flutuassem ao invés de caminhar.

Também dei-me ao luxo de usar um vestido bonito naquele dia. Desde o nascimento das meninas, eu jamais tornei a arrumar-me, como fazia quando esperava por Miguel, quando ainda

alimentava esperanças de viver uma história de amor ao seu lado, quando ainda era idiota demais para reconhecer a verdade estampada nos olhos daquele vampiro demoníaco. Não queria que Teresa me visse outra vez no estado de mímica no qual eu me encontrava. Arrumei-me à espera de parecer menos feia, ou menos velha para ela, à espera de parecer mais familiar, como nos velhos tempos, quando eu ainda era sua única família. Prendi os cabelos em um alto coque, rodeado por duas tranças, cada uma partindo na direção da outra, e presas com um pente adornado de pedras verdes como os olhos de Miguel. Então, sentei-me à beira da cama e esperei. Esperei um tempo que me pareceu a eternidade até que Teresa fosse finalmente trazida até mim.

Ela estava linda, trajava um vestido floral e trazia os cabelos trançados com fitas vermelhas, que formavam um pequeno laço no final da trança. Teresa era a minha referência temporal, era só através dela que eu tinha alguma noção de quantos anos se passaram desde que fomos trazidos da Itália. Naquela tarde, reparei em como ela havia mudado, não apenas sua aparência, mas seu comportamento. Já não era mais a minha criança, agora era uma mulher. Imaginei quantos anos tinha, será que ela mesma sabia? Tentei fazer cálculos mentais a fim de descobrir sua idade. Não tive sucesso. Por mais que eu tentasse, o tempo sempre parecia ter passado muito mais rapidamente do que eu me lembrava. De certo,

as meninas me distraíam ao ponto de eu não me dar conta dos anos que se passavam, e de como Teresa crescia, longe de mim, enquanto eu envelhecia, ignorando por completo minha própria idade.

— Eu senti saudades, mamãe. — disse ela, pouco antes de atirar-se em meus braços.

—Eu também — respondi, apenas. Tinha tantas coisas pra lhe dizer, tantas perguntas para lhe fazer, mas agora que ela estava ali tão perto de mim, as palavras fugiam-me dos lábios e eu me perdia naquele abraço. Quis perguntar a ela sobre o paradeiro de Marco, mas eu sabia que a separação e a falta do irmão lhe causavam um mal tão grande quanto a ausência do filho causava em mim. Optei por não torturá-la com este assunto, porque ela estava alegre e sorridente nesse dia.

— Miguel a tem tratado bem, minha filha? Como anda a relação de vocês depois do nascimento das meninas?

— Você fala como se elas tivessem nascido ontem, mamãe. Elas vão fazer sete anos na semana que vem, não lembra? E Miguel é um cavalheiro, como a senhora já sabe. Sempre me tratou como uma filha, embora eu sempre soubesse que ele não é o meu pai. Logo depois que as meninas nasceram, depois daquele dia em que ele nos trouxe para conhecê-las, decidimos que seria melhor se eu parasse de chamá-lo de papai. Passamos a conviver como dois bons

amigos, mamãe. Miguel vê que já não sou nenhuma criança.

— Como assim? O que quer dizer com isso? — um arrepiro gelado percorreu cada centímetro do meu corpo quando ouvi da boca de Teresa as palavras de admiração e intimidade com Miguel. Eu o conhecia, ele era um demônio, estava seduzindo-a, como fizera comigo. Recordei-me exatamente das palavras de Miguel quando me contou quem realmente era: *“a coisa mais sedutora para um vampiro é o sangue de uma bruxa”* ele disse, e depois, disse outras ainda piores: *“Somos condenados a desejar quem jamais poderíamos realmente ter”*. Era lógico que Teresa estava incluída nessa concepção de Miguel. Ele mesmo afirmara que ela e o irmão haviam herdado o meu sangue. Marco estava livre, longe das garras do demônio, mas Teresa, a minha doce menina, estava ali, frágil e vulnerável aos encantos de Miguel, encantos que eu conhecia muito bem.

— Bem, nós estamos convivendo muito bem. Saímos para cavalgar quase todas as manhãs, ainda fazemos piqueniques à beira do lago, ele me ensina sobre os cavalos e me ajuda com as lições. Miguel é muito atencioso, mamãe, e presenteia-me constantemente. Às sextas-feiras saímos para passear. Às vezes caminhamos pelo campo, sem destino, olhando a noite e as estrelas que vêm com ela, outras vezes, visitamos vizinhos, participamos de jantares com alguns negociantes. Ele está ensinando-me a tomar conta dos

negócios, pensa que tudo isso será nosso em breve. Acho que quando chegar a hora de me casar, desejarei alguém como ele.

— Ora, não fale bobagens! — esbravejei sem pensar, como se gerasse uma defesa invisível, capaz de protegê-la das garras do vampiro. Eu desejei contar-lhe toda a verdade, contar toda a história desde o início. Respirei fundo. Tinha que descobrir mais sobre as intenções de Miguel, ou então arriscaria perder Teresa para sempre ao tomar qualquer atitude precipitada. Se eu contasse, ela imaginaria que eu enlouquecera. Se eu a repreendesse, era capaz que não quisesse mais vir me ver. Nenhuma das duas coisas seria produtiva. Era tarde para repreendê-la. Ela já estava apaixonada por Miguel.

— E por que isso seria bobagem, mamãe? Você mesma não o escolheu para ser o pai de suas filhas? — aquela pergunta partiu meu coração. Tantas mentiras habitavam aquela jovem que acabara de desabrochar para vida. Tantas ilusões plantadas por Miguel naquela pobre alma de criança, presa em um corpo de mulher, uma linda mulher, mas que ainda trazia nos olhos toda a inocência da criança que ela fora. Uma jovem apaixonada foi no que Teresa se transformara. E eu tinha certeza de que se lutasse contra isso, contra o sentimento inevitável que brotava nela, seria a mim que odiaria, jamais a Miguel.

— Sim, minha filha. Eu o escolhi. — tive forças somente

para essa resposta.

Passamos o resto do dia a caminhar pela campina, correr entre as árvores ralas que se estendiam até a beira das muralhas que cercavam minha doce prisão, que agora, com a presença de Teresa já não me parecia tão insuportável. Ela pediu-me que mostrasse meus vestidos e os das meninas. Parecia que o principal hobby de Miguel era comprar vestidos para Teresa. Ela contou-me que ele contratara uma dúzia de costureiras, só para fazer-lhe as vontades. Falou-me também das joias com as quais ele a presenteava frequentemente, de como elas eram belas com suas pedras multicoloridas e presilhas de ouro. Mostrou-me uma que trazia em seu cabelo, entremeada com a fita da trança, que eu não percebera quão discreta e delicada era. Um fio dourado entre os cabelos dourados de Teresa. Um fio dourado de onde escorriam lágrimas de cristal transparente, tantas quanto as que minha alma chorava agora por ela.

Quando o sol ameaçava se pôr no horizonte longínquo, era chegada a hora da despedida. Miguel estaria de volta em alguns minutos e eu não havia alertado Teresa do perigo que corria e precisava fazer isso agora, de maneira sutil, sem me impor entre o sentimento que ela nutria por ele.

— Teresa, eu preciso lhe pedir uma coisa, antes que Miguel volte com suas irmãs.

— É claro mamãe, pode falar. Você precisa de alguma coisa? Quer que mande uma costureira aqui para tirar as suas medidas e fazer-lhe alguns vestidos novos?

— Não, minha filha, quero pedir pra você tomar muito cuidado com Miguel.

— Tomar cuidado por quê? Eu não entendo, mamãe. Acabo de lhe contar da vida maravilhosa que Miguel me dá, e você me pede para desconfiar dele?

— Não — ela estava mais apaixonada, mais seduzida do que eu pensara, seria quase inevitável impedir que uma tragédia sucedesse — não estou pedindo para desconfiar dele. Estou pedindo que se cuide, que olhe ao seu redor, que converse com os serviçais sobre Miguel, e que ouça o que eles têm a lhe dizer.

— Eu converso com os serviçais todos os dias. São eles que me ajudam a vestir-me, são eles que me servem as refeições, entre milhares de outras coisas. Eu converso com eles sobre Miguel. Todos parecem adorá-lo, ele é como uma espécie de deus para eles. Já ouvi alguns cochichando pelos cantos sobre certos poderes de Miguel. Acho que eles acreditam mesmo nisso! — ela riu-se ao imaginar Miguel como um deus. Eu sabia exatamente o que era aquilo, conhecia aquela sensação como ninguém, porque eu mesma já o vira daquela maneira, como um deus perfeito.

— Eles mentem para você. Mentem porque têm medo. O

que você faria se descobrisse que eles odeiam Miguel e que não o idolatram como você imagina?

— Não sei. Deveria puni-los?

— Exatamente. Eles sabem disso assim como sabem como você ama Miguel. Eu quero que você converse com eles e que ouça o que eles têm a dizer de verdade. E peço-lhe que não os puna por isso.

Teresa pareceu ter escutado minhas palavras com pouco interesse. Quando terminei, tirei os olhos do sol que se punha e voltei-me para ela, mas só encontrei o piso vazio da varanda. Teresa saíra correndo pela campina, no intuito de alcançar Miguel que regressava de seu passeio com as gêmeas. Observei-a atirando-se em seus braços com o sorriso mais lindo do mundo estampado no rosto. Senti meu sangue subir violentamente pelas veias. Eu aceitava que Miguel tivesse feito o que fizera comigo, mas com a minha filha, eu jamais admitiria.

Vi quando Miguel abraçou Teresa e erguendo-a em seus braços em um giro, como dois namorados apaixonados fariam. Ele beijou-lhe a face por mais de uma vez enquanto Alice a observava com um sorriso nos lábios e Ágata com uma carranca, puxando Teresa pelo vestido, tentando afastá-la de Miguel. Ele olhou-me de relance e depois fixou o olhar em mim, aproximando-se, com um braço sobre os ombros de Teresa e trazendo Ágata na outra mão.

— Você está linda hoje, Francesca. — elogiou-me.

— Obrigada, Miguel.

— Você gostaria de jantar comigo hoje? Precisamos conversar sobre as meninas.

— Eu não gostaria de jantar com você. Creio que não tenhamos nada a conversar, nada que não possamos tratar aqui mesmo, em frente às meninas.

— Tenho um assunto do seu interesse. Outra proposta para fazer-lhe. Você já sabe do que se trata. Mandarei buscá-la ao anoitecer. Use esse mesmo vestido, eu já tinha me esquecido de como você é linda. — Por um momento, recordei-me do anjo que eu conheci quando ali cheguei. Miguel não mudara, não envelhecera um dia sequer desde que eu o conhecera. Isso logo se tornaria um problema. Cedo ou tarde, as meninas perceberiam e o questionariam sobre este fato.

— Ah! Miguel! Você é tão gentil! — disse Teresa, mirando-o com seus olhos apaixonados de menina-mulher. Ágata aproximou-se e beliscou o braço de Teresa, repreendendo-a por gostar de Miguel tanto assim. Ele riu, concordando com a atitude da filha predileta. Eu segurei a sua mãozinha, repetindo para que ela não fizesse aquilo novamente. Miguel repreendeu-me com um olhar gelado. Baixei os olhos, desviando-me do punhal que atravessou meu peito. Despedi-me de Teresa com lágrimas nos

olhos e o peito apertado. Em um segundo de distração de Miguel, enquanto se despedia das gêmeas, arrastei Teresa para um canto, e mais uma vez supliquei.

— Faça o que eu lhe pedi, não se esqueça da nossa conversa de hoje. Você se surpreenderá com o que vai descobrir.

— Adeus, mamãe — respondeu ela, com certa repulsa no olhar.

# A Mão de Teresa

A noite chegou devagar, descendo por trás das colinas longínquas, arrastando seu véu de negritude incontrolável, trazendo a sombra que cala a luz do sol, que silencia o dia. Eu jamais apreciei o pôr-do-sol. Agora mais do que nunca, sentia-me consumida pela sombra que avançava cada vez mais certa para mim, trazendo com ela Miguel e suas artimanhas. O vazio da escuridão causava-me medo, porque as noites sempre foram solitárias. Ainda que eu estivesse rodeada de gente, de pajens e amas, das filhas de Miguel, quando acordava de madrugada enquanto todos eles dormiam, eu estava mais sozinha do que nunca. Eu alimentava esse sentimento há tanto tempo, que sentia como se ele tivesse nascido comigo, e já não conseguia recordar-me em que ponto da vida é que essa concepção da noite surgira em mim.

Eu só sabia que aquela noite seria diferente. Naquela noite ele viria até mim outra vez. Qual seria sua proposta? Nenhuma ideia me passou pela cabeça. A adrenalina percorria o meu corpo, eu não estava preparada para encarar Miguel. A ira que se apossara de mim jamais fora embora, e eu sentia ainda mais raiva dele pelo sentimento que ele inspirara em Teresa. Tinha vontade de acabar com a vida dele, de livrar-me de uma vez por todas daquele maldito vampiro, mas se o fizesse, morreria junto com o demônio. Não, ainda era cedo demais. A paciência era dom que eu não tinha, mas que pretendia alimentar a partir de então.

O carcereiro buscou-me, como das outras vezes, com a venda de seda nos olhos. Não resisti. Deixei-me levar pelo labirinto desconhecido da fortaleza de Miguel. Senti o calor brotando da lareira, o cheiro do vinho doce aberto sobre a mesa. Retirei a venda e deparei-me com a beleza e com o encanto de que eu já me havia esquecido. Perfeito era a palavra que definia aquele lugar, naquele momento. Imaginei como seria a majestosa sala de jantar à luz do dia. Perderia seu encanto, aquele ambiente fora feito para a noite e para o frio. Sempre fazia frio ali dentro, por mais quente que o verão pudesse ser, eu sentia no assoalho os flocos de gelo que castigavam os meus pés sempre descalços.

Ele já estava lá. Lindo, como sempre fora, mas dessa vez com um brilho no olhar de esmeralda, uma luz que não o habitava

antes. Procurei não mirar diretamente naqueles olhos. Temi que me enfeitiçassem. Sentei-me sem tirar os olhos da garrafa de vinho que descansava sobre a toalha de renda. Ele serviu-me de uma taça, depois mais uma. Eu bebia devagar, apreciando a bebida que escorria pela garganta, que me trazia uma sonolência gostosa, um prazer do qual eu já me havia esquecido. Permaneci ali, bebendo em silêncio, não me importando com o que Miguel pensava ou o que ele esperava de mim. Por um momento, esqueci completamente de tudo, de onde eu estava, de quem eu era, do que fizera até então. Nada existiu naquela hora; apenas o líquido frio que descia pela garganta, causando uma tontura agradável.

Ele nada disse. Observou-me enquanto eu me satisfazia com o vinho, enchendo a minha taça a cada instante. Não sei se esperava alguma indagação minha, ou se envenenara o vinho. Eu apenas sorvia o líquido e não pensava em nada. Ele só enchia a minha taça e sorria. Quando acordei do meu devaneio em um suspiro profundo, quando a realidade se reinstalou nos meus sentidos adormecidos pela bebida, foi que eu reuni a coragem de que necessitava para encarar aquele demônio com rosto de anjo que sorria ternamente para mim. Senti asco por sua falsa beleza, por sua falsa gentileza, por ele ser o que ele era. Tão lindo por fora, tão imundo por dentro. Senti uma lágrima escorrendo pela minha face. Apenas uma lágrima pela vida que eu poderia ter tido, mas de que

abdiquei quando aceitei a proposta de Miguel. Ou uma lágrima pela morte, a morte que poderia ter vindo levar-me na guerra, antes que ele tivesse me encontrado, mas que não veio.

— Minha querida — Miguel quebrou o silêncio de pedra que se instalara na sala gelada — você tem sido muito boa para mim. Cuidou com esmero das minhas filhas até agora, fez mais do que o nosso acordo a obrigara.

— Você, no entanto, não cumpriu a sua parte no acordo — retruquei rispidamente.

— Ainda não. Na verdade, é sobre isso que conversaremos hoje. Eu preciso de um filho homem. Um menino para ser meu herdeiro, meu sucessor...

— Nunca, Miguel! — interrompi aos berros — Eu jamais lhe daria outro filho! Jamais! Você não cumpriu o que prometeu, roubou os meus filhos e me trancafiou naquele quarto como se eu fosse uma de suas escravas, ou pior do que isso!

— Eu não me atreveria a pedir-lhe outro filho. Mas a sua filha, Teresa, ela já é uma mulher, e o seu sangue corre nas veias dela e...

— Nunca, Miguel! Não toque na minha filha! Nem pense em encostar um dedo sequer em Teresa! Seu demônio maldito!

— Francesca, ela já é uma mulher, acho que ela pode escolher o que desejar! Eu lhe proponho que conversemos com ela,

nós dois juntos. Proponho-lhe que ouçamos o que Teresa tem a nos dizer sobre casar-se comigo.

— O quê? Casar com você? Está louco, Miguel? Você vai machucá-la, mais cedo ou mais tarde! Ela tem o meu sangue nas veias, você não resistiria por muito tempo! Deixe Teresa em paz!

— Você ficará aqui por mais um ano, até Teresa completar dezoito. Depois disso, vou pedi-la em casamento. Se ela aceitar, será a mãe do meu herdeiro. Se ela negar, darei a vocês o que lhes é de direito, e podem partir se preferirem ou ficar aqui com o patrimônio que lhes pertence.

— Você é louco, Miguel! Ela é uma criança, você está enganando-a, está seduzindo-a exatamente como fez comigo! Você não pode tirar Teresa de mim, ela é minha filha! Você já roubou um filho de mim, não vou deixar que faça o mesmo com Teresa!

— Eu darei a ela uma escolha. Ela decidirá. Se quiser partir com você, eu a libertarei. Se quiser ficar e casar-se comigo, assim será. Não estou tirando-a de você. Ela é quase uma mulher, tem que decidir por si só.

— Então, conte-lhe a verdade! Mostre para ela o que você é! Depois disso eu lhe garanto que ela o odiará tanto quanto eu o odeio! Ela jamais ficará aqui para se casar com um vampiro!

— Não. Eu acho que você é quem deveria contar a verdade para ela. Mas você a magoaria muito. Deve ter visto como ela me

ama. Você não vai querer estragar os sonhos dela, só porque os seus não se concretizaram, vai? Ela pode ser feliz, Francesca. Ela pode ser feliz ao meu lado, para sempre. Ela jamais saberá a verdade. Terá um lar, uma família. Terá a mim para protegê-la.

— Ela não precisa de você! Ela já tem a mim!

— Mas que tipo de vida você dará a ela? Duas mulheres sozinhas no mundo, sem um homem para protegê-las, não sobreviveriam muito tempo nestas terras.

— Então traga Marco de volta para nos proteger!

— Marco vive em um mundo totalmente distinto agora. Ele está se dedicando aos estudos, não abandonará os sonhos dele para vir tomar conta da mãe que ele mal conheceu.

— Mas ele viria, por Teresa!

— Não viria, porque sabe que ela está sob minha proteção.

— Miguel, eu lhe imploro! Deixe-nos em paz... — minha voz soou quase como um suspiro. O vinho ainda fazia efeito em meu corpo e a sensação de flutuar ainda não me abandonara. Eu beirava o desespero, mas não chorava mais. A tristeza subitamente sumira, dando lugar a uma dor seca, sem lágrimas, sem choro. A dor aguda causada pelo ódio de ver que Miguel pretendia destruir a vida de Teresa, como destruíra a minha.

O silêncio pareceu ter durado uma eternidade. Olhei em volta, as paredes da sala lacrada. Olhei para a mesa finamente

arrumada. Eu não tocara na comida, e os pratos e talheres ainda estavam perfeitamente arrumados, esperando pelo meu apetite. Então em um relance da minha raiva, agarrei uma das facas, a maior que pude localizar e cortei um dos pulsos com força, fazendo o sangue jorrar sobre a toalha branca, molhando a garrafa de vinho que me saciara há pouco e manchando os pratos de porcelana que esperavam dispostos em fileiras na frente do vampiro. Eu servira sua refeição.

Miguel levantou-se, assustado, caminhou para trás alguns passos, sem tirar os olhos do sangue que escorria de mim. Estiquei o pulso ferido em sua direção, provocando a sede, atíçando-o. Eu preferia morrer a ver Teresa cair em desgraça como eu caíra. Eu preferia partir e levá-lo comigo. Aproximei-me bem devagar, sentindo o medo apoderar-se de minha alma há muito tempo impura, contaminada e seduzida pelo vampiro. Cheguei perto o bastante para ver o pavor em seus olhos, para ver que seu medo era tão intenso quanto o meu e para ver seu espírito acovardado. De certa forma, lembro-me de que aquela foi uma das melhores sensações que eu senti em toda a minha vida. Adorei malignamente, quase diabolicamente, o medo que nascia no olhar do vampiro, o reflexo do meu rosto sorridente em seus olhos, enquanto mudavam drasticamente do fascinante verde para vermelho.

Jamais pude esquecer aquele momento, em que eu me sentia infinitamente mais poderosa do que a criatura em minha frente. Naquele momento eu tinha o poder da vida ou da morte, tinha o controle total do destino, o poder que me fora concebido talvez pela minha embriaguez. Observei cada movimento, cada tremor do corpo de Miguel, que se apavorava cada vez mais à minha frente, enquanto seu corpo era totalmente tomado pelo desejo de beber-me. Eu nunca desejara tanto a morte quanto a desejei naquele momento, vislumbrada pela possibilidade de arrancar Teresa dos braços do monstro, de lhe dar um destino diferente daquele que Miguel traçara para ela.

Ouvi um som terrível, um grito. Eu imaginei que, se Miguel tivesse mesmo uma alma, teria vindo do fundo dela. Assustador e insano, ele se levantou da cadeira em que estava, saltando sobre meu corpo ensanguentado. Segurou fortemente o meu queixo, forçando-me a olhar para cima, deixando o meu pescoço inteiramente exposto. Sua mão forte percorreu-o e em seguida desceu pelo colo, apreciando cada curva molhada de sangue que encontrava pelo caminho, enquanto meus pelos se arrepiavam por prazer ou temor. Vislumbrei toda a minha miserável existência naquele momento eterno em que Miguel acariciava-me como se fosse um aperitivo, antes de atacar o meu pescoço que seria então, sua ceia.

Fechei meus olhos, na tentativa de perder os sentidos, mas antes que adentrasse em um transe voluntário, fui distraída por violentas batidas na porta. Miguel também virou-se para a entrada, esperando que meu doce carcereiro girasse a chave na fechadura. Ao invés disso, foi a voz de Teresa que saltou pelas minúsculas frestas que contornavam a moldura entalhada da porta. Ele soltou-me de imediato. Ela também o despertara. Virou-se na direção da parede, mantendo a cabeça baixa e os olhos fixos no chão. Outro chamado de Teresa e ele tornou a encarar-me. Nada mais de vermelhidão habitava o seu olhar.

O demônio fugira de mim, escapara da minha armadilha, sem que eu encontrasse explicação lógica para tal. De fato, havia sido difícil afastá-lo do meu sangue quando me atacara tempos atrás. Como poderia agora desistir do seu maior desejo, ir contra os seus instintos de animal, só pelo fato de ouvir a voz de Teresa? Ela o teria enfeitado? Talvez não fosse mais a Teresa que eu conhecia, a minha menina inocente. Aquela era uma mulher que em nada se parecia com a criança magra e medrosa que eu trouxera da Itália. Certamente ela era muito mais bruxa do que eu, ela era capaz de domar aquele demônio com uma simples palavra. Eu não fora capaz sequer de tirar-lhe a vida.

Miguel se recompôs e estendeu-me a mão. Eu hesitei um instante. Achei que deveria ter uma última tentativa, assim estendi-

lhe a mão ensanguentada e o pulso talhado. Ele o segurou, sem cerimônia. Envergonhada, desviei o olhar. Ele acompanhou-me até meu lugar à mesa, depois enrolou cuidadosamente um guardanapo em meu ferimento, enquanto Teresa ainda esperava que a porta fosse aberta. Com outro guardanapo, secou os respingos de meu sangue que jorraram sobre sua própria mão. Como por mágica, a porta se abriu naquele momento e Teresa parou à beira da mesa, surpresa e apavorada com o que viu.

Perguntei-me se ela sabia quem era Miguel, o que ele era. Olhei em seus olhos, mas não pude decifrar o olhar que ela lançava sobre o sangue que ali havia. Não demonstrava medo dele, ou de mim, apenas uma interrogação havia, estampada em sua face, tão pura, tão inocente era sua dúvida. Comovi-me com aquele olhar interrogativo, que me fez quebrar o silêncio e dirigir-me a Teresa, que era e que para sempre seria a minha Teresa, a quem eu protegeria, não importava o que acontecesse.

— Oh! minha filha...

— O que aconteceu aqui? — interrompeu-me antes que pudesse inventar qualquer desculpa.

— Foi só um acidente. Não precisa se preocupar, querida, não foi nada grave. — adiantou-se Miguel, de certo, com medo que eu escancarasse a verdade à Teresa ali mesmo.

— Deixe-me ver isso, mamãe — pediu, levando as mãos

delicadas até o guardanapo a ponto de desenrolá-lo — está muito machucada?

— Não faça isso, Teresa, o pano está estancando o sangue e se você retirá-lo, poderá tornar a sangrar — pediu Miguel imediatamente. Estava claro que ele não queria correr o risco de transformar-se na frente de Teresa, e isso para mim era prova suficiente de que ela não sabia de nada.

— Oh! você está certo, Miguel — disse ela, afastando-se do pulso ferido — Vamos, mamãe, vou levá-la para tratar a ferida.

Teresa segurou-me pelos ombros e caminhamos juntas pelos infinitos corredores, que agora eu vislumbrava inteiramente pela primeira vez. Havia quadros antigos pendurados nas paredes escuras, em que se viam cenas do cotidiano do interior retratadas a óleo e emolduradas elegantemente em madeiras entalhadas de muitos tons diferentes. Nas beiras da larga circulação, havia móveis que também aparentavam ser muito antigos, torneadas escrivaninhas e cômodas de várias gavetas e puxadores dourados que serviam de aparadores para vasos carregados com flores campestres. Parei em frente a um daqueles arranjos. Observei cada detalhe, cada flor que saltava pela abertura do vaso entre os caules espremidos, implorando uma gota de luz naquela penumbra mortuária do corredor.

— Você gostou, mamãe? Fui eu que fiz! — disse ela

orgulhosa, percebendo meu interesse e tentando chamar minha atenção — Miguel ensinou-me a fazer arranjos com flores do campo. Veja, há concordância entre as cores e, principalmente, simetria entre o tamanho dos caules, ponto este que Miguel considera um dos principais para que o arranjo fique harmônico como deve. Está vendo o *dégradé* do centro para as bordas? Miguel considera esta a junção mais bonita das cores.

— É... — balbuciei, sem saber o que dizer, temendo magoá-la — está lindo.

Teresa simplesmente sorriu. Seguimos até chegarmos a um pequeno dormitório, cercado de beliches por todos os cantos. As negras se amontoavam por ali, sentadas sobre as camas, amarrando feixes de ervas. Teresa cumprimentou-as naquele idioma estranho que todos falavam, depois estabeleceu um diálogo que me pareceu animado e familiar. Imediatamente, duas amas vieram até mim, carregando suas ervas nos bolsos dos aventais que traziam sobre os vestidos brancos. Uma delas retirou o pano que estancava o sangue, e, conforme Miguel previra, a hemorragia tornou a surgir, fazendo jorrar o líquido vermelho e viscoso nos aventais das mucamas.

Depois de limpa e costurada a ferida, um emplastro de ervas foi depositado sobre o corte e, desta vez, amarrado com uma fita larga e branca. Teresa abraçou-me levando para longe a dor que fazia o braço latejar. Conversamos mais um pouco sobre futilidades

como, por exemplo, o vestido novo que Miguel encomendara para ela, o colar novo com o qual ele a presenteara, o par de sapatos novos que ele comprar para ela. Não me atrevi a perguntar sobre os sentimentos que ela nutria por ele e nem seria necessário, porque estavam tão estampados em seu rosto quanto em seus olhos.

A cada três palavras ditas por Teresa, ao menos uma era “Miguel”. Ela o amava tanto que não conseguia conter o amor, nem os suspiros que saltavam dela involuntariamente cada vez que pronunciava o nome dele. Outra vez veio-me à mente a imagem de Miguel sobre mim e a lembrança de como ele se afastara apenas por ouvir a voz de Teresa. Seria o amor deles tão poderoso, capaz de afastar o demônio, de salvar Miguel da maldição que o possuía? Certamente não. Eu sentia que aquilo fora apenas mais uma das artimanhas do vampiro para me convencer a entregar-lhe Teresa. Mas isso jamais aconteceria.

Convidei-a para tomar sol comigo na varanda. Aquele quarto tornara-se a minha casa e eu não me sentia à vontade para conversar com Teresa, colocar as cartas na mesa de uma vez, se não estivesse sob a proteção daquelas paredes. Ela aceitou. Seguimos adiante, sempre parando para admirar cada quadro, cada vaso de flores, cada móvel. Teresa me mostrava tudo com paciência, contando histórias de cada objeto que se relacionavam com sua vida e com a infância vivida naquela casa e com seu

irmão. Miguel estava presente em todas elas. A inveja me corroia por dentro, não por ciúmes de Miguel, mas porque eu desejei ser ele, ser a figura que aparecia em cada uma daquelas lembranças. Aquele lugar que era meu por direito.

Chegando à varanda eu finalmente criei coragem e comecei a puxar o assunto com cuidado. Não seria fácil para Teresa saber que sua mãe era contra seu romance, contra o amor que ela sentia por Miguel, contra todos os planos que traçara para o futuro. Era preciso ter cautela, muita cautela, para que eu não me tornasse a vilã daquela história toda, e Miguel, a vítima.

— E então, perguntou para suas mucamas o que elas sabem sobre Miguel?

— Perguntei — respondeu ela suspirando. Estava mentindo.

— E então? O que elas contaram?

— A mesma coisa de sempre, mamãe, disseram que Miguel é um patrão generoso, que faz mais por elas do que poderiam esperar de outros patrões.

— Você está mentindo, filha.

— Não estou.

— Está sim! Eu conheço você tanto quanto a palma da minha mão. Sei que está mentindo, mas não a condeno por isso. É difícil escapar das garras de Miguel. Ele é muito convincente quando deseja.

— O que está insinuando?

— Não estou insinuando nada. Estou afirmando que Miguel é muito ardiloso, que ele sempre consegue o que quer, custe o que custar.

— Mamãe, você está com ciúmes do Miguel.

— Como se atreve a dizer uma coisa dessas? — interrompi com a voz alterada, mas arrependi-me imediatamente.

— É verdade! Você sente ciúmes de Miguel e por isso quer eu me afaste! Eu lhe adianto que isso não vai acontecer, mamãe, porque eu amo Miguel! Eu o amo mais do que qualquer outra coisa e vou casar-me com ele, quer você queira, quer não!

— Teresa, não pode fazer isso! Você não sabe com quem está lidando. Você não sabe quem é Miguel, de verdade.

— Eu o conheço bem melhor do que você, mamãe! Era eu quem estava ao lado dele durante todos esses anos em que você preferiu ficar isolada neste quarto! Fui eu quem conviveu com ele todos os dias desde que chegamos a este lugar! E é a mim que ele quer, é a mim que ele ama! Nada pode mudar isso!

— Ele é um demônio, Teresa! Ele é um demônio! Peça-lhe que conte sua história e então você saberá o que ele realmente é!

— Ora, mamãe, Poupe-me das suas maluquices! — Ela levantou-se, caminhou em direção à porta e estendeu uma das mãos até a maçaneta — E não se preocupe, eu não contarei nenhuma das

suas calúnias para Miguel!

Tudo dera errado. A conversa não fluiu conforme eu imaginara. O amor realmente cegara Teresa, e agora eu temia que Miguel voltasse para se vingar das minhas especulações junto a Teresa. Eu tive medo, embora não soubesse exatamente o que ele poderia fazer. Matar-me certamente ele não iria, pois como dissera várias vezes, as meninas precisavam de mim. E o que eu mais temia ele já fizera, tirara os meus dois filhos de mim. Marco estava longe e Teresa estava mais longe ainda, já que seu coração viajara para junto de Miguel.

# A Falsa Verdade de Teresa

Era preciso encontrar uma saída. Eu seria covarde se desistisse de Teresa, covarde como fui quando não tive forças para resistir aos encantos de Miguel. Agora outra vida estava em jogo. Se eu permitisse aquele casamento, estaria condenando Teresa à morte, e por que não, condenando-me também. Não poderíamos nos suportar por muito tempo, Miguel e eu, um acabaria por tirar a vida do outro, esse era o destino. As meninas estavam crescendo rapidamente, o momento de partir tantas vezes adiado, não poderia tardar mais.

Esperei que Miguel, como sempre, chegasse junto com a tarde ensolarada que se anunciava no horizonte. As pequenas o aguardavam ansiosas dentro dos seus vestidos de boneca, envoltas

em laços de fitas e adornos dourados nos cabelos. Alice esperava sentada ao meu lado, segurando-me a mão. Ágata, perdida em seu ar de ironia, que a acompanhou desde seu nascimento, sorria com o canto dos lábios irritantemente, porque ela sabia o quanto eu odiava o seu pai e adorava cada vez que ele vinha para tirar-me a paz. Então eu já sabia o que seguiria, Ágata tentaria perpetuar a visita o máximo que podia, inventando desculpas para atrasar a saída do pai. Obviamente, fazia isso para me irritar, enquanto me olhava de soslaio e sorria demoníaca, assemelhando-se cada vez mais a Miguel.

Em certas ocasiões, Ágata me causava um asco involuntário, como se ela não pudesse ter saído de dentro de mim, como se fosse filha apenas de Miguel. Alice, ao contrário, gerava em mim uma serenidade, um afeto sincero, despertando um amor que só poderia existir no coração de uma mãe, e que ela só poderia sentir por um filho. Conforme o tempo passava Alice se tornava mais doce e atenciosa. Conversava comigo longas horas a fio na varanda, envolvia-se em meus braços, como que para aliviar minha solidão.

A porta finalmente se abriu com o girar da chave de todos os meus pesadelos. Não virei-me para encarar Miguel, mas sabia que ele me observava. Ágata correu imediatamente para seus braços. Alice pediu para ficar comigo, mas Miguel não concedeu o

desejo. Vi o vulto sentando-se ao meu lado no chão de pedras frias. Ainda assim não me virei para ver que não era Miguel, mas sim Teresa, que voltara para terminar a conversa precocemente encerrada. Só depois de ouvir outra vez o ruído da fechadura, foi que voltei minha atenção a Teresa.

— Perdoe-me, filha. A culpa disso tudo é minha, eu poderia ter evitado essa vida infeliz, mas não o fiz.

— O que está dizendo, mamãe? — interrompeu. Eu respirei fundo, tentando encontrar uma maneira de contar toda a verdade, sem assustá-la.

— Nada, querida. Só que existem coisas sobre Miguel que você desconhece. Eu queria poder lhe contar, mas creio que não esteja preparada para ouvir.

— Ora, mamãe, lá vem você outra vez tentando afastar-me de Miguel. — Teresa dizia essas palavras com uma compaixão assustadora. Eu deixara de ser a sua melhor amiga e me tornara a mãe louca. — Eu entendo que esteja com ciúmes, mas por favor, aceite que você e Miguel jamais seriam felizes juntos.

— Eu aceito isso, minha filha, mas quero que entenda que ele jamais poderá fazê-la feliz também.

— Como você pode saber? Nós somos muito diferentes, mamãe. Eu sei que você amou Miguel. Talvez o tenha amado tanto quanto eu, ou ainda mais, mas isso não invalida o fato de que você

jamais poderia se casar com ele. Você já é casada, mamãe, lembra-se? O meu pai está vivo, em algum lugar deste mundo. Você o traiu com Miguel para dar-lhe as filhas que ele desejava. Eu não a condeno por isso. Sei o quanto você o amou. Mas não vou permitir que você me impeça de ser feliz ao lado do homem que eu escolhi. Você tem que compreender que é a mim que ele ama, que ele me escolheu para ficar ao seu lado pelo resto da vida. — Lágrimas escorriam de meu coração enquanto Teresa apedrejava-me com suas palavras, mais duras do que diamantes, mais afiadas do que as presas de Miguel. Mas havia uma dose de doçura naquilo que ela me dizia. Ela amava-me também. Embora a distância nos tenha tornado quase estranhas, o amor de filha ainda prevalecia em seu coração apaixonado.

— Vida esta que pode ser infinitamente mais longa do que você imagina. Olhe para mim, Miguel me transformou no que eu sou, uma prisioneira. Ele tirou você e seu irmão de mim. Você ainda se recorda de quando chegamos a este lugar? Certamente não, você era ainda muito pequena e Marco apenas um bebê. Miguel me convenceu a dar-lhe um filho. Eu estava à beira da morte, e pior, estava vendo vocês dois perecerem, definhando a cada dia. Miguel ofereceu-me casa e comida, ofereceu-me riqueza e fartura e a única coisa que me pediu foi que lhe desse um filho. Devido às circunstâncias, não pude recusar.

— E ele cumpriu a promessa, mamãe. Olhe em volta! Isto aqui é um palácio, você é tratada como uma rainha aqui! Eu e Marco pudemos escolher nossos destinos, tivemos a melhor educação possível, teremos um futuro! Só isso já seria razão suficiente para você agradecer a Miguel todos os dias. E, se ele a trancafiou neste quarto, você deve ter dado sérios motivos a ele. Miguel pode ser muitas coisas mamãe, mas é um homem justo.

— Ele tirou vocês de mim! Ele me trancou aqui neste quarto, e você ainda o defende? Nós poderíamos ter tido uma vida inteira juntos, ele nos negou isso! Seu irmão foi mandado para longe, ele quase não me reconheceu quando o vi pela última vez! Isso é ser justo? — Teresa apenas baixou a cabeça. O coração muitas vezes só ouve o que deseja ouvir, só enxerga o que deseja enxergar. Nem eu, e nem ninguém mudaria esse fato.

— Mas o amor tem que prevalecer, mamãe. Essa foi a mais valiosa lição que aprendi com Miguel.

— Ele nem sabe o que é amor, minha filha. Ele é um demônio, e como tal, incapaz de amar.

— Não. Isso não é verdade. Ele ama as duas filhas que você deu a ele. — Ela parou um momento — E me ama.

— Eu não vou discutir os sentimentos de Miguel com você, minha filha. Apenas vou pedir-lhe mais uma vez que abra sua mente, que deixe a verdade entrar no seu coração, não pelas minhas

palavras, mas pelos seus próprios olhos. Quero que você observe Miguel com mais atenção do que tem olhado para ele ultimamente. Quero que você o siga às escondidas, para ver o que ele faz quando você não está por perto.

— E aonde isso me levaria? Por que você quer plantar a desconfiança em mim, mamãe? Por que quer destruir meu amor por Miguel?

— Eu não quero destruir nada, Teresa, eu só estou tentando fazê-la ver a verdade escondida por trás dos olhos verdes de Miguel. Um dia você compreenderá o meu esforço. Um dia Miguel se revelará para você, assim como se revelou para mim.

— Então, conte-me essa verdade tão terrível. Poupe-me de passar pelo mesmo sofrimento que você passou.

— Eu não posso. Você jamais acreditaria em mim.

— Por que eu não acreditaria?

— Por que é absurdo demais para que acredite. É necessário que você veja por si mesma, é preciso que descubra ou que ouça a verdade dos lábios de Miguel. Só assim acreditará. Foi só assim que eu acreditei.

— Está bem. Então me diga o que devo fazer para arrancar a verdade de Miguel.

— Você deve segui-lo, sem que ele perceba. Não o deixe sozinho, tampouco permita que ele saiba da sua desconfiança. Isso

seria perigoso para ambos. Siga-o principalmente quando visita suas escravas. Veja o que realmente ele faz com elas. Seja forte, minha filha, não diga nada a Miguel quando descobrir. Mantenha o segredo, apenas me procure. Vamos decidir juntas o que fazer.

— Esta bem. Eu farei o que me pede. Mas se eu não encontrar nada de errado em Miguel, você deverá aceitar e abençoar meu casamento com ele.

— Sim, eu acho justo.

Obriguei-me a concordar, embora duvidasse se Teresa realmente seguiria minhas instruções. O amor nos deixa cegos e eu torcia para que Teresa conseguisse rasgar o véu que a cegara. Só me restava esperar e rezar por ela, quando a minha vontade era gritar a verdade em alto e bom tom. Se o fizesse, ela não acreditaria. Era possível que me odiasse e que Miguel se tornasse ainda mais confiável para ela. Eu não podia arriscar. Ela precisava descobrir por si mesma. A semente da dúvida estava plantada e eu desejava profundamente que ela gerasse bons frutos, a verdade.



# O Castigo

Teresa não voltara a visitar-me. Os meses passavam depressa, a sucessão das estações trazia frio e calor, medo e incerteza. A chuva castigara o solo durante muitos dias, sem cessar, depois de tantos anos. Eu sabia que ela viria no momento em que o sol partisse, depois de judiar das plantações. Este era para mim o pior período do ano. O céu escuro escondia de mim a lua e as suas diversas faces, ocultando-a por entre as nuvens carregadas. Eu ouvia a gritaria dos escravos, apressados em salvar suas tralhas da fúria das águas e sentia vontade ajudar, mas não me era permitido sair. Então, eu julgava-me mais inválida do que realmente era. Era também nesta época do ano que as moléstias atacavam mais os corpos negros e fortes dos que serviam a Miguel. Muitos caíam doentes, alguns perdiam as suas vidas. Eu temia pela saúde de Teresa, deixava um pouco de me preocupar se ela cumprira ou não

a sua missão.

Miguel ainda buscava as gêmeas periodicamente, sempre nos horários determinados, mas Teresa jamais voltara com ele. Eu tentei encontrar na expressão de Miguel algum indício de que as intenções de Teresa tivessem sido descobertas, mas ele nada deixava transparecer. Parecia sempre feliz, cada dia mais. Aparentava ter rejuvenescido alguns anos. Seria o amor de Teresa? Era possível, mas isso não invalidava nele o demônio que era e vez ou outra, uma faísca vermelha ainda brilhava nas profundezas da imensidão verde de seus olhos.

Foi em uma destas tardes de tempestade, em que o vento uivava em sua eterna luta contra os céus barulhentos e de águas torrenciais, que ela veio até mim. Chegou como um anjo, vestida de branco e azul anil, com uma palidez excessiva que contrastava com o fundo cinza da tempestade. Teresa parecia-me mais mulher, mais decidida, embora seus olhos ainda guardassem a doçura da criança que ela fora e, que para mim, seria sempre. Sentou-se ao meu lado, no braço da poltrona que eu pusera em frente à abertura da varanda, com as cortinas abertas como braços que se desprendiam da tempestade. Nada dissemos uma à outra, mas tudo estava ali, tão claro como a luz dos raios que caíam sobre a mata ao longe.

Permaneci sem dizer nada, esperando que Teresa quebrasse

o silêncio, se assim lhe conviesse. Perdi as contas de quanto tempo se passara, até que enfim ela segurou a minha mão. Estava gelada, uma lápide humana. Encarei-a, não mais evitando seu olhar. Compreendi que a decisão fora tomada e que não era do meu agrado. Ela não tivera êxito em sua busca pela verdade, ou talvez Miguel fosse mais esperto do que eu julgara e tenha se esquivado das desconfianças da jovem noiva.

— Então é isso — afirmei, lendo os pensamentos de Teresa.  
— Vocês vão mesmo se casar.

— Sinceramente, mamãe...

— Não precisa dizer nada — interrompi. — Estou vendo que você não descobriu nada, não é mesmo? Eu prometi que aceitaria sua união, e assim eu farei.

— Obrigada, mamãe! — Agradeceu-me como uma criança que acaba de ganhar o brinquedo dos sonhos.

— Não me agradeça — retruquei asperamente. Não que eu desejasse machucá-la, mas aquela fora a maneira que eu encontrei de protegê-la, ou de proteger-me da culpa que sentia por ter sido uma péssima mãe, quando tive a oportunidade de me redimir pelos anos de ausência. — Você sofrerá por não ter-me escutado.

— Por que você anseia tanto pela minha infelicidade, mamãe? Eu sei que sente ciúmes de Miguel, mas eu sou sua filha.  
— Ela pausou demoradamente, correndo seus longos dedos frios

pelos meus cabelos.

— Eu não sinto ciúmes. Apenas conheço-o melhor do que qualquer um aqui. E eu não anseio pela sua infelicidade, minha filha, como pode pensar uma coisa dessas? Se eu não rezasse todas as noites para sua felicidade, se eu não tentasse abrir seus olhos, então eu estaria sendo negligente com você.

— Impedir-me de viver junto ao homem que eu amo é mais do que negligência para mim.

— Um dia você saberá de que estou tentando protegê-la. No momento, não posso fazer mais nada por você, já que sua decisão está tomada e não há nada que eu possa dizer para mudá-la. Mas eu sei, eu sinto aqui dentro deste meu coração de mãe que não se engana nunca, que você voltará a este quarto, e dessa vez, irá lamentar-se por não ter me escutado.

— Pois eu não voltarei, mamãe, e se voltar, será para contar-lhe da minha felicidade ao lado de Miguel.

— Eu espero sinceramente que isso aconteça, minha querida. — Eu segurei as suas mãos junto ao meu peito, mas ela puxou-as, fugindo do meu afago, saindo daquele quarto um tanto mais infeliz do que entrara.

Quando voltei minha atenção para a cama onde as gêmeas repousavam, deparei-me com dois pares de olhos acordados, muito atentos, observando-me. Eu não percebera que haviam despertado

de seu sono, geralmente profundo. Talvez eu tenha me excedido durante a conversa com Teresa, embora pudesse jurar que minha voz não se alterara. Como sempre, Ágata, a cópia fiel de Miguel, atirou-me um punhado de ironias, coisa que aprendera desde cedo com o pai. Alice costumeiramente saía em minha defesa, sempre se posicionando ao meu lado e contra Ágata e Miguel, mas agora, observava-me apenas, e ouvia em silêncio as ironias de Ágata.

— Viu só, mamãe? O papai sempre consegue o que deseja! Vai se casar com a sua filha preferida, vai tirá-la de você para sempre! — Mirei Alice nos olhos, sem dar atenção às agressões de Ágata — Teresa não será mais a sua protegida, então terá que se contentar com a paspalhona da Alice para ser sua favorita!

Notei que gotas prateadas caíam pelas bochechas vermelhas de Alice e a cada relâmpago, cintilavam em furta-cor deixando seu olhar escuro, quase nebuloso. Levantei-me da poltrona e caminhei devagar até a cama. Sentei-me ao lado de Alice, enxugando as lágrimas com as costas de minha mão. Ágata reagiu, outra vez agredindo a mim e a irmã.

— Ora, mas que comovente! As duas coitadinhas chorando juntinhas!

— Já chega, Ágata! — perdi a noção do perigo, acertei-lhe uma bofetada na face, coisa que deveria ter feito há muito tempo, desde a primeira vez que ela me desacatou. Ágata era a bonequinha

de Miguel e tão logo ela lhe contasse, ele me puniria.

— O que você fez? — gritou ela enfurecida — Vou contar para o papai! Você vai se arrepender por isso!

Abracei-me em Alice, enquanto Ágata batia na porta aos berros, chamando pelo carcereiro, por Miguel, ou por qualquer alma que viesse lhe abrir a porta, o que não tardou a acontecer. Miguel entrou, ergueu a filha chorosa no colo e olhou-me com ódio enquanto a acalmava. Senti que os braços de Alice apertavam-me mais intensamente, trêmulos de medo.

Tão logo Ágata cessou a choradeira, Miguel chamou a ama e ordenou que ela e Alice fossem retiradas do quarto. Alice recusou-se, mas Miguel insistiu para que partisse, e ela não teve como recusar. Segurou-me pela mão, estendendo seu pequenino braço magricela, tentando não se separar de mim. Foi arrancada. Miguel fechou a porta atrás de si. Senti um arrepio gelado percorrer-me, tive medo de encará-lo, porque sabia que seus olhos estavam vermelhos, não de sede, mas de fúria.

— Você não devia ter feito isso, sua... — ele interrompeu a frase, mas eu pude imaginar perfeitamente o que diria.

— Ágata tem sido muito malcriada comigo, Miguel. Ela tem que aprender a ter respeito, afinal, eu sou sua mãe.

— Ela não deve respeito a você, Francesca! — gritou. — Ela deve respeito a mim que sou seu pai! Você nada mais fez desde

que estas meninas nasceram a não ser mimá-las! Agora as agride? Você não pode fazer isso! Não tem esse direito!

— Sim, eu tenho! Sou mãe e a educação delas depende de mim! — senti uma bofetada na face, muito mais violenta do que o tapa que eu dera em Ágata, e cheio de intenção de machucar-me.

Miguel continuou a gritar descontroladamente, mas as suas palavras já não eram compreensíveis para mim. Só sentia o queimar de minha face ferida e pensava em Ágata. Teria eu a machucado mais do que quis? Minha consciência torturava-se a cada palavra de Miguel, a cada gota de saliva que se desprendia da língua molhada para depois pousar sobre meu rosto baixo, a cada bofetada com que ele me feria e que então eu passei a aceitar calada, como verdadeira redenção pela crueldade com a que eu agira com Ágata. Não importava o que ela tivesse feito, não importava se ela era um pequeno demônio, como Miguel, isso não era o suficiente para justificar minha atitude.

Miguel estava perdido de ódio, balançava os braços de maneira descompassada, como em um balé sem ritmo, sem coreografia. Depois os descia sobre meu corpo relaxado, que já esperava suas agressões e que chegava a sentir algum alívio com isto. Quando me atingiu na cabeça, uma tontura suave tomou conta de mim, fazendo com que eu não mais ouvisse os sons que saíam da sua garganta furiosa, apenas percebia que ainda gritava, pelo

movimento que eu via, ainda que turvamente, em seus lábios.

Com minha última fagulha de consciência, pensei se o gosto de ferrugem que eu sentia em minha boca faria com que a fera despertasse mais uma vez. Pensei que seria melhor assim, porque então Teresa não poderia mais negar a verdade. Estranhamente, quando o nome de Teresa passou em minha mente, a porta se abriu e ela rompeu quarto adentro, segurando as mãos de Miguel e depois correu em minha direção, ajudando-me a levantar e colocou-me sentada à beira da cama. Teria ela ouvido os gritos de Miguel ou fora eu mesma que gritara, ainda que não tivesse consciência disso? O motivo já não me importava, mas eu via pelos seus gestos que ela fora magoada por Miguel e que não concordava com sua atitude e deixara isso bem claro naquele momento.

Ele encolheu-se em um canto qualquer enquanto ela apanhou um pano molhado em água fresca e limpou minhas feridas. Ajudou-me a deitar e pediu que repousasse. Depois lançou um olhar desaprovador a Miguel e saiu. Ele permaneceu onde estava, a observar-me, sem expressar qualquer indício de arrependimento. Mandou que as meninas fossem trazidas de volta e, como sempre, segurou Ágata nos braços. Enquanto ela me olhava com a mesma expressão debochada de antes, Alice corria para socorrer-me com sua ternura que parecia infinita e angelical.

Alice tinha lágrimas nos olhos, a surra doera mais nela do

que em mim. Sentou-se à minha cabeceira e correu as mãos em meus cabelos, acariciou-me e beijou minha face. Desculpou-se pelo que o pai fizera, embora soubesse que não tinha a mínima culpa. Como ela podia ser um anjo tão caridoso, como ela podia ser o oposto da outra gêmea? Alice me amava, com toda força e, apesar de discordar das atitudes violentas de Miguel, ela também o amava e deixava transparecer esse amor em forma de mágoa toda vez que o pai agia daquela maneira.

Miguel caminhou até a varanda, carregando Ágata consigo. Alice permaneceu ao meu lado por um tempo incontável. Nós duas ouvíamos os risos dos dois na varanda, víamos seus olhares maliciosos cada vez que se voltavam para nós e não entendíamos o motivo de tal alegria. Como eles podiam agir de forma tão fria depois de tamanha crueldade? Por acaso eram duas pedras de gelo? Não tinham coração? Outra vez as semelhanças entre Ágata e Miguel se acentuavam e eu suspeitava que isso ficaria cada vez mais evidente.

Depois daquele dia, Ágata passou a despertar em mim uma espécie de medo. Quando eu a encarava, arrepios gelados se apossavam do meu corpo, quase tão fortemente quanto o gelo que me invadia quando Miguel se aproximava. Ela era mesmo a filha do demônio, a caricatura esculpida de Miguel e de sua personalidade diabólica. Sua maior diversão era torturar

emocionalmente a mim e a Alice. E muitas e muitas vezes, ela valeu--se de argumentos adultos demais para sua idade, lançando mão dos nossos medos para nos torturar.

Enquanto Ágata seguia com sua rotina de torturas e eu encontrava-me de mãos atadas para tomar qualquer atitude a respeito, o dia do casamento de Teresa se aproximava. Eu ficava mais preocupada a cada dia. Disfarçava quando Ágata estava por perto, mas quando estávamos a sós, Alice e eu, desabafava. Culpei-me durante muito tempo por derramar meus problemas naquela pequena e bondosa criatura. Acho que me culpo disso ainda hoje. Mas eu era uma mulher solitária, então, às vezes penso que o meu sentimento de culpa é infundado, porque eu não poderia culpar-me por uma conduta consequente da minha condição de solidão.

# A Festa de Casamento

Talvez eu devesse ter sido mais firme com Teresa, mais mãe do que fui nas nossas conversas sobre Miguel. Talvez eu tivesse que tê-la apoiado na decisão que tomara. Fosse como fosse, agora já era demasiado tarde. Casaram-se em uma tarde nublada, sem sol, sem mim. Imaginei Teresa subindo em um altar, imaginei Miguel em seu melhor disfarce de anjo, esperando-a. Eu via tristeza no olhar de minha filha, nitidamente, enquanto ela caminhava pelo campo verde, escondido pela sombra das nuvens que lhe concebiam um aspecto meio cinza.

Foi em uma manhã de domingo que recebi sua última visita, um último apelo e um último pedido de bênção. Foi também nessa manhã de domingo que eu neguei-o pela última vez, que tentei

contar toda a verdade. Mas o tempo de contar a verdade já havia passado e ela não quis ouvir-me. Ajoelhei-me, implorei. Agarrei-me ao seu belíssimo vestido de noiva, aos prantos. Nada adiantou. Quando gritei bem alto o que era Miguel, ela tapou os ouvidos com as mãos e disse que não me queria por perto na cerimônia do casamento.

Então as meninas foram levadas e eu permaneci trancada no quarto, escutando som de tambores, sinos, músicas. A festa aconteceria ali mesmo, na campina, do outro lado da muralha que me impedia de ver o mundo. Ninguém ficara sequer para garantir que eu não tentaria escapar. Então eu tentei. Agarrei-me às pedras afiadas do muro e tentei escalá-lo. Mas não pude, sentia-me fraca e acabei por ferir as mãos. Depois da exaustão, deixei meu corpo escorrer pela muralha e sentei-me apoiada nas pedras geladas e endurecidas de onde continuei a ouvir os sons alegres que vinham do outro lado.

Adormeci ali mesmo e sonhei com Teresa em seu lindo vestido de noiva, correndo para os braços de Miguel por um campo muito verde, forrado de margaridas brancas como as que eu vi enfeitando-lhe os cabelos naquela manhã. Ela sorria e Miguel devolvia-lhe o sorriso. Eu observava a cena da varanda do quarto, não que gostasse daquele lugar, pois com o tempo, passei a odiá-lo, mas acho que aquele era o único lugar do qual eu me lembrava

existir. Eu sabia que algo terrível estava para acontecer tão logo Teresa chegasse até Miguel. Então eu tentava correr, tentava alcançá-la, mas me mantinha imóvel, estava paralisada e não conseguia mover-me. Teresa chegava cada vez mais perto de Miguel, que lhe estendia os braços acolhedormente, mas de longe eu via seus olhos vermelhos e seu sorriso zombeteiro, com os quais ele me observava com ar de vitória. Assim que podia, agarrava Teresa com uma das mãos, puxando-a para si, segurando-lhe o pescoço exposto e cravando suas presas na pele branca de Teresa, que estranhamente, não resistia ao ataque. O sangue jorrava dela, escorrendo pelo vestido branco, manchando a seda e as rendas que o adornavam. De alguma forma, librei-me da imobilidade que me prendia e afastei-me do vidro que me separava da campina onde Miguel fartava-se de Teresa e reuni todas as forças que me restavam, atirei-me sobre ele, quebrando-o em incontáveis pedaços, para então perceber que a mulher nos braços de Miguel era eu mesma e não Teresa e que o vestido branco repleto de sangue era meu próprio vestido de noiva, o vestido com que me casara na Itália.

Nessa hora eu despertei. Não senti alívio ao abrir os olhos para descobrir que a verdade era um tanto mais temerosa do que o sonho. No sonho eu fora forte. Sacrificara-me por Teresa, vencera o gelo que me impedia de protegê-la. Na vida, eu seguia atada,

impossibilitada de qualquer reação e talvez não fosse tão forte e corajosa como fora no sonho. Indignação e invalidez tomaram conta de mim, deprimindo-me. Tentei outra vez escalar o paredão de pedras afiadas que me isolava do mundo. Não obtive sucesso. Tentei, até que minhas mãos ficassem completamente desprovidas de pele e recobertas de sangue. Miguel teria de conviver com meu sangue tatuado naquelas pedras afiadas para sempre, pois, por mais que fossem lavadas, eu sabia que aquelas pedras me manteriam viva ali, que o vestígio do meu sangue permaneceria impresso nelas, até o final dos tempos.

Enquanto eu me retalhava tentando inutilmente salvar Teresa das garras do vampiro, a festa continuava do outro lado da muralha. Chamei por ela, mais de uma vez. Chamei, até que o ar faltasse em meus pulmões, mas a música ainda era alta demais, e eu não fui ouvida por ninguém ou, se alguém me ouviu, ignorou-me por completo. Concluí que o desespero não era um amigo confiável. Quanto mais desesperada eu ficasse, menores seriam as minhas chances de fugir. Era preciso ter calma e pensar friamente. Agir como o vampiro agiria, ser tão fria quanto ele era, encontrar a saída.

Dirigi-me ao lavabo e limpei as mãos feridas. Deitei-me na cama. Era preciso pensar e descansar, guardar energias para quando a hora chegasse, a oportunidade de fugir. Fiquei imóvel até a

música cessar, a noite esconder a tarde nublada e as nuvens carregadas derramarem as águas que guardavam. Imaginei que aquela seria a noite mais terrível para mim, a noite em que Teresa se tornaria a mulher de Miguel, definitivamente. Eu temia que ele não resistisse ao desejo que sentia por seu sangue. Precisava preparar-me para o pior. Se Miguel ousasse machucar Teresa, eu o mataria. Isso eu já tinha decidido e estava disposta a fazer.

Tão logo o dia clareou, os primeiros raios surgiram traçando a alvorada no horizonte. A mata, antes cinzenta, voltara a exibir um verde cintilante e as nuvens de chuva afastaram-se depois de muitos dias de mau tempo. Eu observava o clarão do dia aumentar a cada minuto, juntamente com minha aflição. Teresa estaria a salvo? Minha alma se torturava com essa indagação. Nem mesmo as amas haviam voltado para fazer-me companhia ou para trazer o café da manhã. Eu não sentia fome, mas ansiava pela companhia de alguém que tivesse estado no casamento e que mesmo não falando nenhuma palavra, poderia expressar felicidade ou tristeza, sentimentos que me fariam adivinhar se Teresa estava viva ou não.

Esperei pacientemente até que as duas meninas de Miguel foram outra vez trazidas para mim. Ágata seguia com seu sorriso malicioso e debochado. Um ar de vitória estava expresso em sua face, como se ela sentisse orgulho de Miguel, o pai que sempre conseguia tudo o que queria. Procurei não encará-la, mas ela me

cercava procurando pelos meus olhos, tentando mostrar-me como ela estava certa quando disse que ele conseguiria tirar de mim o que eu mais amava. Ela estava certa. Miguel havia levado Marco embora e agora me tirava Teresa. Ágata o conhecia como ninguém, conhecia-o como se ela realmente fosse uma parte dele, que se desprendera de seu corpo para crescer e se tornar aquela nova criatura.

A minha alma estava profundamente ferida. Ágata podia senti-la assim. Sabia exatamente o quanto eu estava sofrendo, o quanto aquilo tudo era difícil para mim e talvez, por isso mesmo, deixara-me em paz. Estranhei que não tenha me atirado nenhuma ofensa, ainda que o sorriso e a expressão em seu rosto fossem o suficiente para dizer-me o quanto Miguel estava feliz, e o quanto eu merecia a infelicidade que me habitava.

Já Alice, a minha pequena caçula, esboçava a mesma infelicidade que eu. Estava visivelmente insatisfeita, abatida. Parecia extremamente cansada. Atirou-se em minha cama, deitou-se de frente para a parede branca e vazia e permaneceu assim por muito tempo, evitando encarar-me. Senti pena de Alice, da solidão que ela trazia dentro dela, que nada mais era do que o espelho da minha própria solidão. Culpei-me por contaminá-la com a verdade miserável. Mas de qualquer maneira, isso seria infinitamente melhor do que viver em um mundo de ilusão e mentira, como o

mundo que Teresa escolhera para si.

Nesse mesmo pensamento, ocorreu-me se Alice já saberia que Miguel era um monstro. Ela teria visto algo que o denunciou? Ela sentia em seu sangue a verdadeira essência de Miguel? Eu não tinha coragem de perguntar. Sentia um profundo respeito pelo seu sofrimento. Eu o entendia, sabia exatamente como era sofrer por alguém que se amava. E Alice amava Miguel. Ele era o seu pai. Eu jamais poderia mudar isso.

Esperei alguma palavra de uma das gêmeas. Nada foi dito. Esperei o momento em que Alice sairia da cama e se dirigiria à varanda, mas isso não aconteceu. Eu queria saber o que acontecera, mas não podia encarar outra vez as acusações de Ágata e nem deixar que ela humilhasse Alice. Eu não saberia controlá-la. Tinha medo de perder a noção da força e da raiva quase involuntária que eu sentia por ela toda vez que o veneno escapava de sua boca infantil.

Então me deitei na cama, enrodilhei meu corpo no de Alice, acariciando-a, correndo meus dedos em seus cabelos e acolhendo-a em meus braços, como uma forma de consolo silencioso. Vi quando Ágata fez menção de vomitar e saiu, entoando caretas enjoadas, rumo à campina. Permaneci ali, mimando a minha criança até o entardecer. Alice recebeu com afeto cada toque de meus dedos. Não retribuiu. Apenas soluçava silenciosamente e, vez

ou outra, virava-se para encarar meus olhos também tristes e marejados.

Porém de meus olhos as lágrimas não caíam. A tristeza de Alice aliada ao desprezo de Ágata só faziam aumentar o ódio que eu sentia por Miguel e a minha preocupação com Teresa. Era uma dor seca. Dura. Sem vida. Mas era o motivo de eu ainda estar viva. Enquanto houvesse ódio em meu coração para substituir o amor há muito morto e enterrado, ainda haveria um motivo para seguir adiante. Enquanto Teresa estivesse viva, eu ainda tinha um objetivo: salvá-la.

Era irônico e triste. Estar viva pelo ódio que eu sempre imaginara ser o pior dos sentimentos e que agora se mostrava infinitamente mais poderoso do que o próprio amor. Não era depressão que eu sentia, ou desânimo, que jamais sentiria enquanto aquele ódio morasse em meu coração. Seguidamente eu me perguntava até quando aquilo tudo duraria, se o ódio sobreviveria quando o pesadelo acabasse. Eu nunca pude responder a essa pergunta. Então parei de questionar-me.

Quando os soluços de Alice finalmente cessaram, eu puxei seu corpo pequeno e relaxado para mais perto de mim. Estava fria, eu quis aquecê-la. Ainda trazia em seu corpo o luxuoso vestido de festa e os sapatos de verniz. Tirei-os com cuidado. Ela dormia. Agarrei uma das colchas de algodão e a cobri.

# A Festa de Casamento

Talvez eu devesse ter sido mais firme com Teresa, mais mãe do que fui nas nossas conversas sobre Miguel. Talvez eu tivesse que tê-la apoiado na decisão que tomara. Fosse como fosse, agora já era demasiado tarde. Casaram-se em uma tarde nublada, sem sol, sem mim. Imaginei Teresa subindo em um altar, imaginei Miguel em seu melhor disfarce de anjo, esperando-a. Eu via tristeza no olhar de minha filha, nitidamente, enquanto ela caminhava pelo campo verde, escondido pela sombra das nuvens que lhe concebiam um aspecto meio cinza.

Foi em uma manhã de domingo que recebi sua última visita, um último apelo e um último pedido de bênção. Foi também nessa manhã de domingo que eu neguei-o pela última vez, que tentei

contar toda a verdade. Mas o tempo de contar a verdade já havia passado e ela não quis ouvir-me. Ajoelhei-me, implorei. Agarrei-me ao seu belíssimo vestido de noiva, aos prantos. Nada adiantou. Quando gritei bem alto o que era Miguel, ela tapou os ouvidos com as mãos e disse que não me queria por perto na cerimônia do casamento.

Então as meninas foram levadas e eu permaneci trancada no quarto, escutando som de tambores, sinos, músicas. A festa aconteceria ali mesmo, na campina, do outro lado da muralha que me impedia de ver o mundo. Ninguém ficara sequer para garantir que eu não tentaria escapar. Então eu tentei. Agarrei-me às pedras afiadas do muro e tentei escalá-lo. Mas não pude, sentia-me fraca e acabei por ferir as mãos. Depois da exaustão, deixei meu corpo escorrer pela muralha e sentei-me apoiada nas pedras geladas e endurecidas de onde continuei a ouvir os sons alegres que vinham do outro lado.

Adormeci ali mesmo e sonhei com Teresa em seu lindo vestido de noiva, correndo para os braços de Miguel por um campo muito verde, forrado de margaridas brancas como as que eu vi enfeitando-lhe os cabelos naquela manhã. Ela sorria e Miguel devolvia-lhe o sorriso. Eu observava a cena da varanda do quarto, não que gostasse daquele lugar, pois com o tempo, passei a odiá-lo, mas acho que aquele era o único lugar do qual eu me lembrava

existir. Eu sabia que algo terrível estava para acontecer tão logo Teresa chegasse até Miguel. Então eu tentava correr, tentava alcançá-la, mas me mantinha imóvel, estava paralisada e não conseguia mover-me. Teresa chegava cada vez mais perto de Miguel, que lhe estendia os braços acolhedormente, mas de longe eu via seus olhos vermelhos e seu sorriso zombeteiro, com os quais ele me observava com ar de vitória. Assim que podia, agarrava Teresa com uma das mãos, puxando-a para si, segurando-lhe o pescoço exposto e cravando suas presas na pele branca de Teresa, que estranhamente, não resistia ao ataque. O sangue jorrava dela, escorrendo pelo vestido branco, manchando a seda e as rendas que o adornavam. De alguma forma, librei-me da imobilidade que me prendia e afastei-me do vidro que me separava da campina onde Miguel fartava-se de Teresa e reuni todas as forças que me restavam, atirei-me sobre ele, quebrando-o em incontáveis pedaços, para então perceber que a mulher nos braços de Miguel era eu mesma e não Teresa e que o vestido branco repleto de sangue era meu próprio vestido de noiva, o vestido com que me casara na Itália.

Nessa hora eu despertei. Não senti alívio ao abrir os olhos para descobrir que a verdade era um tanto mais temerosa do que o sonho. No sonho eu fora forte. Sacrificara-me por Teresa, vencera o gelo que me impedia de protegê-la. Na vida, eu seguia atada,

impossibilitada de qualquer reação e talvez não fosse tão forte e corajosa como fora no sonho. Indignação e invalidez tomaram conta de mim, deprimindo-me. Tentei outra vez escalar o paredão de pedras afiadas que me isolava do mundo. Não obtive sucesso. Tentei, até que minhas mãos ficassem completamente desprovidas de pele e recobertas de sangue. Miguel teria de conviver com meu sangue tatuado naquelas pedras afiadas para sempre, pois, por mais que fossem lavadas, eu sabia que aquelas pedras me manteriam viva ali, que o vestígio do meu sangue permaneceria impresso nelas, até o final dos tempos.

Enquanto eu me retalhava tentando inutilmente salvar Teresa das garras do vampiro, a festa continuava do outro lado da muralha. Chamei por ela, mais de uma vez. Chamei, até que o ar faltasse em meus pulmões, mas a música ainda era alta demais, e eu não fui ouvida por ninguém ou, se alguém me ouviu, ignorou-me por completo. Concluí que o desespero não era um amigo confiável. Quanto mais desesperada eu ficasse, menores seriam as minhas chances de fugir. Era preciso ter calma e pensar friamente. Agir como o vampiro agiria, ser tão fria quanto ele era, encontrar a saída.

Dirigi-me ao lavabo e limpei as mãos feridas. Deitei-me na cama. Era preciso pensar e descansar, guardar energias para quando a hora chegasse, a oportunidade de fugir. Fiquei imóvel até a

música cessar, a noite esconder a tarde nublada e as nuvens carregadas derramarem as águas que guardavam. Imaginei que aquela seria a noite mais terrível para mim, a noite em que Teresa se tornaria a mulher de Miguel, definitivamente. Eu temia que ele não resistisse ao desejo que sentia por seu sangue. Precisava preparar-me para o pior. Se Miguel ousasse machucar Teresa, eu o mataria. Isso eu já tinha decidido e estava disposta a fazer.

Tão logo o dia clareou, os primeiros raios surgiram traçando a alvorada no horizonte. A mata, antes cinzenta, voltara a exibir um verde cintilante e as nuvens de chuva afastaram-se depois de muitos dias de mau tempo. Eu observava o clarão do dia aumentar a cada minuto, juntamente com minha aflição. Teresa estaria a salvo? Minha alma se torturava com essa indagação. Nem mesmo as amas haviam voltado para fazer-me companhia ou para trazer o café da manhã. Eu não sentia fome, mas ansiava pela companhia de alguém que tivesse estado no casamento e que mesmo não falando nenhuma palavra, poderia expressar felicidade ou tristeza, sentimentos que me fariam adivinhar se Teresa estava viva ou não.

Esperei pacientemente até que as duas meninas de Miguel foram outra vez trazidas para mim. Ágata seguia com seu sorriso malicioso e debochado. Um ar de vitória estava expresso em sua face, como se ela sentisse orgulho de Miguel, o pai que sempre conseguia tudo o que queria. Procurei não encará-la, mas ela me

cercava procurando pelos meus olhos, tentando mostrar-me como ela estava certa quando disse que ele conseguiria tirar de mim o que eu mais amava. Ela estava certa. Miguel havia levado Marco embora e agora me tirava Teresa. Ágata o conhecia como ninguém, conhecia-o como se ela realmente fosse uma parte dele, que se desprendera de seu corpo para crescer e se tornar aquela nova criatura.

A minha alma estava profundamente ferida. Ágata podia senti-la assim. Sabia exatamente o quanto eu estava sofrendo, o quanto aquilo tudo era difícil para mim e talvez, por isso mesmo, deixara-me em paz. Estranhei que não tenha me atirado nenhuma ofensa, ainda que o sorriso e a expressão em seu rosto fossem o suficiente para dizer-me o quanto Miguel estava feliz, e o quanto eu merecia a infelicidade que me habitava.

Já Alice, a minha pequena caçula, esboçava a mesma infelicidade que eu. Estava visivelmente insatisfeita, abatida. Parecia extremamente cansada. Atirou-se em minha cama, deitou-se de frente para a parede branca e vazia e permaneceu assim por muito tempo, evitando encarar-me. Senti pena de Alice, da solidão que ela trazia dentro dela, que nada mais era do que o espelho da minha própria solidão. Culpei-me por contaminá-la com a verdade miserável. Mas de qualquer maneira, isso seria infinitamente melhor do que viver em um mundo de ilusão e mentira, como o

mundo que Teresa escolhera para si.

Nesse mesmo pensamento, ocorreu-me se Alice já saberia que Miguel era um monstro. Ela teria visto algo que o denunciou? Ela sentia em seu sangue a verdadeira essência de Miguel? Eu não tinha coragem de perguntar. Sentia um profundo respeito pelo seu sofrimento. Eu o entendia, sabia exatamente como era sofrer por alguém que se amava. E Alice amava Miguel. Ele era o seu pai. Eu jamais poderia mudar isso.

Esperei alguma palavra de uma das gêmeas. Nada foi dito. Esperei o momento em que Alice sairia da cama e se dirigiria à varanda, mas isso não aconteceu. Eu queria saber o que acontecera, mas não podia encarar outra vez as acusações de Ágata e nem deixar que ela humilhasse Alice. Eu não saberia controlá-la. Tinha medo de perder a noção da força e da raiva quase involuntária que eu sentia por ela toda vez que o veneno escapava de sua boca infantil.

Então me deitei na cama, enrodilhei meu corpo no de Alice, acariciando-a, correndo meus dedos em seus cabelos e acolhendo-a em meus braços, como uma forma de consolo silencioso. Vi quando Ágata fez menção de vomitar e saiu, entoando caretas enjoadas, rumo à campina. Permaneci ali, mimando a minha criança até o entardecer. Alice recebeu com afeto cada toque de meus dedos. Não retribuiu. Apenas soluçava silenciosamente e, vez

ou outra, virava-se para encarar meus olhos também tristes e marejados.

Porém de meus olhos as lágrimas não caíam. A tristeza de Alice aliada ao desprezo de Ágata só faziam aumentar o ódio que eu sentia por Miguel e a minha preocupação com Teresa. Era uma dor seca. Dura. Sem vida. Mas era o motivo de eu ainda estar viva. Enquanto houvesse ódio em meu coração para substituir o amor há muito morto e enterrado, ainda haveria um motivo para seguir adiante. Enquanto Teresa estivesse viva, eu ainda tinha um objetivo: salvá-la.

Era irônico e triste. Estar viva pelo ódio que eu sempre imaginara ser o pior dos sentimentos e que agora se mostrava infinitamente mais poderoso do que o próprio amor. Não era depressão que eu sentia, ou desânimo, que jamais sentiria enquanto aquele ódio morasse em meu coração. Seguidamente eu me perguntava até quando aquilo tudo duraria, se o ódio sobreviveria quando o pesadelo acabasse. Eu nunca pude responder a essa pergunta. Então parei de questionar-me.

Quando os soluços de Alice finalmente cessaram, eu puxei seu corpo pequeno e relaxado para mais perto de mim. Estava fria, eu quis aquecê-la. Ainda trazia em seu corpo o luxuoso vestido de festa e os sapatos de verniz. Tirei-os com cuidado. Ela dormia. Agarrei uma das colchas de algodão e a cobri.

# O Pai Vampiro e a Mãe Bruxa

O tempo sabia ser implacável quando queria. Enquanto meu coração aflito doía, ele passava apressado, sem se importar com o sofrimento que causava, sem trazer notícias de Teresa. Ah, o tempo... Sucessão de dias e noites, continuação do meu tormento. O sol e a chuva alternavam-se constantemente, trazendo esperança e desilusão. Esperança de que Teresa viesse para contar-me que tudo corresse bem. Desilusão ao cair de cada noite, sem que ela de fato tivesse vindo.

E como a dúvida não era boa conselheira, certo dia esperei que Ágata se distraísse com suas bonecas de porcelana, que imitavam bebês quase perfeitos, e carreguei Alice para a varanda, sem que ela notasse. Alice sabia exatamente o que eu queria e foi

se antecipando às minhas perguntas, com a audácia e a sabedoria de mulher adulta. Contou-me que o casamento corra bem e falou de como Teresa parecia feliz, como seus olhos estiveram radiantes durante todo o tempo. Falou-me de como era lindo o vestido de noiva, que eu acabei por imaginar como uma mortalha. Contou das flores que Miguel mandara espalhar por toda a campina e que mesmo com a chuva que caiu em seguida, sobreviveram e ainda deveriam estar lá.

Em nenhum momento Alice deixou transparecer se sabia ou não a verdade sobre Miguel. Ela contou tudo sobre o casamento, a festa, a felicidade de Teresa, mas não mencionou o nome de Miguel. Então eu lhe perguntei sobre ele. Ela respondeu apenas que ele estava feliz. Nesse momento, Ágata apareceu e Alice, já cabisbaixa ao proferir o nome de Miguel, recolheu-se em seu resguardo solitário, enquanto Ágata atacava-me com suas insolências.

— Se queria saber do casamento, por que não perguntou a mim, mamãe? Eu posso detalhar cada momento, se quiser. O que você prefere ouvir? Quando papai disse o “sim” dele, quando Teresa disse o “sim” dela? Prefere que eu lhe conte os planos que fizeram de passar a eternidade juntos? Quer saber os votos por inteiro? É só pedir mamãe, eu posso lhe contar tudinho!

Fiquei calada perante o desaforo, embora precisasse

segurar-me para não voar ao pescoço de Ágata e esganá-la até que morresse sufocada. Decidi extrair o que havia de bom nas suas palavras, se é que isso era possível. Reli mentalmente cada sílaba, cada palavra, cada frase de Ágata. Então respondi.

— Fico aliviada que eles estejam felizes.

— Ora, não seja cínica, mamãe! Eu sei que você está se remoendo por dentro! Está morrendo de ciúmes do papai, porque ele escolheu Teresa e não você! Porque ela é jovem e linda, e você não passa de uma ressentida, uma doente!

— Não fale assim comigo...

— O que vai fazer? Bater-me outra vez? Acho que não vai não, mamãe! — caminhou em minha direção, parando bem perto, encarando-me nos olhos. — Você não tem coragem!

Senti o sangue correr forte dentro das minhas veias. Em meu rosto, o calor e a raiva que eu sentia queimavam como brasa. Tentei engolir aquelas duras palavras. Ao menos eu sabia que Miguel não tinha se mostrado ainda para Teresa, nem lhe contado a verdade. De certa forma, esse pensamento aliviou a dor que eu trazia em meu peito. Sem querer, Ágata me dera a informação de que eu precisava: Teresa estava bem, estava a salvo.

— Você tem razão, minha filha — respondi tentando manter a minha voz o mais calma e normal que eu podia. — Eu não tenho coragem.

Quando me voltei para a porta do quarto, Alice me observava da cama, meio assustada, meio surpresa. Tentei sorrir-lhe, mas não me recordo se consegui esboçar o sorriso. Ágata desistiu de me afrontar. Não gostou da minha resposta, tinha planos de atijar Miguel contra mim e para isso, precisava que eu perdesse o controle. Eu prometi a mim mesma que aquilo jamais aconteceria, por mais que Ágata me provocasse. Eu resistiria a minha ira, e a trataria com naturalidade, como acabara de fazer.

Depois daquilo, creio que um mês tenha se passado, até que a lua tornasse a aparecer no céu, entre as nuvens do mau tempo que tornara a se abater sobre nós e que escondia sua luz, seu resplendor. Estava grande, cheia de luz, do jeito que eu gostava, do jeito que eu queria ser capaz de tê-la sempre. Então retornei à rotina esquecida de sentar-me à varanda e conversar com aquela lua. Todas as noites, depois que as meninas adormeciam, eu corria para a lua, minha companheira fiel. Ficávamos ali, trocando confidências até que o sol viesse impiedoso espantar a doce lua e castigar os corpos com o calor dos seus raios de fogo.

Foi em uma dessas noites de confidências que Alice despertou assustada, procurando-me com os olhos na escuridão do quarto. Não me achou, então correu para a porta, com os pés descalços, sem fazer nenhum ruído. Viu meu vulto atrás das longas cortinas de tule que pendiam das portas fechadas da varanda.

Abriu-as e postou-se ao meu lado. Segurei as suas mãos perguntando o que acontecera, certa de que tivera um pesadelo. Depois do casamento, não me lembro de nenhuma noite em que Alice tenha conseguido dormir em paz. Era assolada por visões tenebrosas e pensamentos incertos sobre o seu futuro, sobre seu pai e sobre mim.

— Outro pesadelo, querida? — perguntei, abraçando-a, sentindo seu pequeno coração acelerado e descompassado pelo susto de não me encontrar ao seu lado na cama.

— Não exatamente, mamãe.

— O que houve então? Assustou-se por eu não estar ao seu lado quando despertou?

— Sim, assustei-me. Mas tem outra coisa... — ela parou, olhando para o chão, como se sentisse vergonha do que tinha para me dizer.

— O que foi? Ágata a maltratou de novo? — perguntei, ciente de que a resposta seria negativa. Não era Ágata que a preocupava, era Miguel. Depois do dia do casamento, Alice não voltara a perguntar pelo pai. Não lhe importava saber por que ele não voltara para levá-las a passear, não lhe importava que estivesse longe, ou simplesmente, aproveitando a lua-de-mel com Teresa. Alice era o oposto de Ágata, e enquanto esta reclamava da ausência do pai, Alice parecia satisfeita e aliviada.

— Não — ela balançou a cabeça negativamente.

— Quer me contar o que houve?

— Eu não sei, mamãe. Eu acho... Eu acho que tem uma coisa acontecendo com o papai... Uma coisa errada... Uma coisa ruim...

— Uma coisa ruim?

— É. Mas deixa pra lá. Eu acho que estou ficando louca — respondeu soltando a minha mão e desviando os olhos e mim.

— Pode ser que não esteja. O que você quer dizer com coisa ruim? Você viu alguma coisa estranha nos olhos de Miguel? Ele a machucou? Fez-lhe algum mal?

— Não, ele não me machucou. Mas, como sabe que eu vi uma coisa estranha nos olhos dele?

— Porque eu também vi.

— Então eu não estou louca! Você acredita em mim? — os olhos de Alice brilharam como só os olhos das crianças brilham e ela tornou a encarar-me.

— Sim, eu acredito — afirmei, agarrando outra vez as suas mãos. — Conte-me o que viu.

— Eu estava tentando conseguir mais um pedaço do bolo de casamento, mas o papai havia sumido, e eu corri para dentro de casa para procurá-lo. Ele não estava na sala, na estava na cozinha e em seu quarto, Teresa parecia dormir sobre a cama. Não entrei para

não acordá-la. Fechei a porta devagar para não interromper o seu sono e voltei pelo corredor. Quando passei em frente aos aposentos das mucamas... — ela fez uma pausa, baixou a cabeça — eu vi... eu vi uma coisa horrível!

— O quê? O quê você viu?

— Eu vi o papai...

— O que ele estava fazendo?

— Eu não pude ver muito bem. Ouvi algo parecido com gemidos, mas o barulho da música era alto demais, então eu entrei. Ele estava segurando o braço da mulher. Eu pensei que ele lhe beijava a mão, mas quando ela me viu, gritou, e papai virou-se para mim. — pausa — Ah, mamãe, foi horrível!

— Não precisa dizer mais nada, se não quiser. Eu já sei do que se trata. Eu também o vi fazendo isso.

— Mas como é possível? Como é possível? Papai estava com a boca suja de sangue e com os olhos cheios de sangue. E o sangue vinha do braço da mulher. Ele estava bebendo o sangue dela. Por quê? Mamãe, responda-me, o papai é louco?

— Não. Ele é uma coisa muito pior do que isso. Ele é um vampiro.

— Um o quê?

— Um vampiro.

Logicamente, Alice não fazia ideia do que era um vampiro.

Fora criada ali, enjaulada naquele quarto comigo e com Ágata, saindo apenas para os passeios com Miguel, que certamente, só lhe ensinara o que lhe era conveniente. Contar antigas lendas, falar sobre bruxas e vampiros, não era. Mas agora, restava-me a verdade. A verdade que eu deveria ter contado para Teresa, a verdade que poderia tê-la matado, já que Alice afirmou tê-la visto na cama, como se dormisse, logo após o casamento. Era tarde demais? De qualquer maneira, contei tudo a Alice, ignorando sua pouca idade e confiando em sua maturidade precoce.

— Acho que foi por isso que papai não voltou mais aqui. Será que ele foi embora para sempre por minha causa? — disse ela, com lágrimas escorrendo pelas faces rosadas.

— Não, Alice, ele não deixaria você e Ágata.

— Mas eu descobri seu segredo e agora ele me odeia. Eu amo o papai, mamãe, mesmo que ele seja o vampiro que você me contou, o sugador de sangue que eu vi, ainda assim, eu o amo.

— É claro que ama. Ele é seu pai e isso não mudará, não importa o que aconteça.

— Mas como ele pode ser um monstro? Ele mata as pessoas, ele as fere! Como é possível? Meu pai é um monstro!

— A Ágata sabe disso? Você contou a ela?

— Não, mamãe. Se eu contasse era capaz de ela sair por aí mordendo as amas como o papai, de tanto que ela deseja ser como

ele.

— Muito bem, então este será o nosso segredo.

— Não sei se vou conseguir olhar para o papai de novo. Por favor, mamãe, não deixe que ele me leve a passear se ele voltar. Peça que me deixe aqui com você. Por favor, por favor...

— Eu tentarei, Alice. — Abracei-a com força, acolhendo em meus braços, tentando tirar o medo que a afligia. — Eu tentarei.

Mas a tentativa falhou. Miguel apareceu no dia seguinte para levá-las. Implorei para que Alice ficasse comigo, mas não o convenci. Nem os choros e gritos de Alice foram o suficiente para convencê-lo. Nem o apelo de Ágata, que agora parecia assustada com a reação da irmã, conseguiu amolecer o coração de Miguel. Ele estava mais forte, mais decidido. Parecia mais jovem do que da última vez que eu o vi. Perguntei onde estava Teresa. Ele só disse que ela não queria me ver. Ergueu Alice no colo e saiu. Ágata os seguiu.

A tarde pareceu interminável. O passeio durou algumas horas a mais que de costume. A imagem da pequena Alice vendo Miguel depredar a sua presa era-me impossível de esquecer. Se já fora terrível para mim, adulta, uma estranha a Miguel, imaginei o quanto mais teria doído em uma criança, filha do monstro. Preocupei-me com sua reação. O que ela faria? Contaria a Miguel nossa conversa? Ele voltaria e derramaria sua ira sobre mim? Sobre

todas nós? Eram perguntas que só o tempo poderia responder.

Elas chegaram acompanhadas de uma ama. Era a primeira vez que Miguel não vinha trazê-las pessoalmente. Alice ainda mantinha o rosto chorado. Olheiras profundas mostravam-se em torno dos seus olhos castanhos, a pele estava anormalmente pálida. Mesmo Ágata esboçava uma expressão espantada no lugar da ironia que sempre estivera impressa em seu rosto.

Alice correu para os meus braços. Ágata preferiu atirar-se à cama, sozinha. Tive pena. Aproximei-me dela e a envolvi com meu abraço, da mesma maneira como segurava Alice no outro lado. Ela empurrou-me, irritada. Pedi que se acalmasse, que me deixasse ajudá-la, então ela explodiu:

— Fique longe de mim! O papai é mais poderoso do que você pensa, sua bruxa e vai acabar com você se encostar um dedo em mim!

— Bruxa? Por que me chama assim?

— O papai contou-nos tudo! Quem você é, o que você é! Você o enfeitiçou!

— Ágata, conte-me o que ele disse para vocês! O que ele contou?

— Ele contou a verdade! Que ele é muito mais poderoso do que você pensa, que você tentou acabar com ele, mas não conseguiu, por isso ele a prendeu aqui neste quarto e por isso

também que Teresa não quer voltar a vê-la!

— Teresa? Ela está bem?

— É claro que ela está bem, ela está com meu pai! Nós é que não estamos nada bem, presas aqui com você! Eu quero sair daqui! Quero ficar com meu pai!

— Você não sabe o que está dizendo, Ágata...

— Eu sei, sim! Você pode enganar Alice, que é uma tonta mesmo, mas a mim você não engana!

— Eu não enganei ninguém! Ágata, por favor...

— Eu não quero ouvir mais nada! Saiam daqui! Saiam! Deixem-me sozinha!

Eu não respondi. Não havia argumentos capazes de convencer Ágata. Levei Alice para a varanda. Esperaríamos que ela se acalmasse, para depois explicar a verdade. Já não havia motivos para esconder tudo o que eu sabia sobre Miguel. Por um lado, Ágata tinha razão. Eu lhes devia a verdade e a hora dela chegara.

Alice adormeceu com a cabeça apoiada em meu colo, enquanto Ágata se revolia na cama. A noite caíra calmamente no horizonte, envolvendo-nos com seu manto negro. Havia estrelas naquela noite. Há muito tempo que eu não as via tão luminosas e abundantes no céu. Pareciam cochichar segredos, os quais privavam-se de me contar. A lua observava minha aflição, mas desta vez, negara-se a mostrar-me uma saída. Apenas observava-

me. Eu sentia que ria do meu desespero.

Recostei a cabeça no pilar redondo que apoiava um dos cantos do telhado da varanda, e cochilei. O sono durou muito pouco tempo, mas o suficiente para que um pesadelo se formasse, tirando a tranquilidade que eu desejava. Nele, eu vi Teresa. Ela estava sozinha, procurando por Miguel. Caminhava por imensos corredores, que eu não sabia se pertenciam àquela casa ou a outro lugar e chamava pelo nome do vampiro. Ele não respondia. Teresa via-se em um labirinto de sombras, um mosaico de escuridão e réstias cintilantes que adentravam pelas aberturas e vitrais que cercavam vastamente o lugar, de modo que não se podia enxergar através deles. Quando chegou à exaustão, Teresa deitou-se no chão, ofegando e perguntando por que ele a abandonara. Foi então que eu acordei.

# A Fuga do Demônio

Parecia que eu estava dentro do pesadelo que acabara de ter. Teresa estava em minha frente, igualmente ofegante, igualmente desesperada. Olhei-a de cima a baixo, procurando algum ferimento, alguma mordida de Miguel. Não encontrei nada. Ela não conseguia falar. Estava exausta, suas roupas estavam rasgadas, no vestido rosado faltava uma das mangas. Ela batera a porta com força atrás de si, e agora tentava arrastar a mobília para trancá-la, em uma cena que me pareceu mais do que familiar.

Eu não soube o que fazer. Fiquei paralisada, apavorada com o estado de Teresa. Então Alice agarrou a cadeira da penteadeira e a carregou para a porta, entregando-a a Teresa, que agradeceu. Entendi que eu deveria fazer o mesmo, embora soubesse que aquilo seria insuficiente para impedir a entrada de Miguel. Ágata saltou da cama e tentou impedir Teresa, como sempre, defendendo Miguel.

Então eu agarrei-a pelos braços e levei-a de volta para a cama, prendendo-a com os lençóis, impedindo que voltasse a atrapalhar. Ela me amaldiçoou, embora não fizesse diferença, porque eu já estava há muito tempo amaldiçoada.

Teresa chorava em silêncio. Olhava-me arrependida em relances. Não precisou dizer nenhuma palavra para que eu soubesse exatamente o que tinha ocorrido. Ela descobrira a verdade. Descobrira sozinha, assim como Alice. O demônio em Miguel jamais morreria, ainda que ele assim desejasse e por mais que se esforçasse para tal, era impossível separá-lo do demônio que o habitava. E agora que ela sabia de tudo, agora que a verdade despencara sobre sua cabeça, senti-me mais perdida do que nunca, porque com Teresa tentando livrar-se de Miguel, assim como eu fizera anos atrás, e tendo ele conseguido as filhas que queria, não havia mais nenhum motivo para manter-nos vivas. Então, quando ele chegasse, teríamos de estar preparadas.

— O que vamos fazer? O que podemos fazer? — perguntava Teresa, aflita.

— Só há uma coisa a ser feita! Temos de matá-lo! — Ágata urrou na cama, mesmo amordaçada com um pedaço de lençol.

— Mas como?

— Existe uma maneira! Precisaremos de um punhal, uma faca, ou algo parecido!

— Onde vamos encontrar um punhal? Não há outro jeito?

— É preciso de alguma coisa cortante, temos que embebê-la no meu sangue e depois cravar no coração de Miguel!

— Meu Deus! Isso é impossível! Ele é muito forte! Eu o vi derrubar mais de cinco homens de uma só vez!

— Temos que tentar! Não existe alternativa!

— Meu Deus do céu! — exclamou Teresa outra vez, arrancando do cabelo o palito dourado que prendia o coque no alto da cabeça. — Isso serve?

— Creio que sim! — respondi, tirando-lhe o palito das mãos, antes que ela desistisse.

Nesse instante, Miguel irrompeu à porta. Trazia os olhos vermelhos e os caninos à mostra. Olhei de relance para Alice e vi o pavor tomar conta de sua face. Até mesmo Ágata parara de tentar fugir e se refugiara entre os tecidos que a amarravam. Teresa apenas deu alguns passos para trás.

Miguel ficou parado na entrada, olhando-nos como um lobo. Coloquei-me na frente de Teresa, protegendo-a com meu corpo. Miguel olhou para a cama, viu Ágata amarrada e dirigiu-se a ela. Imaginei que o veria extirpando seu pequeno corpo indefeso, então corri para impedir que saciasse sua sede com o sangue da própria filha. Antes que eu pudesse alcançá-lo, Miguel avançou sobre a cama, estendendo as garras afiadas na direção da menina.

Alguns golpes, e eu não tive forças sequer para gritar, como fizeram Alice e Teresa.

Quando a fera afastou-se, percebi que não havia manchas vermelhas na cama. Ágata estava livre e intacta. A fera talvez tivesse instinto paterno ou instinto de preservação da espécie, conforme ele citara para mim diversas vezes, aquela era a sua única chance de perpetuá-la. Se matasse as filhas, seu povo estaria extinto.

Ele voltou-se para Teresa, e vi algo brilhante descendo pela sua face. Lágrima? Suor pelo esforço excessivo? Não decifrei o que era o ponto luminoso. Numa fração de segundo, pensei ter visto o verde profundo em seus olhos outra vez, o mesmo verde que me enlouquecera quando o conheci e que o tornava o anjo que eu acreditei que ele fosse. Então me perguntei se era o amor que ele sentia por Teresa que fizera renascer o anjo dentro de um demônio. Porque eu sabia que havia amor ali, eu senti. Mas foi só por um átimo de segundo e no instante seguinte, o demônio tornou a apoderar-se dele.

— Não chegue perto de mim! — disse Teresa com raiva.

Miguel levantou uma das mãos, como se fosse agredi-la, como fizera comigo antes. Saltei como um lince, colocando-me mais uma vez entre Teresa e Miguel. Ele parou um momento, tempo o bastante para que eu ferisse meu pulso com o palito de

cabelo de Teresa.

Gemi. O cheiro pareceu afetar os sentidos de Miguel, os olhos vermelhos ficaram vidrados no meu pulso ferido, enquanto a boca salivava descontroladamente. Apertei o palito de ouro ensanguentado contra a palma da mão, levantando-a como uma arma, prestes a penetrar o seu coração. Mas a minha mira não era assim tão boa, e acabei por atingir o rosto de Miguel, abrindo-lhe uma brecha que escorria desde a face até o canto inferior do queixo.

Depois desse momento, minha memória se apaga. Eu só me recordo de estar caída no chão, olhando para o palito de ouro adornado com rubis e brilhantes, manchado de sangue, rolando pelo assoalho lustrado e de ter pensado de que valia toda aquela riqueza perante a morte que parecia estar tão próxima.

Mais tarde, lembro-me de ter acordado com o som do choro de Teresa. Por uma fresta em minhas pálpebras, enxerguei seu vestido ensopado de sangue, as mãos sobre o rosto. Tentei abrir meus olhos devagar. Lembro-me de sentir muita dor naquele momento.

Sentei-me com dificuldade. Consegui abrir completamente os olhos e o que vi então, fez com que eu desejasse estar morta. A morte teria sido menos dolorosa do que ver as minhas duas crianças, as filhas de Miguel, estiradas sobre a cama, cobertas de

sangue. Vi o mundo girando depressa e não contive a náusea. Vomitei muito, imaginei que jamais conseguiria parar de vomitar. Mas parei. Fiquei apavorada, apavorada demais para entender o que acontecera.

— Onde está ele? — perguntei aos berros — Onde está ele?

— Ele... Ele... está morto... — balbuciou Teresa, quase sem forças para falar em meio aos soluços.

— Não pode ser... Não pode ser... — repeti muitas vezes, tentando criar coragem para levantar-me e ir até o leito de morte das minhas filhas.

Andei devagar, observando o quarto em volta, que agora se resumia em ruínas. Tudo era muito antigo e sujo, e não se parecia com o lugar em que eu tinha passado grande parte da minha vida. A cama onde os pequenos corpos jaziam estirados era uma moldura de madeira escura, forrada apenas com retalhos imundos, onde antes houvera luxuosos lençóis de cetim.

Aproximei-me o bastante para ver que estavam intactos. Não haviam sido mortas por Miguel. Ágata conservava um pequeno ferimento no lado esquerdo do peito. Um furo exato no coração. Tinha os olhos abertos, verdes como os de Miguel, mas que nada tinham de angelicais e ainda mantinham parte da malícia na menina. Fechei-os com as costas da mão, sentindo sua pele já resfriada pela morte. Depois voltei-me para Alice, que estava

deitada de braços ao lado da irmã. Virei-a. O mesmo ferimento, mas agora, no meio do peito. Os olhos estavam fechados e o rosto esboçava tranquilidade, como se dormisse um sono profundo e tranquilo. Um pequeno filete de sangue escorria de um dos cantos da boca.

— Ágata... Alice, meu anjo... Minhas meninas... — sussurrei-lhes, como se pudessem me ouvir, como se minhas palavras pudessem trazer um sopro de vida para seus corpos mortos.

Teresa aproximou-se e pousou o braço em meus ombros.

— Vamos embora daqui, mamãe — disse docemente, olhando-me nos olhos.

Respirei fundo e a acompanhei pela porta, que agora nos esperava escancarada. Mantive a cabeça virada para a cama e os olhos fixos nas meninas mortas. Recusava-me a deixá-las, ainda que não pudesse alterar seus destinos. Antes de deixar o quarto, olhei em volta, procurando o cadáver de Miguel. Não o encontrei. Saí sem perguntar o que realmente acontecera.



# Parte 2

# Carmem



# De Volta ao Presente

O tempo passou e nem sentimos o sol que escorregava pelo céu, trazendo o dia e os compromissos. Ainda estudávamos de manhã, apesar de já cursarmos o ensino secundário e estávamos atrasadas. Mamãe logo chegaria, voltando de seu plantão semanal no hospital onde trabalhava como enfermeira, à noite. De dia era professora. Éramos muito pobres e ela mantinha os dois empregos a fim de garantir-nos uma boa educação.

Eu estava desperta, a história havia me impressionado bem mais do que eu gostaria, mas minha irmã Ana cochilava sobre os joelhos da vovó Francesca, e eu acredito que não tenha ouvido a metade. Foi preciso chamá-la mais de uma vez para que se levantasse e me ajudasse a arrumar o café da manhã. Se mamãe soubesse o que fizemos, ou melhor, o que ouvimos na sua ausência, certamente nos mataria.

— Carmem! Ana! — ouvi a voz de minha mãe nos chamando, aliada ao barulho da chave girando na fechadura. Estava animada, como em todas as manhãs. Ela adorava seu trabalho no hospital, cuidar das pessoas a deixava feliz, apesar do cansaço.

— Bom-dia, mamãe! — gritei, tentando expressar normalidade e correndo para arrumar a mesa do café. Ana se trancara no banheiro e vovó fora para a cama.

— Bom-dia, Carmem. Onde está a Ana? E a mamãe?

— Bem, atrasamo-nos um pouquinho, hoje, Ana ainda está no banheiro e a vovó está na cama.

— Ficaram assistindo televisão até tarde, outra vez? Ah! Carmem, quantas vezes vou ter que pedir que durmam cedo?

— É... Ficamos... mas... — Minha tentativa de disfarce logo foi descoberta. Ana saiu do banheiro bocejando e pedindo para faltar à aula. Vovó roncava no quarto ao lado, separado da cozinha apenas por uma fina divisória de madeira, e seu ronco se espalhava pela casa como um trator lavrando uma campina.

— O que foi, Ana? O que vocês fizeram a noite inteira?

— Nada — disse Ana quase dormindo sentada — só ficamos conversando com a vovó.

— Conversando sobre o quê?

— Nada, não, mamãe! Só bobagens. — tentei remendar — falamos sobre o filme que passava na televisão. Acabamos

discutindo mais que o necessário. Mas não precisa se preocupar, estamos prontas para ir pra aula, não é, Ana?

Quando Ana estava pronta para negar e implorar para que a mamãe nos deixasse ficar dormindo, eu agarrei-a pelo braço e arrastei-a até a porta. Andei depressa, tanta pressa que me esqueci das lancheiras sobre a mesa da cozinha. Ana seguiu reclamando pelo caminho e eu, apressada, fazendo de conta que não ouvia.

Passamos em frente à mansão abandonada, que eu imaginei ser a casa da história da vovó. Instiguei Ana a entrar. Ela, que sempre fora uma medrosa, negou-se. Confessou que perdera a metade do que chamou de “caduquices da vovó”, e que mesmo que tivesse escutado ela falar da tal casa, jamais se arriscaria a entrar em um lugar como aquele.

— Deve estar cheio de ratos aí dentro, sua porca! — disse ela, xingando-me de brincadeira.

— E se tiver algum tesouro escondido sob aquele teto? Não vamos perder a chance de encontrar um velho segredo de família, não é mesmo? — insisti, sem argumentos mais convincentes.

— Tesouro de família? Só se forem notas promissórias a pagar! Você não acha que já passamos da idade de acreditar em contos de fadas, Carmem? Não se cansa nunca de viver no mundo da lua? Ande, vamos para a escola, que é o melhor que temos a fazer!

Desta vez era Ana quem me carregava pelo braço. Meus olhos estavam mais vidrados no casarão do que nunca. Ele me atraía, chamava-me, ele queria que eu entrasse nele, por algum motivo que eu desconhecia, mas que queria muito descobrir. Caminhei contrariada ao lado de Ana. Cochilei durante todas as aulas, mas na hora da pausa, estava bem acordada, tentando mais uma vez convencê-la inutilmente a dar uma espiada na casa antes de irmos embora.

Ana estava no auge dos seus 14 anos. Só pensava em maquiagem e roupas novas que ela fazia vovó costurar para ela dia e noite. Reclamava da vida o tempo todo, como uma boa adolescente. Eu, agora quase completando 16 anos, perguntava-me se havia sido assim tão insatisfeita quanto Ana. Mas quando olhava para trás via que não, eu havia sido uma boa filha, sempre conformada com o que podia ter, nunca exigindo mais do que minha mãe podia me dar.

Ou pelo menos quase nada. Eu exigia as histórias da vovó e isso deixava minha mãe muito mais furiosa do que quando Ana pedia alguma roupa nova. Essa reação atiçava ainda mais minha curiosidade. Eu não pensava que a vovó era maluca, isso nunca me passara pela cabeça. Eu pensava que ela era deprimida, que talvez tivesse ficado assim devido ao quanto sofrera na guerra.

A suposta verdade que ela nos contara tinha duas

interpretações para mim. A primeira, era de que ela inventara tudo aquilo como uma substituição do tempo em que viveu os horrores da guerra, uma maneira que ela arranjou para não sofrer com lembranças infelizes. A segunda, era de que aquilo tudo era verdade, porque existem muitas coisas racionais no relato da vovó. Quem com um pouco de imaginação transformaria um homem malvado em um vampiro, sem muito esforço? Isso não seria difícil para uma mente velha e saturada de sofrimentos como a dela.

Na volta, mais um tantinho de insistência, e Ana explodiu.

— Você é maluca, Carmem! Tão maluca quanto a vovó! Eu não quero saber de vampiros ou de casarões mal-assombrados! Vá você, se quiser!

E Ana saiu correndo para casa, deixando-me ali, à mercê da minha curiosidade e do meu apetite de aventura. Sentei-me no muro baixo, pintado de cal, que cercava o terreno em frente. Era início de primavera e ainda fazia frio pelas manhãs, mas ao meio-dia, o sol era escaldante, de forma que voltávamos para casa com tantas peças de roupas nos braços que parecíamos cabides ambulantes.

Soltei a mochila no chão, junto à jaqueta e a blusa de resto de lã, feita pela vovó. Olhei a casa ao longe, prestando atenção a cada detalhe. Comecei pelo campo, agora tomado pela macega que escondia as marcas do que fora uma estrada estreita de terra, que se

esgueirava até a varanda frontal. As paredes outrora brancas estavam recobertas de musgo e escurecidas pelo mofo. As janelas eram tortas, com venezianas marrons caídas e encaravam-me como dois olhos vesgos. Podia ainda reconhecer ao longe a silhueta da grandiosa porta de entrada, sem cor, lívida, envolta em uma moldura de relevo espesso e escuro que destoava da sua palidez. Ao centro das duas folhas de abrir, eu via um ponto reluzente, uma antiga aldrava de bronze.

O telhado também enegrecera com o passar dos anos. No topo, uma chaminé parecia estar sempre fumegante nos dias frios de inverno, mas isso não passava de uma impressão. Dos beirais se desprendiam pequenas lamparinas, antes acesas a óleo. O vidro que as envolvia cintilava à luz do sol, lançando raios multicoloridos. Os vitrais frontais estavam quebrados, talvez pela ação do tempo, talvez pela ação dos vândalos. Nos dois lados da fachada principal, eu enxergava uma muralha de pedras, tomada por uma espécie de vegetação que crescera rente ao paredão. Essa particularidade, especialmente, lembrou-me da história da vovó.

Eu adorava esses detalhes meio fantasmagóricos que incorporavam à casa algum fascínio que eu não conseguia explicar de onde vinha. Queria me aproximar, espiar pelas janelas quebradas. Queria ter certeza de que tudo ali me era familiar, como em meus sonhos. Mas faltava-me coragem. Como Ana se recusava

a embarcar naquela aventura comigo, e eu não tinha muitos amigos...

Eu já não me contentava em passar alguns minutos olhando para a casa. Havia dias em que caminhava com Ana até a frente do colégio, mas depois de me certificar de que ela estava dentro da sua sala de aulas, voltava e permanecia ali, sentada naquele pequeno muro pintado a cal, que tingia minhas calças. Depois, quando ouvia o apito do meio-dia, voltava correndo para esperar Ana na saída da classe e quando ela me perguntava por onde andei, sempre respondia que estivera a esperar por ela enquanto se arrastava como uma lesma pelos corredores. Minha intenção não era ofender Ana, mas antes que ela me atacasse com suas perguntas que acabariam por me denunciar, eu preferia atacá-la e assim tirar dela o direito de me incomodar com suas indagações.

A casa me chamava. Eu precisava chegar mais perto, descobrir os segredos enterrados naquele lugar, porque eles clamavam por mim.



# A Ira de Teresa

Em uma quinta-feira de lua cheia foi que tomei a decisão. Não contei para mamãe ou para Ana, mas para a vovó não pude deixar de falar. Iria, no dia seguinte, enfrentar o medo que me invadia e visitaria a casa em ruínas. Num primeiro momento, pensei que ela não tivesse compreendido o que eu dissera ou a que me referia. Ficou calada, com expressão morta, braços cruzados. Sequer suspirou. Não deu indício algum de aprovação ou de desaprovação.

— Vovó? A senhora está me ouvindo? — perguntei. Ela virou os olhos para mim, sem descruzar os braços ou as pernas, sem levantar-se de onde estava, e ainda, sem expressão.

— Carmem! — Só disse o meu nome, nada mais.

Ouvi aquilo como um sim, porque era de um sim que eu precisava. Falar sobre aquela casa era muito delicado para mim.

Não sei por que, mas durante anos não havia comentado nem mesmo com Ana sobre a vontade de conhecer os pedaços mortos de madeira e tijolos que esperavam por mim naquele campo deserto. Logicamente, ela percebeu isso sozinha, sem que eu precisasse dizer coisa alguma. Então, não mais escondi aquele desejo adormecido e passei a usar todo o tempo que passávamos juntas, tentando convencê-la a me acompanhar. Nunca consegui.

No primeiro momento, pensei que ouviria de vovó Francesca as mesmas críticas que ouvia de Ana. Por isso, estive durante muito tempo reunindo forças para falar-lhe. Naquela noite, esperei que Ana fosse deitar e com a desculpa de assistir televisão, prendi vovó na sala por mais alguns minutos. Respirei fundo, procurando as palavras certas. Elas finalmente vieram.

A aprovação de vovó não veio conforme eu desejara. Mas o simples fato de ouvir meu nome sair de seus lábios enrugados, em vez de uma tremenda bronca, já fora o suficiente para me encorajar. Levantei-me do chão onde estava ajoelhada a seus pés, segurando-lhe as mãos. Beijei-as. Depois beijei sua testa e antes de deixá-la, reparei em seus olhos a expressão congelada do medo.

Fui dormir e vi a casa em meio a meus sonhos tranquilos. Desta vez ela não aparecia luxuosa, gloriosa em tempos antigos, como ocorria geralmente em meus sonhos. Desta vez, ela aparecia como realmente era, apenas uma sombra, um relicário de

recordações e abrigava um novo personagem: Miguel. Eu não vi seu rosto claramente, apenas duas esmeraldas verdes que cintilavam na escuridão, e a voz que sussurrava o meu nome.

A voz... Não pude esquecê-la. Passou a me perturbar desde então. Era uma voz conhecida, eu já a ouvira milhares de vezes chamando por mim. Dizia meu nome, falava em silêncio, dentro de mim. A voz estava guardada em mim. Talvez não viesse da casa ou dos sonhos. Talvez a voz fosse a minha própria voz, tornando possíveis meus desejos ocultos. Talvez Miguel estivesse vivo, ou eu apenas ficara impressionada com a história da vovó, e ele jamais tivesse existido.

Acordei no meio da madrugada. Ouvi mamãe alterada, gritando com a vovó. Era a primeira vez que ouvia as duas discutindo. Concentrei-me para ouvir o que diziam. Não pude compreendê-las. Para mim aquilo tudo não passava de um amontoado de palavras desconexas. Mamãe parecia fazer uso de uma língua estranha, diferente de todas as que eu já ouvira ou das que estudávamos na escola. Vovó não respondia.

Levantei-me sorrateiramente, deslizando pelo corredor como uma serpente, sem fazer barulho. Espiei por uma fresta da madeira apodrecida. Vi as mãos de mamãe socando o ar em torno de seu corpo. Ela chorava e gesticulava. Virei-me, tentando alcançar o furo de um nó caído da tábua superior. Nesse momento,

minhas pernas resvalaram, e eu caí no assoalho, à beira da porta que dava acesso à sala.

— Carmem? O que está fazendo acordada? — perguntou mamãe, descompensada, virando o rosto para o lado, escondendo o choro e secando as lágrimas com a manga do casaco. Por mais que se esforçasse, não conseguia conter os soluços.

— Eu? Eu ouvi vocês duas e... Bem... vim ver o que estava acontecendo.

— Volte para sua cama! — ordenou. Vovó também chorava. Mantinha as mãos junto ao corpo, em posição de oração.

— Vocês estão bem? — atrevi-me a perguntar, ignorando a ira de mamãe.

— Vá para a cama!

— Teresa, ela precisava saber a verdade! — interrompeu vovó Francesca.

— Não, mamãe, ela não precisava!

— O quê? Eu? — Fiz-me de boba, embora soubesse exatamente do que elas falavam, por que discutiam.

— Carmem, prometa-me uma coisa — disse mamãe, segurando-me com força pelos braços — prometa que você nunca irá até aquela maldita casa!

— Por quê?

— Prometa, Carmem! Prometa que nunca, nunca, chegará

nem perto da casa! Prometa!

— Eu prometo — disse eu, baixando os olhos para o chão, desviando-os do olhar severo e suplicante de mamãe, e sem me esquecer de cruzar os dedos antes.

— Agora volte para a cama!



# A Primeira Vista

Depois da discussão, concluí que o casarão dos meus sonhos era exatamente o da história que vovó nos contara. Isso só aumentou o meu fascínio e fez-me arrepender de ter comentado com vovó sobre as minhas intenções. “Ainda bem que cruzei os dedos!” pensei. Eu não pensava em desistir. Havia demorado para tomar a decisão e ela era irrevogável.

Intrigava-me a irritação de mamãe. O que havia de mais em entrar na velha casa? Por que tanto medo? O que aqueles escombros poderiam fazer de mal a mim ou a qualquer outra pessoa? Não. Não haveria de fazer mal algum. Bastava que se tomasse cuidado.

Esperei que uma semana se passasse. Ia à escola e voltava para casa com Ana, resistindo à tentação de olhar para o casarão, demonstrando ter perdido todo o interesse pelo local e esperando

que Ana comentasse com a mamãe, o que não passou do terceiro dia. Esperei a poeira baixar, evitando encarar a mamãe ou a vovó, sonhando a cada noite com a mesma cena, a cada noite com mais desespero, mais urgência.

Então veio o domingo. Fui à missa, coisa que não fazia há três domingos. Rezei para Deus e rezei pela alma de Miguel, mesmo que ele tivesse sido um vampiro. Ana acompanhou-me. Também estava em débito com as entidades superiores. Rezava por mais maquiagens e roupas e rezava para encontrar um namorado, porque tinha medo de morrer solteirona. E ela só tinha 14 anos.

Saí depois da comunhão. Pensei que fosse o momento certo. Inventei uma dor de cabeça e pedi que Ana não se preocupasse, apenas que avisasse a mamãe quando voltasse para casa. Eu já fora abençoada, então se o vampiro existisse e morasse nas ruínas do casarão, não poderia me pegar.

Desci a ladeira depois da praça da igreja. Aquela voz me chamava intensamente agora, parecia saber que eu estava chegando. Mais dois quarteirões e eu avistei a casa. Estava diferente desta vez. Parecia maior e mais imponente. Ou era a minha própria ansiedade que a deixava assim?

Diminuí o passo. Minhas mãos tremeram quando cruzei o limite do terreno. Respirei fundo e meus pulmões se encheram do ar fresco que circundava a casa. Ventava naquele domingo e eu

fiquei parada sentindo o vento bater no meu rosto. O cheiro era de madeira úmida, de terra e de vegetação.

Tornei a andar vagorosamente. Mantive os olhos fixos na porta principal, tentando decifrar o desenho esculpido na aldrava. Estava ainda muito longe. Continuei, sempre concentrada no vento e nos odores que agora se misturavam com o mofo das paredes abandonadas.

Parei em frente à entrada. Ela fitou-me com interesse e eu estendi o braço, limpando com a mão direita o musgo que tapava a aldrava. Era um anjo. Um arcanjo talvez, pois tinha um rosto forte, não era como as gravuras de anjinhos-bebê que eu colava em meus cadernos costumeiramente. Também não se tratava apenas de um rosto de anjo. Era um homem inteiro, enrolado em tecidos ondulantes que escondiam sua nudez. Trazia os braços abertos e segurava nas mãos a argola de bronze, o batente. As asas estavam abertas, voltadas para o céu, como se alçasse voo. Ele me encarava. Era uma figura belíssima.

Senti-me tentada a usá-la, mesmo sabendo que não havia ninguém do outro lado para abrir a porta. Resisti. Desci os degraus e caminhei com dificuldade em direção a uma das janelas frontais, vencendo a vegetação alta que crescera rente às paredes. Era uma mistura de capim seco e espécies rasteiras que se entremeavam formando um tapete denso, quase impenetrável. Tentei escalá-la,

esticando os braços para alcançar as venezianas caídas, altas demais.

Segui o contorno da casa até chegar à muralha lateral. Agarrei-me às trepadeiras e fui entrelaçando os pés nos braços verdes e pegajosos, como um trapezista de circo, enfiando os dedos nas aberturas deixadas pelas imperfeições das rochas empilhadas. O esforço excessivo me fez suar, deixando minhas palmas lisas e escorregadias, de modo que precisei me concentrar para não cair de costas na terra forrada de galhos apontados com lanças.

Cheguei ao topo. Do outro lado, a vegetação era ainda mais densa. O campo se estendia até o horizonte, onde eu me deparei com o verde da mata, exatamente como na história da vovó. Reparei que muitas rochas daquele muro estavam caídas aos pés do casarão, derrotadas pela ira do tempo. Também notei que não havia janela alguma em toda a lateral da casa. Seria ali a prisão?

Esforcei-me para subir um pouco mais. Eu toda tremia e não pude erguer o corpo para sentar-me sobre a muralha e descansar. Olhei em volta, sem muita certeza de que conseguiria descer. Desvencilhei uma das pernas e procurei uma abertura baixa para meus dedos magros. Era difícil suportar o peso. Escorreguei diversas vezes, sem conseguir descer o suficiente para saltar.

Fechei os olhos, lembrando o pedido de minha mãe. Ela pressentira o perigo? Num segundo, senti o apoio sumir sob meus

pés e pensei ter flutuado por um instante. Então encontrei o apoio certo e escorreguei pela trepadeira lentamente. A cada degrau eu sentia meus pés sendo guiados até bem próximo ao chão. Mantive os olhos fechados. Não sei se foi fruto do meu próprio medo ou se eu realmente fora erguida e depois colocada no chão.

Dobrei-me sobre o meu corpo, apertando o estômago. Tentei controlar a respiração ofegante de medo e cansaço. O sangue corria depressa pelas veias, aquecendo meu corpo mais do que o normal. As pernas cambalearam e exigiram mais esforço ainda. Corri até a entrada do terreno, cercada por diversos fios de arame farpado. Antes de atravessá-los olhei mais uma vez para a face fantasmagórica da casa.

Antes de sair, quando eu já me virava em direção à rua, vi uma sombra percorrer um dos olhos tortos de vitrais quebrados. A sombra deteve-se por um instante, encarou-me e depois sumiu na escuridão interna da casa e, embora o dia estivesse ensolarado, eu não distingui de que se tratava. Um animal? Um homem? Um vampiro?

Segui pela estrada, sem rumo e sem olhar para trás. Passei diante das ruínas do que um dia fora uma grandiosa catedral e que agora não passava de um amontoado de cinzas. Aquilo era tão antigo quanto o casarão e guardava uma história ainda mais emocionante, mais intrigante e, no entanto, não me causava

nenhum tipo de atração. Detive-me ali, esperando que a sedução emanasse daquelas paredes queimadas. Não senti nada.

# A Sombra do Casarão

Os sonhos das noites que sucederam minha visita ao casarão foram ainda mais intensos do que os anteriores. Um tanto mais sedutores também. Imaginei em cada noite uma versão diferente para aquela sombra. Algumas vezes ela era apenas um espaço sem luz formado por nada além de uma cortina velha ou outro objeto. Outras vezes, aparecia como um herói salvador, vindo de longe para interromper minha queda. Nas noites mais absurdas, sonhava que era um príncipe, escondido em seu disfarce negro, esperando em seu palácio arruinado por mim, a princesa prometida.

Curiosamente, em nenhum dos sonhos que tive, a sombra apareceu como o vampiro demoníaco que a vovó descrevera. Tinha sempre algo de bom naquela sombra, algo que esperava por mim, uma surpresa boa. Mesmo depois que eu acordava com meus pijamas ensopados de suor e me forçava a imaginar os olhos de

Miguel se alternando do verde esmeralda para o vermelho, eles apareciam em minha mente com uma ternura exagerada, eu diria, impossível. Olhos arrebatadores, impetuosos, violentos, e ainda assim, incrivelmente ternos.

Depois de cada sonho, eu não voltava a dormir. Passava o resto da noite a imaginar o que estaria por detrás daquela sombra. Os pensamentos eram agradáveis, mas logo a falta de sono se fez visível em minhas olheiras que se aprofundavam mais e mais e preocupavam tanto minha mãe, quanto vovó. Mas as explicações das duas para esse fato eram muito diferentes. Enquanto mamãe jurava que eu estava apaixonada por algum dos meninos magricelas da escola, vovó tinha a certeza de que eu me atrevera a entrar no casarão. E parecia saber exatamente o que eu vira lá dentro, ainda que não me tenha dito uma só palavra.

Mais uma semana se passara e eu não resisti à tentação. Logo na segunda-feira saí mais cedo para a escola, sob o pretexto de que precisava encontrar umas amigas na biblioteca para terminar um trabalho do curso. Corri até a casa e, desta vez, escalei a muralha até o topo, e saltei sem muita preocupação para o pátio dos fundos. Não podia correr o risco de ser pega. Se tentasse entrar pela porta da frente, era possível que Ana me enxergasse quando passasse na rua a caminho da escola.

Não temi uma queda dessa vez, sabia que meu salvador não

permitiria que eu me machucasse. Talvez por isso, não escorreguei. O campo do outro lado da muralha estava tomado por uma vegetação alta e seca. O capim exalava o cheiro do verde que semanas antes estivera pintado naqueles ramos e o sol castigara nos dias de final de primavera. Observei a campina e as flores nativas que cresciam no solo, sem que ninguém as tivesse plantado. Formavam um mosaico de amarelo, lilás, roxo e vermelho que lutava para se espalhar entre o bege e o pouco do verde que sobrevivera.

Abandonei minha mochila ao lado da muralha e segui até os fundos da casa. Olhei-a com atenção, reparando na imensa porta que precedia a varanda. Ela fora entalhada em uma madeira escura, como as demais esquadrias, mas havia muitos anjos esculpidos ao redor das molduras que seguravam os vidros gentilmente. Apesar de igualmente abandonada, a porta estava entreaberta. Ainda que estivesse um pouco torta, não havia nenhum vidro quebrado, nem um arranhão sobre os rostos ou corpos dos anjos que a rodeavam. Era como se o tempo tivesse parado para aquele pedaço de madeira, como se aquela porta tivesse sido protegida ou restaurada.

Aproximei-me hesitante, sentindo saltos dentro do peito. Havia algo naquele lugar que eu já conhecia. Alguma coisa chamava por mim e eu a ouvia. Meu nome, repetidas vezes, incessantemente.

Subi os degraus baixos, um de cada vez. Encostei a ponta dos dedos nos entalhes da madeira. Ela pulsava. Percorri cada um dos anjos, até onde meus dedos alcançaram. Eles pareceram adquirir vida e me fitaram curiosos, como se perguntassem o que eu fora fazer ali, e ao mesmo tempo, convidassem-me a entrar.

Limpei um dos vidros com a mão. Abri caminho pela camada espessa de poeira e umidade acumuladas durante anos a fio. Espiei por ele e vi um cômodo grande e arejado, com uma cama enorme, uma penteadeira e dois pequenos berços ao seu lado. Afastei-me bruscamente. A imagem dos berços me trouxe a última confissão da vovó. Agora já não restava nenhuma dúvida. Aquela era a casa em que vivera. Aquelles berços eram das filhas gêmeas, as filhas mortas do vampiro.

Outro arrepio percorreu meu corpo e o que até então era fascinante, agora me parecia macabro. Tive medo de entrar e deparar com dois pequenos cadáveres sobre a cama. Tive medo de que os fantasmas ainda habitassem aquele quarto, que a sombra que eu vira naquela manhã de domingo fosse nada mais do que o fantasma de uma das meninas, que esperara por mim, quem sabe sedento por vingança.

Em um só minuto, todos os sonhos, os príncipes e os olhos de esmeralda sumiram da minha imaginação. Meu coração já não batia de curiosidade ou de esperar a surpresa, mas batia de medo.

Gotículas de suor formaram-se em minha testa, descendo pelo pescoço e juntando-se com as demais, encharcando a minha roupa. Aquilo era diferente de quando eu sonhava com a casa. Aquele suor jamais surgira em mim quando acordada.

Andei para trás alguns passos. Respirei fundo. Senti vergonha do meu medo. Eu já era suficientemente adulta para saber que fantasmas não existiam. Respirei mais uma vez, e outra. Sentei no degrau mais baixo da escada enquanto minhas pernas recuperavam a rigidez. Pensei em vovó sentada ali, naquela mesma varanda, olhando a lua cheia que tanto amava, quem sabe, segurando Alice nos braços.

Fechei meus olhos por um momento, concentrando-me naquela que julguei ser uma visão feliz dos tempos remotos, o que fez minha respiração se abrandar. Sorvi o ar com calma, diminuindo o ritmo a cada respiração. Meu coração também batia mais devagar agora. Olhei para a mata ao longe, senti o vento que batia em meu rosto e o calor do sol que já no início da manhã tomara conta da varanda.

Resolvi fazer mais uma tentativa. Virei o rosto para a porta semiaberta, observei um pouco a luz que entrava no cômodo. O quarto já não me pareceu tão escuro e tenebroso quanto antes. Reuni coragem e segui para a abertura convidativa da porta com os olhos fixos na cama, certificando-me de que não havia nenhum

cadáver ali. Ela estava vazia.

Entrei no quarto lentamente, arrastando meus pés sem fazer qualquer ruído. Observei os rastros que os meus sapatos deixavam na poeira e agarrei-me à parede, tentando refugiar-me. Senti a textura úmida e fria sob minhas mãos, as lascas de tinta velha que se soltavam e arranhavam meus dedos. Vez ou outra, meu tato deslizava sobre manchas gosmentas de mofo e de limo, deixadas pela umidade excessiva, de modo que segui tentando não encostar minhas roupas na parede, porque as manchas me denunciariam.

Concentrei minha atenção na parede às minhas costas. Andei devagar, desviando das imperfeições úmidas. A cama já não era meu alvo principal e foi justamente sobre ela que eu o vi pela primeira vez.

Foi só um vulto, foi só aquela sombra, mas foi o suficiente para que eu soubesse que ele estava ali. Parei congelada. As palmas das mãos abertas, coladas à parede protetora seguravam-me enquanto uma sensação estonteante me invadia, aliada à náusea incontrolável, que me sufocava, que me impedia de respirar. Contive até mesmo meu coração, que insistia em saltar de dentro do peito. Contive-o para que se calasse e então, desfaleci.

# Os Olhos de Esmeralda

— Miguel... — sussurrei, abrindo os olhos lentamente. Ao lado da cama bolorenta, estava o resto do criado-mudo, pregado à parede. Um pedaço de madeira escura, onde também descansavam anjos entalhados nas margens. Imaginei se algum deles tinha a verdadeira face de Miguel, o demônio que me fora tantas vezes descrito como um anjo. Imaginei como eles seriam se tivessem olhos verdes como aquela mata que eu vira lá fora.

Sentei-me com dificuldade. Ainda sentia um pouco da tontura que me derrubara. O quarto parecia mais claro agora que meus olhos já não estavam mais ofuscados pelo sol, de forma que pude observar detalhes que antes me haviam escapado. A penteadeira e a bacia do lavabo trincado, abandonados em um

canto, esquecidos. O espelho quebrado que formava uma teia de aranha do centro para as beiradas, sob o qual uma banquetta forrada com cetim amarelado e uma escova de cabelos com cabo de prata me esperavam.

Levantei-me com cuidado. Eu precisava tocá-la, sentir as vibrações que estariam ainda vivas naquele pequeno móvel de madeira e vidro. A história de Francesca que estava impregnada em todo o quarto, estaria então mais vívida naquela penteadeira? Eu pensava que sim, porque fora naquele espelho, agora rachado, que ela percebera a ausência de Miguel tantas vezes, e que fora uma peça importante em sua caminhada rumo à verdade.

Toquei-a. Uma onda de calor percorreu meu corpo todo, tirando o medo, trazendo confiança. Arrastei a banquetta, trazendo-a para mim. Sentei-me. Vi meu rosto dividido em muitos pedaços, cada qual refletido numa trinca do espelho empoeirado. Limpei-o com a manga da blusa do uniforme. Olhei o quarto às minhas costas. Parecia vazio, mas eu sabia que ele estava ali, observando-me, admirando-me, sentindo o meu cheiro.

— Miguel... — sussurrei outra vez. Sabia que ele me ouvia, mas permanecia em silêncio, talvez reunindo coragem para se revelar. — Miguel?

Eu já não sentia medo algum. O medo se tornara parte da minha curiosidade, fortalecendo-a e nasceu dentro de mim o desejo

de conhecê-lo. Dei mais uma olhada no espelho, prestando atenção aos detalhes do ambiente que se erguia às minhas costas. Virei-me vagarosa, mas, decididamente.

Então eu o vi. Ele era apenas uma silhueta parada em um canto do quarto, encoberta por uma sombra no lado oposto ao sol. Tinha a cabeça baixa, como se sentisse vergonha. Era alto e forte, segurava uma bengala em uma das mãos e um chapéu na outra. Observei-o por um longo tempo, sentada na banquetta, completamente exposta à luz que adentrava pelas portas agora escancaradas da varanda.

— É você mesmo? — perguntei em voz baixa, muito suavemente. Ele hesitou um momento, então deu dois passos em minha direção, deixando que o sol banhasse o seu rosto e revelasse sua identidade.

Não era tão velho quanto eu o imaginara. Era jovem e tinha vastos cabelos castanhos e aqueles olhos de esmeralda. Na face direita havia uma cicatriz profunda que descia pela bochecha e alcançava a parte de baixo do queixo. Ela não diminuía sua beleza, dava até certo charme sinistro à criatura misteriosa em minha frente.

— Você é Carmem? — a voz era rouca, sussurrante. Sedutora como tudo naquele lugar, como ele próprio era sedutor.

— Si... sim... — balbuciei, não por medo, mas porque

estava hipnotizada por aquele homem e sentia-me envergonhada e sem saber o que dizer.

Como ele sabia o meu nome? Fora ele quem estivera me chamando durante todos aqueles anos? Eu sabia que sim, assim como sabia exatamente como e por quê. Ele entrava nos meus sonhos em cada noite, ele buscava-me em meus pensamentos. Estávamos fortemente ligados um ao outro, e isso era indiscutível diante da sensação que eu tinha de que o conhecera durante toda a minha vida.

— Eu estive esperando-a, minha querida. — A voz era muito doce, irresistível, de modo que me levantei e fui em sua direção, parando em frente aos sorridentes olhos de esmeralda.

— Esperando-me? Por mim? — eu continuava sentindo-me uma bobona. Não conseguia ordenar meus pensamentos, as palavras estavam presas em minha garganta e se recusavam a sair da forma como eu gostaria.

— Você é minha última esperança. É a única que pode salvar-me. — Ele segurou minha mão, estendendo-a até os seus lábios gelados e a beijou.

Puxei-a de volta com força, como que para me proteger, embora ainda não compreendesse como uma criatura tão meiga, que me inspirava tanto fascínio como aquela poderia ser um monstro. Mas ele não pareceu surpreso com a minha reação e não

desviou seu olhar do meu.

Mirei outra vez o quarto, encabulada, e ele não mais me pareceu sombrio e sem vida como estivera minutos antes. Agora repousava banhado na mais pura luz, jogando as sombras contorcidas do que antes eram apenas escombros no rosto marcado do demônio em pele de anjo que me fascinava.

Eu não tive medo dele, em nenhum dos momentos em que estive ao seu lado. Seus braços eram protetores e eu sabia que queriam se abrir para mim, para me livrar de todas as dores mundanas, para me mostrar outro lado da vida que eu desconhecia e que desejava muito descobrir.

Tornei a encará-lo, mas isso durou apenas poucos segundos. Contemplei outra vez o verde daqueles olhos e deixei-me levar pelas lembranças, guardadas dentro do olhar gelado de esmeralda. Havia uma vida inteira dentro dele, uma longa e conturbada vida, que veio a mim naqueles poucos segundos, a sua versão de toda aquela história e o sofrimento de um último ser que precisava desesperadamente dar continuidade a sua espécie, e que precisava de mim para isso.

Nessa hora o quebra-cabeça se encaixou. Eu era a bruxa que tinha herdado o sangue de minha mãe, o poderoso sangue capaz de gerar um filho vampiro! Esse pensamento assustou-me e eu me virei para sair correndo dali, voltar para casa, para a escola ou para

qualquer lugar bem longe do vampiro, mas minhas pernas se recusaram a obedecer aos meus comandos, eu estava congelada. Temi que Miguel me prendesse como fizera com Francesca antes, mas quando me volvei, ele já não estava mais lá. Procurei pelo quarto a silhueta encoberta pelas sombras, mas não havia nada.

Saí pelas portas da varanda que continuavam completamente abertas. Pensei ter imaginado Miguel, ou ter ficado louca. Corri os dedos em meus cabelos, apalpando a cabeça em busca de alguma fratura. Teria caído ao atravessar o muro de pedras e estivera delirando? Não. Nenhum machucado ou inchaço.

Dei uma última olhada na moldura entalhada da porta e um dos anjos pareceu se mexer, numa espécie de reverência. Olhei outro mais adiante e ele curvou-se em minha direção. Outra vez duvidei da minha sanidade e apressei-me em sair por onde havia entrado.

Na euforia da fuga, esqueci minha mochila ao lado da muralha que servira de acesso e só me dei conta dessa perda quando Ana questionou-me ao sair da escola, ao se deparar comigo ainda pálida, esperando por ela no pátio da escola.

— Ana, eu não estou me sentindo muito bem. Acho que esqueci meus materiais na biblioteca, mas não quero voltar lá para buscá-los.

— Pode deixar, maninha, eu busco para você! — ofereceu-

se Ana, prestativa.

— Não, Ana! — gritei mais alto do que queria. Ana simplesmente parou onde estava e me fitou com uma interrogação estampada no rosto. — Leve-me para casa.

Ana não disse palavra durante o trajeto. Eu evitei olhar na direção do casarão, tentando não dar indícios que me denunciasses. Se Ana soubesse o que eu fizera, se ela sequer sonhasse com o que eu vira, certamente correria a contar para a mamãe e para a vovó. Então eu estaria perdida. E Miguel também.

Para minha surpresa, minha mentira deu certo. Não que eu pensasse que Ana tinha acreditado, mas o fato de eu ter mentido que estava passando mal, aliado a minha palidez instantânea, ajudou bastante. Ela até me ajudou a convencer a mamãe a não ir pessoalmente à escola buscá-los. Talvez Ana não fosse tão traidora quanto eu julgava. Talvez eu pudesse mesmo confiar nela.



# O Renascimento do Demônio

Como sempre, a noite chegou e com ela as reclamações por ter que ir dormir antes do horário que gostaríamos. Desta vez eu não contestei. Deixei que Ana fizesse a ladainha sozinha e fui para o quarto me deitar. Precisava pensar, digerir o que acontecera naquela manhã. Ainda duvidava da minha própria sanidade.

Sem querer, peguei no sono. Estava exausta, tivera emoções demais para um só dia. Sonhei com Miguel, com os olhos verdes fixos nos meus enquanto implorava por ajuda. Ouvei a voz que sussurrara para mim duas frases naquela manhã e que agora as repetia incessantemente. Senti o toque da sua mão e os lábios gelados beijando-me. Senti seus braços me acolherem, protegendo-me do mundo inteiro e ouvi a história inteira da sua vida, sem que

ele precisasse dizer uma só palavra.

Acordei com o chamado de Ana. Estava outra vez ensopada de suor e tremia bastante. Mamãe não demorou em vir até o quarto e constatar a minha febre. Vovó também chegou em seguida, trazendo chá quente. Bebi sem reclamar, embora fizesse caretas com o gosto amargo do chá. Deitei-me outra vez e fingi ter adormecido. As duas deixaram o quarto, mas Ana não voltou para a cama. Sentou-se à minha cabeceira e esperou algum tempo, certificando-se de que vovó iniciara seu ronco de trator.

— Carmem! — chamou-me baixinho — Carmem, você está acordada?

— Estou sim.

— Onde você foi hoje de manhã?

— Ora, já lhe contei! Estive na biblioteca o tempo todo!

— Não minta para mim, Carmem! Se não me disser a verdade, eu juro que conto para a mamãe que você não foi à aula hoje!

Mediante aqueles argumentos, não pude esconder a verdade de Ana. Ou ao menos parte dela. Primeiro, fiz com que ela jurasse manter segredo. Ela, curiosa, concordou. Depois a fiz prometer que não iria se aproximar do lugar onde eu estive. Mas uma vez ela não teve alternativa, senão concordar.

— Eu fui ao casarão, Ana. Você sabe, há muito tempo eu

queria dar uma olhada na casa, ainda mais depois da história que a vovó nos contou.

— Eu sabia! E o que você viu lá?

— O que poderia ter visto? Um monte de móveis velhos, cortinas em frangalhos, sujeira, limo, mofo. Nada de interessante, como eu pensei.

— Viu? Eu falei! O que poderia haver em uma ruína daquelas?

— É, você estava certa, Ana. Não voltarei mais lá. — Ana suspeitou da minha não insistência. Eu jamais concordava com ela, não antes que a mamãe ou a vovó interferissem nas nossas discussões. Dessa vez dera o braço a torcer muito cedo e Ana desconfiou.

— Você vai voltar, sim, Carmem! Diga-me o que viu lá, ou então eu conto tudo!

— Está bem, está bem! — interrompi antes que Ana aumentasse ainda mais o tom de voz, que já começava a se alterar

— Eu vou ter que voltar para buscar a minha mochila, mas é só isso!

— Mamãe! — disse ela baixinho, mas voltada para o corredor.

— Não, Ana! Por favor! Eu já disse que não há nada naquela casa, além de velharias! O que mais poderia haver?

— Não sei, mas eu vou com você quando voltar amanhã para buscar as suas coisas!

— Não é necessário! A mamãe vai ficar mais brava ainda se descobrir que nós duas andamos matando aula! Deixe que eu mesma vou! Você pode me esperar na estrada, se quiser!

— Nada disso! Ou me leva com você, ou...

Ana era muito convincente quando queria algo. Era impossível não ceder às suas chantagens. Tive que levá-la comigo. Outra vez saí mais cedo de casa, com a mesma desculpa, e Ana usou a dela: acompanhar a irmã, que tivera febre na noite anterior, só para garantir que ficaria bem.

Andamos o mais rápido possível. Eu queria pegar logo as minhas coisas e sair dali antes que fosse tarde demais. Pedi que Ana me esperasse e escalei a muralha, mas antes que eu tivesse tempo de pôr a mochila nas costas, Ana já havia pulado e corria em direção à varanda.

—Ana, não! — gritei, disparando atrás da fujona. Não a alcancei. Quando a vi, ela já ultrapassara a porta da varanda, que eu sabia estar aberta só para mim. Tentei agarrá-la pelo braço, tirá-la daquele quarto o mais rápido possível, mas ela escapava de minhas investidas e corria de um lado para o outro.

Sentou-se na banqueta da penteadeira, olhou cada objeto que estava ainda por lá. Abriu todas as gavetas que pôde e retirou

tudo o que achou dentro delas. Queria levar para casa as lembranças do passado da vovó, para presenteá-la. Encheu a mochila, ignorando meus protestos. Subiu na cama e pulou sobre as molas enferrujadas do colchão. Depois andou até os berços, cuidadosamente arrumados ao lado da cama e tentou arrastar um deles, fazendo-o ranger no assoalho apodrecido. Tudo estava muito limpo e muito diferente do que eu vira no dia anterior.

— Temos companhia? — a voz já não era doce e sussurrante como na manhã anterior. Miguel agora expressava uma espécie de raiva, uma crueldade maliciosa que eu não vira antes.

— E... essa é... é minha irmã... Ana... — gaguejei, com medo do que veria. Se ele pudesse ser tão diabólico quanto vovó descrevera, imaginei que se revelaria então.

— O quê...? Quem...? Carmem...? — gaguejou Ana, ainda agarrada ao berço.

— Ana, a outra filha de Teresa... — Miguel caminhou em direção a Ana, cheirando-a como um animal farejando a presa. Corri e coloquei-me entre os dois.

— É... minha irmã... — disse encabulada. Miguel pareceu hipnotizado quando me viu, desviou os olhos de Ana e afastou-se.

— Por que a trouxe aqui? Ela não é como você. Não pode ajudar-me.

— Eu não tive escolha... eu...

— Como ousa macular a minha casa? Eu estive esperando por você, só por você, minha Carmem! Por que ela está se apossando das minhas coisas? O que quer de mim?

Ana largou imediatamente a mochila com os objetos roubados. Era ela quem estava pálida desta vez e não ousava mexer mais nenhum músculo. Agarrei a mochila e comecei a recolocar cada coisa em seu devido lugar. Miguel nada disse, mas observou cada movimento meu.

— Perdoe-nos. Pensamos que não haveria problema... — eu disse, mas Ana me interrompeu como um vento bufante, atirando-se contra Miguel, com um ódio que eu nunca vira nela antes.

— Isso tudo não é seu, seu monstro! Esta casa, estas coisas, você as roubou da vovó! Ela já nos disse a verdade! Seu vampiro imundo! — Antes esticou os braços para esbofetear Miguel. Ela estava fora de si. Sua reação ao medo era sempre reagir, ainda que estivesse em desvantagem.

Miguel segurou-a pelos punhos, mas não a afastou, puxou-a para junto de si, fechando os olhos por um momento. Quando tornou a abri-los, as pedras preciosas que o habitavam já não eram as mesmas. O vermelho viera, trazendo a sede de sangue, a vontade de estraçalhar a presa, de sorvê-la para dentro de si, de alimentar-se completamente.

Eu não soube o que fazer. Não raciocinei, apenas agi por

instinto. Em uma fração de segundo corri até Ana e enfiei-me entre seus punhos presos nas mãos de Miguel e o corpo do vampiro. Então o encarei e conheci de perto o horror que aterrorizara vovó por tantos anos. Naquela hora, acreditei em cada palavra da sua história, no quanto Miguel podia ser anjo e demônio ao mesmo tempo e em como se transfigurava, perdido, descontrolado.

Ele fitou-me longamente. Vi suas presas e a sua boca salivando de desejo. O meu sangue, o sangue das bruxas que Ana não herdara era para ele infinitamente mais sedutor, e fez com que ele a largasse e se concentrasse apenas em mim. Não resisti. Ele segurou minha cintura com uma das mãos e pôs a outra em minha nuca, virando minha cabeça para o lado, o suficiente para que o cabelo escorregasse pelas costas e o pescoço ficasse completamente exposto.

Apertei meus olhos, esperando a dor que seguiria. Senti o bafo quente percorrendo a minha artéria. Senti a respiração ofegante e o pulsar impaciente do seu coração ansioso e entrelacei meus braços em torno de seu corpo, apertando-o com toda a minha força. A dor não veio. Permanecemos ali por uma eternidade, abraçados, procurando conter o desejo que brotava nos dois de possuir um ao outro, o desejo que era próprio da nossa espécie e que Miguel só sentiria por mim. Ele desejava o meu sangue e eu desejava a imortalidade dele.



# A Chantagem

— Você não vai me machucar, Miguel. — afirmei, assim que a pressão de seus braços em torno de mim diminuiu.

— Eu não posso... — Miguel sussurrou em meu ouvido, sem desvencilhar seus braços do meu corpo.

Num piscar de olhos, um último relance do sangue de seus olhos e de seu rosto desfigurado, e no instante seguinte, ele já não estava lá.

Ana chorava encolhida em um canto, recostada à parede esverdeada de limo e mofo, abraçada aos joelhos. Parei ao seu lado e me agachei, estendendo a mão para secar as suas lágrimas. Ela a evitou. Estava chocada demais com o que vira e soluçava enquanto procurava palavras, ainda que não houvesse o que dizer.

Ergui-a. Já era tarde, nós havíamos perdido as aulas. Ana não tinha a menor condição de voltar para casa, ou de passar na

escola. Caminhamos sem rumo pelas ruas desertas da cidade, até alcançarmos as cinzas da catedral consumida pelo fogo. Sentamos sobre uma pilha de escombros, observando o sol subindo ao céu do meio-dia. Ana ainda não dissera nada, nem chorava como antes. Eu sabia que ela estava procurando uma explicação para o que vira no casarão, uma explicação lógica, e que não a encontraria, simplesmente porque ela não existia.

— Por que ele não machucou você? — perguntou ela, quebrando o silêncio que se instaurara e que pusera um oceano de distância entre nós, ainda que estivéssemos lado a lado.

— Porque eu herdei o sangue da mamãe, o sangue das bruxas.

— E...?

— E ele morreria se sugasse o meu sangue.

— Ele disse isso? Você já o tinha visto outras vezes? Por que não me contou? E a mamãe, já sabe? E para a vovó, você contou? — Ana derramou sobre mim uma enxurrada de perguntas, e nem a todas eu poderia responder sinceramente. Precisava convencê-la a se calar.

— Ana, você precisa me escutar! — segurei-a pelos ombros, forçando-a a me encarar. — Você tem que jurar que não vai contar nada para mamãe ou para vovó! Prometa, Ana!

— Eu não posso! Aquele vampiro é perigoso! Eu o vi e

agora ele pode vir atrás de mim e o que é que eu vou fazer?

— Não, Ana! Ele não virá atrás de você! É a mim que ele quer e mais ninguém! Não vai fazer mal algum a você ou a qualquer outra pessoa!

— Como você pode ter tanta certeza? Está protegendo seu amiguinho, Carmem?

— Ele não é meu amiguinho! Eu só estive com ele uma vez, ontem, e saí correndo tão apavorada quanto você, por isso esqueci minha mochila!

— Então quem está correndo perigo é você, Carmem! Vamos chamar a mamãe e a vovó! Elas certamente saberão o que fazer!

— Não faça isso, Ana! Elas irão matá-lo! Você não quer ser responsável pela morte daquele homem? Quer?

Ana deteve-se por um momento. Voltou a sentar-se. Outra vez apoiou a cabeça nos joelhos e pensou. Vi seus músculos, ainda trêmulos, relaxando aos poucos, enquanto ia digerindo o que eu dissera. Não dava indícios se acreditara ou não, apenas mantinha-se em silêncio, pensando.

Não tardou para que ouvíssemos o sinal da saída do colégio. Precisávamos ir andando. Se chegássemos atrasadas em casa, eu não teria nenhuma desculpa para justificar-nos e Ana, quando pressionada, não sabia guardar segredo.

— E então, Ana, você não quer ser responsável pela morte daquele homem, quer?

— Homem? Aquilo não é um homem! É um maldito vampiro! Você não tem medo dele, Carmem? E se ele matar você?

— Ele não me matará, Ana, ele não poderia, ainda que quisesse. — Acariciei os cabelos de Ana, como fazia quando ela era ainda um bebê. Abracei-a, acalentando-a em meus braços e implorando que deixasse Miguel viver.

— Está bem — disse finalmente — mas tenho uma condição.

— Que condição?

— Não quero que você volte àquela casa, Carmem. Se prometer que ficará em segurança, longe daquele vampiro, eu prometo que não contarei pra ninguém o que aconteceu hoje.

— Mas, Ana, ele precisa de mim.

— Não, ele não precisa, Carmem! Esqueça aquele demônio e eu não contarei nada, caso contrário, mamãe e vovó ficarão sabendo imediatamente, ainda que isso custe a miserável vida do vampiro!

— Certo. Você tem razão, Ana. Eu não voltarei àquela casa. Nunca mais.

Fechei meus olhos. Uma tristeza profunda invadiu meu coração. O simples pensamento de não voltar a estar com Miguel,

por mais que fosse perigoso, destruiu-me por completo. Não respondi quando Ana me pediu que jurasse que não voltaria, não revidei enquanto ela me ameaçava e fazia as exigências mais ridículas, sequer prestei atenção quando ela me pediu que não tentasse enganá-la, porque ela me vigiaria todo o tempo, e talvez esse meu erro aparentemente insignificante é que tenha realmente custado a vida de Miguel.

Ana voltara ao normal. Ela acreditava que, apesar do susto, agregara uma ligeira vantagem sobre mim. Agora ela teria o que quisesse: minhas roupas, minhas bijuterias, minha cama, meu tudo. Continuava fútil e infantil como sempre e eu me perguntava se um dia ela cresceria.

Chegamos a casa na hora em que vovó colocava a mesa para o almoço. Quando ela pediu ajuda, Ana imediatamente colocou-me à disposição e foi direto para o quarto. Eu não me importei com sua atitude, assim como não me importaria com os abusos que viriam. Só conseguia pensar em Miguel, imaginá-lo morto, desgraçado por minha causa.

As tarefas domésticas se tornariam meu refúgio durante toda a semana seguinte. Enquanto eu lavava as roupas, limpava e encerava o chão, lavava a louça, não tinha que dar explicações a ninguém sobre o meu silêncio, sobre minha mudança repentina de humor e de atitude. Quando eu permanecia um tempo na frente da

televisão ou apenas sentada no sofá da sala, sem fazer coisa alguma, mãe e vovó vinham sem demora me crivar de perguntas que eu não podia e nem queria responder. Então a solução era manter-me ocupada o máximo de tempo possível, para grande satisfação de Ana, que já não me pedia nada, mas sim, ordenava.

Aos poucos, minhas noites foram ficando vazias de sonhos e minadas de pesadelos. Eu ainda ouvia o chamado de Miguel, mas agora estava diferente. Já não era o meu nome que ele repetia, mas implorava por uma chance de viver e pedia desesperado que eu não lhe negasse a última esperança que ele podia alimentar. Então eu acordava, perdia o sono e abria silenciosamente as pesadas cortinas e a janela do quarto e observava o céu sem estrelas, sem lua, sem brilho, onde apenas a escuridão e a brisa gelada traziam para mim a verdadeira agonia de Miguel.

Pulei a janela várias vezes, com o intuito de ir embora para longe e não voltar nunca mais, ou então, quando meus pensamentos eram menos infelizes, de voltar ao casarão e permanecer lá, ao lado de Miguel por toda a eternidade. Logicamente, eu não poderia fazer nem uma coisa e nem outra. Se eu sumisse, o primeiro lugar no qual me procurariam era no casarão. Eu podia ver nitidamente Ana, desesperada e pressionada, contando cada detalhe daquela manhã infeliz, dando ênfase em como Miguel a atacara e depois a mim, insistindo em que ele era um assassino, um demônio, como a vovó

contara e partindo junto com os outros para matá-lo.

Não. Eu jamais poderia viver carregando a culpa pela morte de Miguel, ainda que ele realmente fosse o demônio que elas pensavam. E eu tinha certeza de que não era. Agora que eu já conhecera sua face mais cruel e ainda assim não encontrara nele o demônio que vovó anunciara, agora que eu sabia realmente com o que estava lidando, e que o aceitara com os seus defeitos, agora eu tinha certeza do quanto eu o amava, do quanto estava apaixonada por ele.

E cada vez que me ocorria esse pensamento, esta certeza de que não havia nada que eu pudesse fazer para salvá-lo do destino que o aguardava, eu sentia as lágrimas rolando pela minha face, envelhecida pelo sofrimento e pela vontade de voltar para os braços de Miguel. Eu já não comia, não frequentava a escola, não visitava os poucos amigos que tinha. Trabalhava e partia para cama em busca dos meus pesadelos, depois abria a janela para a noite e para a lua e esperava amanhecer para trabalhar, e depois voltar aos pesadelos, e à noite, e à lua.

Conforme o tempo passava, a vida ia perdendo a cor. Mamãe levou-me a muitos médicos, mas nenhum deles foi capaz de descobrir qual a moléstia que me consumia. Dessa forma, fiquei dois anos mais velha e dez quilos mais magra. Enfiava-me em camisetas de dormir e mantinha-as durante todo o dia, enquanto

limpava a casa, ocupando minha mente para que não mais ouvisse o chamado de Miguel.

Mas à noite ele era incontrolável e se tornava mais forte enquanto meu aniversário de dezoito anos se aproximava. Ele dizia que queria dar-me um presente e implorava ardentemente que eu fosse encontrá-lo. Eu apenas chorava e já não tentava mais enviar mensagens dizendo que estava bem e que em breve iria encontrá-lo, conforme fizera nos primeiros dias de chantagens de Ana. Também já não pedia mais que ele entendesse meus motivos e nem rezava para que ele soubesse que eu não o havia abandonado, mas que me afastara para preservar a sua vida.

Certas vezes eu imaginava que ele me escutava, porque sempre vinham até mim as respostas das quais eu precisava. Ele dizia-me que de nada valia passar a eternidade sem mim e que ele preferia morrer a viver sem mim. Então eu chorava, e Ana vinha até a minha cama e consolava-me.

— Ele vai fazer mal a você, minha irmã. Vai fazer mal a todas nós.

Mas as palavras de Ana não ajudavam, só aumentavam minha aflição. Adoecei de tristeza e deflinhei sobre a cama, até não conseguir mais levantar de fraqueza. Então, certa noite, Ana decidiu liberar-me da promessa que fizera a ela há quase dois anos.

— Perdoe-me, Carmem. Eu não sabia o mal que causaria

quando lhe pedi que não voltasse àquela casa. Eu não queria que você estivesse doente. Eu só estava com medo, por mim, pela mamãe e pela vovó e principalmente, por você, Carmem. Mas agora vejo o tamanho do meu erro. Eu só queria que você ficasse viva. — Ela secou as lágrimas e segurou a minha mão esquelética — Agora vá. Vá encontrar o seu vampiro.

— Você sabe que eu não posso — sussurrei entre lágrimas e soluços, consumida pela fraqueza.

— Você pode. Eu vou ajudá-la. Mas para isso você precisa se alimentar, ficar forte. Quando puder caminhar comigo pela estrada outra vez, eu a levarei até ele.

— Mas Ana... — Ana tapou meus lábios com a ponta dos dedos.

— Não diga nada. Isso já está decidido. E lembre-se: nenhuma palavra à mamãe ou à vovó — ela virou-se e deixou o quarto.



# A Volta do Sonho Perdido

A fagulha de esperança brotara em mim outra vez. Em pouco mais de uma semana eu estava novamente em pé, limpando e arrumando a casa. Ana agora insistia em ajudar-me, cozinhava para mim nos seus dias de folga e arquitetava planos para me levar até Miguel. Talvez ela nem acreditasse mais, depois de tanto tempo, que o que ela vira e vivera naquela casa era real. Talvez ela pensasse que não passara de um sonho ruim.

Recuperei sete quilos em menos de um mês. Já conseguia sair de casa, caminhando devagar pelas ruas poeirentas do bairro. Meus músculos foram se fortalecendo aos poucos e em uma tarde, sem que eu percebesse, estava de novo em frente à entrada que dava acesso ao casarão.

Sentei-me no muro de cal, de que eu tanto tinha saudades. Observei a casa. Ela continuava me encarando, como sempre fizera. Concentrei-me nos vidros sujos das janelas, tentando distinguir a sombra de Miguel. Não vi nada, estava longe demais. Resisti à tentação de chegar mais perto. No fundo, eu também estava com medo. Meu coração pulsava e cada batida anunciava a Miguel que eu voltaria muito em breve.

Eu sentia que ele também me observava de longe, ou talvez o meu desejo de estar novamente com ele é que me fazia sentir o seu olhar sobre mim. Pensei na história da vovó e em como certos trechos estavam mais vivos do que outros para mim. Lembro-me bem de que ela ouvira do próprio Miguel que nada era mais sedutor para ele do que o sangue de uma bruxa, e que nada poderia ser mais sedutor para uma bruxa do que um vampiro. Quem sabe isso explicasse tudo.

Fixei meu olhar outra vez, tentando perceber a presença de Miguel na casa. Nenhum indício dele, ou de que ele ainda esperasse por mim. Teria encontrado outra bruxa? Meu coração se partiu outra vez, só de imaginar. Quem sabe ele tivesse se enganado e Ana tivesse sim, o sangue das bruxas correndo em suas veias? Afastei esse pensamento, porque esse me machucou bem mais do que os outros e voltei para casa, sozinha e com uma sensação de vazio por dentro, de alma oca.

Quando cheguei, mal olhei para Ana. Cumprimentei todos muito rapidamente e segui para o meu quarto. Vovó apressou-se em vir me ver e inquietar-me com as mesmas perguntas de sempre. Apenas disse que estava bem, respondendo a todas com uma única abreviação. Logo ela me deixou em paz, mas mesmo assim, não pude dormir. Miguel me chamava com mais força naquela noite. Sim, ele me vira a procurar por ele. O que era tão longe para mim, era perto para o vampiro.

Fiquei olhando as estrelas da janela do quarto. A lua voltara a aparecer como há muito tempo eu não via. Era enorme e ocupava um lugar bem em cima do casarão. Eu não podia vê-lo dali, mas a lua me mostrava exatamente a sua localização, o lugar de onde vinham os chamados. Não havia nuvens no céu naquela noite. Apenas a lua rodeada pelo seu véu de estrelas.

Amanheceu e eu observei aquele amanhecer como se fosse o último. Olhei com atenção o sol descendo tímido por detrás das casas, assustado com a tempestade que o horizonte anunciava, lançando sombras sobre a estrada de terra ainda úmida de orvalho. Ana já estava de pé e me esperava ansiosa junto à porta da cozinha.

Saímos silenciosamente. Segui olhando cada detalhe daquele caminho, guardando comigo a certeza de que nunca mais retornaria. Ana andou ao meu lado calada, com o rosto assustado como se adivinhasse os meus pensamentos. Creio que ela soube das

minhas intenções desde o começo e que, exatamente por conhecê-las tão bem foi que agiu da maneira que agiu. Ela nunca fora egoísta. Era apenas uma criança tentando proteger a irmã e isso sempre esteve claro para mim, porque diversas vezes durante o meu sono, Ana se aproximava de mim e me beijava.

Ana provara suas boas intenções traçando sozinha um plano para me levar até Miguel. Ela não me queria ver ao lado do vampiro outra vez, mas enfim, preferia isso a me ver morrendo aos poucos de tristeza.

A construção em ruínas acabara de apontar no horizonte quando ouvi pela primeira vez o som do pranto que Ana derramava pelo caminho, e que se confundia com o som das primeiras gotas de chuva que caíam sobre a estrada. Parei, secando suas lágrimas com as minhas mãos. Ela não disse nada, apenas me abraçou e depois suspirou repetidas vezes. Esperei que ela se acalmasse. Conhecia Ana e sabia que se eu tentasse consolá-la só pioraria as coisas. Ela tremia. Estava com medo, mas já não podia voltar atrás.

— Não precisa ir, se não quiser — sugeri, tentando retirar o peso que ela trazia nas costas.

— Eu não vou deixar você ir até lá sozinha! Você esqueceu o que é aquela coisa e como nos atacou? Teria nos matado se não estivéssemos juntas!

— Ele não me mataria. Eu contei a você que a vovó disse

que...

— Não importa o que a vovó disse, Carmem! — explodiu Ana, jogando fora toda a raiva que sentia de Miguel — Você é minha irmã e eu a quero viva! Se não fosse por você eu já teria espalhado por aí o que é aquela coisa lá dentro, e provavelmente ela já estaria morta! Acontece que eu vi outra coisa naquele maldito dia em que entrei naquela casa, além das presas e dos olhos de sangue do demônio! Eu vi amor, Carmem! Eu vi o amor que você sentiu por ele e, embora eu não compreenda como isto seja possível, também vi amor naqueles olhos vermelhos! E eu vi a maneira como você o deteve, salvando a minha vida e como ele poupou a sua vida! Se não houvesse nada de bom lá dentro, ou se você não tivesse despertado algo de humano naquele monstro, tenho certeza de que ele teria nos matado!

— Obrigada, Ana! — minha voz estava trêmula, eu não sabia como agradecer.

— Não agradeça — disse como se lesse novamente meus pensamentos — isso ainda não acabou. Muito tempo passou, Carmem, e eu não consegui salvá-la. Deus sabe o quanto eu tentei! Deus sabe o quanto foi difícil ver você morrendo dia após dia, minha irmã! Mas o que estou fazendo não faço por pena, é a minha última tentativa de abrir os seus olhos para que você o veja como o monstro que ele é e quem sabe assim, desista dessa loucura toda!

— uma longa pausa — Eu não deixarei que ele lhe faça nenhum mal. Eu juro!

Ana tinha ódio nos olhos. Preocupou-me a raiva com que ela me segurou pela mão e me carregou pela passagem por entre a cerca de arame, depois até a lateral do casarão, aos pés da muralha de pedras. Ela estava tão decidida a arrancar Miguel do meu coração, que foi a primeira a saltar, sem se importar com a dificuldade ou com a sujeira. Apressei-me em segui-la. Miguel poderia não resistir outra vez e, se isso acontecesse, somente eu poderia salvá-la.

Quando cheguei à porta da varanda, deparei-me com Ana já chamando pelo vampiro. A porta já não me esperava entreaberta como antes, estava trancada. Obviamente, ele não respondeu aos chamados de Ana, que juntara umas pedras na campina e agora atirava contra a porta, quebrando um dos vitrais. Tentei impedi-la de atirar mais uma, mas a raiva de Ana parecia dar-lhe força e eu não consegui segurar o braço que segurava uma pedra ainda maior. Ana errou o alvo, mas a pedra voou com força, atingindo a asa de um dos anjos entalhados na moldura, quebrando-a. Uma lasca da madeira atingiu-a arranhando sua face.

Ana limpou o sangue que escorria em um fino fio até a boca. Mas o mal já estava feito e a silhueta de Miguel atravessou o quarto, passando rapidamente pela réstia de sol que escapava pelo

vidro quebrado. Os olhos vermelhos brilharam perante a luz e depois sumiram, encobertos pelas sombras. Postei-me em frente à Ana, tentando protegê-la, mas Miguel reaparecera, afastando com um único movimento as largas portas da varanda. Ana encolheu-se com o estrondo.

Olhei a face desfigurada de Miguel totalmente exposta à luz do dia, pela primeira vez, diante de mim. A cicatriz do seu rosto esboçava um tom vermelho arroxeadado, como se tivesse acabado de ser ferido. Quis correr para ele, cuidar do ferimento, porque me doía vê-lo ferido, mas eu precisava cuidar de Ana que, sem mim, ficaria totalmente indefesa.

Como eu temia, a sede reapareceu em Miguel e desta vez com mais intensidade. Ele deteve-se por um momento nos degraus mais baixos da varanda, mas logo avançou contra Ana. Manteve os olhos fixos nela durante todo o tempo, como se não tivesse percebido a minha presença, apesar de eu ter-me mantido sempre à sua frente. Fiquei um pouco decepcionada, talvez porque quisesse a atenção de Miguel toda para mim ou porque, naquela época eu ainda não compreendia inteiramente o porquê daquela reação, ou até mesmo, por que me sentira incapaz de proteger Ana, uma vez que o desejo que ele nutria por mim, parecia ter sumido.

Dei alguns passos para trás, empurrando Ana para mais longe de Miguel. Ele avançava lentamente como um gato que

preparava o bote, e eu não soube o que fazer para impedi-lo. Fiquei apenas esperando que ele parasse, mas ele não parou. Implorei pela vida de Ana, mas ele não me ouvia. Estava surdo e cego de vontade de provar daquele sangue que saía de Ana. Então, em meio ao meu desespero e à falta de reação de Ana, que estava tão apavorada que não tinha forças sequer para correr, eu juntei uma pedra pontiaguda e apertei-a contra o meu próprio braço.

— O que você está fazendo? — protestou Ana, mas já era tarde. Eu entendi que a única coisa capaz de fazer Miguel deixar Ana em paz, seria oferecer-lhe algo que ele desejasse mais do que o sangue dela. E só havia uma coisa assim: o meu sangue. — Carmem, não!

Esfreguei a pedra com força, sem me importar com a dor e sem olhar para o braço que estava sendo ferido. Logo, as gotas vermelhas brotaram com violência e a atenção de Miguel voltou-se imediatamente a elas. Ele respirou profundamente, como se sorvesse o perfume mais delicioso, fechou os olhos e salivou. Quando tornou a abri-los, estavam ainda mais vermelhos do que antes e havia algo mais, uma urgência em sorver o néctar de minhas veias, e eu sabia que viria e que seria tão rápido que eu só tive tempo de empurrar Ana para longe de mim e de sussurrar-lhe:

— Fuja, minha irmã!

Agora já não haveria volta. Miguel se jogara sobre mim,

derrubando-me sem piedade ao chão. O capim alto amorteceu a queda e deu-me o apoio necessário para que meus olhos ficassem cravados nos dele. Eu esperava sinceramente que ele me amasse ou que me quisesse tanto quanto quis a minha mãe, e que eu conseguisse arrancar o demônio de dentro dele, como ela mesma fez apenas com o som de sua voz.

Mas não precisei dizer uma só palavra, pois Miguel não me feriu. Por amor a mim ou à própria vida, ergueu-me nos braços e me carregou para dentro do quarto. Antes que as portas se fechassem, lancei uma última olhada para a campina, à procura de Ana. Ela não estava mais ali e pelo tanto que eu a conhecia, eu podia jurar que já estaria longe e segura.

Imaginei que aquele seria o meu fim. E eu bem que o merecia. Fizera de tudo por aquele vampiro e mesmo estando à beira de ser devorada por ele, não me arrependera. Eu o amava. Amava-o mais do que tudo, e se precisasse dar a minha vida para salvar a dele, fá-lo-ia sem sombra de dúvidas.

Ele deitou-me brandamente sobre a cama, que eu percebi ter sido preparada, pois já não estava forrada com os trapos em frangalhos que a cobriam da última vez. Era como se ele soubesse que eu estava prestes a chegar e tivesse se preparado para isso. Os pequenos berços também haviam sido retirados do quarto. Somente a cama, a penteadeira e os dois criados- mudos haviam sido

mantidos e o espelho quebrado onde a imagem de Miguel não podia ser refletida.

Ele debruçou-se sobre mim. A mão gelada percorreu o meu rosto molhado e depois o braço sujo de sangue. Os dedos tingidos pelo líquido vermelho foram levados até a face. Miguel cheirou-os demoradamente, depois esticou a língua como se fosse lambê-los, mas deteve-se no último momento e apertou os olhos.

— Carmem... minha Carmem...

— Sim, eu estou aqui — respondi, tentando abrandar a sua fúria com a minha voz.

— Eu estava esperando por você.

— Sim, eu percebi, vi que você arrumou a cama hoje.

— Não, minha querida, não foi apenas hoje. Esperei por você a cada dia, desde que a encontrei. Eu sabia que viria — Miguel se levantou e andou até o lavabo, onde tingiu a água da cuba de porcelana branca, que tomou tons de rosa e manchas carmins. Permaneceu de costas para mim, observando o sangue que se diluía na água e levava consigo o seu desejo, a sua sede, enquanto seu coração se abrandava e seus olhos voltavam a ser duas esmeraldas.

Quando se voltou para mim a besta já não a florava de dentro dele. A voz era doce como fora antes e não despertava mais nenhum vestígio de medo em mim. Sentei-me. Ele trouxe uma

pequena toalha branca e envolveu meu ferimento, livrando-se da tentação. Depois, sentou-se ao meu lado.

— Por que você a trouxe aqui? Não deve trazer ninguém para esta casa.

— Eu sei. Mas ela não me deixaria vir sozinha.

— Eu não quero fazer mal à filha de Teresa — ele olhou-me de soslaio — a nenhuma das duas.

— Desculpe.

— Não se desculpe, apenas não a traga aqui outra vez. É difícil resistir à presença dela. O sangue dela também é bastante tentador para mim.

— Você poderia fazer-nos mal?

— A ela sim. A você seria impossível, ou seria suicídio. — Ele olhou-me nos olhos e então eu percebi que agora eles expressavam medo, exatamente como os meus haviam expressado momentos antes.

— Por que você me chamou? Tenho ouvido você há muito tempo, acho que ouvi seu chamado desde sempre. Por que eu? O que eu posso fazer por você?

— Carmem — ele parou, olhando-me nos olhos, deixando atingir-me a dor que saía de dentro dele — eu preciso que você ouça a minha parte da história.

— Não é preciso. Eu já sei de tudo.

— Eu imagino o que Teresa tenha falado, e gostaria de lhe explicar que eu não sou um monstro.

— Ela não me disse nenhuma palavra sobre você. Foi Francesca quem me contou a sua história.

— Francesca. — Miguel desviou o olhar e eu vi pequenas gotas cintilando pela face angelical — Eu só queria perpetuar a minha espécie. E quem sabe formar a família que Teresa me negou.

— E é comigo que você pretende formar essa família?

— Eu não poderia, é tarde demais para mim. Mas eu queria muito que você me ajudasse, que levasse consigo a minha dádiva — Miguel segurou a minha mão e olhou-me com um olhar triste como eu jamais havia visto e nem tornei a ver — e a minha maldição.

Eu entendia perfeitamente o que ele queria dizer. Estava me pedindo que continuasse a sua história, que me tornasse imortal como ele. Assustada, caminhei de costas em direção à porta, sem tirar os olhos de Miguel, que continuava sentado, ferindo-me com tamanha tristeza. Recostei-me à moldura de anjos e fiquei ali, sem tentar sair, ainda que soubesse que a porta estava aberta, sem fugir para longe de Miguel, apenas fiquei ali, olhando para a tristeza do vampiro.

— Mas — balbuciei com a voz trêmula, meio sem certeza do que diria — você é jovem, e é praticamente imortal. Não precisa

de ajuda. Você tem a eternidade para encontrar uma bruxa... eu...  
— Eu estava prestes a oferecer-me em sacrifício, a ocupar o lugar que minha mãe tinha abandonado anos atrás ou mesmo tornar-me uma prisioneira como a vovó fora no passado. Eu sentia uma atração tão forte por Miguel, que aceitaria qualquer coisa que ele me pedisse.

— Não, Carmem, eu não disponho da eternidade. Eu sei que elas estão vindo para matar-me e desta vez, não pretendo reagir.

— O quê? Quem? Elas? Não! Elas não podem matá-lo! Você já escapou uma vez, então pode escapar de novo! Não, eu não deixaria que elas o tocassem... Eu... Elas não podem! — gritei descontrolada e, perdendo completamente a noção do perigo, corri para os braços acolhedores de Miguel.

— Por favor, escute-me — pediu com os olhos novamente cravados nos meus — Elas conseguirão o que querem, eu vejo e sinto e por isso preciso lhe entregar uma coisa.

— Não... elas não podem...

— Carmem, por favor, você precisa se acalmar! Elas chegarão a qualquer instante, por favor, ouça-me! — Eu estava descontrolada. A simples ideia de perder Miguel para sempre era insuportável. Eu havia acabado de encontrá-lo, depois de anos de sofrimento e de espera. Agora não podia permitir que alguém lhe fizesse mal, ainda que esse alguém significasse minha mãe e a

vovó. Se acontecesse algo com ele, eu jamais, jamais as perdoaria!

— Não chore, minha querida — ele abraçou-me carinhosamente — eu não mereço as suas lágrimas.

— Não diga isso, Miguel! Você é a pessoa mais importante para mim.

— Então faça uma coisa por mim, e eu partirei em paz.

— Qualquer coisa — eu tremia. Miguel arrancou a camisa, expondo o peito nu, marcado por cicatrizes, dentre as quais uma destacava-se em especial. Era uma cruz, queimada bem no centro do peito, onde cintilava uma reluzente pedra vermelha em forma de gota, afiada como um punhal, que escapava de uma moldura prata e cintilava ainda que não houvesse muita luz entrando no quarto.

— Está vendo isso? — perguntou, retirando do pescoço a corrente que segurava a pedra — Chama-se Rubi de Sangue. Era para ser um presente. Um presente para Francesca quando ela me desse um filho. Mas depois do nascimento das gêmeas ela enlouqueceu e se recusou a cumprir nosso acordo. Depois, pensei em dá-lo à Teresa, como uma aliança de casamento, mas então a minha Ágata a viu, pouco antes da cerimônia e me fez prometer que um dia isto seria dela. Ah! minhas meninas... — suspirou balançando a cabeça, expressando indignação — Agora eu entendo por que eu nunca consegui livrar-me dele: era para ser seu.

— Para ser meu?

— Sim, minha doce Carmem. Seu. Se você aceitar me ajudar.

— Como? Como eu poderia ajudá-lo, Miguel?

— Você não pode ter medo... — sussurrou enquanto dançava com o rubi sobre a cicatriz de cruz no peito — você precisa ser forte.

— O que você vai fazer?

Tem que fosse o meu fim. Passou-se apenas uma fração de segundo e os olhos de Miguel se tornaram mais vermelhos do que a pedra em suas mãos, que pareceu emanar fogo, um incêndio dentro do pequeno rubi. Mas não era fogo o que o rubi exalava, era o sangue de Miguel. O sangue capaz de me dar imortalidade.

Ele se feriu, reabrindo a cruz marcada no peito. Pequenas gotas de sangue brotaram do ferimento e logo se tornaram fios, escorrendo até a cintura. Miguel estendeu o rubi encharcado com o seu sangue. Ofereceu-me o melhor presente de todos. Ofereceu-me sua vida.

— Vamos... beba...

Eu olhei para a pedra e para as suas mãos ensanguentadas. Ele estava mais sedutor do que nunca, apesar de deixar as presas à mostra a cada palavra dita. O cheiro do sangue dele, incrivelmente adocicado, despertou-me uma sede que eu não acreditara existir, a sede de uma bruxa pelo dom de um vampiro, pela vida eterna.

— Vamos, querida, você vai viver para sempre, vai ser sempre jovem e linda como é. Você precisa me ajudar.

Não resisti à sua voz que me atraía mais do que nunca, à voz que eu ouvi durante tanto tempo dentro de mim, chamando meu nome, clamando por mim. Segurei a mão suja de sangue e deslizei-a pelo meu rosto, manchando de sangue meus olhos fechados, minha face e, finalmente, a minha boca sedenta.

# O Doce Sangue do Vampiro

As batidas na porta me despertaram. Eu ouvi os gritos, as vozes eram familiares, apesar de ainda estarem longe, na entrada frontal da casa. Eu ouvia berros e chamados, mas eles eram ininteligíveis. Só Miguel existia, só ele e a tentação do seu sangue, o seu gosto, o calor do sangue sobre o rubi.

Miguel também foi despertado pelos gritos. O sangue jorrou com mais força pelo crucifixo de sangue estampado em seu peito e ele me puxou para si, segurando meu rosto, mantendo meus olhos nos seus.

— Carmem, você tem que beber! Tem que beber agora! Vamos, minha menina, prove! — agora já não era uma súplica, era uma ordem e ele baixou minha cabeça, esfregando os meus lábios

em seu peito ensanguentado.

Corri a língua pela ferida. Uma sensação estonteante percorreu-me o corpo todo, era como se eu estivesse embriagada apenas por provar daquele sangue. E eu quis mais. Como um viciado, eu precisava de mais.

— Beba, minha querida... beba... — cravei os dentes na carne de Miguel, como se para devorá-lo. Mais sangue jorrava enquanto ele gemia de dor e de prazer ao mesmo tempo.

As vozes se aproximavam, a muralha estava sendo ultrapassada, enquanto eu bebia o sangue de Miguel em grandes goles, quentes, vermelhos, deliciosos. Uma pancada na porta da varanda e ele gritou alto de medo ou de dor. Eu agarrara seu corpo com ambas as mãos e agora, recusava-me a soltar, recusava-me a parar de sugar o néctar daquele corpo, porque Miguel estava sendo meu, só meu, como jamais fora de ninguém.

— Carmem! — depois do estrondo das portas sendo abertas, reconheci a voz da minha mãe e senti as mãos que me puxavam, tentando me separar de Miguel. Agarrei-me a ele com todas as minhas forças, recusava-me a deixá-lo, eu precisava dele.

— Solte-a, seu maldito! O que você fez com a minha filha? O que você fez com a nossa filha? — Miguel afastou-me, resvalando para trás, enquanto mamãe me segurava em seus braços, ainda em transe, dopada pelo sangue.

— Mi... minha filha? — disse incrédulo.

— Sim, Miguel! — respondeu mamãe em prantos — Carmem é sua filha! O sangue que você reconheceu nela só é tão forte porque é a mistura do meu e do seu sangue! Eu pensei que você estivesse morto quando fui embora! Eu estava grávida, tinha que proteger a criança em meu ventre! Ela é a sua filha!

— Não pode ser... não pode ser... o seu sangue prevaleceu nela... não é possível...

Miguel se aproximou. Eu estava deitada no chão com a cabeça apoiada no colo de minha mãe, em transe, completamente dopada. Francesca acompanhava tudo do lado de fora da varanda. Parecia não ter coragem o suficiente para entrar naquele quarto que tinha sido sua prisão durante anos, parecia ter medo de ficar presa nela mais uma vez, e agora, para o resto de sua vida. Miguel ajoelhou-se ao lado de minha mãe, que se encolheu. Seus olhos ainda estavam vermelhos e as presas eram salientes, principalmente enquanto ele falava.

— Não se aproxime! — gritou ela quando ele esticou o braço, tentando alcançar meus cabelos com uma das mãos. Já não poderia me machucar.

— Minha filha... — sussurrou.

— Saia de perto dela! Você já a feriu demais!

— Ele não me feriu, mamãe — disse eu como se

despertasse de um sono profundo.

Senti como se estivesse dentro de um sonho, flutuando sobre uma nuvem em um devaneio louco. O quarto que antes era ruína, agora me amparava aconchegante. Aquele era o meu lar. A casa estava exatamente como eu a imaginara, como eu a vira em meus sonhos. Os adornos de anjo entalhados na porta pelas mãos de Miguel dançavam e festejavam, dando-me as boas-vindas em seu mundo.

Levantei-me com dificuldade. Já não via Miguel como o monstro de antes. Agora ele estava trajado de príncipe, forte e corajoso em suas vestes de sangue. Sangue que eu desejava, que me provocava enquanto escapava do peito aberto e escorria tingindo-lhe as calças, pingando no assoalho. Atirei-me nele, arrancando de mim as mãos que tentavam me impedir, mas antes que alcançasse a fonte do néctar dos deuses, ele segurou meu rosto, forçando a encará-lo.

— Tome, isto é seu — apertou o Rubi de Sangue em minha mão e a fechou tão rapidamente que eu tive certeza de que ninguém percebera — É a sua única herança, o legado que eu deixo para você.

— Miguel, eu quero você... eu preciso de você... — disse anestesiada pelo cheiro e pelo calor do sangue em contato com a minha pele.

— Preste atenção! Guarde o rubi com você, ele irá protegê-la! Está me ouvindo? — disse ele, sacudindo-me pelos ombros. Eu não estava ouvindo. A voz parecia muito distante, o chamado vibrava dentro da minha cabeça, como nos velhos tempos de sofrimento. A diferença era que agora ele estava ali, e eu podia saciar o meu desejo apenas dando mais um passo.

Não pude mais resistir e avancei outra vez para o sangue de Miguel, o sangue do meu pai. Mais alguns goles, meu corpo se contorceu e eu caí aos pés de Miguel. Meus olhos ficaram embaçados, meu corpo sofria com as convulsões que o assolavam e faziam-me pular como um peixe fora da água. Eu gritei. Uma dor aguda percorreu meu corpo inteiro, dando voltas em minha cabeça, apossando-se do meu peito, atingindo meu coração.

Aquilo era a morte. Eu estava morrendo por ter provado do néctar proibido. Tentei virar o rosto na direção da mamãe, que gritava e procurava uma maneira de vir até mim, sem cair nas garras de Miguel. Não a encontrei, vi apenas a vovó que continuava na porta da varanda, imóvel, incrédula. Quis lhes pedir perdão, mas a voz já não saía. Eu estava sendo punida por desejar tanto Miguel, meu próprio pai. Eu fora uma pecadora e agora Deus iria levar-me para o inferno.

O ar ficava mais pesado a cada respiração. Eu lutava para sorvê-lo, mas meus pulmões já não tinham força. Um vômito

incontrolável veio para tirar o que ainda me restava de fôlego, afogando-me nos resíduos do sangue que eu bebera, esvaindo meu próprio corpo do sangue do vampiro e meus gritos então não passavam de gemidos, o som da agonia, de meu corpo desfalecendo.

Cessadas as convulsões, senti um gelo súbito enrijecer meus dedos das mãos e dos pés, depois se espalhar lenta e dolorosamente pelos braços e pernas, invadir as minhas costas e abdômen e finalmente congelar-me o pescoço e o rosto. O meu coração já não batia, o peito não sorvia o ar e os olhos não viam a luz do dia. Mas eu estava viva. Como era possível?

O chão sob o meu corpo já não era mais gelado e o sangue derramado que ensopava as minhas mãos não exalavam mais calor algum. Tudo estava morno. A dureza das tábuas do assoalho também não castigavam mais meu corpo, porque eu sentia-me flutuando sobre ele, embora soubesse que estava deitada.

Imaginei a minha alma deixando o corpo, separando-se da carne. Eu não sentia mais nenhuma dor, nenhuma sensação de frio ou de calor, nem mesmo o desejo pelo sangue do vampiro. Eu não sentia nada e, por mais que me esforçasse, não conseguia. Eu era espírito, e espírito não sente nada.

— Carmem! Carmem! — meu nome enfim era chamado, depois da eternidade do nada que se apossara de mim. Não sentia

mais medo, nem raiva, nem culpa. Só sentia o conforto do mundo, morno como estava, sem dor nem culpa e cheio de atrativos como se fosse uma quarta dimensão.

Forcei meus olhos para que se abrissem. O gume de luz que emanou pelas minhas pálpebras entreabertas já não tinham mais a cor do sol, ou a cor da luz do dia. Agora, a luz expressava para mim incontáveis cores, tons e texturas diferentes. Movi meus dedos devagar, estendendo-os para tocar a luz que me envolvia. Ela também era morna, era suave como a mais pura das sedas e devolveu-me a carícia, então abri completamente os olhos, sem medo da claridade colorida do dia.

Miguel estava de joelhos ao meu lado. Ele tinha uma expressão serena e compreendia o que estava acontecendo comigo, as mudanças em meu corpo e as mudanças em minha alma. Ele sabia que isso aconteceria, segurava minha mão fechada, que continha algo duro, áspero e quente, que destoava do morno do resto do mundo. Quis olhar para ver o que era, mas ele me deteve.

— Carmem... minha filha... — sussurrava sem parar. Ele estava diferente. Os olhos verdes cintilavam em contraste com o sangue derramado, que já não jorrava do peito cuja ferida havia se fechado tão depressa como fora aberta.

Noutro canto, minha mãe apenas observava entre soluços e lágrimas. Ela estava bonita, apesar da tristeza e da expressão

contorcida pelo choro, estava radiante como eu jamais havia visto. Olhei-a, tentando fazer com que visse o quanto eu me sentia bem, o quanto estava renovada e protegida dos males do mundo. Não entendi por que ela chorava. Miguel não me havia tirado a vida, mas sim me concedido uma nova vida, sem medos e sem dores.

Vovó continuava à porta. Não tinha nenhuma expressão. Não chorava. Não sentia medo. Também estava mais bonita do que de costume, e apesar da idade avançada, parecia carregar consigo uma juventude inabalável, uma força de vida indestrutível. Eu não pude adivinhar seus pensamentos. Ela mantinha o olhar em Miguel com saudades, ou talvez não. Era impossível decifrar o olhar de Francesca.

Em Miguel já não havia sinais da besta. Ele era a reencarnação de algo divino, senão o próprio Deus. Não me aguçava o mesmo desejo de antes, mas sim, o amor paterno que deveria ter estado lá desde que eu o conheci. Tive vontade de abraçá-lo. O pai generoso que dera o melhor dos presentes à filha: a imortalidade e a juventude eterna.

Sentei-me sem dificuldade. Estava cheia de energia e disposição. Poderia atravessar o mundo naquele momento se me fosse pedido. Miguel ainda não largara a minha mão e o objeto dentro dela cutucava a minha carne e aquecia meu corpo, uma fonte de calor que se tornaria necessária.

O mundo para o qual eu despertara era outro. Um mundo novo que eu tinha que conhecer e explorar. Havia muito que aprender e eu queria aprender esse muito com meu pai, Miguel.

Coloquei-me de joelhos em frente ao vampiro com feições de anjo. Não pude deixar de abraçá-lo outra vez e não percebi que minha avó saía da porta onde estivera emoldurada, e que se aproximava silenciosamente por trás de Miguel. Eu estava de olhos fechados, concentrada na frieza da pele de Miguel e no calor que o objeto em minha mão emanava, que era capaz de aquecer a nós dois ao mesmo tempo.

Miguel me enlaçara com a mão livre e mantinha a cabeça baixa, apoiada no meu ombro, de forma que também não percebeu a aproximação de Francesca. Estávamos ligados um ao outro mais do que nunca, estávamos fundidos em um só naquele abraço, pelos laços de sangue que não nos uniram desde o meu nascimento, mas que se tornaram reais a partir do momento em que Miguel me deu o seu sangue.

Fui empurrada no ventre, como se um soco acabasse de ser desferido em mim. Ergui os olhos, voltando-me à face de Miguel, que tentava equilibrar o peso do corpo pendente sobre o meu. Tentei segurá-lo, mas Francesca estava de pé, olhando para mim. Ela mantinha as mãos abaixadas e se arqueava contra as costas de Miguel. Quando notou que eu a observava, puxou-as

imediatamente, arrancando de dentro dele a adaga prateada que cravara no coração do vampiro.

Miguel gemeu alto e uma gota de sangue pingou do canto de seus lábios, manchando novamente o seu peito desnudo. Seus olhos perderam significativamente o verde das esmeraldas, mas dessa vez, um tom de cinza os invadiu, mantendo afastado o vermelho do sangue.

— Vovó! Não! — gritei com todas as minhas forças.

Miguel pareceu retomar o fôlego ao ouvir minhas súplicas, ergueu-se de uma vez e espalmou a mão bem no meio do peito de Francesca, empurrando-a contra a cama que um dia lhe pertencera, onde um dia ela e Miguel haviam vivido momentos de amor e onde ela tinha sofrido as dores do parto das meninas gêmeas.

— Você é um desgraçado, Miguel! É um demônio! Finalmente eu consegui acabar com você, depois de tantos anos de espera! — dizia ela comemorando a sua vitória sobre o monstro agonizante.

Ele cambaleou até a beira da cama, agarrou o pescoço de Francesca com as duas mãos e apertou lentamente, enquanto seu rosto passava do vermelho para o roxo e ela o encarava, ouvindo as palavras que ele derramava sobre ela, juntamente com o ódio que guardara desde que ela o deixara.

— Sim, eu sou um desgraçado, mas foi você quem me

desgraçou quando quebrou o nosso pacto, depois quando convenceu Teresa a me deixar e, por último, quando falou coisas horríveis sobre mim para a pequena Alice! Eu corri o mundo inteiro atrás de você, Francesca, liberei você e seus filhos de uma vida miserável de fome e da guerra, e em troca, não lhe pedi nada além de um filho! E você me agradeceu amaldiçoando-me! Nós poderíamos ter sido felizes! Nós poderíamos ter construído uma vida juntos, mas você me traiu! — ele parou um instante, tentando sorver ar, retomar o fôlego e cuspiu o sangue que o afogava — Não era para ter sido assim, Francesca, se você não tivesse convencido Teresa a ir embora, se eu soubesse que ela esperava um filho meu.

— Seu maldito! Solte-a! — mamãe estava de pé, machucada em vê-lo matando Francesca, machucada pelas palavras que ele dizia a ela, pela possibilidade de ter cometido um erro grave por não ter tido coragem para enfrentar as diferenças que os afastavam. Por ter fugido sem mesmo tentar conviver ao lado de Miguel, que fora seu marido, e que ainda era e que seria até a morte.

— Você arruinou a minha vida, Francesca! Como se não bastasse a minha sina de passar a eternidade sozinho, você ainda tinha que me tirar as minhas filhas? — continuou ele, sem prestar atenção aos apelos de mamãe.

— Não, Miguel, ela não fez nada com as suas filhas! Foi

Alice! Quando eu o atingi com o palito encharcado com o sangue das bruxas, deixei-o cair ao chão, porque não queria matá-lo! Alice pegou o palito e desferiu-o no peito de Ágata e em seguida, deitou-se sobre ele, acabando com apropriada vida! Foi Alice, Miguel, a sua menininha!

— Não pode ter sido... não pode... minha Alice... minha menininha... — Miguel soltou o pescoço de vovó, mas ela caiu inconsciente e gelada sobre a cama. Não havia mais vestígios de vida naquele corpo velho e cansado. Ela vivera todos aqueles anos para ter novamente a chance que perdera anos atrás. Ela vivera todo esse tempo para matar Miguel. Essa missão foi o que lhe deu forças para aguentar cada ano de vida e para suportar a pobreza, as doenças e os sofrimentos que pareciam não abalá-la nunca. Ela precisava ter certeza de que o vampiro estava morto e que a sua maldita linhagem chegara ao fim.

Miguel caiu no chão, derrotado, com as duas mãos sobre a face, escondendo as lágrimas que brotaram torrencialmente. A tristeza de Miguel cortou meu coração, feriu-me de uma maneira que nem mesmo a perspectiva de ver a vovó sem vida foi capaz de ferir igual. Corri até ele, agarrei seu corpo, tentando levantá-lo, mas ele era pesado e eu não consegui. Então sentei no assoalho e coloquei sua cabeça em meu colo, acariciando seus cabelos e afastando as mãos que tapavam a sua face.

Seus olhos estavam escuros, a sombra de uma tempestade cinza se apoderava das duas esmeraldas cintilantes, gradativamente, enquanto Miguel ia perdendo as forças, entregando-se ao destino que Francesca traçara para ele. A respiração tornara-se ofegante. Mamãe já não dizia nada, nem corraera em socorro de vovó ou de Miguel, só observava tudo e chorava.

De repente, como se uma lembrança importante tivesse lhe retornado à memória, Miguel puxou a minha mão para si, abrindo-a e deixando aparecer o rubi escondido dentro dela. A pedra guardava labaredas de fogo em seu interior, eu não as havia visto antes, quando ele insistira em me presentear com ela, mas agora eu não só as via como sentia o seu calor e a vida que brotava de dentro delas. A moldura de prata que envolvia seu entorno, fora talhada para conter a fúria daquele fogo, mas era vazado em seu verso, deixando que o calor encostasse ao corpo de quem usasse o medalhão.

— Você vê agora, Carmem? — era preciso muito esforço para que a voz saísse dos lábios enfraquecidos de Miguel. Ele lutava para respirar e para cuspir o sangue que escorria pela boca e que se tornava mais intenso a cada minuto. — Vê a vida dentro do rubi? Você sente o calor? É o seu sangue que está aí dentro, minha filha, dos seus antepassados, o sangue de toda a nossa espécie!

— Não fale nada, Miguel. Você precisa economizar suas forças. Eu vou chamar ajuda e logo você ficará bem... — implorei, ainda que soubesse que aquilo não era possível.

— Escute-me, Carmem... Agora levará adiante o meu sangue, eu estarei vivo enquanto você viver, dentro do seu corpo. Procure o seu tio Marco. Ele irá lhe ensinar tudo o que você precisa saber.

— Eu vou procurá-lo, mas por favor, deixe-me chamar ajuda.

— Não há mais tempo — ele tossiu, sentia dor e afogava-se com mais frequência a cada palavra dita, a cada pedido feito. — Encontre Marco, Carmem, prometa para mim que vai achá-lo onde quer que esteja.

— Eu prometo... eu prometo...

— Quando estiver com ele, mostre-lhe o rubi. Ele entenderá a minha mensagem, saberá que eu a enviei.

— Sim, eu mostrarei.

— Por favor, atenda a esse meu último pedido, Carmem. Não deixe que a minha raça, a nossa raça, morra comigo. Perpetue a nossa espécie, Carmem, só você e seu tio Marco serão capazes de encontrar uma solução, só vocês dois e mais ninguém no mundo.

— Mas... eu... mas eu...

— Prometa, Carmem! Prometa para mim e permita que eu

parta em paz.

— Sim, eu prometo, mas por favor, não morra!

— Encontre o seu tio. Encontre Marco e encontrará a nossa salvação — a voz ficara fraca demais, quase inexistente e eu precisava encostar o ouvido na boca para escutar as palavras que ele se esforçava para me dizer.

A tosse aumentara, o sangue escorreu com mais violência, manchando a face empalidecida. Os olhos vagaram no nada, completamente negros. Ele se fora, deixando-me à mercê de um mundo completamente estranho, apenas com o Rubi de Sangue nas mãos e o peso da sua morte nos ombros.



# Recém-Nascida

Eu jamais voltei para a minha casa. Velei o corpo morto de Miguel enquanto pude, acalentando-o e contando-lhe como fora a minha vida, e como ela não tivera nenhum valor até que o encontrasse. Por mais de um dia, alternei momentos de choro e de conversa com o vampiro morto em meus braços. O cadáver encolhia a cada hora passada, as extremidades enegrecidas diluíam-se como pó, tornando-o não mais que cinzas.

Minha mãe fugira e só depois voltara na calada da noite para buscar o corpo da vovó. Eu compreendia seus motivos e não a culpava por ter-me deixado. Agora eu era como Miguel, um monstro capaz de destruí-la, e ela não podia dar-se ao luxo de morrer, ainda tinha que tomar conta de Ana, agora sem a vovó para ajudar e aconselhar.

Ana era a única a quem eu mais lamentava ter perdido. Eu a

amei mais do que a qualquer pessoa no mundo, eu a amei de coração inteiro e ainda a amava, embora minha percepção de todas as coisas houvesse mudado radicalmente. Ela era minha irmãzinha que eu vira crescer. Jamais a esqueceria, embora não tivesse a intenção de voltar a vê-la ou de falar com ela.

Em mamãe eu já não pensava com amor. O seu sangue era muito atraente e eu compreendi exatamente o martírio de Miguel que convivera ao seu lado durante anos de sua vida. Não, ela não me fazia falta alguma, eu até agradecia por ela estar longe, e rezava para que não viesse me buscar, porque eu ainda era fraca e não conseguiria suportar a tentação do seu sangue.

Recolhi as cinzas de Miguel e espalhei pela campina, soltando-as ao vento, libertando a sua alma, se é que ele a tinha. As flores campestres que tomavam conta do campo transformavam quase todo o verde do capim em um colorido vivo, em meio ao qual deduzi que Miguel estaria contente.

Guardei meu luto sentada à varanda, dias e noites de saudade e de solidão. O colar com o Rubi de Sangue pendia no meu pescoço, tocando meu colo com seu calor sereno, trazendo Miguel novamente para mim a cada noite enquanto eu observava a lua, recordando o seu sabor, os seus olhos verdes, a paixão avassaladora que me despertara.

Eu estava completamente sozinha, mas a solidão era

benéfica para mim naquele momento. Não queria que alguém me visse ou descobrisse o monstro no qual eu me tornara. Precisaria adquirir novos hábitos para sobreviver naquele novo mundo de solidão e de sede. E ainda tinha que cumprir a missão deixada por Miguel: encontrar o meu tio Marco.



# Nova Vida Imortal

Depois de alguns dias, a fome tomara conta de mim, forçando-me a vasculhar cada cômodo da casa em busca de alimento. Miguel guardava alguns mantimentos na despensa que, por sorte, não eram perecíveis. Provei-os. Eram todos insípidos e incapazes de me saciar. Devorei algumas daquelas comidas, que seriam muito saborosa antes da minha nova condição imortal, mas que agora não tinham gosto algum.

Encontrei carnes congeladas que estavam armazenadas no estoque de Miguel. Retirei um pedaço embrulhado em plástico transparente, do qual o tom avermelhado chamou minha atenção. Não era o ideal, mas era o que estava mais próximo de ser apetitoso. Esperei que descongelasse e morde-a crua e sem nenhum tempero. Não tinha gosto de nada, era como se eu apenas bebesse água, nenhum sabor era perceptível.

Procurei temperos escondidos pelos cantos, quem sabe se eu cozinhasse um dos pratos gostosos que aprendera com Francesca, conseguisse sentir o verdadeiro sabor dos alimentos. Não encontrei sequer um pouco de sal. Não me importei, porque, embora estivesse disposta a arriscar uma tentativa frustrada, sabia que meu problema não seria resolvido.

Saí pela campina, prestando atenção a cada planta, tentando encontrar alguma erva aromática que pudesse servir de tempero para a carne. O campo era limpo, livre de qualquer vegetal que tivesse sido plantado. Nascia naquele campo apenas o capim e algumas flores selvagens.

Interessei-me no que haveria além da muralha lateral. Escalei-a com cuidado. Tive grande facilidade em alcançar o topo. Apesar de ter passado vários dias sem ingerir nenhum alimento, sentia-me disposta e com energia de sobra para explorar a casa e a outra metade do terreno, além da muralha.

Lembrei-me dos meus dias de fraqueza, quando me proibiram de voltar para Miguel e da depressão que me tirara o apetite. Naquela época, a falta de uma única refeição no dia já era o suficiente para me acamar. Um dia todo sem comer, então, faria minhas pernas tremerem de fraqueza. Em minha condição de monstro, já se passara mais de uma semana em que eu não tomava nem água.

Saltei para o campo que se estendia além da muralha. A princípio, pareceu-me outro campo, semelhante ao primeiro, exceto por um galpão de madeira construído no fundo do terreno e por algumas ferramentas manuais e um arado artesanal que ainda jaziam por ali, abandonados e que estavam sendo consumidos pelo tempo.

Decepcionei-me em ver que não havia vestígios de que um dia tivesse havido uma lavoura naquele espaço tão grande, ou ao menos uma pequena horta. Perguntei-me por que não havia sinais de plantações depois de tanto tempo.

Segui direto ao galpão, curiosa como sempre. A porta estava trancada por dentro. Espiei pelas frestas da madeira apodrecida. Não distingi exatamente o que havia lá dentro, estava escuro e eu via muitos vultos. Olhei em volta, procurando algo para empurrar a tranca que fora presa horizontalmente nas folhas da porta. Encontrei um pedaço de madeira para usar como apoio. Empurrei-o na abertura da porta, empurrei com tamanha força que a madeira judiada pelo tempo, partiu-se em muitos pedaços, expondo o que se escondia por trás das paredes esburacadas do galpão.

Aquilo era na verdade uma estrebaria, cheia de cavalgaduras penduradas pelas paredes, chicotes, arreios. Lembrei-me de ter ouvido Francesca contando que Miguel

ensinara Teresa a cavalgar e que logo depois da sua chegada ao casarão, havia sempre homens cavalgando por aquelas campinas, ou preparando os potros para os passeios de Miguel.

Mas havia ainda outro contorno, além das montarias. Algo bem mais ao fundo e que eu não conseguia definir. Então me aproximei devagar, enquanto meus olhos se acostumavam com a escuridão. Aos poucos, percebi as cabeças desprovidas de cérebro e as órbitas vazias que me fitavam arrogantes.

Eram ossos. Ossos humanos empilhados, guardados como se fossem relíquias. Um arrepio gelado me invadiu tão apavorada aquela visão me deixara. Aproximei-me, tentando entender o que tudo aquilo significava. Os ossos estavam separados em grandes montanhas ao fundo do galpão, atrás das ferramentas e das selas. Montes de crânios ressecados me encaravam com suas órbitas negras e sem vida e pareciam prestes a atacar-me.

O pensamento de ser atacada por restos mortais me fez correr para longe. Não me dei conta de que o verdadeiro monstro ali era eu, e não os ossos que repousavam no fundo do galpão escuro. Corri até alcançar a lateral da casa. Joguei-me no campo úmido em frente à muralha que cercava o pátio, sem forças para tornar a escalá-la. Fiquei ali até a noite chegar, observando o céu nublado e sentindo os primeiros pingos de

chuva que caíam com violência sobre mim, lavando não só o meu corpo, mas também a minha mente, de pensamentos obscuros.

Visualizei Miguel, transformado em fera, atacando e matando cada uma daquelas pessoas. Vi-o nas nuvens negras que se aproximavam, trazendo uma tempestade de raios e trovões. Senti a dor e a agonia daqueles que não puderam escapar das garras do vampiro, vi-as como as mucamas e os pajens da história de Francesca, pessoas indefesas sem possibilidades de fuga, prisioneiros como ela mesma fora.

Fiquei ali, deitada no campo, encharcada pela chuva até anoitecer. Não sentia frio, embora soubesse que as gotas de chuva que caíam em minha pele eram geladas. A fome insaciada estava a ponto de me enlouquecer. Não era só o meu estômago que clamava por alimento, mas também a minha alma.

Desgastei-me a procurar uma explicação menos cruel para o que eu vira, mas a cada nova hipótese que surgia em minha mente, Miguel voltava com mais crueldade, mais sede de sangue, devorando e estraçalhando as pessoas que o serviam. Jurei para mim mesma, perante aquela lua encoberta pelas nuvens de tempestade, perante cada raio que caía na terra molhada, que eu jamais seria capaz de tal atrocidade, jamais.

Então adormeci sob a tormenta que insistia em cair e trazer

pesadelos insuportáveis e não mais os doces sonhos de antigamente. Vez ou outra eu despertava alternando momentos de pesadelo e de real insanidade. O terror deixara de ser apenas um pesadelo, agora o terror era a minha vida real e imortal. E não haveria nada capaz de despertar-me dela, não existia possibilidade de alívio.

# Encontro

Quando despertei, sentia-me cansada, como se não tivesse dormido. Abri os olhos. Já não chovia e o verde do campo se acentuara, diminuindo o cinza do capim seco e sedento, como eu. As flores se abriram para o sol e pareciam sorrir. Os pássaros cantavam graciosas melodias e até mesmo as abelhas voltaram alegres a captar o pólen.

O mundo finalmente se cansara de chorar a morte Miguel. Eu ainda não. Não conseguia evitar as lágrimas que me brotavam nos olhos a cada lembrança. Eu vivi e revivi inúmeras vezes o pouco tempo que passei ao lado do vampiro que descobri ser meu verdadeiro pai. Não me importava o que de mal ele tinha feito, nada seria capaz de macular a imagem do pai e do homem perfeito que eu idealizara na figura de Miguel.

Virei-me de costas, apreciando a dureza do campo

debaixo de mim. Deixei caírem as mãos ao lado do corpo, apalpei a terra e arranquei um punhado de capim. Olhei para aquele mato, arrancado, privado da possibilidade de continuar vivendo. Cheirei-o, senti o sumo que saía das raízes expostas. Senti-me da mesma forma privada da vida, mas ironicamente presenteada com a eternidade.

Procurei pelo Rubi de Sangue em meu pescoço. Queria olhá-lo mais uma vez, ele me ajudava a acreditar que Miguel estava vivo dentro de mim e que eu seria forte o bastante para dar continuidade à sua saga. Corri os dedos em torno do pescoço, mas não encontrei o cordão de prata que segurava o rubi. Levantei-me apavorada. Como ele poderia ter se aberto sem que eu percebesse?

Olhei em volta, afastando o capim alto que envolvera meu corpo durante a noite. Dificilmente eu tornaria a encontrá-lo no meio do capim. Meu coração acelerou, mostrando-me que eu estava mais viva do que nunca, que o sangue quente de Miguel realmente corria em minhas veias.

Procurei diversas vezes, mas não havia nada no local em que me deitara. Refiz o caminho que percorrera no dia anterior, pedindo que Miguel me ajudasse, que protegesse o Rubi de Sangue e que me guiasse até ele. Cheguei à porta do galpão, que agora se estendia escancarada, como se me esperasse com dois

braços abertos, prontos para envolver-me.

Meus olhos estavam ofuscados pelo sol e pela claridade do céu que eu observara, de modo que dentro do galpão eu via apenas trevas. Fechei os olhos, recordando-me da disposição dos objetos que eu vira lá dentro no dia anterior. Tateei as paredes de madeira que guardavam a entrada e dei alguns passos à frente.

Quando tornei a abrir os olhos, vi uma faísca que cintilava no interior do galpão. Apenas uma gota de fogo que brilhava em minha direção, como se uma réstia de luz estivesse sendo direcionada propositalmente sobre mim. Tremi, mas meu medo logo se foi quando imaginei que aquilo poderia ser nada mais do que algum dos muitos instrumentos de montaria ali abandonados, ou quem sabe, a luz fosse lançada pela parte metálica de alguma das ferramentas quebradas e sem uso, armazenada naquele galpão.

Concentrei-me tentando distinguir a claridade e adivinhar o ponto exato de onde saía. Andei devagar para o fundo, cada vez mais perto da luz e mais perto da pilha de crânios humanos. Meus olhos já se acostumavam à escuridão e distinguiam o perfil formado pelos ossos amontoados. Conforme eu caminhava, as imagens se tornavam mais claras para mim e o reflexo parecia mais vermelho e ondulante, uma chama acesa,

um fogo que apenas brilhava sem queimar nada ao seu redor, sem se espalhar ou se expandir.

Aos poucos aquela chama foi ganhando forma. A forma de gota do rubi de Miguel. E na outra extremidade do colar prateado formou-se o contorno de uma mão que o segurava deixando pendente o Rubi de Sangue que se contorcia no ar e emanava a chama que eu via, incapaz de ser apagada pelas mais profundas trevas.

Minha primeira intenção foi de correr para longe do desconhecido, mas dei-me conta de que não podia simplesmente desistir do rubi. Ele era minha herança, meu legado, ele era a única coisa que eu tinha para me lembrar de Miguel. Eu precisava dele e, além do mais, já não tinha o que temer, eu era uma vampira e ninguém poderia fazer-me mal. Respirei fundo e dei mais um passo à frente.

— Quem está aí? O que você quer? Devolva-me o colar!

— Então é você... — disse ele, saindo da sombra e mostrando-se para mim.

— Você me conhece? Como? Quem é você? — o homem se aproximava lentamente, enquanto eu me distanciava, andando para trás, sem dar as costas ao desconhecido.

— É claro que eu a conheço. Miguel escreveu-me muitas cartas falando sobre você.

— Miguel? Você o conheceu? É algum parente de Miguel?

— De certa forma, sim. Vejo que ele lhe deu isso, não é?  
— disse, apontando para o colar em sua mão — O que significa que você também bebeu do seu sangue.

— O que quer dizer com *você também*? Quer dizer que há outros como eu?

— É claro que sim! — uma réstia de luz o atingiu, vinda da grande porta aberta e eu pude vê-lo completamente. O rosto era familiar e fui novamente invadida pela mesma sensação de quando conheci Miguel, a de que nós estávamos, de alguma forma, ligados um ao outro e de que eu já o conhecia, ou que o conhecera a minha vida toda.

— Mas... como é possível... Ele me disse que eu era a única, a última capaz de... — Não terminei a frase, não sabia o que dizer, nem se o homem em minha frente era confiável, pois fora ele quem tirara de mim o rubi, enquanto eu dormia na campina.

— Capaz de dar continuidade à história dele? Acho que eu ouvi a mesma coisa quando tinha a sua idade. E o resultado foi o mesmo.

— O quê? Você também... Você é como eu? Como Miguel? Mas, como é possível?

— Eu sou filho de Francesca, Marco, seu tio. Também herdei o sangue das bruxas, embora isso não tenha sido muito comum entre os homens, no passado. Miguel era meu pai. Não meu pai biológico, mas o homem que me criou. Eu o amei, Carmem, eu o amei como um verdadeiro filho jamais poderia tê-lo amado. E eu esperei a minha vida inteira que o Rubi de Sangue fosse meu. — Ele fez uma pausa demorada e suspirou, mantendo os olhos fixos no rubi, e eu temi que ele jamais tornasse a devolvê-lo a mim — E ele deu-o a você.

— Talvez ele tenha preferido dar isso à sua verdadeira herdeira.

— Ora, menina, é claro que Miguel preferiria, sem dúvidas, entregar a uma garota linda como você a um marmanjo como eu, mas daí a negar o seu legado ao seu próprio filho, para dá-lo a uma estranha?

— Você não é filho de Miguel, não tem o sangue dele. Eu sim.

— Não. Não sei o que ele lhe disse, mas deve estar enganada. As filhas de Miguel morreram há quase vinte anos, e ele jamais teve outros filhos. Na verdade, ele pretendia tê-los com você, ou com a outra filha de Teresa. Ele me falou das duas. E também me disse, quando a conheceu, que só você herdara o sangue capaz de gerar um filho do vampiro.

— Mas ele não poderia, porque eu sou sua filha. Teresa estava grávida quando deixou esta casa. Eu sou a herdeira legítima desta casa, do rubi e do sangue de Miguel.

— Não pode ser. Ele teria me contado — respondeu indignado, sem deixar claro se acreditara ou não.

— Ele não sabia. Tampouco eu. Teresa revelou a verdade pouco antes de Francesca tirar a vida de Miguel. Ela ficou desesperada quando me viu bebendo o sangue do vampiro. Ele não teve tempo de contar-lhe. — Meus olhos se encheram de lágrimas ao relembrar a maldita cena da morte de Miguel e de Francesca. Às vezes as recordações pareciam-me tão distantes que eu chegava a duvidar que elas fossem verdadeiras. Nessas horas eu dormia e rezava para não ter que acordar e ver que era tudo verdade, que eu estava completamente sozinha no mundo e que agora eu era um monstro.

— Francesca conseguiu matar Miguel? Deus do céu!

— Mas ele também... — detive-me. Não me dei conta de que falava da mãe de Marco, e que aquela não era a melhor maneira de lhe contar sobre a sua morte.

— Ele o quê? — Eu apenas baixei os olhos e esse gesto foi o suficiente para que ele entendesse.

— Oh, meu Deus! — Marco passou por mim, e então a luz do dia apossou-se dele completamente. Eu o segui para fora

do galpão, arrependida do que acabara de dizer. Pensei que chorava, pois tapava a boca com uma das mãos, enquanto mantinha o olhar fixo no rubi, que agora lançava os raios do sol em todas as direções e fazia-me sentir o seu calor, sem precisar tocá-lo, ou sequer aproximar-me dele. Marco estava apenas hipnotizado pela beleza do rubi e não parecia tocado com a notícia da morte da mãe.

— Não vai devolvê-lo a mim? — perguntei certa do desejo que Marco sentia por aquela pedra e convencida de que ele o roubaria para si.

— É claro que vou — respondeu, surpreendendo-me e estendendo o colar e o rubi para mim — não poderia ficar com ele, ainda que quisesse. Ele foi confiado a você, então é com você que deve ficar. Embora eu pense que tenha sido mais merecedor. Mas se essa foi a vontade de meu pai, resta-me respeitá-la.

Apressei-me em atarraxar o colar de volta em meu pescoço e fui invadida pelo calor do fogo guardado dentro do rubi. Recordei-me das últimas palavras de Miguel, o rubi era minha proteção e, sem ele, sentia-me despida.

Tendo o rubi de volta em meu corpo e sentindo-me aliviada por isso, concentrei-me em meu tio Marco. Sob a luz do sol vi-o claramente, encarando-me curioso. O tom de desprezo

que eu detectei em sua voz sumira completamente. Não havia nenhuma emoção expressa em sua face, a tristeza que sentia por ter perdido o pai e a mãe no mesmo dia, estavam presentes apenas no olhar de céu azul, repleto de sombras do passado.

Mas também havia esperança naqueles olhos. A esperança que eu procurei no olhar de esmeralda de Miguel e que não encontrei. Marco ainda era jovem, pelos meus cálculos ainda beirava os quarenta anos, embora aparentasse no máximo trinta. Havia uma vida inteira pela frente, a eternidade com que Miguel igualmente nos presenteara, e talvez por ser tão jovem e por estar condenado a viver para sempre é que carregasse ainda alguma alegria de viver.

Era inevitável não compará-lo ao pai. Eu procurava Miguel em cada linha de seu rosto, em cada movimento seu. E sentia-o igualmente fascinante. O sangue das bruxas ainda corria em minhas veias, o que seria totalmente inevitável não desejar Marco, tanto quanto eu desejara Miguel. Marco não era um homem alto como Miguel, mas era forte, de feições angulares e mantinha a barba rala bem aparada, com um cavanhaque baixo que lhe conferia um ar de seriedade e de maturidade que ia além do que a idade aparentava.

— Você está pálida, garota. Como tem se alimentado ultimamente? — perguntou, demonstrando interesse.

— Não comi nada desde que... Bem... Desde que me tornei nisto...

— O quê?

— Nenhum alimento tem sabor, nem odor. Só consigo pensar no sangue de Miguel quando tenho fome. Acho que ele era o único alimento capaz de me saciar. Mas como eu não mais o tenho...

— Então o quê? Pensa que vai morrer de fome? Não vai não. Você sabe o que você é agora? Nunca ouviu nenhuma história de vampiros? Não sabe como matar a sua fome?

— Sim... mas... — É claro que eu já tinha ouvido milhares de histórias de vampiros, mas não conseguia me imaginar sugando alguém até a morte. Fiquei enjoada só de pensar em atacar algum pescoço inocente. Isso não me parecia apetitoso. Qualquer sangue não seria capaz de me saciar, só o de Miguel, foi o único que me despertou algum interesse.

— Mas você não vai sacrificar os inocentes para saciar a sua fome.

— Como sabia que era nisso que eu estava pensando?

— Somos todos iguais, minha querida. No começo eu também pensava dessa maneira, mas com o tempo, a fome foi ficando insuportável e quando chega a esse ponto, não há mais como pensar nos pobres coitados.

— Mas são pessoas, como nós. Não podemos matá-los.

— Eles não são como nós! — interrompeu-me, nervoso  
— Ninguém é. Nós dois não somos mais humanos, entenda isso de uma vez! Somos vampiros e somos superiores aos humanos. E, além disso, matar para comer nunca foi errado. É assim que acontece desde que o mundo é mundo. Umhas espécies têm que ser sacrificadas pela sobrevivência das outras. E não se preocupe, pois nós dois sozinhos não conseguiremos extinguir os humanos. Não comemos tanto assim.

Ponderei as afirmações de Marco. Não. Eu jamais sugaria o sangue de outro humano e, por mais que insistisse em afirmar que já não éramos como eles, eu ainda me sentia humana, como antes, e sabia que eu seria assim para sempre, jamais mudaria de opinião, jamais machucaria uma pessoa, mesmo que por isso eu morresse de fome.

Marco virou-se e atravessou a campina em direção a casa. Segui-o em silêncio, apenas observando seus passos e reparei na facilidade com que ele entrou e se dirigiu imediatamente à despensa. Ele conhecia muito bem a casa em que crescera e ainda que não houvesse voltado ali durante muitos anos, recordava-se exatamente de cada cômodo, de cada corredor do imenso labirinto de pedra e madeira e ainda conhecia o caminho de cada um deles.

Marco olhou para o pedaço de carne crua, deixado sobre um dos armários no dia anterior. Segurou-o com nojo e depois tornou a embrulhá-lo no plástico e devolveu-o à gaveta dos congelados, de onde eu o havia tirado.

— Eu estava procurando alguma erva para temperar a carne... — tentei me explicar. Ele riu alto.

— Temperar? Para que perder o seu tempo? — Marco abaixou-se e começou a vasculhar os armários mais próximos do chão. Arredava os pacotes guardados, buscando os cantos mais escuros e inalcançáveis.

— O que está fazendo? — perguntei. Ele reprimiu-me com um pedido de silêncio, depois se ergueu segurando em uma das mãos uma imensa ratazana que se debatia tentando escapar.

Recuei. Marco encarou o animal e com a mão livre abriu uma das gavetas e empunhou uma faca. Fechei os olhos para não ver o que viria, embora soubesse exatamente o que ele iria fazer com o animal. Ouvi o som da faca caindo sobre o pescoço da ratazana, decapitando-a e depois o som do líquido sendo derramado em alguma vasilha de vidro.

— Tome. — disse ele, oferecendo-me a taça de cristal que enchera com o sangue. Recusei. Ele insistiu, empurrando a taça em minha direção. — Vamos, beba.

Segurei a taça e olhei para o sangue dentro dela. Era de

um vermelho mais denso do que o sangue de Miguel, mas eu sentia o cheiro levemente adocicado e o calor que atravessava o vidro e tocava minha mão. No primeiro momento pareceu-me repugnante e senti-me invadida por uma ânsia que subia rapidamente do fundo do estômago até o início da garganta.

Mas a fome era tanta... O sangue da ratazana já começava a coagular nas beiradas da taça de cristal, e eu temi perdê-lo se não o bebesse naquele instante. Tranquei a respiração, como sempre fazia para tomar os remédios da vovó, preparada para sentir um gosto ruim. Fechei os olhos e bebi tudo de uma só vez.

Não era delicioso como fora o sangue de Miguel. Era um tanto amargo, viscoso e pesado demais pra o meu estômago enfraquecido pelos dias de jejum. Assim que o líquido desceu pela minha garganta, e quando eu respirei, tentando retomar o fôlego, não consegui conter o vômito. Dobrei-me sobre meu corpo, assolada pelas ânsias incessantes que me atingiam e que causavam dores agudas como se fossem cólicas por todo o abdômen.

Levei as mãos até a face, secando o suor que escorria pela minha testa e depois o sangue que respingara pela boca. Tentei levantar-me, mas as dores me impediam de manter uma postura ereta. Fitei Marco com lágrimas nos olhos, não era

choro, mas sim reflexos do quanto eu me sentia mal.

— Você quer me envenenar? — perguntei balbuciando em meio aos vômitos.

— Envenenar? Você é que quer morrer de fome! Você está fraca. Tão fraca que nem consegue se alimentar. Deixe-me explicar uma coisa: você pode comer carne e qualquer outro tipo de alimento humano, se quiser, mas nenhum deles será capaz de nutri-la agora. Não sentirá gosto ou odor em qualquer um deles, tudo parecerá para você apenas um monte de nada. Somente o sangue poderá sustentar o seu corpo. Você precisa se acostumar aos poucos, não beber tudo de uma vez como fez. Seu corpo ainda não está totalmente adaptado à sua nova vida. Isso levará algum tempo ainda. Venha, deixe-me ajudá-la. — Ele segurou-me pelo braço, amparando-me até o antigo quarto de Francesca, o lugar onde Miguel morrera em meus braços dias atrás. Deitou-me na cama e sentou-se ao meu lado.

— Oh! Eu deveria ter pensado que ratos não seriam o ideal, mas, enfim... — ele mantinha a voz doce e os olhos fixos em mim, enquanto falava. De repente revelou uma meiguice, um carinho guardado em algum lugar dentro da fera, do vampiro experiente que me ensinaria sobre a minha nova vida de trevas e de sangue. Apertei o Rubi de Sangue em meu pescoço, agradecendo silenciosamente a Miguel por ter-me deixado

Marco, agradei inúmeras vezes enquanto meu corpo se contorcia em espasmos.

Marco se afastou um pouco da cama, caminhou até a beira da penteadeira de Francesca e retirou de uma das gavetas o palito de cabelos dourado, cravejado de pedras preciosas, que eu sabia que havia sido usado por Alice para tirar a vida de Ágata e a sua própria, no passado.

Então ele voltou para a beira da cama, trazendo consigo o objeto pontiagudo. Soltou-o sobre a cama e começou a desabotoar a própria camisa. Tinha um peito largo e aconchegante, tão quente que uma brisa morna me atingiu como um hálito saído de uma boca prestes a beijar-me. Não havia cicatriz alguma em sua pele. Seus pelos negros encaracolados espalhavam-se por toda a extensão do peito e conferiam a ele um ar másculo e sedutor, uma visão que foi o suficiente para excitar-me.

— Então vamos lá! — disse, elevando o palito até o peito. Apertou os olhos e friccionou a ponta do palito no peito, rasgando a pele e fazendo aflorar o sangue vermelho e apetitoso.

Apenas o cheiro do sangue de Marco já foi o bastante para me embriagar. Fui invadida por uma sede incontrolável, um desejo profundo que se apoderou não apenas do meu corpo faminto, mas também da minha alma. Tentei resistir. Não queria

beber o sangue de Marco, mas minha sede era tão grande, tão poderosa que eu não consegui me segurar por muito tempo. Atirei-me sobre ele como um raio na penumbra do quarto, derrubando-o sobre a cama, envolvendo-o entre as minhas pernas.

Então suguei o líquido quente que saía do corpo de meu tio, arrebatando-o de dentro de seu corpo sem me importar com os gemidos abafados que escapavam pelos seus dentes cerrados. Suguei-o com força, arrancando o sangue de dentro das veias, sorvendo-o violentamente, sentindo minhas presas aumentando gradualmente de tamanho pela primeira vez e a excitação que crescia em seu sexo e que ele forçava em meu ventre. Então no apogeu do prazer, cravei-as na carne branca de Marco.

Ele gritou, segurando-me pelos ombros e afastando-me com dificuldade, enquanto eu me agarrava a ele, arrancando mais sangue dos arranhões que minhas unhas originavam quando eu as cravava em seus tecidos. Marco derrubou-me de bruços na cama e sobrepôs seu corpo ao meu, livrando-se do que restava de suas roupas e arrancando as minhas tão rapidamente que eu não teria tempo de protestar, ainda que quisesse.

E ele me possuiu. Inteiramente, de corpo e alma como eu mesma o havia possuído momentos antes. E eu não despertei do transe que o seu sangue me causara. A sensação de prazer que

eu senti enquanto o sugava perdurou até ele alcançar o clímax. Senti o calor do seu sangue que vertia do peito aberto e derramava-se sobre minhas costas nuas.



# O Pecado

O pavor estava explícito em seus olhos. Não apenas pelo que acabara de fazer e por ter quebrado seus sagrados votos de castidade, mas também pelo sangue que cobria o seu sexo ainda rígido e que não fora derramado de seu peito ferido.

Jogou-se na cama, derrotado, ao meu lado. Não ousei mover-me. O estado de transe já havia passado e eu recuperara a lucidez. Sentia-me forte e renovada. Não pensei na virgindade perdida, ou no meu ato incestuoso. Eu e Marco tínhamos o mesmo sangue, o sangue das bruxas, o sangue dos vampiros, o sangue de Miguel. Nós éramos os únicos, estávamos sozinhos no mundo e, se havia algum homem a quem eu desejava me unir, era ele e ninguém mais.

Contemplei o arfar de seu peito ensanguentado e exausto, onde a ferida já começava a cicatrizar. O cheiro do

sangue de Marco ainda pairava no ar. Estava muito forte e se misturava a outro odor um tanto mais acre de seu corpo suado sobre os lençóis úmidos. Eu já não sentia fome ou sede, mas o desejo que nascera dentro de mim ainda estava ali e fazia-me padecer enquanto observava o arrependimento nos olhos e nos gestos Marco.

— Perdoe-me... Perdoe-me... — suspirava o tempo inteiro, como se tivesse acabado de cometer um crime gravíssimo, um pecado pelo qual jamais poderia ser perdoado.

Mais tarde, Marco contou-me de quando Miguel o levou embora, ainda criança, para estudar nos melhores colégios da Europa e ele descobrira sua verdadeira vocação: ser sacerdote. Teve medo no primeiro momento, porque sabia o que o pai era e que criaturas como ele sempre haviam sido consideradas demônios perante a Igreja. Mas Marco conhecia o pai e sabia que ele era um homem bom, que sempre o tratara com amor, embora não fosse seu pai verdadeiro. Miguel nunca lhe negou desejo algum ou a sua irmã, Teresa, e mesmo a sua mãe Francesca, que havia enlouquecido ao dar à luz Alice e Ágata, as filhas gêmeas de Miguel, nunca deixou faltar nenhum tipo de luxo.

Logicamente ele teve seus interesses pessoais, que mais tarde fizeram com que ele se casasse com Teresa, mas quem no

mundo haveria de condenar o último vampiro que tentava desesperadamente preservar a sua espécie? Nem a própria Igreja haveria de condená-lo!

Ao contrário do que Marco pensara, ele não se opôs a sua decisão. Até o apoiou, dizendo que muitos vampiros como ele também haviam escolhido vidas religiosas e que o fato de o filho ingressar em um seminário o deixaria muito orgulhoso. A reação de Miguel fez nascer em Marco outro objetivo: iria para a Igreja, provar para o mundo que os vampiros existiam e que ainda que estivessem esquecidos, eram reais e merecedores de uma vida digna, como qualquer pessoa. Logicamente, nessa época, isto só se aplicaria a Miguel e aos filhos que ele viesse a ter.

E em meio a toda essa conversa sobre vocações, Miguel acabou convencendo Marco a tornar-se um vampiro também. Ele, então um rapaz de vinte e dois anos, deslumbrou-se com a promessa de vida e juventude eternas e aceitou a proposta de Miguel.

Bebeu do sangue doce do vampiro, tal como eu, usufruindo do dom que o sangue das bruxas lhe conferia. Com a fuga de Teresa logo após o casamento, Marco era a última esperança de Miguel, assim como Francesca fora no passado.

Só em seu leito de morte foi que a verdade soltou-se dos

lábios de Teresa, e as chamas verdes da esperança puderam brilhar no último suspiro de vida de Miguel, quando ele me ofereceu seu sangue e, em troca, apenas pediu-me que continuasse a sua história.

Mas aquilo tudo era demasiado novo para mim e eu não tinha a menor ideia de por onde começar ou o que fazer. Minha única pista foram suas últimas palavras: “*Encontre seu tio Marco. Ele saberá como ajudá-la.*”. Mas eu não precisei dar sequer um passo, porque Marco também ouviu o chamado agonizante de Miguel e veio até mim. E agora se encontrava ali, totalmente despido, largado e arrependido na cama que pertencera a Francesca.

Não respondi às suas súplicas. Fui ofendida por seus pedidos de perdão quando o que eu mais queria era voltar a estar em seus braços, sentir o seu cheiro, provar do seu sangue outra vez. Ele levantou-se ofegante, sem me encarar e saiu ainda despido. Esperei um longo tempo, mas ele não retornou. Vesti-me e recolhi as roupas que Marco espalhara pelo chão do aposento durante a sua fúria de possuir-me. Levei-as para fora, pretendia encontrá-lo, onde quer que estivesse.

Saí pela porta dos fundos. Ouvi gritos lamuriosos que se espalhavam pela campina, vindos de dentro do galpão ao longe. Corri para lá. As portas tinham sido fechadas por dentro e eu

precisei arrancar as trancas que as seguravam. Mas nem o estrondo da madeira se quebrando, nem o som da minha voz chamando seu nome foram capazes de desconcentrá-lo da sua penitência.

Marco estava ajoelhado perto da pilha de crânios humanos e segurava um açoite em uma das mãos. Vi quando o instrumento se ergueu e desceu violentamente sobre suas costas, fazendo o sangue jorrar e marcando-as profundamente.

Corri até ele e segurei-lhe a mão, arrancando dela o açoite. Marco estava completamente hipnotizado em meio a orações. Agarrei-o, envolvendo seu corpo ao meu e enrolando-o na camisa aberta. Ele deixou-se cair no chão sujo, onde dormiu um sono longo e profundo.

Marco esteve doente nos dias que se seguiram. As feridas em suas costas demoraram a cicatrizar. Teve febre, embora isso me parecesse ridículo em um corpo tão gelado, e perdeu-se em delírios sussurrantes nos quais chamava repetidamente por Miguel e pedia-lhe perdão.

Não ousei tentar despertá-lo. Pensei em oferecer-lhe algum tipo de remédio, mas eu sabia que nada do que eu conhecia surtiria efeito no corpo modificado de Marco. Eu queria aplicar compressas de água gelada em sua testa, mas afinal, minhas mãos eram mais geladas e estavam suadas, de

forma que eu as considerei suficientes. Sentei-me próxima a sua cabeça e observei-o, apunhalada pela culpa que me feria o peito a cada palavra que proferia.

Eu fora a causadora de seu mal. Deveria ter me contentado com o sangue dos ratos, eu não merecia mais do que isso. Deveria ter parado de sugar o sangue de Marco antes que ele se perdesse em seu desejo, deveria tê-lo recusado quando tive a oportunidade. Os pensamentos de culpa se misturavam às ideias de autopunição. Tive vontade de seguir para o galpão e açoitar-me tal qual Marco fizera. Se existia alguém que merecia ser punido, este sem dúvida era eu.

Quando finalmente a febre baixou, Marco voltou a si, mas já não era o mesmo Marco, o padre arrependido por ter cometido o incesto ou por ter arrancado a pureza da sobrinha donzela. Eu agora sentia o seu olhar sobre mim enquanto caminhava de um lado para o outro, talvez prestando atenção no rubi pendente em meu pescoço, ou nas minhas sardas pintadas na pele branca, ou nos cachos do cabelo que me caíam sobre os ombros, quase tão vermelhos quanto o próprio rubi.

Havia um novo elemento em seu olhar. Uma certa curiosidade, um desejo abafado. No primeiro momento, perguntei-me se aquilo seria o reflexo de que ele já não estava tão arrependido, mas depois vi que não, o arrependimento que

morava em seu peito estaria ali enquanto houvesse um coração dentro dele.

Ele estava sentado na cama, com as pernas esticadas, nu, coberto apenas por um fino lençol branco. Ria de mim às gargalhadas enquanto eu corria de um lado para o outro do quarto, perseguindo um passarinho que entrara pelo vidro quebrado da porta da varanda. Eu queria oferecer o sangue do animal para Marco. Ele estava fraco, e eu sentia-me na obrigação de saciar-lhe a fome, conforme ele fizera comigo. Pensei que pássaros seriam mais apetitosos que ratos, ainda que fossem mais difíceis de capturar.

—Oh! menina! Você é muito atrapalhada! — disse entre risos — Deixe-me ajudá-la!

— Não, você precisa descansar. — Mas ele já havia levantado e caminhava lentamente em direção ao passarinho, pedindo-me com um gesto que ficasse quieta.

Parei onde estava, prendendo a respiração. Virei o rosto, desviando o olhar para não encarar a nudez de Marco. Senti medo de perder o controle e abrir-lhe o peito outra vez. Ouvi seus passos lentos, como os de um gato que prepara o bote. Vi quando chegou bem perto do animal, concentrou-se um instante e no momento seguinte atirou-se sobre o pássaro.

Foi tão preciso e rápido que sequer machucou a

avezinha. Fechou-a em suas mãos, deixando apenas uma pequena abertura entre os polegares, por onde eu ouvia o piar do passarinho. Olhou-me ainda sorridente e veio em minha direção enquanto eu ocultava o rosto cobrindo meus olhos com as mãos. Estendeu-me os braços e o pequeno pássaro, como se quisesse entregá-lo a mim.

— Era para ser seu — disse encabulada, mirando-o pelas frestas de meus dedos — você está fraco e precisa se alimentar.

— Tem certeza? — fiz que sim. — Então está bem.

Ele virou as costas para mim, escondendo a fera que brotara de dentro dele e devorou o passarinho com voracidade e apetite. Foi rápido, não levou mais do que um minuto para acabar com a ave.

Esperei boquiaberta, imaginando como alguém que parecia ser tão doce e que minutos atrás esboçava um sorriso lindo e radiante, quase angelical, podia agora se tornar diabólico, capaz de devorar um ser vivo com tamanha frieza. Lembrei-me do que eu era agora, do monstro no qual Miguel me transformara e prometi mais uma vez que jamais cometeria atrocidades contra qualquer vida, especialmente humana. Marco voltou-se para mim. As penas da criatura enchiam as mãos borradas de sangue.

— Você podia tê-lo matado, como fez com aquela

ratazana.

— É bem melhor quando o sangue sai quentinho da fonte. Você aprenderá.

— Não, eu detesto qualquer tipo de crueldade. Ainda não sei exatamente o que vou fazer, mas não pretendo sair por aí matando criatura alguma.

— E pensa que poderá sobreviver alimentando-se de mim? Eu não posso oferecer-lhe meu sangue cada vez que você sentir fome. Eu não suportaria por muito tempo.

— Deve haver uma maneira.

— Não seja tola! Se houvesse, os que vieram antes de você já teriam encontrado! Encare os fatos, você é uma vampira agora e precisa de sangue para sobreviver. Preferencialmente sangue humano! — cortou-me irritado.

Eu sabia que Marco estava certo. Embora eu tentasse desesperadamente ocultar de mim mesma a realidade fantástica da qual fazia parte, eu tinha certeza de que a verdade que ele me atirava em breve não mais poderia ser ignorada. A fome que doía dentro de mim só faria piorar e nessa hora eu não pensaria na coisa mais correta a fazer, pensaria apenas em sobreviver. E então eu sucumbiria ao desejo de matar, e como acontece com todas as coisas rotineiras, acabaria por me adaptar e por tornar-me um monstro assassino.

Baixei a cabeça e saí. Marco não me seguiu. Parecia completamente recuperado e sua aparência melhorara bastante depois de sorver aquela ave. Permaneceu no quarto, provavelmente à procura das roupas das quais eu o livrara quando adoecera.

As palavras que me dissera permaneceram impregnadas em minha mente enquanto eu caminhava outra vez pela campina que fora de Miguel. E eu sabia que elas eram tão verdadeiras quando duras e que Marco jamais seria gentil como meu pai havia sido, mas o que mais me assustava não era sua falta de tato para lidar com as mulheres, o que era compreensível pela sua condição de seminarista, era a veracidade do que ele me ensinava.

Analisei as possibilidades de passar a eternidade naquela casa, porque eu sempre a amara e porque eu a desejei tanto e por tanto tempo, que agora não conseguia me imaginar deixando-a para trás. Além do mais, eu não tinha mesmo para onde ir. A casa era a única herança que Miguel me deixara e era lógico que eu não poderia voltar para casa de minha mãe.

Mas como sobreviver sozinha em mundo que ao mesmo tempo era tão velho e tão novo para mim? Como eu poderia me manter viva se não sabia sequer caçar uma simples avezinha para me alimentar? Eu não passava de um bebê recém-nascido

que não conseguiria, por mais que se esforçasse, caminhar com as próprias pernas.

Contemplei o tempo que se fechava no horizonte, desejando ardentemente que as primeiras gotas da chuva gelada que caíam em breve viessem para me trazer a luz que eu buscava em meus pensamentos. Eu precisava de Marco, mas não queria precisar. Ele era o único capaz de ensinar-me as coisas das quais eu precisaria saber para sobreviver no novo mundo que se abria para mim, mas eu o negava, eu negava a necessidade, o fato de depender de outro, eu que sempre fora tão independente. De súbito, as últimas palavras de meu pai soaram-me como uma maldição.

A chuva desceu, atendendo às minhas preces. Mas não era gelada conforme eu a imaginara, nem era quente ou morna. Ergui minhas mãos pálidas, espalhando as generosas gotas que se apossavam delas. Nenhuma sensação era perceptível. Lambi a água em meus dedos, mas ela já não tinha o poder de matar minha sede, nem era mais vital para mim.

Mirei a mata ao longe, tentando adivinhar quantas espécies de animais viveriam nela e quais delas teriam o sangue mais doce e o mais quente. Imediatamente visualizei uma verdade que não me ocorrera até então: como tendo posse de uma riqueza tão imensa, e estando ela tão perto de mim, eu

poderia ter pensado em não sobreviver? A solução dos meus problemas estava ali, e essa clareza com que me chegava agora contrastava com a escuridão das nuvens carregadas de raios e trovões que se aproximavam rapidamente, tocadas pelo vento leste que soprava violento.

Caminhei em direção à mata. Seria bem fácil capturar uma presa que estivesse entocada por conta da chuva que descia abruptamente pelo céu de novembro. Andei depressa, mais depressa do que eu me lembrava de ser capaz. Não sentia fome neste momento, mas minha vontade de provar para Marco e para mim mesma que não precisava dele ou de qualquer outro para me manter viva era, em mim um desejo tão potente quanto a minha sede de sangue.

Afastei os galhos que se estendiam fechando o caminho, rudes como braços que se negavam a abraçar. Penetrei na mata fechada, sob as árvores encharcadas que gotejavam a água sobre mim.

A escuridão que se formava no horizonte e que algum tempo atrás seria assustadora e sombria, dava-me uma impressão familiar e aconchegante. Ergui os olhos acima das copas das árvores e contemplei as descargas elétricas derramadas sobre o mar verde que se estendia ao horizonte.

Caminhei devagar, sentindo meus pés afundarem na

lama que começava a se formar sob a mata, procurando pela frieza da água que escorria pelas brechas abertas no solo, carreiros dos animais que viviam por lá, mas não a senti.

O mundo estava mais pálido do que de costume. Tudo era tão vivo e ao mesmo tempo parecia estar morto, assim como eu. Os pássaros que se aninhavam nos galhos mais altos já não pareciam querer se livrar dos predadores, mas sim, procurá-los. Os insetos já não se desviavam das teias propositalmente construídas, mas queriam se emaranhar nelas, da mesma forma como eu procurara pela morte.

Ouvi um uivo vindo de longe. Segui na direção do som que castigava minha audição aguçada. Seria ótimo encontrar uma presa grande o suficiente para matar a minha sede e a de Marco. Ou ao menos, seria bom ter o cadáver de um animal consideravelmente ameaçador para provar que eu podia muito bem me virar sozinha.

Minhas mãos tremeram quando parei ao pé de uma pequena montanha recoberta pela capoeira fina que deixava aparecer a silhueta sinistra sobre ela. O bicho era muito maior do que eu esperava e parecia salivar enquanto seus olhos brilhavam na semiobscuridade da tempestade.

Mirei-o ofegante. A fera retribuiu o olhar e, esquecendo-se dos céus para quem cantara momentos antes, atirou-se morro

abaixo. Quis fugir, mas lembrei-me de Miguel e da imortalidade que ele me dera. Aquele lobo não podia machucar-me e, ainda que o fizesse, não tomaria para si a minha vida.

Fixei os pés no chão e permaneci imóvel, esperando pelo ataque. Fechei os olhos. Se eu fosse retalhada, preferia não ver os pedaços da minha carne sendo arrancados de mim. Enrijei todos os músculos possíveis, tentando tornar a minha carne mais dura e menos apetitosa.

O animal se aproximou rapidamente, mas antes que meus olhos se abrissem, ouvi um estampido, o disparar de uma arma de fogo, atrás de mim. Abri os olhos, assustada. O lobo se afastava lentamente, mancando e sangrando, enquanto se retorcia lançando gemidos de dor, abafados pela fúria da tempestade.

Imediatamente, Marco saiu das sombras, lançando-se sobre mim. Agarrou-me pelo braço e xingou-me enquanto me carregava de volta para casa. Esbravejei. Não sentia raiva de Marco porque ele acabara de salvar-me do ataque do lobo, mas também não me sentia grata por isso. Estava furiosa por ele sequer ter-me deixado tentar sobreviver sozinha. Senti-me outra vez impotente.

— Você ficou louca? Acha que pode sair por aí se enfiando no meio destas feras?

— Elas não poderiam matar-me. Não são bruxas, não têm o poder de acabar comigo.

— Mas poderiam feri-la gravemente! — interrompeu-me — Procure ficar em casa e não se meta em confusões! Já me basta ter que carregá-la como um fardo deixado por Miguel. Não vou tomar conta de uma vampira inválida!

As palavras de Marco apunhalaram meu coração. Eu sabia que estava sendo inconveniente, mas como ele dissera, não queria ser um fardo em suas costas, e para isso, eu precisava aprender a me virar sozinha.

— Você não vai aprender nada sozinha, Carmem — disse ele, como se lesse meus pensamentos. — Independente da sua ou da minha vontade, precisamos ficar juntos. Pelo menos por um tempo. Quando estiver pronta, eu prometo que a deixarei livre, então poderá viver a sua vida da maneira que julgar conveniente. Mas até lá, terá que me aturar.



# A visita

Depois do incidente com o lobo eu não tornei a sair da casa. Ele tinha razão, eu estava sendo infantil e mimada, não parecia nada com a vampira poderosa que meu pai almejava. Mas o que eu podia fazer? Tudo o que eu sabia, tudo o que acreditava tornara-se nada de uma hora para a outra, e coisas que eu desconhecia tornavam-se verdade a cada minuto, como um universo paralelo que surgia diante de meus olhos e envolvia-me como parte integrante de uma realidade fantástica e totalmente desconhecida.

Marco não me dirigiu a palavra durante aqueles meus dias de encarceramento. Nem me trazia alimento, embora algumas vezes, ao observar que ele voltava de uma caçada, eu tenha reconhecido algumas manchas de sangue em sua roupa e pele e tenha sentido o doce aroma que se desprendia daquelas

manchas, algumas vezes mais doces, outras mais intensas e outras ainda, que elevavam meus pensamentos a prazeres indescritíveis, como se o próprio paraíso morasse naquele sangue.

No entanto, exceto nas ocasiões em que eu era obrigada a ver o sangue nas roupas de Marco, o desespero inicial e a sede avassaladora desapareciam, dando lugar apenas a uma sensação de vazio e a fome normal, como quando eu era mortal.

Eu não encarava Marco, não me dirigia a ele, nem sequer chegava perto dele, com medo de não resistir ao aroma tentador que se desprendia de seu corpo meio vampiro, meio bruxo. Mas a fuga era apenas uma tentativa desesperada de provar que eu não dependia de Marco para sobreviver. Só não sei se a tentativa era de provar para ele ou para mim mesma, mas eu ainda teria muito tempo para avaliar essa condição.

Também não era fácil contar os dias quando cada um parecia ser exatamente igual ao outro. Eu passava a maior parte do tempo no quarto que pertencera a Francesca, às vezes deitada, apenas pensando, e outras, perambulando em círculos pelo aposento, observando e tocando nos objetos de meu pai, tentando sentir alguma coisa, alguma energia que me ligasse a ele, alguma lembrança mais vívida do que as que eu guardara.

Tudo era muito monótono e os dias pareciam infinitos.

Marco não demonstrava nenhum interesse em mim. Não me procurava, não tentava puxar conversa. Parecia mesmo que estava apreciando o meu isolamento. Isso me deixou decepcionada, porque eu esperava que ele insistisse na tentativa de aproximação, fosse por gostar de mim ou apenas para me manter viva.

Era claro que ele queria manter a memória de nosso pai e assim manter viva a própria espécie, mas parecia que eu não me encaixava nesse seu desejo. A falta de interesse apenas deixava transparecer o quanto ele desejava que fosse outra em meu lugar. Quem sabe a minha própria irmã? Ou será que a aparente raiva de Marco devia-se somente ao fato do pecado que cometera?

Esse pensamento fez-me ver o quanto eu merecia o gelo no qual ele me guardara, a distância que nos separava. Eu fora responsável pelo fim do sonho dele, eu o privei de seguir o caminho que ele escolhera para si, a vida de adoração e privações a qual ele escolhera e reconhecera como vocação.

Comecei a observá-lo mais atentamente, procurando respostas para as minhas perguntas. A expressão do seu rosto geralmente era tranquila, e ele não tornou a se punir no galpão cheio de crânios nem mesmo nos dias em que caçava. Vez ou outra ele notava o meu interesse e a maneira como os meus

olhos se esgueiravam em sua direção, disfarçadamente. Isso não o perturbava, mas deixava-o curioso, tanto que depois de um tempo, ele deixou seus lábios se abrirem num leve sorriso.

A ideia de que Marco me desprezava logo foi substituída por outra impressão mais agradável e mais curiosa. Se a casa era tão grande quanto eu sabia que era, e se ele me odiava tanto quanto eu imaginava, por que se submetia a dividir o mesmo quarto comigo?

Ele jamais procurara outro lugar para ficar. Vinha dormindo no chão ao lado da cama onde eu repousava, todas as noites. Não se ausentava do quarto, senão quando ia caçar. Suportávamos juntos o clima desagradável que a presença de um causava no outro, ainda que não fôssemos nenhum dos dois obrigados a aturá-lo.

Eu ficava porque queria estar perto das coisas que eram do meu pai e das que haviam pertencido a Francesca, mas conforme o tempo passava e eu me adaptava à presença de Marco na casa, especialmente naquele quarto onde eu passava a maior parte do tempo, meus motivos iam se tornando duvidosos.

Eu aprendi a esperá-lo antes de dormir. Passava as noites em claro quando ele saía para caçar e tardava a voltar. Ajeitava suas roupas, retirava-as da mala e estendia cuidadosamente sobre a cama. Arranjava-lhe toalhas limpas para o banho,

trocava constantemente os lençóis nos quais ele dormia no chão.

Eu gostaria que esses cuidados tivessem sido tomados apenas por higiene, ou então, que fossem atos mecânicos, coisas que simplesmente eram feitas porque precisavam ser feitas. Mas não era por isso que eu as fazia. Havia muito mais carinho naqueles meus pequenos cuidados do que eu gostaria de sentir por meu tio.

E toda vez que ele chegava, eu fugia, evitando encarar seu olhar satisfeito e o sorriso furtivo que surgia em seus lábios e que eu não precisava ver para saber que estaria estampado em seu rosto.

Quando eu acordava no meio da noite, aos berros e encharcada de suor, atormentada pelos pesadelos da morte de Miguel, Marco estendia sua mão até a minha, sem dizer nada, só apertava meus dedos gelados contra os seus. Às vezes, levava minha mão ao seu peito, como se a abraçasse. Então eu adormecia com a mão presa ao corpo de Marco e o calor do rubi cintilando em meu peito.

Foi justamente num desses momentos em que eu sentia a proximidade de Marco, que Teresa apareceu pela primeira vez. O sol clareava as cortinas branco-amareladas, transfigurando-as em um bege enjoativo que fazia arder meus olhos.

Os primeiros pássaros cantarolavam nos campos além

das grandes portas da varanda, despertou pelo que eu imaginei ser uma manhã de verão. Era bonito o canto, mas não combinava com os rugidos que escapavam do meu estômago faminto, nem com a cena do pássaro que Marco e eu capturamos outro dia, que insistia em habitar minha memória e causava-me fome, ânsia, urgência.

Eu perdera completamente a noção do tempo, mas poderia jurar que meses haviam transcorrido desde que eu vira minha mãe pela última vez. A expressão de desespero em seu rosto era de alguma maneira a lembrança mais forte que eu guardava dela. Sempre que eu tentava me concentrar nos momentos felizes que vivemos juntas, nas horas de carinho em família, sentia como se elas pertencessem a um passado muito remoto ou como se não fizessem mais parte da minha realidade.

O horror nos olhos de Teresa foi a última coisa que eu vi antes do morrer de minha vida humana. E a primeira depois do nascimento para a minha vida imortal. Quem sabe por isso ela estivesse tão vívida, gravada em minha mente como se apenas alguns momentos me separassem dela.

Marco não despertou com as batidas na porta da frente. Nem com os chamados de Teresa, que gritava meu nome quase desesperadamente. Olhei-o enrolado sobre o colchão fino que ele encostara cuidadosamente ao lado de minha cama.

Ronronava como um gato, agarrado a minha mão. Seus olhos se moviam como se sonhasse e a expressão que seu rosto esboçava era serena.

Levantei-me devagar, arrancando impiedosamente a mão do peito de Marco. Sua face se contorceu em uma careta desanimada, mas ele não acordou. Esperei não ter transformado seu sonho em pesadelo.

Espiei por uma fresta da janela meio caída. Ouvi Teresa chorando. Ana se mantinha ao longe, no começo da velha estrada que serpenteava até a entrada do casarão. Eu quase podia ver o brilho das lágrimas escorrendo de seu rosto. Senti saudades.

De onde eu estava não pude ver o rosto de Teresa. Via-a de lado, a mão erguendo-se e depois descendo ruidosamente na madeira podre da porta, com pouca força, talvez sem coragem, talvez só não querendo demonstrar a sua urgência em ver-me. Certamente a saudade enfim a convencera, afinal, eu fosse o que fosse, ainda era sua filha.

Permaneci um momento observando, ainda em dúvida se devia ou não abrir a porta. Ela hesitou. Temi que fosse embora e apressei-me em girar a maçaneta. A porta se abriu de uma só vez, sem o menor cuidado. Eu deveria ter espreitado por uma fresta antes de abri-la completamente, talvez assim tivesse

percebido que para Teresa eu não passava de um monstro, e que ela já não me amava como a filha que eu sempre seria.

Abri a porta e ela imediatamente saltou sobre mim. As mãos cobertas de sangue, empunhando com força um objeto pontiagudo e brilhante que refletiu um raio de sol em minha face. Caí de costas, ofuscada pelo brilho do metal, que só então reparei tratar-se de um punhal.

Teresa saltou imediatamente sobre mim, apertando meus ombros contra o chão. Tentei reagir, empurrá-la para longe, ou escapulir por debaixo de seu corpo, mas não consegui me mover. Não foi a emoção de estar com minha mãe que me anestesiou, mas sim o cheiro doce e apetitoso, do sangue que se desprendia daquelas mãos empapadas.

Fechei os olhos, tentando não pensar em nada, não sentir o cheiro do sangue, não me deixar levar pela fome dos meus vários dias de jejum. Lutamos por um eterno segundo, mas uma gota vermelha pingou sobre minha pele, incendiando-a. O Rubi de Sangue cintilou com mais força no meu peito, espalhando-se nos meus olhos, queimando-me por dentro, e eu não pude mais contê-lo.

Deixei-me levar pelo desejo de provar daquele sangue. Girei sobre o corpo de minha mãe, apertando o pulso da mão que carregava a adaga, obrigando-a a derrubá-la. Então agarrei-

lhei os braços, imobilizando seu corpo trêmulo. Encarei-a por um momento antes de sentir as minhas presas salientarem-se e a minha cabeça descer sobre o pescoço exposto.



# O Despertar do Monstro

Sorvi o sangue até sentir seu corpo estremecer e ela amolecer, sem mais resistir ao meu ataque. A sensação do sangue quente se espalhando pela minha boca e descendo pela garganta, cegava-me e eu já não reconhecia Teresa, porque nada mais existia, então.

Em meio à excitação que me consumia, senti mãos fortes que me puxavam, que tentavam arrancar de meus lábios o néctar da vida que eu sugava das veias de Teresa, vermelho, vivo e intenso. Resisti o quanto pude, mas as mãos eram fortes e insistiam em tirar de mim o que eu mais precisava.

A raiva cresceu dentro do meu ser, como se eu fosse um animal, um cão do qual se tentava tirar um osso conseguido a

muito custo. Virei-me rapidamente, sentindo o calor do sangue que incendiava o meu rosto e os meus olhos vermelhos. Não pensei em nada, só depois me ocorreu a ideia de que poderia ser Ana quem tentava salvar a mãe.

Ao mesmo tempo em que eu achei que seria bom se ela tivesse adquirido um pouco de coragem, pensei que eu também não poderia resistir ao seu sangue. Tentei me soltar das mãos que me arrastavam para longe de onde Teresa estava inerte. Elas eram demasiadamente fortes, minha mente convenceu-se de que Ana não poderia ter tanta força.

Debati-me e em um esforço literalmente sobre-humano, consegui me virar e mirar dentro do mar azul dos olhos de Marco. Foi vergonhoso, mas reconfortante. Ele ainda estava atento aos meus movimentos, não havia desistido de me ajudar, conforme meu pai lhe pedira.

Marco me empurrou com força contra a parede. Encolhi-me ofegante, reduzida apenas a um animal assustado. Minha consciência voltando devagar, enquanto a sede de sangue diminuía gradativamente.

De onde eu estava, ainda podia sentir o cheiro do sangue. Marco estava parado em minha frente, pronto para me impedir de tornar ao corpo inanimado de Teresa, estendido no meio da sala de estar. O azul dos seus olhos estava mais gelado do que

nunca. Um punhal de gelo se desprendia daqueles olhos e atingia meu peito impiedosamente.

Encolhi-me o máximo que pude. Estava muito envergonhada do que fizera. Eu, que jurara para mim mesma que jamais, jamais, atacaria um ser humano, acabei por machucar a minha própria família... Desejei em silêncio que Teresa estivesse viva, que ficasse bem, e agradei por ao menos Ana não ter chegado perto de mim.

Marco esperou tempo o bastante para ter certeza de que eu não voltaria a atacar Teresa. Então afastou-se lentamente, segurou-a nos braços e a trouxe até mim. Apertei os olhos, livrando-me da tentação de olhar para o sangue que escorria dos pequenos espaços abertos pelas minhas presas em seu pescoço.

— Leve-a, Marco! Leve-a daqui! — gritei apavorada.

— Você tem que aprender a se controlar, Carmem.

— Eu não posso. Eu não consigo.

— Abra os olhos — o pedido foi quase uma ordem.

— Eu não posso... — enquanto ele insistia, abri os olhos lentamente, tentando prender a respiração pra não perder a cabeça outra vez.

— Você precisa levá-la até Ana.

— Eu... não... Eu não posso tocá-la... Eu não vou aguentar...

— Ah! Você vai, sim! — disse ele, estendendo o corpo desacordado sobre o meu colo.

Horripilante. Essa palavra definiria perfeitamente a cena. Minha mãe jogada em meus braços, talvez morta por mim mesma. Foi terrível para mim. Foi terrível para Marco, embora ele tivesse que se manter calmo e frio como uma pedra de gelo. E seria mais terrível ainda para Ana, quando ela me visse carregando Teresa ensanguentada.

— Você pode levá-la, Marco. Eu não posso ir até Ana... Não posso encará-la.

— Você vai. Teresa não pode saber de maneira nenhuma que eu estou aqui. Ela me mataria, assim como a sua mãe fez com Miguel. Tenho certeza de que ela a teria matado hoje, se você não fosse filha dela. Contra você ela não fará mais nada, mas a mim ela fará.

— Não. Você é mais forte. Ela não conseguiria matá-lo.

— Eu não tenho defesas contra Teresa, Carmem. Ela me mataria tão facilmente quanto esmagaria uma barata. Leve-a para Ana, antes que ela acorde... Ou que morra...

Assustei-me com as palavras de Marco. De certa forma ele era a única pessoa que eu tinha. A única em quem eu realmente podia confiar. Ele era a minha família agora e seria a única que eu teria por toda a eternidade.

Levantei-me apoiada na parede. Teresa era leve como uma pluma, estava pálida e magra. Eu acabara com ela. Tentei senti-la respirar, mas o seu peito parecia não se mover. Quis encostar meu ouvido em sua pele, tentar ouvir se o coração ainda batia, mas achei que seria arriscado. O sangue ainda estava ali, secando, grudado em sua pele.

Caminhei pela estrada de terra sem pressa de chegar ao ponto onde estava Ana. Mantive os olhos fixos em Teresa, não queria encará-la. Lágrimas correram pela minha face arrependida. Lágrimas geladas, como tudo em mim.

Quando já estava próxima o bastante, ouvi passos que vinham ao meu encontro. Não ousei levantar a cabeça enquanto Ana corria para acudir Teresa. O cheiro dela chegou até mim primeiro. O sangue era forte e imponente. Eu tinha certeza de que Miguel se enganara ao me dizer que ela não era uma bruxa. O sangue que corria em suas veias era sangue de bruxa.

Parei. Imaginei Ana agarrando o corpo desacordado de Teresa, mas ela também freou. Estava com medo, eu sentia. O medo dela fedia. Abaixei-me devagar para não assustá-la e coloquei delicadamente o corpo de Teresa no chão poeirento. O peito de Ana arfou mais intensamente quando olhou para o sangue, primeiro o sangue seco que escorrera do pescoço de Teresa e depois para o sangue manchado em minhas roupas, que

eu sequer havia percebido.

Não precisei erguer os olhos para sentir a maneira como ela olhava para mim. Desprezo e raiva se misturavam com pena. Os sentimentos se confundiam dentro dela enquanto ofegava sem saber o que fazer.

— Carmem... O quê... O que aconteceu? — suas palavras não passaram de gemidos abafados pelo choro que começava a se formar no fundo de sua garganta.

— Eu a machuquei. — tentei fazer com que minha voz saísse tranquila, falei baixo e devagar, entre os soluços.

— Mas os seus olhos... Eles não estão... Eles não são como os daquele que me atacou... — Ana andou dois passos em minha direção. Chegou perto demais e, mesmo com o vento forte que soprava anunciando tempestade, eu senti o cheiro dela.

— Não se aproxime, Ana! — minha exclamação foi quase um grito e eu a encarei diretamente, levantando-me.

— Mas, Carmem, você é minha irmã! Não me faria mal, não é? — reclamou ela.

— Sim. Eu faria o mesmo que fiz com a mamãe.

— Não, Carmem. Você é uma boa pessoa, tenho certeza de que não é um monstro como aquele que me atacou. — Ana chegou ainda mais perto, obrigando-me a recuar.

— Não se aproxime, Ana! — meu grito agora era de

desespero.

— Carmem, você não pode ter feito isso. Você não pode!

— Leve-a embora, Ana. E não volte mais aqui.

— Carmem!

Minhas palavras foram o ponto final entre mim e Ana. Corri de volta para o casarão, certificando-me de trancar a porta o melhor que pude, para o caso de ela me seguir.

Marco ainda estava encostado à parede do corredor. O olhar zangado atravessava meu corpo, enquanto eu me exauria em soluços e derramava lágrimas de sangue que desciam queimando o caminho que percorriam.

Fiquei ali, encostada na porta da frente, o corpo sem forças, escorrido no chão quase tão gelado quanto tudo e mim, com exceção do rubi, que ainda emanava um calor morno em minha pele. Não sei por quanto tempo chorei, mas permaneci deitada no chão frio até sentir-me completamente seca de lágrimas.

Marco esperou pacientemente até que meus soluços cessassem. Então ajoelhou-se ao meu lado, de maneira que eu enxerguei a decepção em seu rosto. Isso doeu. Talvez tenha doído mais do que o mal que eu tinha feito a Teresa e que eu imaginei ter feito a mim mesma. Decepcionar Marco significava também decepcionar Miguel, não honrar a memória de meu pai.

E ele era a única família que me restara. De Teresa ou de Ana, eu já não tinha nada a esperar. Nem mesmo perdão.

Suspirei. Então ele começou.

— Carmem, você precisa aprender a se controlar.

Suspirei outra vez.

— Não faz bem que você passe tanto tempo sem se alimentar. O que aconteceu aqui hoje foi porque você estava faminta. Pode ser que a culpa seja minha, acho que eu deveria ter-lhe ensinado a caçar. Talvez devesse ter-lhe trazido comida. Agora isso já não importa mais. O importante é que daqui pra frente você aceite o que você é agora e se comporte como tal.

— Eu não quero ser um monstro. Mesmo que para isso eu morra de fome.

— Você não morreria, mesmo que quisesse, mas causaria muitos danos ao seu corpo se passasse muitos dias em jejum. Lembre-se: você não é mais humana. Seu corpo está praticamente morto, ele se deteriora aos poucos se faltar sangue.

— Que se deteriore até a morte, então!

— Você não entende! — a paciência de Marco estava se esgotando. Ele já fora mais paciente do que eu julgara que poderia ser — Não pode passar muito tempo sem comer, ou acabará por fazer outra besteira como essa! Você agora é um animal, e como todo animal, tem instinto! E não pode fugir

disso, a fome chegará a um ponto em que o instinto falará mais alto, dominará você. Não dá para mudar isso! É assim que acontece. Foi assim que aconteceu comigo.

— Você?

— Sim, ou você acha que é a primeira pessoa que não quer se tornar um monstro?

— Mas você parece feliz em seguir os passos de Miguel. Não foi isso o que você sempre quis?

— Miguel era muito convincente quando queria. E há muitas coisas a seu respeito que você ainda não sabe. Pensou que eu quis ser um vampiro chupador de sangue? Não. Eu nunca quis. Eu escolhi uma vida religiosa, cheia de renúncias e de punições. Se escolhi amar ao próximo como a mim mesmo, por que havia de querer machucá-lo? Não faria nenhum sentido, não é mesmo? Mas Miguel foi tão sedutor para mim quanto foi para você. Eu o amei, Carmem, mais do que julgo que você poderia tê-lo amado. Eu fui fraco.

— Não tanto quanto eu. Ao menos Miguel o criou como um verdadeiro pai, e você fez isso por ele. Mas eu nem cheguei a conhecê-lo, embora tivesse o seu sangue correndo em minhas veias. Fui muito mais fraca e covarde. E ainda sou. Veja o que fiz à pobre Teresa. — minhas mãos se ergueram ao rosto e eu teria chorado se ainda restasse alguma lágrima para cair.

— Isso não importa, agora. Não faz diferença o motivo que nos levou a este caminho sem volta. Agora nós estamos nesta estrada, juntos, e seria bem mais fácil percorrê-lo se nos déssemos as mãos.

Ele tinha razão e eu via sinceridade em seus olhar. Ele estendeu-me a mão e eu a segurei com força e levantei-me. Naquele momento eu preferia ter morrido a ter-me levantado e voltado para o quarto de Francesca para me aninhar no peito de Marco, que ele ofereceu-me generosamente e sem nenhum medo. Eu poderia machucá-lo.

— Você teria morrido se não fosse uma bruxa — sussurrou ele ao meu ouvido — O sangue das bruxas é letal para os vampiros. Mas é claro que, sendo também uma bruxa, essa regra não se aplicaria a você.

— Quer dizer que não posso morrer, mesmo que queira?

— Só há uma maneira.

— Que maneira?

— Teresa sabe como. Por isso ela a atacou com um punhal. — Marco retirou o objeto de dentro do seu bolso. Era um pequeno punhal de prata maciça, com cenas de guerra entalhadas no cabo. Ainda estava sujo de sangue — Ela teria que perfurar seu coração com a lâmina embebida no sangue das bruxas. Se você fosse uma vampira qualquer, teria morrido

simplesmente por sugar o sangue dela. Teresa é muito esperta. Se ela quisesse, teria matado você, sem muito esforço.

— E por que você acha que ela não o fez?

— Você é filha dela — ele parou escolhendo as palavras — apesar de ser um monstro.

As palavras foram tão duras quanto sinceras. Não consegui reorganizar meus pensamentos, perdi-me em devaneios sobre o que poderia ter acontecido se Marco não tivesse chegado a tempo. Eu estaria morta, ou Teresa?

Aninhei-me mais no peito largo de Marco. Seu braço envolveu minha cintura e puxou-me para mais junto de si. Ele depositou o punhal na mesa de cabeceira e acariciou meus cabelos com a mão livre. O rubi queimou minha pele por um momento, como sempre acontecia quando Marco estava perto demais. Era o desejo de Miguel de nos manter juntos.



# Sozinha

Dormi o resto do dia aconchegada ao peito de meu tio Marco, exaurida pelo choro compulsivo e saciada da minha sede de sangue. Quando despertei, os raios de sol alaranjados pelo crepúsculo começavam a descer em direção à mata longínqua. Uma chuva fina encharcava os beirais da varanda e pingava barulhenta no piso de madeira apodrecido. Os vitrais que rodeavam as portas estavam embaçados, como se alguém respirasse muito perto deles, ou como se algum traço de calor tivesse sido liberado de nossos corpos dormentes.

As gotículas de água, acumuladas nos vidros, pareciam-me intrigantes. Havia uma lembrança presa dentro de mim, algo profundamente ligado às gotas que escorriam preguiçosamente pelos vitrais. Era como se elas existissem para trazer à tona aquela lembrança, como se eu já soubesse o que elas queriam

me contar, algum acontecimento, ou fato de um passado recente. Talvez, algo doloroso, algo que minha mente preferira esquecer.

Marco remexeu-se na cama, deixando que minha cabeça tombasse para o lado, rolando para fora de seu peito acolhedor. Não despertou, porém. Aproximei-me de sua face adormecida, mirando longamente suas feições. Tão diferente de Miguel.

Eu já tinha, no entanto, adquirido consciência das diferenças entre Marco e Miguel, mas ainda não conseguia olhar para Marco, sem compará-lo ao pai. Percorri cada linha do seu rosto e corpo, a pele alva, o gelo penetrante no qual se perdia aquela pele. Os cabelos negros derramavam-se sobre o travesseiro, desordenados, o que lhe davam certo ar de despreocupação, que não combinava com Marco, sempre se mostrando tão sóbrio, desde que o conhecera.

Recostei-me no outro extremo da cama e contemplei seu sono, até a escuridão tomar seu lugar naquela noite sem lua. Foi como fechar os olhos, não mais pude ver nenhum detalhe do corpo de Marco, embora soubesse que ele permanecia ali. Minha alma doeu quando me imaginei novamente sozinha e essa dor me trouxe de volta as recordações que eu não pude trazer com a imagem das pequenas gotas de água descendo do vitral da varanda: naquela tarde eu tivera um sonho.

Era como um dia nublado. As lembranças mesclavam-se

em minha mente. Realidade e sonho, dançando juntos em tons de cinza. Mesmo o verde de esmeralda dos olhos de Miguel parecia tão cinza quanto um dia de tempestade. Apertei os olhos para recordar-me do sonho mais vividamente. Apertei-os com toda a força que eu tinha, minha instintiva força de animal.

O lençol branco e fino sob meu corpo se tornara duro como as tábuas poeirentas do chão do quarto. O arfar do peito sedento de Miguel parecia-me tão real, que eu poderia jurar que ele estivera ali, apenas alguns instantes atrás. Ele jazia deitado em minha frente, de costas, como Marco estava naquele momento. Mas eu sabia que, não muito tempo antes disso, eu e Miguel havíamos nos fartado. As gotículas, tão familiares, escorriam em abundância da testa de Miguel, e da minha própria, como que para denunciar o violento ato anterior. No sonho, eu levantei-me do chão áspero e caminhei em direção à varanda. Nada cobria o meu corpo manchado de sangue, a não ser um fiapo do que antes fora uma camisola branca.

No exato momento em que eu chegava perto o bastante para espiar o lado de fora, o vento batia as portas violentamente, assustando-me, nem tanto pelo barulho ensurdecedor, nem pelo trovão que sucedera ao mesmo tempo, mas pela visão estonteante e nauseabunda que me aguardava do outro lado.

O cadáver de Teresa jazia no capim seco, completamente

banhado em sangue. Aproximei-me com cuidado. Vi as marcas das presas de Miguel em seu pescoço, e no antebraço mais marcas, desta vez, um tanto menores.

Eu sabia que era eu quem a havia matado. Eu apertava o meu estômago em busca de algum vestígio da fome incontrolável que me afligira durante dias a fio. Sentia-me saciada.

Então eu recuei, corri rumo ao abrigo caloroso que aquele quarto significava para mim, meu último refúgio, mas quando chegava bem perto, as portas da varanda se fechavam com a mesma violência com que se abriram. Minhas mãos empapadas do sangue inocente de Teresa batiam com força, tentando arrebentar os vitrais. Eu gritava desesperada chamando por Miguel, mas ele não me ouvia.

Eu arrisquei-me a arranhar a madeira entalhada de anjos, presente de Miguel há muito tempo dedicado à Teresa, mas quando minhas garras afiadas os atingiram, maculando seus rostos angelicais, as imagens saíram da madeira, ganhando vida.

Eu recuei apavorada, mas fui perseguida pelos anjos demoníacos que enfeitaram a entrada da varanda. Corri pelas campinas, até bem perto da mata verde que cercava o território, mas quando enfim tentei embrenhar-me mata adentro, tropecei em um tronco caído e tombei.

Quando me voltei aos anjos que me perseguiram, suas bocas estavam abertas e deixavam aparecer caninos afiados. Alguns salivavam por sangue. Outros estendiam os braços em minha direção. Arrastei-me para trás, mesmo caída, não pretendia entregar-me a eles, conforme me entregara a Miguel.

Quanto mais eu me arrastava, mais perto eles pareciam chegar. E quando finalmente uma garra arranhou-me o braço e senti que me puxava na direção dos anjos demoníacos, eu despertei.

Os *flashes* do sonho brilhavam em minha cabeça, apenas um filme de terror assistido há muitos anos. O sonho fora terrível, embora eu o interpretasse como algo muito distante da realidade, pois a minha realidade era inúmeras vezes mais terrível.

Marco estava despertando. Virou-se para mim, assustado, procurando-me.

— Pensei que estivesse fazendo mais alguma besteira — justificou. Envergonhei-me, como uma criança que é pega mexendo em algo proibido.

— Eu quero visitar Teresa — disse num tom mais alto do que desejei.

— O quê? Está louca? Ontem mesmo você garantiu que não podia se aproximar dela ou não suportaria o desejo. O que a

fez mudar de ideia?

— Quero saber se ela está bem, se ela ainda está viva.

— Ora, é claro que ela está viva! Você não a sugou o bastante, não a matou. Ainda estava viva quando voltou para casa.

— Como sabe?

— Se não arrancou a vida dela com as suas presas, ela recomprou-se-á. Ainda mais sendo uma bruxa, já deve estar quase completamente recuperada.

— Eu preciso vê-la, Marco. Nem que seja de longe, só para ter certeza. Sonhei com Miguel esta noite. E Teresa apareceu morta no meu sonho. Foi muito perturbador.

— E não terá paz se não constatar por si mesma que ela está viva?

— Exatamente.

— Então está bem. — Marco quis negar-me o pedido. Eu senti a indecisão, expressa em seus olhos e na sua voz, mas acabou cedendo, talvez por eu ter evocado a memória de nosso pai.

Saímos imediatamente pelas ruas sombrias da cidade adormecida. Era minha primeira experiência fora do casarão, desde que recebera a maldição de Miguel, meu primeiro vislumbre do mundo fantástico que se abria para mim.

A cidade estava bem diferente da que eu conhecia. As casas já não tinham cor, as ruas jaziam desertas, como se ninguém passasse por elas há muito tempo. Até o céu noturno estava diferente e parecia mais vivo do que nunca. Não estava negro, como eu o via antes, mas pintado em um tom de azul-escuro, que refletia as poucas nuvens que o brindavam. Mirei ao longe em busca de estrelas. Nenhum astro enfeitava o céu naquela noite.

Marco escondia-se em uma grossa capa de lã. Pusera o capuz que lhe encobria além das orelhas, uma boa parte do rosto.

Aproximamo-nos da casa, não perto o bastante para que pudéssemos ser vistos. Vi a janela que fora do meu quarto, recordando-me de quantas vezes eu debrucei-me no parapeito, esperando o sinal de Miguel. De onde estávamos, poderíamos ser vistos como duas sombras apenas.

As luzes estavam acesas, o que não era comum àquela hora da noite. Meu peito doeu ao imaginar que Teresa poderia estar passando mal por minha causa. Embora Marco insistisse que ela certamente estaria recuperada, eu não conseguia espantar a aflição que preenchia o meu peito.

Eu precisava chegar mais perto, espiar através da janela aberta nem que fosse só por um segundo, para ter certeza de que

eu não a matara. Marco agarrou-me pelo braço, mas eu me soltei girando sobre o corpo, deixando brotar novamente a minha força de animal.

Corri até o parapeito da janela do quarto de Teresa. O cheiro que se desprendia de Teresa e de Ana imediatamente tomou-me os sentidos. Se eu não estivesse ao ar livre, creio que teria perdido o controle novamente. Tapei o nariz com ambas as mãos. Concentrei-me e ouvi a voz insatisfeita de minha irmã, que choramingava para Teresa.

— Não, eu não irei! Não posso simplesmente abandoná-la aqui sozinha!

— Ela fez sua própria escolha, Ana. Não poderemos mudar isso. Ela agora é como Miguel, você o conheceu, viu com seus próprios olhos do que ele era capaz. — A voz de Teresa era forte, cheia de vida, como se nada de ruim houvesse lhe acontecido.

— Mas ela jamais se tornará um monstro como Miguel! Ela nunca seria capaz de fazer mal a qualquer uma de nós duas, mamãe!

— Eu também pensava assim, Ana. Até o dia de hoje.

— Eu tenho certeza de que isso não acontecerá novamente! Ela aprenderá a se controlar... e... — Ana começara a chorar. Não pude impedir que as lágrimas também brotassem

dos meus olhos, ao som dos gemidos abafados de Ana que tentava inutilmente controlar o choro.

— Ela é um monstro agora, minha filha. E não há nada no mundo capaz de mudar isso.

As últimas palavras de Teresa foram demais para que, mesmo um monstro como eu, pudesse suportar. Ela jamais me perdoaria depois do que eu lhe fizera, eu teria que me conformar em jamais tornar a vê-la ou a Ana. Minha maior dor seria ter que conviver com a certeza absoluta de que Teresa tinha razão. Seria melhor se partissem para longe. Seria melhor arrancar Ana da cidade, assegurar-se de que eu jamais teria a mera possibilidade de tocá-la.

Levantei-me um pouco, apenas o bastante para enxergar Teresa, sentada na beira da cama e Ana ajoelhada ao chão, com a cabeça postada em seu colo. Teresa corria os dedos por entre os cabelos macios de Ana, como fazia quando éramos crianças. Ana logo se conformaria e acataria o desejo da mãe.

— Ana...

A palavra saiu de minha boca, sem que percebesse. Ana imediatamente levantou a cabeça, dirigindo o olhar diretamente para a janela. Viu-me, apenas por um segundo. Teresa percebeu a expressão surpresa de Ana. Virou-se, mas eu já estava fora de sua vista.

— Meu Deus! Estamos cercadas por demônios! — A exclamação veio de Teresa. Olhei para a estrada e lá estava Marco, parado no meio da rua com o capuz abaixado. Teresa o havia reconhecido.

Esgueirei-me até a lateral do casebre, recostada à parede, tentando segurar o choro e não emitir ruídos. Ouvi quando Teresa puxou as persianas, depois trancou a janela. Seria melhor assim.

Depois de minha ronda por ali, era certo que partiriam o mais rápido que pudessem. Torci para que Teresa não tentasse se livrar de Marco antes de ir embora. Então eu estaria definitivamente sozinha. Sentia que minha família estava me abandonando. Ainda que compreendesse o quanto isso era necessário, eu não me conformaria com o desprezo de Teresa. Como ela pudera proferir tais palavras, como ela conseguira renegar uma filha por completo, por mais monstruoso que fosse? Ela deveria amar-me incondicionalmente. Ela sempre seria minha mãe, e eu sempre a amaria.

# O Irmão Perdido

A noite fora longa. Marco não retornou. Minha cabeça girava em devaneios loucos. Estirada na cama, eu inventava mil desculpas para justificar sua ausência. Não me conformaria em ser abandonada também por ele. Nós só tínhamos um ao outro.

Permaneci contemplando a escuridão. Desde que Miguel me transformara, não voltei a sentir medo do escuro. Já não havia criaturas ocultas nas trevas ou bichos-papões nos armários, nem mesmo a cruel sensação de olhos desconhecidos a observarem-me. Tudo acabara de vez quando eu me tornei o único perigo que realmente rondava na escuridão.

Recordei o horror nos olhos de Teresa no infeliz dia em que a ataquei. Seria a mesma expressão com a qual teria me olhado se tivesse me visto em sua janela, mais cedo? Voltar a me deparar com o horror nos olhos de Teresa, teria sido

insuportável.

O sol finalmente nasceu. Poderiam ter se passado horas ou apenas alguns minutos, mas o tempo torna-se relativo e irrelevante quando se sabe ser imortal. De qualquer forma, a luz do dia não me trazia nenhum alívio. Nem trouxera Marco de volta para casa.

Era incrível como a solidão me consumia. Eu sentia-me completamente despida na ausência de Marco. O pouco tempo que passáramos juntos fora suficientemente extenso para que eu compreendesse que não passava de uma criança indefesa na sua ausência. A visita de Teresa e Ana deixara-me ainda mais sensível. Eu precisava do colo de Marco agora mais do que nunca.

Queria sair para procurá-lo. Certamente ele estaria na floresta, caçando. Não fui além da campina, temi não encontrá-lo e ser novamente atacada por algum animal feroz. Temi mais ainda uma nova reprimenda de Marco. Não queria que me magoasse novamente, meu coração já se encontrava suficientemente machucado. Decidi evitar. Passei o dia todo a caminhar pela campina. Vez ou outra seguia até a beira da mata cogitando a possibilidade de procurá-lo, mas logo abandonando a ideia.

Minha imaginação pintava imagens de Teresa e Ana

afastando-se de mim para sempre. Via-as partindo pela longa estrada de chão que antecedia o casarão, sem rumo, sem destino. Era-me desolador pensar nas dificuldades que encontrariam. Elas sofreriam, eu podia sentir, minha intuição ficara aguçada como nunca. Se eu pudesse evitar que partissem...

Um barulho estridente arrancou-me de meus pensamentos infelizes. Ouvi uma forte batida na porta frontal do casarão, como se alguém a houvesse quebrado em mil pedaços. Corri para a casa, temendo um ataque. Teresa poderia tentar acabar com o mal de uma vez por todas antes de partir. Fora ingenuidade de Marco imaginar que não me faria mal, eu sentia que o que ela mais desejava era dar a mim o mesmo fim de Miguel.

Para minha surpresa, avistei Marco saindo pelas grandes portas da varanda dos fundos. Parecia muito nervoso, mesmo de longe eu ouvia o violento arfar de seu peito e as batidas inquietas de seu coração. Parei onde estava. Num instante, Marco postou-se ao meu lado.

— Marco, você está bem? — Seus olhos percorriam a mata atrás de mim, eu percebi que ele evitava encontrar o meu olhar aflito — Marco?

— Carmem, aconteceu uma coisa terrível! Você precisa ser forte. — Imaginei Teresa e Ana mortas, não consegui pensar

em nada pior naquele momento. O Rubi de Sangue queimou-me a pele, anunciando-me a desgraça.

— Foi Teresa? Você a matou?

— Não, Teresa está bem. Está viva, ao menos por enquanto.

— O que quer dizer com isso, Marco? Está me assustando!

— Carmem, preste atenção: quando você me perguntou se havia outros como nós, eu não menti, mas omiti uma parte da verdade. Você não estava pronta para saber, e creio que ainda não esteja. Mas agora é tarde demais.

— Tarde demais para quê? Marco, o que está acontecendo?

— Eu e você não somos os únicos. Na verdade, somos três.

— Três? Como assim, três? Não pode haver outro, Miguel correu o mundo inteiro à procura de uma bruxa e, bem, Francesca era a última.

— Não, exatamente, Carmem. Havia outra, mas esta era tão perversa que foi desprezada por Miguel. É claro que ele nunca contaria isso a ninguém, principalmente a Francesca. Mas Miguel teve um filho também com essa criatura.

— Isso não pode ser verdade! Um filho foi tudo o que

Miguel sempre quis! Ele jamais o teria abandonado! Jamais teria perdido a chance de dar continuidade à sua linhagem!

— Acontece que essa bruxa sabia dos encantos e dos poderes de Miguel. Ela era uma criatura muito poderosa. Foi ela quem encontrou Miguel e o seduziu, tirando proveito do seu desejo de perpetuar a sua espécie. Ela gerou um filho, um bruxo poderosíssimo, possuidor do sangue de Miguel e escondeu-o até que tivesse idade suficiente para transformar-se, bebendo do sangue do pai. Para isso, atraiu Miguel para o seu covil e enfeitiçou-o para que o rapaz lhe roubasse o sangue. Mas, mesmo enfeitiçado, Miguel era muito forte e a bruxa não pôde dominá-lo completamente. O jovem fartou-se, estava faminto. Quando pretendia ela própria beber do seu sangue, Miguel despertou do transe no qual ela o congelara, ferindo-a mortalmente.

— E o filho?

— O filho fugiu. Era um homem muito jovem e poderoso e apesar de ser um recém-criado, era forte demais para que Miguel pudesse controlá-lo. Mas antes de partir ele jurou vingar a morte da mãe. Tentou muitas vezes acabar com a vida de Miguel e nunca se perdoou por não ter conseguido.

— Ele já sabe da morte de Miguel?

— Certamente. E por isso está aqui.

— Voltou para vingar a morte do pai?

— Creio que não, Carmem. Ele está atrás de você. E talvez de Teresa e de Ana também.

— Não faz sentido.

— Todas vocês são bruxas, assim como foi a mãe dele, e por isso podem gerar filhos. Se gerasse um filho com você, seria praticamente invencível. O sangue de Miguel corre nas suas veias, assim como o sangue das bruxas. A junção de duas criaturas perfeitas como vocês dois geraria uma aberração ainda maior, um vampiro-bruxo extremamente forte e ainda mais poderoso do que Miguel. E ele está totalmente obcecado por isso. Assim como Miguel, ele pretende perpetuar a sua descendência, criar uma nova espécie, mais poderosa e invencível.

— Então a história se repetirá?

— Sim, Carmem. Só que desta vez, os personagens serão outros.

É claro que os personagens seriam outros. Como em uma peça de teatro, eu agora ocuparia o lugar que fora de Francesca no passado, e meu irmão, o lugar de Miguel. Eu desejava profundamente que nós não cometêssemos erros iguais aos seus. Eu não queria que a minha história se tornasse uma tragédia como a vida de Francesca. Tampouco desejava desgraçar a vida

de meu irmão, logo agora que descobrira que não estaria totalmente sozinha no mundo, mesmo na ausência de Marco.

Não sei explicar exatamente qual a minha reação quando soube da existência do irmão perdido. Eu jamais cogitara a possibilidade de encontrar outro vampiro, ainda mais um filho de Miguel. Era uma história absurda, mas os olhos de Marco estavam tomados por uma sinceridade aguda, da qual eu não poderia duvidar. Lembro-me de ter sentido algo como um misto de medo e de expectativa em saber que eu e Marco não éramos os únicos, ainda que por isso, corrêssemos um grande risco.

Não pude deixar de imaginar o meu irmão de diversas maneiras diferentes. Apesar da insistência de Marco em afirmar que se tratava de uma criatura perversa, eu não parava de compará-lo a Miguel. Via-o diversas vezes em minha mente, esboçando os olhos verdes de esmeralda, idênticos aos do pai. Vez ou outra me pegava imaginando se o seu sangue seria tão doce quanto o sangue de Miguel. Minha boca salivava apenas ao imaginar.

Alimentei por meu irmão desconhecido um desejo tão intenso quanto a minha sede de sangue. Minha gana de encontrá-lo aumentava a cada dia, embora Marco não me deixasse sequer cogitar a possibilidade de procurá-lo. Na concepção de Marco, o filho de Miguel era alguém que não

somente deveria ser evitado, como jamais poderia saber da minha existência. Seu grande medo era que já fosse demasiado tarde, e que ele já tivesse descoberto nossa morada, a casa que fora também de seu pai e que por direito, era tão sua quanto era minha.

— Onde ele está?

— Perto. Creio que chegará até nós muito em breve.

— Você o viu?

— Sim. Enquanto caçava, do outro lado da floresta.

Meu irmão estava perto. Eu mal podia acreditar que passara o tempo todo atormentada com a ideia de ser abandonada por Marco ou de ser obrigada a passar a eternidade completamente sozinha enquanto em algum lugar do mundo, um irmão vivia, talvez sofrendo com a mesma condição de solidão em que eu me encontrava. Não fora justo da parte de Miguel esconder-me seu primogênito.

Sentei-me na varanda olhando a floresta, tentando imaginar se haveria uma maneira de avisar ao meu irmão que eu existia, e que, ao contrário de Marco ou do que o próprio Miguel julgara, estava ansiosa por conhecê-lo. Eu não acreditava que ele pudesse ser tão maligno quanto Marco me dissera. Sabia o quanto Marco amara Miguel e o quanto me invejara quando soube que eu era sua verdadeira filha e herdeira do Rubi de

Sangue. Calculei o quanto Marco invejava o primogênito de Miguel, que tinha tanto direito quanto eu ao legado do pai, ou até mais.

— Temos que nos preparar, Carmem.

— E se ele não nos encontrar?

— Ele irá nos encontrar de uma forma ou de outra. E vai encontrar sua família também.

— Como pode ter tanta certeza? Pode ser que ele nos encontre, o que não seria de todo o mal, mas Teresa e Ana provavelmente já terão partido para bem longe daqui, e eu duvido muito que vão deixar rastros para serem seguidas.

— Eu o conheci. Estive com ele uma vez, há muito tempo, e posso lhe afirmar que a determinação é uma das suas maiores qualidades. Ele conseguirá o que deseja, é só uma questão de tempo.

— Então só há uma maneira de protegê-las; precisamos atraí-lo para cá, antes que ele as encontre.

— Seria suicídio.

— Você mesmo não acabou de afirmar que sou eu quem ele mais deseja? Então, se me encontrar antes de achar Teresa e Ana, elas ficarão em segurança. — Marco calou-se, pensativo.

— Por favor, Marco, eu devo isso à Teresa.

— Carmem, você não está ciente do perigo que ele

representa.

— Como se chama esse meu irmão perdido? — interrompi. Não queria ouvir seus argumentos. Temi que fossem suficientemente convincentes. Não aceitaria uma recusa, não podia colocar a vida da minha família em risco por medo de uma criatura que não era mais monstruosa do que eu mesma, ou do que Marco.

— Aleph.

— Então precisamos encontrar Aleph antes que ele nos encontre. Vamos mantê-lo longe daqui até que Teresa leve Ana para bem longe. Depois pensamos em uma forma de nos livrarmos dele.

— Você é louca, Carmem.

— Eu devo isso a elas. Você não pode me negar ajuda. Jurou ao meu pai que tomaria conta de mim.

— Eu jurei que a ensinaria a sobreviver como uma vampira, nunca disse que arriscaria minha própria vida pela sua.

— Eu sou a sua única família, Marco. Vai abrir mão dos laços que nos unem, abdicará definitivamente de concretizar o sonho de Miguel? Só nós dois podemos torná-lo realidade!

Marco não respondeu. Seus olhos se perderam no horizonte, talvez revivendo a memória de Miguel que eu evocara. Ele também fora seu pai, o único pai que conhecera, ele não

desonraria sua memória.



# Terceiro Demônio

Marco se recolheu em outro cômodo essa noite, deixando-me sozinha no quarto apinhado de lembranças. Não pude dormir. Mantive o que restara das cortinas aberto, prestando atenção a cada movimento, a cada som que ecoava na noite escura. Se eu soubesse alguma forma de chamar pelo meu irmão perdido, tê-lo-ia feito naquela triste noite de solidão e angústia.

Imaginei a chegada de Aleph de diversas maneiras. Ousei contemplar em minha mente a hipótese de ele ter encontrado Teresa, partindo sorrateiro na calada da noite. Se fosse assim, teria se desviado do seu objetivo principal, sucumbindo ao desejo que o seu sangue lhe proporcionaria? Tentei afastar o pensamento e convenci-me de que ele ainda estava longe o bastante e que sabia da minha exata localização,

sendo mais difícil chegar antes a Teresa do que a mim.

Concentrei-me na segunda hipótese e decidi que faria o possível para que se tornasse real. Eu precisava de um plano para fugir de Marco. Ele jamais concordaria em atrair a fera para nós. Não adiantaria tentar convencê-lo. Eu precisava atrair Aleph.

Enquanto contemplava a lua na varanda, pensei que talvez Aleph pudesse me ouvir, assim como Miguel outrora me ouvira. Se eu conseguira chegar até Miguel, e sendo Aleph seu primogênito e herdeiro dos seus dons, era possível que também me escutasse em sua mente, assim como o pai. Concentrei-me, fixando meus pensamentos em Aleph, imaginando-o e desejando-o, da mesma forma como havia desejado Miguel. Fechei os olhos e recitei palavras secretas, um chamamento que era quase uma oração silenciosa.

Adormeci deitada na varanda, perdi-me entre sonhos tão reais que me faziam duvidar da própria realidade. Ao mesmo tempo em que eu sabia onde estava e sentia o chão duro da varanda, via-me espreitando a casa de Teresa à procura de Aleph. No sonho, eu corria pelas ruas desertas na madrugada, fugindo de Marco, como se fosse possível mover-me sem despertá-lo de seu sono leve, e sentia frio, embora soubesse que jamais tornaria a experimentar tal sensação.

Corria depressa, não com a velocidade de um vampiro, mas como uma simples mortal, cujos pés doíam a cada passada. Quando consegui ver ao longe a casa de Teresa, percebi que estranhamente as luzes permaneciam acesas, mesmo àquela hora da madrugada. Então eu soube que havia algo profundamente errado, mas não podia adivinhar o que era.

Através das cortinas cerradas eu via sombras que se moviam, como se lutassem. Reconheci entre elas a silhueta de minha irmã, que tentava fugir de alguém, ou de alguma coisa que a perseguia insistentemente. Eu queria correr em seu auxílio, mas estava congelada. Não poderia interferir. Eu era apenas a plateia de um horrendo filme de terror, ao qual estava condenada a assistir.

Caí de joelhos, totalmente impotente, enquanto dentro da casa Teresa rompia a porta do quarto, lançando-se sobre o homem, entregando-se para salvar a vida de Ana. Vi quando o corpo de um homem demoníaco rodopiou e depois se dobrou sobre Teresa, sugando-lhe a vida. Lágrimas de sangue escorreram pelo meu rosto, refletindo o peso do meu coração com a morte de minha mãe.

Esforcei-me para sair do lugar, Ana ainda estava naquela casa e eu precisava salvá-la a qualquer custo, mas uma força invisível impedia-me de me mover. Debati-me até a exaustão,

sem sucesso. A sombra masculina retornara à janela. Quis gritar, quis expulsá-lo da casa que também fora minha, quando percebi que ele trazia algo em seus braços. Reconheci a sombra do corpo flácido de Ana, morta.

A sombra se aproximou da janela, abriu violentamente as cortinas e encarou-me. Seus olhos eram magnificamente verdes, como os de Miguel. Seu rosto moreno de angulações marcantes não me deixara dúvidas: aquele era Aleph. Um grito agudo saltou da minha garganta no instante em que Aleph apareceu em minha frente. Logo me segurou fortemente e olhando bem dentro dos meus olhos, perfurou meu pulso com suas presas.

Acordei apavorada. O sonho fora tão real que se confundia com as minhas memórias e por um instante não tive certeza se aquilo tudo acontecera ou não. Meu primeiro impulso foi de correr para a casa de Teresa, ver as duas com meus próprios olhos, para ter certeza de que estavam bem. Mas Marco jamais permitiria.

Eu tinha que dar um jeito de sair sem que Marco percebesse. E a única maneira de fazê-lo, era fugir enquanto ele saía para caçar. Esperei que despertasse e então tentei mordê-lo. A meu ver, aquela era a maneira mais eficaz de tirá-lo de casa o mais rápido possível.

— O que deu em você, Carmem? Está se tornando uma

vampira feroz? Quem diria! Logo você que sempre jurou que jamais atacaria uma pessoa! Olhe você agora, tentando me morder!

— Você não é exatamente uma pessoa, Marco. Isso faz com que a regra não se aplique a você. — Pensei estar sendo mais convincente do que planejava.

— Quer dizer que, se me matar de tanto sugar o meu sangue, isso não fará a menor diferença?

— Quer dizer que eu não posso morrer de fome! Não foi você mesmo quem me ensinou isso?

— Sim, mas também ensinei que não posso lhe servir de alimento, não é? Pensei que tivesse compreendido.

— Eu só compreendo que sinto fome e que só quero o seu sangue, Marco. — Não era em todo, mentira. Eu sentia fome e sentia que precisava do sangue de Marco. Aquele teatro era demasiado difícil, eu precisaria ser muito forte para evocar o demônio que havia em mim e depois deixar Marco partir, sem arrancar-lhe um pouco de sangue. — Não há nada que eu deseje mais do que isso.

Aproximei-me devagar, enlaçando-lhe o pescoço num forte abraço, quase uma chave de braços. Roci-o com meus lábios gélidos, sorvendo profundamente o perfume que se desprendia da sua pele. Imaginei que ele fosse afastar-me

imediatamente. Contrariando minhas expectativas de recusa e desprezo, Marco puxou-me para mais perto de si, enlaçando-me com seus braços fortes e envolvendo-me com seu corpo.

Perdida de desejo, esqueci meu verdadeiro objetivo. Precisava afastá-lo, tinha que partir. Entorpecida pelas carícias das mãos que desciam e subiam lentamente pelas minhas costas, abri a boca e cravei meus caninos em seu pescoço. A partir de então, não consegui mais conter minha sede, sorvi o sangue quente em grandes goles, enquanto Marco ocupava-se em arrancar a camisa. Os músculos do peito se contraíam cada vez que eu o sugava, quase violentamente, e ele puxava-me contra si, tentando fundir-nos em um só.

Minhas mãos viajavam em seus músculos tesos, aumentando minha vontade de ser sua mais uma vez. Marco acalentava o mesmo desejo e, embora fosse muito mais controlado do que eu, deixava-me senti-lo. Aquele momento poderia ter-se eternizado, o sangue de Marco era o suficiente para que eu me esquecesse de todo o resto do mundo. Não existia mais Ana ou Teresa, não havia as lembranças de Miguel, nem o passado doloroso. Mas ainda assim, havia algo, uma lembrança que nem mesmo o doce sangue do vampiro poderia apagar. Aleph.

Apertei os olhos, saboreando o último gole do meu

néctar de vida quando subitamente a imagem de Aleph, tal qual eu o vira em meu sonho, aparecera em minha mente. Afastei Marco, empurrando-o para longe. Ele olhou-me, meio assustado, meio decepcionado. Assustado, porque não compreendera minha reação e decepcionado porque no fundo, ansiava pelo mesmo que eu.

— Carmem — balbuciou ofegante — O que aconteceu?

— Eu — não podia contar a verdade — sinto-me saciada.

— Não, não pode ser. Não sugou o suficiente ainda. Venha — ele abriu os braços, enchendo o peito, caminhou em minha direção — venha logo, Carmem.

Eu precisava evitar um novo contato, se me aproximasse de Marco, se sentisse novamente o gosto de seu sangue, não conseguiria mais resistir. A vida da minha família dependia de mim, talvez a vida de Marco também. Era preciso ser forte.

— Não, Marco, não se aproxime!

— O que houve? — perguntou com desconfiança.

— Acho que o seu sangue não é mais tão atraente assim para mim.

— O que você está dizendo? Isso é impossível! Eu sei exatamente o quanto você me deseja, Carmem. Isso não mudará. Nunca.

— Estou saciada. Não preciso mais do seu sangue. —  
Recolhi do chão a camisa que Marco despira. — Tome. Vista-se.

Ele pegou a camisa, mirando-me de esguelha. Vestiu-a bem devagar, provocando-me. Não afastei meus olhos dos seus. Se me concentrasse em seu corpo seminu, não resistiria. Foi tão bom beber o sangue do vampiro que sequer me questioneei quanto ao fato de ele não ter resistido a alimentar-me de seu próprio corpo. Não era o que eu esperava. Se Marco não saísse para caçar, eu não teria a mínima chance de fugir.

— Agora saia. Estou exausta. Preciso descansar — disse, atirando-me à cama, desviando meus olhos de Marco. Ele hesitou, mas saiu desconfiado. Agora eu só precisaria esperar, ele teria que se alimentar para repor o sangue, ou então, adoeceria.

O dia foi longo. As horas se arrastavam enquanto eu percorria a casa e a campina, espreitando cada movimento de Marco. Ele não saiu da casa. Temi tê-lo exaurido mais que o necessário, bem me lembrava da última vez, quando adoecera por vários dias depois de alimentar-me de si. Arrependi-me do que fizera. Eu nunca desejara o seu mal, apenas ansiava por uma chance de encontrar Aleph.

Entardecia quando finalmente reconheci a silhueta de

Marco caminhando pela campina. Esperei até que se afastasse o suficiente para perdê-lo de vista. Meu plano funcionara. Saí pela porta da frente, protegida pela penumbra que se transformava rapidamente no breu de uma noite sem lua.

Percorri as estradas que me levariam até a casa de Teresa. A cada passo, as imagens do sonho reapareciam em minha mente, cada movimento meu não era mais que uma repetição do que eu fizera naquele terrível pesadelo. Eu repetia para mim mesma que o sonho fora apenas um reflexo do quanto eu ficara impressionada com a opinião de Marco sobre Aleph, tentava me convencer de que não era necessário me preocupar, e que meu meio-irmão queria a mim e deixaria Ana e Teresa em paz. Mas, por mais que eu tentasse me convencer, mantinha na cabeça a ideia cada vez mais fixa em que precisava proteger minha família, e em que talvez Marco estivesse certo quanto ao poder de Aleph.

Quando cheguei perto o bastante da janela do quarto de Teresa, uma pontada de dor atingiu-me o estômago ao perceber que a luz estava acesa e uma figura masculina escondia-se por detrás da cortina branca. Era exatamente como em meu pesadelo. Minhas pernas fraquejaram. Eu corri e quando estava perto o suficiente para saltar janela adentro, as cortinas se abriram, e eu o vi.

Aleph não era parecido com Miguel, como eu imaginara. Tinha a pele escura, cabelos negros e olhos castanhos e sombrios. Encarou-me de tal forma que eu quase pude sentir o ódio que emanava dele. Eu jamais saberia se Aleph sentia ódio de Miguel, por tê-lo abandonado, ou de mim, por ter sido sua preferida.

Corri os olhos pelo quarto à procura de Ana e Teresa. Não havia ninguém na casa, além de Aleph. Os móveis haviam sido quase todos retirados, apenas uma parte deteriorada da mobília e as cortinas esfiapadas permaneciam em seus lugares. Teresa havia sido rápida, partira antes da chegada do demônio. E de minha chegada também.

Aleph sustentou meu olhar apenas por um segundo, um pequeno espaço de tempo que foi suficientemente grande para que o castanho profundo se tornasse vermelho como o sangue. Tentei fugir, mas assim que lhe dei as costas, Aleph saltou pela janela, agarrou-me envolvendo meu corpo e carregou-me para dentro da casa.

— O que está fazendo? — gritei — Solte-me! Solte-me!

— Fique quietinha, Carmem! Eu prometo que acabarei logo com isso! Será mais rápido do que pensa!

Aleph jogou-me no que restara da cama de Teresa. Prendeu meu corpo sob o seu, esticando meus braços para os

lados, formando um cristo crucificado. O Rubi de Sangue pendeu de dentro da minha blusa, alojando-se em meu pescoço.

— Então você é mesmo a herdeira? Quase não acreditei, quando soube.

— E você é o bastardo, o filho rejeitado que Miguel...

— Cale a boca, sua vadia! — interrompeu-me raivoso, soltando um dos meus braços, esbofeteando-me — Você não sabe com quem está falando! Você pode ter ficado com o rubi, mas o poder e a força de Miguel correm em minhas veias! Eu sou o verdadeiro primogênito, eu sou o herdeiro, por direito!

Pequenas gotas de saliva atingiam meu rosto enquanto Aleph me agredia com palavras e bofetadas. Eu não sentia dor, sentia um calor estranho que se soltava do corpo de Aleph e que parecia se fundir com o meu. Sentia seu peso que me imobilizava e feria. Era uma sensação desesperadora, eu me debatia, mas por mais que me esforçasse, não conseguiria escapar.

— Miguel me deixou para que crescesse mais forte. Sem a sua proteção, eu tive que aprender a me virar sozinho. E aprendi muito bem. Meu pai não negligenciou minha educação. Se tivesse me criado, eu jamais seria tão forte quanto sou hoje. Há apenas uma coisa a qual lamentei com a morte de Miguel: não haver mais sangue vampiro para me saciar.

Ele lambeu meu pescoço longamente, depois lambeu os lábios, satisfeito.

— Às vezes penso que ele me deixou você de propósito, para saciar-me. Você vai ser meu brinquedinho, ou melhor, minha escrava. Ou será que eu deveria chamá-la de... ? Ah! isso é o que menos importa, não é mesmo, irmãzinha? O importante é que agora estamos juntos, como uma verdadeira família.

Aleph cravou a unha em meu pescoço, causando um arranhão de onde saltaram respingos de sangue que atingiram o seu rosto. Ele limpou-os com os dedos e depois os lambeu. Pousou os lábios sobre a ferida, sugando-a devagar aproveitando cada gota do meu sangue, enquanto eu ouvia seus gemidos de prazer. Eu conhecia aquela sensação. Era o mesmo prazer que eu sentia quando bebia de Marco.

Suas presas afiadas roçaram minha pele no mesmo instante em que senti o Rubi de Sangue queimar em meu pescoço. Aleph afastou-se, como se o rubi o machucasse. Virou minha cabeça para o lado e pôs-se novamente a se deliciar com o meu sangue, tomando o cuidado de não se encostar na pedra incandescente. A cada nova sugada de Aleph, o rubi queimava-me e eu me sentia cada vez mais fraca. Uma tontura súbita tomou-me por completo e eu vi o quarto inteiro rodopiar.

Meus olhos se fecharam involuntariamente e em minha

mente surgiram as imagens de Teresa e de Ana. Estavam felizes, bem longe daquele lugar, bem longe de Aleph, bem longe de mim. Elas estavam em segurança. Não tenho certeza se sorri com aquela visão. Só me lembro de tudo ter acontecido muito rapidamente. Um estrondo me trouxe de volta à realidade. Aleph afastou-se rapidamente, postando-se em frente à janela. Parecia um animal ouriçado com a proximidade de algum predador.

Tentei levantar, não tive forças. Levei a mão ao pescoço tentando estancar o sangue que escorria pela cama. Ouvi Aleph resmungar algumas palavras incompreensíveis, rosnar como um cão raivoso e no segundo seguinte, vi-o ser lançado contra a parede do quarto, que desmoronou com a potência do choque.

Virei a cabeça, tentei retomar as forças, lutando para manter-me consciente, apesar da tontura. Vi quando Aleph se levantou e atacou de volta. Ouvi urros e gemidos das duas feras que lutavam. Não reconheci Marco, que rolava pelo chão com Aleph, até que seus olhos encontraram os meus. Só então pude mensurar a decepção que lhe causara ao procurar Aleph, por ter ido em busca da minha própria destruição.

Marco avisara-me da maldade que habitava aquele irmão perdido. Agora mais do que isso, arriscava sua vida para salvar-me, embora tivesse dito várias vezes que não o faria. Estava claro que Marco experimentava por mim o mesmo sentimento

que eu nutria por ele, de que éramos a única companhia possível um para o outro, éramos parte de um todo que se completava quando estávamos juntos e, acima de tudo, que compartilhávamos o mesmo sangue, o poderoso sangue de Miguel e de Francesca, um legado que jamais nos seria roubado.

Arrependi-me por não ter ouvido os conselhos de Marco. Aleph era realmente muito mais forte do que eu, certamente mais forte do que Marco. Minha ignorância e teimosia o condenaram. Esse pensamento fez com que eu desejasse a morte. Não conseguiria conviver com a culpa de tê-lo atraído até ali para morrer.

Aleph lançou-se sobre Marco, prendendo-o num dos cantos do cômodo. Marco mantinha os dois braços esticados e uma mão espalmada sobre o rosto de Aleph. Lembrei-me do quanto eu bebera de seu sangue, apenas algumas horas antes, e que Marco ainda estaria muito debilitado. A culpa era um fardo que pesava mais sobre mim a cada momento. Em contrapartida, Aleph acabara de se fortificar sugando o meu sangue.

Mais alguns gemidos e Marco, apoiando um dos pés na parede com um esforço descomunal, conseguiu empurrar Aleph, que caiu ao meu lado na cama. Marco deu um salto, cerrando os punhos, atingindo o peito de Aleph. A cama apodrecida estalou cedendo ao golpe e partiu-se, amortecendo a queda de Aleph.

Arrastei-me até a porta do quarto e agarrando-me à moldura, coloquei-me de pé. Aleph fechara os punhos em torno do pescoço de Marco, buscando postar-se sobre ele, imobilizá-lo da mesma forma como fizera comigo.

Marco era mais forte do que eu, mas era perceptivelmente mais fraco do que Aleph. Numa última tentativa desesperada, Marco estendeu os braços, tentando alcançar alguma coisa que brilhava no chão em minha frente. Aleph, aproveitando-se do descuido de Marco, envolveu seu corpo com as pernas, imobilizando-o por completo. Vi quando virou a cabeça de Marco, mirou-me com seus olhos vermelhos e brilhantes e sorriu antes de perfurar a pele de Marco, fazendo o sangue jorrar do pescoço desnudo.

Tentei gritar, porém não encontrei a energia necessária. Concentrei-me, reunindo o que me restava de forças. Ouvi dentro de mim uma voz aguda que me encorajava a voltar à vida e que afirmava que nada, além do sangue de Teresa, poderia matar-me, nem mesmo Aleph, por mais forte que fosse. A voz parecia sair de dentro de mim e insistia em que eu retomasse o controle do meu corpo, vencido pela exaustão.

Senti um calor invadir-me, tão forte e tão poderoso quanto o calor que emanava do rubi de Miguel. Evoquei o demônio que me habitava, deixei virem à tona as presas e os

olhos vermelhos do verdadeiro monstro em que eu me transformara. Tudo aconteceu como se uma luz se acendesse, e eu pude ver o que antes eu não via: largado no chão, bem perto da mão estendida de Marco, jazia o punhal de prata de Teresa.

Agarrei a arma, abri uma incisão no pulso. Embebi o punhal no sangue e lancei-me contra Aleph, cravando-o impiedosamente em seu coração.

Aleph urrou. Marco o empurrou, jogando-o ao chão e correu para junto de mim. Num último resquício de vida, Aleph levantou-se, cambaleou em minha direção com os dois braços abertos, como que para abraçar-me. Jamais saberei se pretendia matar-me ou me pedir perdão. Ele gritou e depois as cinzas planaram levadas pela brisa da noite que invadia o quarto pela janela escancarada. Aquele grito ficaria impresso para sempre em minha memória.

# Um Novo Herdeiro

— Finalmente, sós!

Eu não me referia à solidão da casa, mas à solidão eterna, à qual estávamos condenados. Apenas alguns dias haviam se passado desde a morte de Aleph. Marco não me visitava com frequência, estava se recompondo, fortalecendo-se. Permaneci a maior parte do tempo na varanda, contemplando a lua e conversando secretamente com a voz que tanto me encorajara a salvar Marco das garras de Aleph. A coragem sumira por completo, mas a voz continuava ali.

— É assim que tem que ser, Carmem.

— Você nunca pensou em como teria sido se Miguel tivesse conseguido os filhos que tanto queria?

— Mas ele conseguiu. Aqui está você.

— Não foi o que eu quis dizer.

— Tem certeza de que ainda não sabe?

— De quê?

— Ora, Carmem, você é uma mulher adulta, deveria saber certas coisas. — Marco mantinha a expressão de seriedade enquanto me encarava.

— Está me deixando nervosa, Marco. — Ele aproximou-se, pousando levemente sua mão sobre o meu ventre.

— Miguel vai realizar mais do que almejava em vida. — Engoli em seco. A voz que eu ouvira na casa de Teresa não fora apenas reflexo do meu medo, nem fora minha imaginação fértil quem a criara. Agora eu conseguia ouvi-la perfeitamente. A voz vinha de dentro de mim, mas não da minha cabeça, ela vinha do meu ventre, era a voz do filho de Marco.

— Não... Não é possível... Eu...

— É possível. É verdade. Há pouco tempo, você também julgava impossível a existência de vampiros. Mas somos reais.

Apertei a barriga com as mãos. O que eu faria dali para frente ainda era uma incógnita, mas estava decidida a realizar o desejo de meu pai. Miguel morreria por aquele sonho, de perpetuar a sua espécie, de manter vivo o seu sangue e eu, como verdadeira e única herdeira legítima do seu sangue, tinha a obrigação de honrar sua memória.

— Nós precisamos partir. Teresa já sabe que eu vivo

aqui e cedo ou tarde, virá para matar-me, tal como Francesca fez com Miguel. Ela sabe que é a única capaz de acabar com o mal pela raiz e não medirá esforços para fazê-lo.

— É, e logicamente quando souber da criança que carrego, irá acabar comigo também. Teresa jamais permitir que este filho nasça.

— Sim, eu sei. Vou levá-la comigo para a Europa, visto que para o seminário eu jamais poderei retornar.

— Você está mesmo arrependido? — Ele não respondeu, mas lançou-me o olhar mais triste que eu vira na vida. Era claro que estava arrependido, tanto que não conseguiu mentir. Mas ele foi gentil quando segurou as minhas mãos e beijou-as.

— Vamos embora, Carmem. A criança que você carrega em seu ventre precisa de nós. — Olhou-me tristemente — Miguel finalmente conseguirá o que queria.

Marco esticou o braço sobre os meus ombros e seguimos abraçados em direção ao sol poente.